

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumário

REDAÇÃO

O prêmio maior

COLABORAÇÃO

ZALFA B. GUERRA BARREIROS —
Motivação.

LEONILDA SCARPELLINI MONTAN-
DON — *Como dirigir as aulas
de leitura oral e silenciosa.*

VALDEMAR TAVARES PAIS — *A his-
tória e seus fins na escola pri-
mária.*

TRADUÇÕES

H. SOULIER — *Dois maneiras.*

C. S. DE PONTET — *Que dá a seu
filho para ler?*

BIBLIOGRAFIA

ABEL FAGUNDES — *Acêrca de li-
vros.*

TRANSCRIÇÕES

ALBERT EDWARD WIGGAM — *Os
retardados.*

ANTÔNIO DE PÁDUA DUTRA — *O
desenho infantil e sua evolu-
ção.*

— *Pegceltos de higiene*

NOTICIÁRIO

— *Sociedade Brasileira de Educa-
ção Rural.*

— *Congresso Internacional de
Ensino Primário e Educação
Popular.*

— *Comunicados da Secretaria da
Educação de Minas.*

— *Comunicados da A. B. E.*

— *Comunicados da S. B. E. B.*

— *Monografia de uma classe es-
colar de Belo Horizonte (Bole-
tim n. 9).*

Jou. Dez.
37

REVISTA DO ENSINO

(3.º TRIMESTRE -- 1937)

REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

O prêmio maior

Já é velho o clamor dos professores relativamente à sua situação. Postos ao serviço da sociedade num momento em que a vida atingiu um grau inaudito de complexidade; obrigados a atender a exigências sempre crescentes, que demandam uma capacidade alta de adaptação; sentindo também a pressão da própria consciência, que lhes aponta a cátedra como ilha de paz, equilíbrio e boa vontade, onde se devem preparar os fundamentos reais e os ideais de uma nova e melhor ordem de coisas, os mestres sentem bem a desproporção assombrosa existente entre seus deveres e seus direitos.

A escola, tem-se dito, é a continuação do lar. E, na verdade, a escola é a negação do lar, não só porque ela é uma coletividade muito mais ampla do que a família, como porque ela é um ponto neutro, onde cor, fortuna, títulos, posições, crenças, pouco valem: o filho do magistrado e do capitalista se sentam ao lado do filho da lavadeira e do carreiro, sujeitam-se aos mesmos mandamentos e sofrem idênticas restrições.

Não raro, a escola abre luta contra o lar, condenando, genericamente, sua organização interna, suas condições de salubridade, e até os vícios das pessoas da família. Eis

porque a família quasi sempre nega à escola a colaboração que esta não apenas lhe pede, mas até lhe mendiga.

A escola, também se afirma, é o templo da Pátria. E' aí que se officiam as cerimônias do culto da Pátria. Casa de todos, neutra entre todos e igual para todos, ela realiza o milagre de conter, no espaço de uma sala, o espírito da nacionalidade.

Por tudo isto — e porque é o templo que a própria Pátria instituiu para o seu culto, — era de esperar que o Poder Público a olhasse com o mais absoluto carinho e assistisse com extremados desvelos, provendo-a do necessário para a completa realização dos fins que ela deve e pôde conseguir, e prestigiando o mestre de forma a cercá-lo de uma auréola de respeito no círculo social em que atúa.

Bem se sabe que tal não acontece. As escolas pouco têm de seu. Delas ha que nada têm além do professor, que ha de encontrar dentro de si mesmo, na plena eclosão de sua vocação, as forças propulsoras de sua atividade.

Face a face com as crianças, deve lembrar-se de que elas não têm culpa das circunstâncias adversas que torturam os preceptores, de que elas são campo quasi virgem em que se ha de lançar a semente do bem e da verdade, menos com o propósito de receber o pagamento do jornal do que com o de contentar-se amanhã com o lourejar da seára; menos com o objetivo egoístico de receber os aplausos da geração adulta do que com o de colher a gratidão daqueles que tutela, acorda, estimula, dirige e encaminha para a sabedoria e a felicidade.

Lembre-se o mestre de que a hora é de apreensões para todos. Sombras tétricas rastejam aos pés dos tronos, ameaçando os reis; aquí e ali levantam-se multidões que abatem, entre cinzas e sangue, os poderosos do dia. Os miliardários vigiam suas fortunas inseguras; os intellectuais sucumbem à fome em vários pontos do globo; os operários, substituídos pela máquina, acham-se desempregados ou reduzidos a salários mínimos, salários de fome. O desespero varre o mundo.

E nessa hora agoniante de dôr universal, quando tudo treme ao fragor da tempestade, que desaba sobre todos, — povos e individuos, — é preciso que o professor tenha, mais alta do que nunca, a consciência de sua imensa responsabilidade, e assim possa, esquecido de si mesmo, ver que nas suas mãos se contém o mais eficaz talvez dos remédios para o mal que ameaça tudo destruir e subverter.

E então, sereno e magnifico em meio à agitação que o rodeia, abra as portas dos pequenos corações com as chaves todo-poderosas do amor, e semeie aí espírito de boa vontade entre os homens, aspirações de paz, ideais de trabalho, e espere que um dia venha, da terra ou do céu, o prêmio de seu esforço, na certeza de que nunca jamais um ato nobre deixou de ser creditado a quem o praticou, ainda que só renda juros dentro da sua própria consciência.

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno 24\$000

Semestre 12\$000

Numero avulso, 2\$000

Collecção de um anno. . 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saude Publica, Belo Horizonte.

Motivação

Zalfa B. Guerra BARREIROS

I

As emoções estimulando o aprendizado

Dos esclarecimentos e pesquisas nos campos da psicologia, biologia e ciências sociais, chegou-se à conclusão de que o ambiente escolar deve estar impregnado da atmosfera da vida real, e uma das condições primordiais para tal se obter consiste em pôr em ação o equipamento emocional dos alunos. Na escola tradicional, julgava-se que era nos domínios do pensamento puro, que se formavam a vontade e o caráter.

Os empreendimentos vitais veem sempre acompanhados da expressão afetiva. Quando nos empenhamos livremente em qualquer tarefa, o nosso organismo despende, facilmente, enorme soma de energia, em virtude de as condições de aquisição serem afetivas. Não há empreza real e vitalizada que se desenvolva sem o bafêjo do elemento afetivo.

E' comum dizer-se que as emoções comunicam estímulo aos empreendimentos, facilitando a vitória sobre certos obstáculos que, sem a presença delas, seriam intransponíveis.

Os fluxos e refluxos da vida normal são insuficientes para arrancar aos indivíduos a sua feição estereotipada; é a onda do estímulo emocional que muitas vezes, carregando-nos de uma força hercúlea, nos ajuda a romper obstáculos fortísimos, a nos dedicarmos a trabalhos intensos e peno-

sos, a mobilizarmos, sem cansaço, enormes somas de energia, para a obtenção de um fim idealizado.

A moderna pedagogia, não cogita das aquisições para tais ajustamentos, nem quer que, nas situações do aprendizado, haja atmosfera de medo, raiva, amor e outras expressões emocionais violentas. Só quer a presença das emoções para excitar e como um meio para facilitar, a execução de qualquer tarefa. E' como a dosagem de estriquinina nos reconstituintes.

Onde vamos encontrar motivos de ação? Nos desejos da natureza humana. Por isso, procuramos ligar as tarefas escolares a instintos ou emoções natos, pois os desejos satisfazem os impulsos instintivos, cuja presença, em qualquer situação, faz brotar a emoção, colorindo o processo com o tom afetivo.

Sabemos que a raiva primitiva dos selvagens é sem utilidade e até prejudicial nos tempos modernos; mas o espírito de vencer obstáculos (proveniente da redireção do instinto primitivo) é importante, tanto nas tarefas escolares, como nos ajustamentos da vida; assim como êste, podem ser utilizados quasi todos os instintos primitivos: o efeito suavizante do medo (exploração), a satisfação da curiosidade, os primitivos contentamentos do amor. Qualquer destas emoções estimula a execução de muitos empreendimentos, comunicando-lhes vida e realidade. (Ogden).

A criança não pôde ser conduzida "in vacuo"

A natureza humana não pôde ser comparada a uma massa de barro capaz de ser moldada por pressão externa; ela possui propriedades dinâmicas que, por meio de mecanismos hereditários, predispõem o indivíduo a agir de determinada maneira. Essa natureza, podemos compará-la a um explosivo, cuja força, vindo do interior, exige cuidados de quem a maneja e dirige.

Suas manifestações dinâmicas, sob o estímulo do meio material e social, evoluem, dando origem aos hábitos (de

ação, sentimento e pensamento), que se vão tornando infinitamente complexos e simbólicos, até perderem o cunho da origem instintiva, formando, dest'arte, o caráter.

Que propriedades dinâmicas são estas? São o que chamamos as tendências, o equipamento original que o homem traz ao nascer, e que são passíveis de ser modificadas grandemente pela educação, para o seu ajustamento ao meio. É sobre o instinto que atua o estímulo, pois a criança não pôde ser conduzida "in vacuo". Suas tendências vêm acompanhadas por um estado emocional, que não sómente leva o indivíduo a prestar atenção a um tipo particular de estimulação, mas também a reagir de uma maneira característica e natural, em virtude da afeição ou sentimento que acompanha o processo.

As tensões, com os seus elementos correspondentes na consciência, as sensações que se dão com as mudanças corporais, servem para transportar a atividade a muitos mecanismos, comunicando-lhes um estímulo característico.

ZALFA B. GUERRA BARREIROS

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICA-
ÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS

— E DO ESTRANGEIRO —

Como dirigir as aulas de leitura oral e silenciosa

Leonilda Scarpellini MONTANDON

Sendo a leitura o meio mais poderoso para o indivíduo adquirir e aumentar sua cultura, devem os professores, na escola primária, dedicar-lhe um cuidado especial, desenvolvendo em seus alunos todos os hábitos e habilidades necessárias a um bom leitor.

Despertar na criança a vontade e o prazer de ler; habituá-la a apanhar com rapidez e inteligência o sentido de um trecho qualquer, tornar-lhe a leitura corrente e agradável, — eis os objetivos que devem ter em vista, no desenvolvimento de suas aulas.

Entretanto, para se alcançarem tais objetivos, necessário se torna modificar um pouco os processos ainda em uso no ensino da leitura.

Assistindo a inúmeras dessas aulas, observei que, em geral, decorrem num ambiente passivo, monótono e enfadonho, sem que logrem interessar as crianças, enriquecer-lhes o cabedal de conhecimentos e corrigir-lhes os defeitos de leitura.

Para que as aulas de leitura percam êsse caráter formal que ainda têm em nossas escolas e se tornem eficientes, interessantes e desejadas pelas crianças, aconselho às professoras experimentarem os planos que se seguem, e que já estão sendo executados, com êxito, em alguns dos nossos estabelecimentos de ensino primário: — Completa orientação e sugestões magníficas se encontram em: "Como se ensina

a leitura", de Pennell e Cusack, livro que toda professora deve possuir.

Leitura silenciosa

I — O material da leitura silenciosa deve ser desconhecido da classe e, de preferência, de tipo informativo.

II — Usar como matéria de leitura silenciosa: a) trechos literários; b) trechos do livro de leitura; c) trechos da História do Brasil; d) trechos de Geographia; e) trechos de ciências naturais; f) problemas aritméticos, etc.

III — São os seguintes os passos a serem observados numa aula de leitura silenciosa:

I — Preparação:

a) dar a conhecer à classe o objetivo que se tem em vista, motivando a lição;

b) fazer, previamente, todos os avisos necessários, como sejam: — Leiam com atenção! Não movam os lábios! Peçam explicação quando sentirem dificuldade! Levantem o lápis quando terminarem! etc., etc.

II — Realização:

Póde-se fazer em material variado, no quadro, no livro, ou em folhas de papel. E' leitura silenciosa:

a) responder a uma série de questões;

b) ler o trecho globalmente e dar a idéia principal;

c) interpretar, resumindo, o trecho dado, por escrito;

d) completar sentenças;

e) ordenar logicamente, de acôrdo com o sentido, uma fábula, um trecho pequeno, em que as sentenças estejam em desordem;

f) grifar sentenças, cujo sentido seja idêntico ao de sentenças contidas no trecho lido;

g) transcrever, de memória, interpretando, o trecho de leitura que mais apreciou.

Durante a leitura, os alunos que encontrarem expressões difíceis, palavras cujo significado desconheçam, devem pedir ao professor as explicações necessárias.

III — Comentário:

Após a leitura silenciosa, o *comentário* deve ser feito, de modo a provocar a leitura oral de certos trechos; o julgamento ou crítica; o conhecimento do grau de compreensão do aluno, etc., etc.

IV — Testes:

Podem ser semanais, com o objetivo de, não só verificar o desenvolvimento da classe, como de dar-lhe *nota*.

V — Levantar gráficos com o resultado obtido:

Considerando-se a leitura silenciosa, como o tipo mais perfeito de leitura e de maior valor, pelo seu uso constante em todas as situações que levem o indivíduo a ler, devem os professores exercitá-la freqüentemente, em suas classes, procurando formar certos hábitos, como sejam: a) ausência do movimento dos lábios; b) boa extensão de percepção; c) concentração da atenção; d) domínio completo da mecânica da leitura; e) movimentos corretos dos olhos, etc., etc.

Leitura oral

No desenvolvimento da lição de leitura oral, atenda o professor às seguintes observações:

A) — Procure conhecer bem o grau de desenvolvimento, em leitura, de seus alunos, dividindo-os em turmas, conforme as deficiências notadas, afim de dar-lhes exercícios especiais e adequados.

B) — Cuide com firmeza e constância da formação dos seguintes hábitos, exigidos na leitura oral:

a) domínio completo da mecânica da leitura;

b) compreensão rápida e justa do trecho lido;

c) leitura corrente, com boa inflexão de voz;

d) observância dos sinais de pontuação;

e) pronúncia correta e clara das palavras;

f) boa posição do livro e do corpo;

g) uso correto dos instrumentos de leitura.

(Prefácio — Índice — Erratas — etc.).

C) — No desenvolvimento do seu plano de leitura, tenha sempre em vista:

- a) um objetivo bem definido;
- b) uma boa motivação;
- c) uma eficiente realização:
 - 1) dar explicações prévias das dificuldades;
 - 2) fazer sempre, antes da leitura oral, a leitura silenciosa;
 - 3) provocar, por meio de questões, a leitura oral;
 - 4) corrigir os erros cometidos de modo hábil e oportuno, não interrompendo nunca a leitura para tais correções;

5) tornar o comentário vivo, variado e interessante;

d) um material bem escolhido (trechos movimentados, diálogos, humorísticos, interessantes, etc.).

D) — Procure aplicar os conhecimentos adquiridos na leitura (vocabulário, idéias, expressões, etc.), em outras situações.

E) — Façam um teste semanalmente, para medir o desenvolvimento da classe em: a) rapidez; b) mecânica; c) compreensão. (Levantar gráficos com os resultados obtidos).

F) — Mantenha o Clube de Leitura em bom e eficaz funcionamento.

G) — Organize, com cuidado, a biblioteca da classe, afim de contar com um material variado e interessante, de modo que a leitura não se faça, exclusivamente, no livro adotado.

NOTA — Na realização da leitura oral, evite o professor a repetição do trecho, varias vezes, abolindo o sistema de fazer ler toda a classe, pois isso torna a aula monótona sem interesse e quasi sem nenhum proveito. Bem conduzida, dará oportunidade para que todos os alunos se manifestem.

LEONILDA S. MONTANDON

A História e seus fins na Escola Primária

Valdemar Tavares PAES

É a seguinte a conferência que o dr. Valdemar Tavares Pais, auxiliar técnico do Secretário da Educação, pronunciou, inaugurando a Hora Educacional da Rádio Inconfidência:

“Não precisamos encarecer a importância do estudo da História na escola primária. Todos os mestres o compreendem e o preconizam como um grande elemento na formação moral e intelectual da criança.

O curso de Literatura Infantil aqui realizado tão inteligentemente pela distinta professora Marieta Leite, da Escola de Aperfeiçoamento, mostrou sobejamente, como podemos aproveitar todas as histórias que falam à imaginação fértil da criança, para metodicamente dar-lhes as idéias históricas na sua realidade palpitante e viva. Toda criança gosta de histórias. Nós as vemos reunidas, muitas vezes, no lar, pedindo às avózinhas que lhes contem histórias bonitas de fadas ou outras narrações interessantes — “Aqueles, mamãe, que começa: Era uma vez uma princesa. E outra, trêfega e inocente, revelando já um sentimento de patriotismo, diz: Essa não, conta aquela do índio, aquela da Iara de olhos verdes. E um moreninho de olhos pretos como jaticabas, murmura: Não, mamãe, eu quero aquela, daquele homem que, aquele... ora, aquele que matou o passarinho. E a mãe bondosa e meiga responde: A do Caramuru. E toda a petizada, num éco uníssono, repete: O Calamulú, batendo as mãozinhas roliças.

Assim, muitas vezes no próprio lar, se inicia a formação moral da criança através das histórias narradas pelos pais e pelas amas.

Na escola, a sabedoria da professora está na habilidade com que faz a narração, aproveitando as tendências da classe. E', sem dúvida, uma arte difícil. Falar em passado para uma criança que não o tem, e que é um presente em marcha para um futuro promissor, é devéras trabalhoso. Para dar-lhes as idéias abstratas e complexas de progresso, evolução, transformações sociais, políticas e religiosas, é preciso dedicação e tacto. Mais do que isso, bom conhecimento da matéria e da técnica pedagógica exigida para tais misteres. A criança está sempre apta ou melhor propensa a pensar que o mundo é a sua casa, a sua escola e a sua cidade; que a sua língua é a linguagem do universo, que as imagens da sua igreja e as cerimônias que nela se realizam são a religião de todos.

Para ela o govêrno será seu pai — a autoridade, o mestre — que tudo no mundo, si é que dele cogita, uniformemente se passa do mesmo modo, que todos vivem, falam, rezam, vestem e comem como no pequeno orbe em que habita. Assim, de certo modo limitada pelos horizontes e pelas campanários de sua terra, tende por si mesma a julgar todos os fatos sob o prisma de sua imaginação.

Cumpra, pois, ao mestre dedicado, perspicaz, abri-lhe os verdadeiros horizontes da humanidade, mostrando-lhe os panoramas variados do universo. E poderá fazê-lo, partindo do próprio meio ambiente em que ela vive.

Ora, justamente, a criança é curiosa. Essa curiosidade bem aproveitada dará ao mestre ensejo para ensinar, e material copioso para ministrar à criança todas essas idéias abstratas, concretizando-as em realidades vivas, o desenvolvimento do homem através do tempo.

O menino traz para a escola desejos, anseios próprios da alma infantil e todos os tesouros do seu coração devem ser aproveitados, transformando-se pela ação do professor em entusiasmos sadios.

Na biografia dos grandes homens e nos exemplos dos nobres vultos da humanidade, encontrarão os educadores farta mêsse de ensinamentos e de lições para que seus discípulos sintam o estímulo para realizarem atos e obras dignos de sua classe, de sua escola, de sua família, de sua cidade e de sua pátria.

Cada página de história é um breviário de energia, generosidade, civismo e amor, bondade e otimismo. Tudo isso deve ser transfundido através do mestre ao coração e ao cérebro infantil. Fazer a criança sentir e viver a alma de sua gente, da sua raça e da sua religião.

A memória viva, a imaginação volúvel e a atenção dispersiva e a alegria ruidosa da infância devem ser orientadas no sentido da compreensão metódica do patriotismo, que implica abnegação, desinteresse, ideal, solidariedade, coragem, sacrifícios. O nosso grande defeito pedagógico é ensinar uma história morta, inexpressiva, simples nomenclatura, catalogando datas, mexanzando, por assim dizer, a vida do passado.

Ou então, inversamente, formando um sentimentalismo pelo exagêro de certas figuras, sem dar ao aluno oportunidade de raciocínio, de modo que êle pense que tudo aquilo é inacessível aos modernos. Isto gera o desprezo pelo passado. O caminho, pois, melhor será êste: da inteligência ao coração.

O estudo da história deverá formar o espírito do menino, preparando-o para a vida social, da qual é uma parcela e para a qual a escola o enviará forte de ânimo, corajoso, desprendido, virtuoso.

A história e a escola com a sua história farão do menino o cidadão.

A história educa, ensina — dá hábitos de raciocínio — comparação e julgamento.

Compreendendo sua terra, sua formação, seu desenvolvimento, suas glórias, suas tristezas e alegrias e o trabalho dos seus antepassados, saberá que o que hoje êle goza é o fruto do labor das gerações que se foram.

A história ensina à criança a compreender a pátria sem sentimentalismo piégas, sem egoísmos, sem exagêros poéticos.

Aprenderá a lição da experiência dos mais velhos — gostará de sua terra como gosta de sua mãe — de seus irmãos. Desenvolveremos assim criteriosamente, sábiamente, o sentimento de patriotismo inato na criança. Verá na pátria o reflexo de sua família, pois que ela nada mais é do que uma grande família e que todos são irmãos — pois falam a mesma língua — sentem as mesmas tradições e habitam o mesmo território. Casa abençoada e feliz, grande e imensa é a pátria, na eterna multiplicação dos lares que uma bandeira só abençoa e cobre nas suas dobras de ouro e verde.

A iniciação histórica deve ser feita paulatinamente. O professor fará ver ao aluno com singeleza e simplicidade que a vida dos povos e das nações é de certo modo semelhante à vida de todos nós. Na escola, vocês têm os seus diários, onde registram tudo o que acontece. A história é o grande diário da vida de todos os povos. Assim como cada um de vocês tem os seus dias de nascimento, do batismo, na primeira comunhão, da entrada na escola, dias alegres e tristes, de paz e de lutas, assim também o Brasil e todo o mundo têm esse grande livro, onde se escrevem fatos notáveis.

Os povos e as nações são como nós: nascem, vivem, crescem, morrem, fazem atos bons e maus.

A história dos povos é como a nossa história, da nossa casa, da nossa escola, da nossa cidade, da nossa pátria e do nosso continente. Está assim bem focalizada a idéia real da história.

Em casa vocês ouviram falar dos seus avós, que talvez muitos não conheceram. Viram seus retratos nas salas de visitas. Vocês não estimavam conhecê-los?

E aqui poderá se travar um diálogo interessante na classe, que reagirá proveitosamente. Então concluirá a professora: Vocês amam seus antepassados porque eles foram bons e lhes deixaram casas, cidades, escolas, fazendas, etc.

Assim, pois, vocês, conhecendo bem a história do Brasil, saberão amá-lo melhor e terão desejos de servi-lo amanhã.

Dêste modo, sem se fadigar, o aluno vai aos poucos se integrando no conceito do tempo e do passado.

Nota-se em geral que a criança dificilmente compreende a ação cronológica. — Si há por aí tanta gente anacrônica...

Ha tempos, um professor narrou-me um caso interessante. Num curso de admissão um aluno vindo de um Grupo Escolar fazia uma prova de história. O ponto sortido trazia essa pergunta: Que fez D. Pedro I no Brasil?

A resposta foi esta: "D. Pedro I, depois da Independência, partindo do Rio, viu a Bello Horizonte, onde fundou Escolas Normais, Ginásios Arnaldos, Grupos Escolares Pedro II e outras escolas".

Vi essa prova, que nos proporcionou boas e deliciosas risadas, mas também uma ótima observação pedagógica, com a qual não sei se estarão de acordo.

O anacronismo claro na resposta é de certo modo desculpável no menino de onze anos e pouco, segundo me informou o meu colega, filho de pais estrangeiros, e cujo passado é nulo.

No meio de toda essa salada histórica deliciosa para desopilar o fígado, o pequeno revelava certa inteligência, pois adaptou o passado ao presente, pois estávamos justamente no período áureo da reforma Francisco Campos, quando o assunto do dia era a fundação de escolas e inaugurações de grupos.

Ele saíra do grupo e viéra para um Ginásio. Ora, si existiam aqui ginásios, escolas e grupos, que éle, na sua resposta julgava serem grandes melhoramentos—esses só podiam ser obra do trêfego e amoroso D. Pedro I.

A conclusão era infantil, mas era de certo modo inteligente.

E eu disse ao mestre que comigo sorria: "Orienta bem esse menino que éle será um bom aluno".

Aí está, sras. professoras, um exemplo frizante do perigo do ensino verbal da história que infelizmente ainda se pratica entre nós, tanto na escola primária como na secundária.

O ensino da história deve ser objetivo, real, vivo. Re-suscitar o passado impregnado de vida, já que ele é morto.

O aluno, tendo a idéia nítida do passado, compreenderá melhor o presente que, para ele, é sua própria vida.

Na escola primária, pois, a finalidade da história é: acessoriamente:

Entusiasmar a criança para que ela possa através de sua emoção ter a imagem do passado.

Formar-lhe sentimentos de pátria, solidariedade — progresso — civilização.

Dar-lhe essencialmente oportunidade para raciocinar, julgar e comparar.

Em resumo, a história educa, recreia, desenvolve e inteligência, estimula o estudo.

Estudo ativo, a história visa desenvolver as faculdades intelectuais e formar o coração da criança para que amanhã, no góso de sua cidadania, realize os mesmos feitos heróicos que a história lhe ensinou porque ela é na expressão de Cícero "a mestra da vida".

Pela história faremos as nossas crianças bemdizer a sua sorte de ter nascido em uma pátria gloriosa que saberão amar com "fé e orgulho" — na expressão de Bilac".

VALDEMAR TAVARES PAES

BIBLIOGRAFIA

"Lectures pedagogiques" — de Bremond.

"Como se ensina la Historia" — Teófilo Sanjuan.

Faria de Vasconcelos — "Uma Escola Nova na Bélgica".

Jônatas Serrano — "Metodologia da História na Escola Primária".

A meu amigo principiante

H. SOULIER

DUAS "MANEIRAS"

Certo vilarêjo, que viu succederem-se dois mestres num mesmo ano escolar, conheceu duas maneiras diferentes de iniciar os trabalhos. Ao recomecerem as aulas, em outubro, desde o primeiro dia, o sino da escola tomou o hábito de soar com exatidão e de anunciar escrupulosamente as horas de trabalho e de recreio. Ele se mostrou intransigente para o retardatário, si bem que não tivesse jamais dado motivos a sevicias. Regulava o ritmo da vida escolar com uma pontualidade e uma tal consciência, que o vilarêjo todo se mostrava satisfeito.

Vinda a Páscoa, veio também um novo mestre, e, com ele, nova maneira de agir. O sino tentou guardar seus bons hábitos. Acionado por alguns alunos dos maiores, êle lançou alegres apêlos.

Mas foi julgado importuno e inútil. Seus êcos se tornaram mais e mais raros, e por fim calou-se sua voz. Tendo perdido todo o seu ardor, já não soube êle mais recrutar os retardatários, que flanavam desavergonhadamente ao longo do caminho ou permaneciam sossegados na frente da única botica do arraial.

Amigo principiante, tu adivinhas qual é a melhor maneira, e a única, de se dedicar a gente ao trabalho!

Em classe, face a face com teus alunos, não tens também — para exercitar o teu papel de educador — de escolher uma entre duas maneiras?

Tu conheces o processo "mesa". Que quer dizer isto? Ascendendo ao seu estrado, encaixado em sua cadeira, o professor domina o seu auditório com o olhar, com a voz e com o gesto: êle fala, ordena, explica. A's vezes, fatigado de estar sentado, êle consente em deixar seu estrado e empreende uma marcha sábia da janela à porta e da porta à janela, exercício cômodo para mais eloqüentemente perorar.

Para tudo dizer, eis o grande PROFESSOR!

Ensinará êle? Não; êle professa!

Quão mais eficaz é a *outra maneira!*

E' preciso fiscalizar um trabalho escrito executado por todos? O mestre circula sem ruído entre os bancos. Traz aos mais fracos auxilio e acoroçoamento; com um sinal, evita os êrros; felicita, com um olhar, os mais atentos.

Torna-se necessário explicar, demonstrar, fazer compreender, a todo preço? Nada substitue o quadro negro. Não é, porém, a *hora do giz?*

E' mister falar claro ou convencer? Nada destas idas e vindas próprias para conferências! Basta uma curta palestra, olhos nos olhos.

Quer-se dar a alguns alunos a alegria de dizer, diante de todos, um parágrafo de leitura que encante, ou um recitativo preferido?

Assentemo-nos todos, sejamos todos ouvidos!

Que agradável momento de repouso!

Há tambem duas maneiras de se comportar em relação aos alunos. Há a maneira "regulamento", que consiste em não ver nos alunos sinão escolares mais ou menos fortes em cálculo e em ortografia, mais ou menos concentrados ou dissipados.

O mestre, como técnico consciencioso, faz funcionar "automaticamente" o mecanismo do regulamento, sem pensar um só instante que em todo escolar se contém uma criança . . .

Há também a maneira *humana*. Um "educador" sabe que os sistemas escolares mais judiciosos não convêm a todos os temperamentos; esforça-se por compreender as re-

ações dos seus alunos. Porque será tal aluno insensível às reprimendas? Porque despreza um outro recompensa ou cumprimentos? Como corrigir êste susceptível? Que alma esconde êste indiferente? . . . Cincoenta e cinco alunos, cincoenta crianças diferentes. Mais de trinta caracteres complicados, dos quaes é preciso saber penetrar no obscuro inconsciente. Agir como psicólogo ou governar um mecanismo: tal é o dilema.

Há, ainda, duas maneiras de acolher os pais.

A maneira do professor sempre descontente, que se queixa seguidamente dos alunos, pelo menor peca-dilho, que aborrece os pais com advertências e recriminações. Esse ranzinza crê, aliás, que faz bem persistindo em tal attitude, mas o certo é que êle acaba por indispor toda gente, sejam pais, sejam alunos.

A outra maneira consiste em formular repreensões ou elogios com plena consciência. E' mister assinalar a falta grave, excepcional; mas é mister, tambem, assinalar a aplicação mantida, o esforço real, o que causa alegria à família do escolar.

Convém, ainda, falar com prudência sôbre as inteligências adormecidas. Uma mãe admite que seu filho seja distraído, preguiçoso mesmo, mas não pode compreender que êle seja destituído de inteligência. "Ah! se êle quizesse!" — exclama ela. Talvez não esteja inteiramente enganada esta mãe. Lembremo-nos de que a inaptidão escolar nem sempre é sinônimo de falta de inteligência, e saibamos demonstrar tacto e simpatia no convívio com os nossos alunos.

Amigo principiante, poderíamos continuar por muito tempo ainda o jôgo das "duas maneiras".

Um dia, apresenta-se na escola um pai de familia, fora de si, fremindo de cólera, e pergunta pelo professor de seu filho. Vendo-o aparecer, avança, ameaçador:

— Cavalheiro, vim aqui para quebrar-lhe a!

Sufocado, o principiante soube, todavia, refreiar-se e responder com exemplar civilidade:

— Perfeitamente, cavalheiro. Rogo-lhe a fineza de entrar.

Dizendo isto, êle abre a porta, afasta-se, introduz o visitante no vestíbulo e depois, no gabinete do Diretor:

— Queira sentar-se, — diz êle, oferecendo uma cadeira.

O visitante se assenta... A partida está ganha!

Vinte minutos depois, êle se retirava confuso, renovando mil desculpas pela sua atitude descortez.

Que teria acontecido si, por desgraça, o jovem professor, pronto para a resposta, não houvesse, por um esforço de vontade, subjugado sua instintiva reação de cólera?

Leal para com a sinêta de sua escola, compreensivo para com os alunos e os pais, tal é o principiante que compreende seu papel de educador.

(Trad. de "L'E'cole Libératrice" de 7-11-36).

AVISO AOS PROFESSORES E ASSINANTES

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista o Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

Que dá a seu filho para lêr?

C. S. de PONTET
Professora em Montevidéu

I

Freqüentemente o pai oferece a seu filho um livro de histórias ou uma revista, do mesmo modo que lhe coloca nas mãos um brinquedo a mais.

O menino submerge-se àvidamente na leitura ou nas gravuras que a ilustram. Satisfeito com o êxito, o pai não sente, em geral, a responsabilidade de sua ação. As mais das vezes permanece alheio a quanto se passa no mundo psicológico do filho. Desconhece o maravilhoso cenário onde atuam as forças sutis que são o spensamentos. Ignora, quasi sempre, que são êstes que hão de condensar-se em sentimentos no coração do filho.

Muitas vezes, para os pais, são estranhas e incompreensíveis as palavras, aptidões e intenções, que observam no pequeno. Tão pouco compreendem que todas as manifestações externas dêste são a consequência de pensamentos que gestou a mente infantil, ou que se infiltraram nela, provenientes de um ambiente externo.

Um axioma de Raumsol diz: "Nada ha mais poderoso que o pensamento na vida do homem". Assim, sem que os pais o percebam, estas entidades animadas agem e reagem no mundo interno da criança.

Pensou o pai, ao oferecer o livro ao filho, que na mente dêste a leitura iria imprimindo uma série de imagens? Compreendeu que estas perdurarão muitas vezes no curso da vida? Sabe que podem essas imagens impressionar-lhe a vontade na adolescência? Esta inversão da vontade

são características hereditárias ou ontribuirão para a aquisição de outras que molestarão o caráter do menino ?

A Logosofia, no capítulo que trata da formação do caráter na criança, formula importantes considerações acerca dos estímulos, expressando, entre outras coisas, o seguinte: "Na criança o caráter responde, em parte, à região instintiva, e, em parte, à região sensível. São duas correntes opostas que, ao se chocarem, produzem os diferentes impulsos traduzidos no caráter por efeitos, umas vezes benígnos, e outras vezes violentos.

Como a região sensível é, na criança, muito sutil, todas as coisas a impressionam profundamente, de tal forma que, segundo sejam os estímulos, assim são as reações, chegando a produzir-se muitas vezes estados de hipersensibilidade que ao menor estímulo provocam nele excitações violentas, as mais das vezes negativas, que chegam a invertelhe a vontade na adolescência". Esta inversão da vontade é de deploráveis conseqüências para seu espírito, porquanto a vontade é uma força espiritual inteligente que se traduz na defesa tanto do corpo físico, como da alma.

II

Constituídas as leituras em estímulos, compreende-se como podem contribuir em grande parte para o desenvolvimento da imaginação.

Este aspecto imaginativo na criança, leva-a muitas vezes a criar o tipo do mentiroso. E', portanto, um aspecto negativo.

Vejamos o que diz a Logosofia no amplo capítulo que trata da imaginação e intuição, e do qual transcrevemos breves parágrafos: "A Logosofia define primeiramente a palavra imaginação como imagens em ação, isto é, imagens que se movem, que agem dentro da tela mental, à simples evocação do pensamento, ainda quando a imaginação parece em absoluto de toda a possibilidade de criar. Ela é um magnífico amplificador dos pensamentos, idéias, etc., porém, am-

plia tanto as imagens que as deforma, fazendo-as aparecer, ao serem transmitidas mediante narração verbal ou escrita, completamente desfiguradas, a tal ponto que, da verdade que houvesse nelas, somente ficariam alguns vestígios difíceis de descobrir. A imaginação encontra sua expressão na gente ignorante, que apela para ela na crença de poder suprir as deficiências de sua escassa educação e não menos escassa inteligência, enquanto nas pessoas ilustradas (salvo alguns casos) é refreada pela razão e tamizada pela inteligência.

Nos seres de grande evolução a imaginação é usada como uma espécie de dispositivo fixador de imagens que são tomadas por uma faculdade superior que se denominou intuição, de um alcance múltiplo e maior e de u'a mais possível exatidão, visto que opera em base de conhecimentos essenciais que servem ao ser de poderosos auxiliares na dedução e cálculo de precisão sobre as coisas que houvessem de entrar no campo de suas observações intuitivas".

Do exposto, vemos claramente a diferença que existe entre imaginação e intuição. Queremos destacar estes aspectos de ordem mental, porque freqüentemente se confundem.

Quantas anomalias do ser, quantas, deformações da fisionomia da alma se devem a impressões recebidas na infância !

A mente, diante de uma leitura, pode comparar-se a uma câmara cinematográfica. Ela vai imprimindo as imagens que se apresentam à sua lente.

O operador seria, nesse caso, a razão. Pois bem, pensemos que esta, na criança, se acha em estado de incipiente desenvolvimento. São os pais em primeiro lugar os responsáveis pelas imagens que se imprimem na película mental do filho. Este não pode emitir um juízo diferencial que lhe permita selecionar suas leituras em forma proveitosa para seu desenvolvimento físico e espiritual. O filho é uma alma que os pais têm em custódia, e dos cuidados que lhe prodigalizem dependerá em grande parte a sua evolução.

Tive a oportunidade de observar durante várias horas uma menina que a mãe levára ao campo para que se fortificasse seu organismo físico em contacto com a natureza, recebendo os vivificantes raios do sol e respirando oxigênio puro. Todas essas horas que durou minha observação, a menina permaneceu na leitura de um livro. Seu rosto havia tomado uma seriedade e uma expressão melancólica impróprias de sua curta idade. Não obstante o inadequado da leitura, esta a mantinha alheia por completo a quanto se passava ao redor de si. Entretanto, quantas coisas maravilhosas tinha ao seu alcance, e que lições proveitosas teria podido oferecer a mãe a essa filha, apenas com o observar a natureza!

Logicamente, objetarão que isto não acontece sempre. Em verdade, existem pais conscientes de sua delicada missão. Estes selecionam inteligente e prolixamente o material de leitura para seus filhos; porém, são exceção de uma regra. Ainda dentre eles existe sempre uma compreensão clara que lhes permite dar ao filho o que seu estado requer, o alimento necessário para sua alma?

Apresentam-se duas grandes dificuldades para esta realização: falta de conhecimento psicológico e pouco material de leitura adequado. E' a segunda, em grande parte, consequência da primeira. Muitos escritores têm feito notar esta deficiência dentro da leitura infantil. Entre eles, Amado Nervo, no trabalho que se intitula: "As crianças na vida e na arte". Estes assinalam um fato facilmente constatável e que se tem constituído em problema para o qual não nos oferecem solução.

III

Uma vez mais é preciso reconhecer que os homens se detêm nos efeitos sem encontrar a causa. A Logosofia, por meio de um treino no estudo científico, levando ao campo experimental a prolixa e continuada análise de quanto acontece interna e externamente, desperta nos seres o sentido causal e os conduz gradualmente até a origem do que moti-

vou o efeito que por ser tal, é facilmente visível; porém, visto como em tudo, o verdadeiro em valor real é o que permanece oculto. Considerada a literatura como u'a manifestação de arte, logicamente, ela está sujeita aos princípios básicos e essenciais que sustentam toda expressão artística.

Raumsol, em seu "Tratado Elementar de Logosofia", apresenta um interessante capítulo relacionado com a arte. Dêste, por razões de espaço, tão sómente citaremos o parágrafo inicial, que está cheio de sugestões e diz das vastas projeções que a ciência proporciona à arte. Na obra de referência são múltiplos os aspectos citados e extraordinária a clareza com que foram vertidos. O parágrafo aludido diz assim:

"A arte é no homem uma condição estética de seu caráter. Si a configuração do caráter de um ser carece de belas qualidades, a arte não aparecerá siquer por entre as possibilidades com que possa contar sua inteligência, porém, se o conjunto de suas facultades se harmoniza em um ideal superior, a inspiração estética e artística revestida de uma potente força espiritual, evidenciará as excelências da arte, ao plasmar sobre os elementos que escolha para suas obras, as imagens que se propõe fazer durar fora de sua câmara mental".

Explica-se, pois, que seja pouco o que se pode selecionar dentro da literatura infantil. Muitas são as condições que esta deve reunir para considerar-se boa. Diz La Bruyère: "Quando uma leitura vos eleva o espirito e vos inspira sentimentos nobres e valentes, não busqueis outra regra para julgar a obra: é boa e feita com mão hábil".

Podem dividir-se os livros em dois grandes grupos: os que foram escritos com fim nitidamente comercial e a cujo autor inconsciente não preocupa o efeito moral, e os que escapam ao mesquinho fim dos primeiros. Em uns e outros encontram-se desde o conto fantástico e o livro de aventuras, até o de caráter instrutivo, científico; desde a fábula até o poema. Foram êstes livros inspirados em um sentimento de amor à criança, ou para satisfazer a vaidade do autor?

Neste último caso, não é o lucro comercial o que o anima, porém, sim, uma especulação egoísta. Ainda aos bem intencionados cabe perguntar-se: possui o autor o conhecimento psicológico infantil que sua obra requer? É ele suficientemente artista para oferecer à criança a página depurada e bela? Adquiriu os conhecimentos necessários para dizer sempre a verdade? E, finalmente, tem realizado um processo de depuração interna que lhe permita acerrar-se da criança e sentir a responsabilidade que em seu caráter de escritor deve sentir, não olvidando que esta se multiplica na medida em que diminuem as defesas mentais na criança com relação às do homem?

Em síntese, esta literatura deve ser obra de quem começou por criar-se a si mesmo e que, sendo homem ou mulher em toda sua integridade, pode novamente sentir-se criança. Ficam esboçados em grandes traços alguns dos efeitos que produzem na criança a má literatura. Deduz-se, além disso, do exposto, os benéficos resultados da boa leitura. Dela disse Forgiione: "A leitura subtrai a criança aos funestos entretenimentos da rua ou da ociosidade; deleita seu espírito, amplia sua preparação intelectual e lhe imprime orientações moraes". O conhecido escritor argentino-Bunge disse, referindo-se ao mesmo ponto: "Um bom livro é um bom espelho para mirar-se a alma".

Fazemos um breve parêntesis para dedicá-lo aos livros de gravuras e às ilustrações dos mesmos. A gravura impressiona fortemente a criança, porquanto é uma expressão clara, concreta e mais definida que a maior parte dos trechos literários. Deve, pois, cuidar-se dela e selecioná-la tanto ou mais que as leituras.

De umas e outras o menino extrai ensinamentos, os quais podem ser semente fecunda que ao cair em sua terra mental darão frutos bons ou maus, segundo a qualidade do germen.

C. S. DE PONTET

Acêrca de livros

Abel FAGUNDES

1. PEDAGOGIA CIENTIFICA — A. M. Aguayo. — 2. PEDAGOGIA — Djaier Menezes. — 3. A CRISE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO — Sud Menucci. — 4. — A ILIA DO TESOURO — Robert L. Stevenson. — 5. ENGLISH — ISTHALF — DR. Jemar. 6. — POPULAR CONVERSATION FOR DAILY USE. — 7. ARGUMENTOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO. — 8. ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE S. PAULO — A. Almeida Junior. — 9. ENCICLOPÉDIA PEDAGÓGICA PROGREDIDOR — (Revista). — 10. INTELIGÊNCIA — (Revista). — 11. — REVISTA DO DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA DOS MUNICÍPIOS — (M. Gerais).

"PEDAGOGIA CIENTIFICA" — A. M. Aguayo — Trad. portuguesa de J. B. Damasco Pena — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1936.

Constituindo o volume 18 da série "Atualidades Pedagógicas", deu-nos a editora bandeirante mais um alentado trabalho do já festejado mestre cubano Aguayo, enriquecido pelas abundantes notas do abalizado tradutor prof. Damasco Pena.

Dividiu-a o A. em duas partes, na primeira das quais estudou a psicologia infantil, reservando a segunda à metodologia, ou melhor, à didática, ou melhor ainda, à *direção da aprendizagem*, que é como ele a define em outro livro.

Preliminarmente, convém registrar que o presente livro deverá ter sido publicado antes da "*Didática da Escola Nova*", que a mesma Editora Nacional editou em 1935, pois no prefácio deste é que o A. anuncia o propósito de vir a

dar à publicidade a "Didática". Assim se explica porque, ao folhear a obra sob exame, não se tem a sensação da novidade. E' que muita coisa já foi vista no livro a que vi-mo de nos referir, e, aliás, muito mais desenvolvidamente.

Na *Pedagogia* o A. apenas aflorou a superfície de alguns assuntos pertinentes à didática, deixando para estudá-los com mais vagar e extensão em obra especializada. Na *Didática* se encontram os capítulos de XVIII até XXVIII, inclusive, da *Pedagogia*.

Vejamos, porém, à *vol d'oiseau*, o conteúdo da obra. Parece-nos muito claro o A. na conceituação da aprendizagem, na análise do processo de sua realização, na estimativa do seu valor. Não menos no tratar dos métodos de investigação da psicologia da aprendizagem.

O pior é que esses métodos se servem da estatística, e, por mais que o pretendesse, não pôde o A. ser suficientemente explícito ao fornecer regras, fórmulas, curvas, cálculos de desvios — padrão e erros — prováveis, médias, normas, medianas e quartis.

Muito se tem falado entre nós da necessidade de motivar (para o aluno) o trabalho escolar. Mas há ainda certa nebulosidade em torno do assunto. Entendem uns que a motivação é exterior, que o mestre procura o ponto de partida, o fato, a coisa, em torno do ou da qual se há de polarizar a atenção infantil, como limalha que se agrega ao iman. Outros ensinam que o interesse não carece de excitantes externos, dispensando a sondagem do professor, a descoberta do seu centro, manifestando-se livremente, quando existe.

Quanto a nós, ficamos, sem escrúpulos, ao lado das duas correntes. A não ser na satisfação de necessidades naturais, a nossa inteligência só se interessa pelo que já exista em nossa imaginação. Se eu ignoro, por exemplo, a existência de um vulcão na Índia, como posso interessar-me por saber se é extinto ou ativo, se ameaça cidades ou vomita suas lavas em areias desérticas? Primeiro, pois, está a apropriação da coisa ou fato; depois vem o interesse, reação simpática em face desse fato ou coisa percebida.

Dai, duas modalidades de interesse: *espontâneo*, quando, por iniciativa própria, ou por acaso, o indivíduo se apodera de uma informação, ou conhecimento, ou imagem, em face da qual sua curiosidade acorda, desejando esclarecer-se melhormente a seu respeito; *provocado*, quando, intencionalmente, o experimentador sugere, mostra, informa, fornece alguma impressão ao indivíduo com o propósito de obter sua atenção simpática em relação ao dito excitante.

No mesmo ponto de vista se coloca AGUAYO, preceituando o uso contínuo da motivação, sem, entretanto, chegar ao exagero dos filantropos, querendo suprimir todo o esforço, exercício e prática desinteressantes, mas imprescindíveis sob diversos aspectos.

Capítulo dos mais importantes é o em que se estudam os princípios gerais, os processos e as condições da aprendizagem, no animal e no homem, possibilidades de sua transferência nos diversos domínios da psiquê.

Para o professor militante mais valiosa é ainda a parte que trata da aprendizagem econômica. Ai são passadas em revista as muitas investigações relativamente à rapidez e exatidão da aprendizagem, contribuição do exercício para a realização desta, distribuição conveniente dos períodos de prática, a respeito dos quais escreve: "As práticas de breve duração com largos intervalos são mais favoráveis quando se trata de atividades motrizes complicadas. Em relação aos movimentos muito simples, é melhor, a princípio, exercícios concentrados. Depois que o hábito começou a se formar suficientemente, as práticas muito concentradas não são mais favoráveis à sua fixação do que as sessões melhor (?) distribuídas" (pag. 106).

Depois, vem a análise da variabilidade individual do ponto de vista da educabilidade e da simples aprendizagem. Há diferenças exteriores: rosto, estatura, peso, cor, sexo. Aliás, convém deixar aqui consignadas as seguintes passagens sobre as diferenças devidas ao sexo (pag. 120): "De modo geral, pode-se dizer que não há qualidades ou traços mentais exclusivos do sexomascuino ou do feminino. As

diferenças entre ambos consistem em graus de desenvolvimento de uma aptidão, caráter ou disposição" ... "Os estudos experimentais sobre a inteligência demonstram que *não ha diferenças* apreciáveis de capacidade mental entre os sexos". (É nosso o grifo).

Registamos o fato apenas para indicar mais um subsídio ao estudo do palpitante e inadiável problema da coeducação, ao qual inda teremos ensejo de nos referir antes de concluir esta apreciação.

Temperamento, caráter, meio ambiente, raça, são fatores de diferenciação também estudados com imparcialidade.

No que toca à influência do meio social, há um dado importante: o de que os trabalhos estatísticos de Odin demonstraram ser de Paris ou de outras grandes cidades a maioria dos escritores franceses (pag. 128). Este fato nos chamou a atenção, em primeiro lugar, porque nos pareceu pouco explícita a informação, não esclarecendo se essa maioria é de nascidos nessas grandes cidades, ou se é de egressos do campo que viessem pompear nos grandes centros as galas de sua robustez psico-física. E essa especificação não seria despidianda, porque há quem afirme ser justamente a campanha que oferece à cidade novas reservas para o seu consumo devorador, reservas nas quais se incluem verdadeiras *élites*, tanto do ponto de vista somático como do mental. Assim, por exemplo, Sud Menucci (1), ilustrando o asserto com o exemplo de Roma e amparando-se em Oto Amon e em Wilfredo Pareto.

Nosso reparo apenas quer sugerir que o problema ainda não está de todo resolvido, e que é, a um tempo, dos mais difíceis e atraentes da psicologia social.

Vem a seguir o estudo da memória e dos seus respectivos processos de incorporação (aprendizagem) e de descarga (esquecimento). Aí se estuda o que é a memória, como ela age, condições que a favorecem ou prejudicam, pro-

(1) Conferencia na S.A.A.T., em 8-5-33, in "Crise Brasileira de Educação", 2.ª edição.

priedade, espécies, métodos e meios de sua medição, experimentes utilizáveis para reforçá-la.

Daí passa o A. ao estudo da fadiga, examinando as hipóteses até agora aventadas para definir-lhe a natureza e precisar-lhe a etiologia.

Sejam fisiológicas ou psicológicas as suas causas (o A. não toma partido aqui), o certo é que o fenômeno existe e insistentes pesquisas se têm realizado para medi-lo. Essas investigações interessam pouco ao mestre-escola, que, segundo o A., "não deve recorrer aos métodos de medida sinão quando visar fins de caráter científico. A habilidade do mestre consiste, não em medir a fadiga uma vez produzida, e sim em evitá-la; e, para isso, deve acostumar-se a perceber os sinais característicos deste estado mental (desatenção, jôgo, bocêjos, intranquilidades, etc.)" (pag. 153).

Da memória passa-se à inteligência. "Nada mais controvertido entre os psicólogos que o conceito de inteligência", — eis como começa o capítulo.

Na realidade, e maugrado a aparência, não é preciso definir para conhecer. A recíproca é que é verdadeira. A definição só é possível após o conhecimento. Restando ainda por estudar e compreender múltiplos aspectos da inteligência, as definições, que ora temos dela, podem ser aceitas apenas a título provisório, como condensação do até aqui aprendido a respeito dela.

Aliás, com sua constante prudência, o A. afirma que "a inteligência é algo muito complexo, que se não presta a definição precisa".

Alguns de entre os aspectos conhecidos são os processos: compreensão da dificuldade, invenção ou síntese e crítica ou exame da solução encontrada. Preparatórias desses processos são as atitudes: atenção ativa, apercepção, imaginação criadora, raciocínio, etc. (pags. 156-157).

Passando depois à medida da inteligência, estuda o movimento mundial dos testes, alinhando várias amostras, que pecam por fracionárias, impedindo sua aplicação e tiran-

do-lhes mesmo a possibilidade de servir para a elaboração de novos testes, que exigem uma gradação só verificável dispendo-se da totalidade das questões.

A observação, a memorização, seus princípios fundamentais e suas técnicas, são estudados com clareza. Cogitase, depois, do pensamento. Aí navega o A. na esteira de John Dewey e outros autores, analisando o ato de pensar, suas causas, processos e efeitos, e principalmente a importância dos problemas, tipos destes, atividades diretrizes na sua resolução, respostas, etc.

Na aprendizagem de apreciação, focaliza-se o grave problema, a questão educativa por excelência, ou seja o cultivo das reações afetivas.

Vivemos mais sob o império da afetividade do que sob o da inteligência. Não sentimos como pensamos, e sim pensamos como sentimos. AGUAYO nos adverte de que essa aprendizagem não dispõe de técnica bem elaborada (pag. 212).

Devem ser ocasionais os exercícios. "Nada há de mais absurdo, ou mesmo de mais ridículo, que assinalar no programa uma lição sobre o gôza duma obra de arte ou sobre o remorso produzido por uma ação má" (pag. 213).

Transcreve os princípios de Burton aplicáveis à aprendizagem direta de apreciação. Chamou-nos a atenção o fato de o A., que possui uma cultura universal em matéria de educação, não ter feito sequer referência às instituições escolares por meio das quais, hoje em dia, se tem procurado aprimorar a conduta dos estudantes, e que, evitados os exageros, parecem efetivamente constituir o melhor meio de pôr em jôgo a personalidade nas suas relações com o grupo.

Estamos agora em face da segunda parte da obra, que versa sobre a direção da aprendizagem, ou seja sobre a metodologia do ensino primário.

Já frisamos que há nesta parte poucas novidades. Estudam-se primeiramente os métodos gerais e os especiais, aliás sem clareza, concluindo-se pela inanidade da distinção, porque "todos são gerais e especiais ao mesmo tempo".

Passando ao estudo dos métodos globais (Decroly, jôgo, projetos, ensino coletivo livre), não nos diz se são métodos gerais ou especiais, talvez porque logo no início do capítulo imediato manifeste sua absoluta discordância com os que fazem distinção radical entre métodos e processos (241), preferindo classificar os métodos em ativos, funcionais ou vitalizados e passivos, tomando como critério a atitude do aluno em face da aprendizagem.

Final, assiste ao A. certa razão. Certas técnicas pessoais, certos princípios particulares, muitos detalhes de processualística, entraram no campo pedagógico com o pomposo rótulo de métodos.

A reação dos que quiseram reservar à palavra o seu sentido filosófico foi baldada. Há um método Montessori, um Decroly, um de projetos, e se não ha método Dalton, Jena, Winneka e outros, é porque os autores ou tradutores preferiram a *método* as palavras *plano* ou *sistema*.

Esta questão, porém, não importa na prática.

E' de frisar, ai, algumas considerações sobre o método prático, isto é, aquele que obriga a criança a trabalho físico e mental, e do qual têm abusado muitos mestres super-ativistas. Como exemplo, cita os que não ensinam a multiplicar 20 por 15, sem tomar 20 pacotes de 15 palitos, esquecidos de que êsse expediente só serve para fazer entender o fato mul tiplicativo, sendo mister abandoná-lo logo depois de memorizados os resultados das combinações dos números simples, sob pena de peiar a inteligência e forçá-la a eterna dependência dos sentidos.

Vem a seguir a questão do estudo dirigido, que não é sinão a criação do ambiente necessário à educação, empregada a palavra ambiente num sentido abrangente. Neste particular, há um conceito do A. que merece transcrito para escarmento dos testmânicos: "Ao estudo dirigido interessa não tanto o que o aluno aprende, *mas sim o modo por que o faz*" (253).

Esse modo de fazer aprender é o que começa a ser tratado no capítulo seguinte. A lição é um objetivo interdiário da educação. E' a unidade-conhecimento em que se

desdobra o plano intelectual da educação. Requer-se, para a lição: "um propósito determinado, um aluno ou grupo de alunos que deve realizá-lo, e o mestre, que os guia, aconselha e estimula" (264); "... todo plano de lições tem três fases ou aspectos essenciais: I — O fim ou propósito nela visado. II — Os processos a empregar na motivação da aprendizagem; e III — A técnica da lição, ou, o que é a mesma coisa, os exercícios, trabalhos ou práticas em que a mesma se decompõe" (265)

A lição varia de tipo conforme seu objetivo, e reclama cuidadoso preparo relativo aos seguintes pontos: "1.º, o conhecimento do grupo de alunos a quem a lição será dada; 2.º, o fim da aprendizagem; 3.º, a motivação ou incentivo do trabalho; e 4.º, os métodos ou processos didáticos, material docente, etc., de que o professor pode utilizar-se" (267).

Também recomenda a auto-crítica da lição (268), para o que fornece um ótimo questionário.

De feito, se todo mestre cuidasse de investigar as causas de seus êxitos ou fracassos na ministração do ensino, muitos e muitos êrros seriam evitados, e excelentes práticas empregadas ao acaso, por invenção de momento, incorporariam-se aos procedimentos habituais do professor, fazendo render o seu trabalho.

Eis-nos agora na parte metodológica, que começa por onde devia: pela leitura. Técnica fundamental, é, ao mesmo tempo, a mais difícil.

Daí, os pacientes estudos, as miúdas investigações que tem provocado. O olho percorre a linha em movimentos rápidos e descontinuos, entre os quais ha pausas de fixação, se o leitor não apreende totalmente o sentido, tem de fazer movimentos regressivos, como para *apanhar* o sentido que ficou. Na leitura silenciosa, o sentido é percebido mais cedo do que na oral, porque elimina-se a interferência da bôca, que enuncia, e do ouvido, que recebe, para levar ao centro de interpretação. Na oral, olhos e bôca não marcham no mesmo passo. Aqueles estão já no fim da linha, a última

no começo. Essa diferença é a amplitude oculo-vocal, quasi nula nos principiantes, enorme nos bons leitores.

Não se percebem letras, na leitura, mas uma palavra, mesmo grupos de palavras. Letras há que sugerem a palavra, tais as consoantes, as iniciais, as de haste, as de forma muito especial, e são chamadas *determinantes* (275). E' o mesmo que entre nós se tem chamado de dominantes. Reunidas as letras em palavras, os primeiros sinais importam mais do que os últimos, e a parte inferior das palavras mais do que a superior. Não basta, porém, o reconhecimento das letras e suas combinações. Importa interpretar o conjunto. Nessa interpretação, houve quem julgasse haver correlação com a rapidez ou lentidão da leitura. Melhores intérpretes seriam os leitores lentos. A estatística de Judd não autoriza tal conclusão.

A' pag. 278 afirma o A. "que há razões para crer que o ensino da leitura só deveria começar no 3.º grau da escola primária". E aponta algumas de tais razões: 1.º, a leitura se vale de símbolos; 2.º, freqüentemente as crianças de graus inferiores adquirem maus hábitos; e 3.º, o processo da leitura é quasi ininteligível para os alunos, que se aplicam ao reconhecimento de símbolos, esquecendo-se do pensamento.

A nosso ver mancam inteiramente estas razões:

1.º) porque a vida está atulhada de símbolos insubstituíveis, e principalmente porque a experiência universal, facilmente traduzível em dados estatísticos, demonstra que mesmo antes da idade escolar, nos cursos pré-primários, crianças normais de 5 e 6 anos aprendem a ler; 2.º) porque os maus hábitos, que se podem adquirir, não são inherentes à leitura, devendo atribuir-se a defeitos do método ou falta de habilidade do docente; e 3.º) porque é inevitável a interpretação do pensamento desde que se vença a dificuldade mecânica; lida a palavra, é forçosa a sua interpretação, e quem a não interpretar será porque não lhe conhece realmente o significado, não sendo possível desconhecer o conteúdo significativo da palavra apenas por ter sido escrita.

Ainda bem que o A. reconhece que por necessidades sociais a leitura já se estuda nos graus inferiores (278), o que é justificável porque logo nos começos da segunda infância a criança é tentada a ler.

Em matéria de métodos, o A. é globalista.

Aceita e aplaude os métodos de orações e contos. Exemplifica o que sejam, um e outro. Daí, passa a censurar a excessiva preocupação das escolas com a leitura oral, que, embora não deva ser abandonada, deve ceder a primazia à silenciosa, que é mais útil e econômica (284). Estuda os erros de leitura, como também os seus defeitos, oriundos de maus hábitos ou de insuficiências anátomo-fisiológicas dos leitores. Não diz, porém, como fazer para corrigi-los.

Ao tratar dos progressos na leitura, e sua medida, o A. evitou falha que já lhe censuramos atrás, isto é, transcreveu integralmente o teste de Thorndike-Mc Call-Graupera, e consignou, embora laconicamente, instruções para sua aplicação.

Segue-se o capítulo relativo à aprendizagem da escrita. Eis como começa: "A criança não gosta da escrita, porque a escrita é uma atividade artificial, que se não prende a nenhum interesse ou necessidade da infância" (295). Aliás, isto apenas confirma as prevenções do A. para com a escrita. Já na pag. 284 diz que se deve "deixar de lado a escrita durante o primeiro ano da escola primária".

Francamente, não chegamos a perceber por que transcidentes razões será a escrita artificial, sem que também o seja a leitura, que é a mera interpretação dos sinais escritos. A escrita precedeu a leitura, é claro.

Não cremos que a capacidade de ler amadureça antes da de escrever. As inspirações e as oportunidades para uma e outra atividade são as mesmas.

Tanto a criança finge ler o jornal, imitando os adultos, como procura escrever, e até preferentemente escreve, porque os garranchos que rabisca lhe exigem mobilidade, dinamismo, ao passo que a leitura exige fixidez, imobilidade.

Nenhum dado positivo, nem mesmo argumentos de ordem doutrinária, expendeu o A. para justificar porque não deve haver simultaneidade no ensino de leitura e escrita. - A nós nos parece, bem ao contrário, que tudo aconselha a que essa dupla aprendizagem se faça paralelamente, e nem acreditado em força humana capaz de impedi-lo. Vendo o mestre escrever no quadro o que deve ser lido, ou fazer a escrituração dos seus livros escolares, examinando os avisos novos que de vez em quando surjam na escola, a criança será levada a tentar escrever, e no fundo sentir-se-á humilhada por não poder fazer o que fazem todos, nomeadamente os seus colegas de graus superiores.

Entre nós (em Minas, pelo menos), o método analítico não se tem aplicado apenas à leitura, mas à escrita também, concomitantemente, e em anos já dilatados de prática nenhuma voz se levantou ainda para apontar males do método neste particular.

No tratar o restante da matéria pertinente à escrita, o A. foi minucioso, prático e claro.

Apenas lamentamos que não apresentasse todos os exercícios preparatórios da escrita, de Freeman, limitando-se a apresentar um, e ainda mais que só oferecesse parte de uma escala de medida da escrita (a de Thorndike). Escala fracionada é inútil.

Não podemos deixar de nos referir às conclusões de Bryan, Gilbert e outros, que, após experiências, verificaram que a rapidez dos movimentos, na escrita, ganha maior rapidez nas meninas do que nos meninos (300).

É um argumento que agrada aos adversários da coeducação, assunto que, aliás, está a exigir um estudo sério, sistemático, e sobretudo urgente.

Tangente ao problema da escrita, ou parte integrante dele, é o problema ortográfico. Mesmo em castelhano, cujo sistema ortográfico é uno, simplificado ao extremo, a questão se levanta, erichada de dificuldades. No Brasil parece até necessário abandoná-lo presentemente, tal a confusão reinante.

Sob o ponto de vista didático, importa particularmente, no caso da ortografia, fazer o estudante fixar a forma exata, que há de reproduzir.

Várias investigações demonstram que o melhor meio de gravar as formas gráficas é pôr em jôgo todos os poderes aquisitivos. LAY verificou que o menor número de erros de escrita se dava quando o aprendiz copiava pronunciando as letras suavemente (visão + articulação + audição). BAIRD chegou a resultados idênticos. O número de erros era menor quando o aprendiz via, ouvia, pronunciava e escrevia as palavras (visão + audição + articulação + audição + exercício muscular). A parcela audição entra aqui 2 vezes, porque o aluno ouve a palavra de outra pessoa; depois, pronunciando-a, ouve-a de novo.

Observação importante se fez também relativamente ao tempo dedicado ao estudo da ortografia.

A conclusão, um tanto inesperada, é que importa muito mais o método e a forma dos exercícios do que o tempo empregado.

Também se tentou saber se era mais aproveitado o ensino ocasional da ortografia do que o sistemático. Os dados colhidos não permitiram sentenciar a respeito.

A parte de didática da aritmética abrange dois capítulos, de fls. 245 a 361. Analisa o A. os objetivos desse ensino, suas dificuldades, para depois considerar os processos mentais postos em jôgo para a aprendizagem. Detém-se no estudo das quatro operações fundamentais, alinha as combinações básicas dos números simples, critica os processos operatórios, baseando-se sempre nos resultados de pesquisas relativas à matéria. Também considera o ensino dos números fracionários ordinários e decimais. O método que prescreve é o indutivo-dedutivo. Relatando a experiência de J. C. BROWN, conclue que o exercício é indispensável em aritmética. A educação, pode afirmar-se, traduz-se em memorização. Evitá-la é impossível. Ou se memoriza ou não se aprende.

O que há de condenável são certos processos de decorar, conducentes a mera repetição de palavras. Fixar, eis o objetivo; *entender*, eis o caminho mais curto e o único definitivo.

Muito influe nos resultados do exercício a duração e a distribuição dos períodos de prática.

A experimentação, feita sobre o assunto, levou à conclusão de que "o progresso ou ganho é tanto maior quanto mais distribuído seja o exercício" (354). A melhor distribuição é de 15 a 20 minutos diários, conforme HAHN, THORNDIKE e H. REED.

As diferenças individuais são muito acentuadas quanto à capacidade de aprender matemática. O estudo dirigido, a observação do professor, a aplicação de exercícios específicos para indivíduos ou grupos que encontrem dificuldades particulares, eis o meio de conseguir aprendizagem. Esta deve ser periódicamente medida por meio de testes. Como exemplo, transcreve-se o de COURTIS, adaptado pela sta. POLLEDO às escolas cubanas, no qual, aliás se omitiu um dado essencial, isto é, o grau de escolaridade das crianças a que foi aplicado.

Finalizando a parte didática, vem um desenvolvido capítulo sobre o desenho, que o A. entende aplicável a todas as matérias, e que encerra duplo valor: cultural e prático. Será, talvez, por isto mesmo, que o A. fez deste capítulo um dos mais completos de seu grande livro.

A seguir, temos um estudo sintético e eclético das medidas usadas em pedagogia, enriquecido por várias tabelas com valores e índices de certos fenômenos, números de constante aplicação no tratamento dos dados colhidos na experiência.

O tradutor do livro, prof. Damasco Pena, fez um trabalho escrupuloso de tradução e de anotação. Tanto se preocupou com o esclarecimento de questões que achou menos claras no texto, e com a indicação de outras fontes além das inúmeras citadas pelo A., que até se excedeu. Em todo caso,

é consolador poder afirmar-se que o educador nacional fez bela figura ao lado do educador estrangeiro.

O livro de Aguayo pode ser aconselhado encarecidamente a todos quantos tenham o que aprender em questões de educação, na teoria ou na prática.

E' verdade que o professor que procura processos, expedientes que lhe facilitem o ensino desta ou daquela matéria, de um ou de outro ponto, não encontrará aí grandes auxílios.

A obra serve mais àqueles que, conhecedores das finalidades a atingir, são capazes de adequar a essas finalidades processos de sua própria inventiva.

A Editora Nacional está de parabéns pelo aparecimento do penúltimo volume publicado de suas atualidades pedagógicas.

— — — — —
 "PEDAGOGIA" — *Djacir Menezes* —
 Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.

Publicista festejado, o sr. Djacir Menezes, após um descanso longo, durante o qual militou em outros domínios, pondo em letra de fôrma oito livros sobre assuntos científicos e filosóficos, voltou ao tema inaugural de sua atividade literária, ou seja a educação. Publicou, então, quasi sempre editados pela Livraria do Globo, um tratado de psicologia, um dicionário psico-pedagógico e, por fim, o presente manual.

Foi propósito do A. dar ao seu livro "orientação científica e positiva" (Pref., 7). Para tal, começou combatendo os líricos educacionais que, em floreios retóricos, pretendem fazer passar a educação por um poder onipotente, divindade mais que criadora, porque capaz de fazer do mau o bom, do imperfeito o perfeito. Adverte com sizo: "A crença pueril de que a educação faz tudo, deve ceder lugar à convicção científica de que a educação fará muito" (Pref., 6). Porque? A resposta está na pag. 5: "A educação tem seus

limites traçados: no indivíduo ,pelas leis biológicas; na coletividade humana, pelas leis sociológicas". O aperfeiçoamento, que ela pode proporcionar ao indivíduo, encontra limite preciso e invencível na fixidez do patrimônio hereditário".

Não passa despercebido ao A., que o ventila logo de início, o problema da desadaptação de nossas escolas aos variados locais em que se instala, drenando gente do interior para o litoral, da faina agrícola para o parasitismo burocrático, da produtividade rural para a meia intelectualidade acadêmica, contribuindo como fator preponderante para a desorganização da economia nacional.

A situação é ainda mais dolorosa quando se considera que, enquanto grande número de indivíduos recheia as academias, as escolas primárias, superlotadas no 1.º ano, apresentam nos dois últimos anos do curso diminuto número de alunos, ou porque, tangidos pela necessidade, tenham de os escolares procurar fontes de renda, ou porque tenham ficado retidos nos anos inferiores, ou pelas duas causas a um tempo, de qualquer forma, porém, demonstrando quanto carece de organização do nosso aparelho educacional, errado de todo em todo.

Mas... acompanhemos apenas o pensamento do A.

Abrindo o livro com *noções gerais*, o sr. Menezes estuda aí a genese da educação, proclamando-a filha da sociedade, que a criou para promover a adaptação do indivíduo ao grupo, forçadamente diverso dos demais grupos.

Toda sociedade tem seus processos educativos, mesmo que não possua escolas, códigos de educação, pessoas especializadas na função de educar.

Não há, porém, educação sem aprendizagem.

Ela é reconstrução de experiências, é a aquisição de reações mais úteis e econômicas, em face de determinadas situações. Mas dar-se-ia o caso de o homem se imobilizar antes do aprendizado? Não, e esta negação está na própria definição acima, de Dewey. Conhecendo ou não, o homem age, bastando para isso que haja um desequilíbrio, uma falta

a compensar. Obtida a primeira consequência do ato, de reação, ela servirá de base para futuros melhoramentos.

Ordenar essa reconstrução, metodizá-la, ampliá-la a outros domínios, tal a função da pedagogia, que investiga as generalidades humanas e as peculiaridades do educando, assim como a teia complexíssima de condições que influem sobre o indivíduo, deduzindo então as leis gerais reguladoras do desenvolvimento e os meios de aplicar essas leis.

O A. foge à definição de Pedagogia (pag. 12) e nem sequer cita alheias definições. Contenta-se com dizer que Thorndike *acha* que a educação é ao mesmo tempo ciência e arte, parecendo confundir educação com pedagogia, o que é estranhável.

Proclama o caráter social e funcional da pedagogia (13), e define a educação, em sentido restrito, com felicidade, "como sendo a ação prolongada e sistematizada de órgãos sociais coordenadores das forças educativas, visando desenvolver no indivíduo suas qualidades inatas em sentido biológico e sociologicamente útil, segundo ideais claramente concebidos" (15). É fato que a definição não incluiu um dos fins primaciais da educação, o fim corretivo, que é hoje objeto da educação terapêutica.

Estuda a pedagogia nas suas relações com a psicologia, demonstrando a impossibilidade de uma pedagogia baseada na psicologia subjetivista, pois que "no estudo da criança o método tinha que ser de observação exterior, a compilação dos fatos observados, a inferência de leis, o estudo das condições técnicas da observação feita, etc."

Pergunta, após, qual a psicologia que serve de base à educação? Responde êle mesmo que Ferrière acha difícil fixá-lo, ao passo que Claparède acha fácilimo, desde que se permaneça no terreno dos fatos, tendo em vista principalmente o princípio da necessidade, causa do interesse e explicação causal do ato. Importa, pois, conhecer integralmente a conduta, o comportamento, cujas leis formulou o egrégio mestre genebrino.

O A. procurou unificar essas leis, como decorrentes de uma lei mais geral e fundamental — o desequilíbrio entre o organismo e o meio.

O conhecimento desse desequilíbrio, em todas as suas manifestações, não podia ser obtido pelo método introspectivo, falho para todos, inaplicável a crianças. Só se pode obter pelo extrospectivo, que se vale dos estudos de: conduta, obras infantis, estrutura e fisiologia infantis, reações motoras. (22)

Os dados colhidos dessa pesquisa, organizados em corpo de doutrina, constituem a pedologia, ciência nova, ciência da criança, formada por contribuições variadas, da glotologia como da zoologia, da etnografia, da sociologia, da história, da antropologia, etc., etc.

Cuida-se agora de estudar o paciente da educação em face das influências que recebe: de um lado, as da herança (endógenas), de outro lado as da educação (exógenas). Ambas reagem uma sobre a outra. O que resulta desse atrito — eis o indivíduo.

Estudar o equipamento de tendências que a herança biológica dá ao indivíduo, como se processa a atividade dessas tendências, que modificações, correções, melhoramentos comportam, eis a tarefa da psicologia genética ou funcional.

O desenvolvimento constitui objeto do capítulo seguinte, e é encarado sob os dois aspectos somático e psíquico. Há entre os dois um certo paralelismo, e, no geral, as modificações somáticas influem sobre o psiquismo. Por isso, ao lado da cuidadosa observação dessas modificações, cuidaram os sábios de mensurá-las, e daí a antropometria, de que é ramo a *pedometria* (medição da criança) (pag. 27).

A endocrinologia veio trazer luzes à pedagogia, explicando avanços, retardamentos e paradas do crescimento por hipo ou hiperfunção das glândulas de secreção interna. O peso, a estatura, são utilizados também como fatores elucidativos de normalidade, supernormalidade ou subnormalidade das crianças.

O gradativo desenvolvimento psíquico se opera graças ao *interesse*, que aparece como consequência de uma *necessidade* e leva à realização de um certo *fim*. (34) Acrescentemos aí a consequência lógica: a *satisfação* que resulta da realização do *fim*.

A psicanálise também se propôs esmiuçar certos aspectos da vida afetivo-mental da criança (pedanálise), e examinou a evolução da sexualidade, a função dos jogos, regida pelo princípio do prazer e o da repetição. (35)

Acompanhando Artur Ramos, e citando Hesnard, o A. parece ser partidário da educação sexual, "substituindo o mistério do sexo pela verdade do sexo" (36).

O ponto de vista em que se coloca tem seu que de razoável. Não é preferível esclarecer lealmente, moralmente, limpamente, o mistério do sexo, que não é imoral, porque é biológico, universal, a permitir que a criança venha a conhecê-lo, depois de se interrogar angustiosamente, por meio de companheiros e através de nefastas experiências?

Cumpramos esclarecer que ainda não tomamos partido na questão, merecedora de profundo estudo, que ainda não fizemos.

Na classificação e divisão dos interesses o A. seguiu Claparède. Relativamente à adolescência, consigna uma interessante observação de Boubier, segundo o qual o bilhete tem curso maior em classes femininas, neles se extravasando o característico derrame sentimental desse período. Como, porém, o A. não consignou o outro termo da comparação, fica-se sem saber se é em classes mistas ou em classes masculinas que o número de bilhetes é menor. . . E' mister reparar também que observação sem apoio em números, como esta, merece pouca atenção.

E' ainda apoiado em Claparède que estuda o valor educativo dos jogos.

No capítulo sobre instituições pré-escolares, faz-se rápida apreciação sobre escolas maternais e jardins de infância; há aí uma nota sobre agrupamento de escolares de diferentes idades que merece divulgação. Pergunta-se se de-

vem ser agrupados ou separados os escolares de idades diversas. "Muitas autoridades pedagógicas consideraram a separação "um erro pedagógico" . . . se a instituição pré-escolar pretende adaptar para a vida real, deve começar inicialmente aproveitando as influências educativas, múltiplas entre grupos, quaisquer que sejam as idades. O que, de certa maneira, não impede uma seleção segundo critério pedagógico: pré-escolares, primários ou deficientes" (54).

Ao tratar de instituições escolares, dilucida bem a questão da atividade, que não é, só por si, educação funcional, porque esta "implica correspondência entre o interesse da criança e o que ela realiza no momento".

Censura a mania da alfabetização, que pouco ou nada contribue para adaptar o homem à vida, servindo até, muitas vezes, para incompatibilizá-lo com o seu meio. E toca logo no problema tangente a este, o da escola integrada no seu meio, refletindo-o, melhorando-o, ou seja, preparando o indivíduo para reagir sobre a ambiência, melhorando-a, sem lhe desvirtuar a natureza específica (62).

A evolução da educação antiga, do naturalismo grego até o intelectualismo de Herbart, é bem focalizada. Em poucas páginas deu o A. um resumo claro. Refere depois as primeiras tentativas de renovação pedagógica, atribuindo a primazia a Ernst Barth, seguido de Otto Beyer. As "public-schools" inglesas, escolas particulares, tentam a renovação, sem fundamentos científicos. Vem depois a Rugby School, de Arnold, com alunos divididos em grupos, num regime de trabalho em cooperação. Sanderson, dirigindo a escola de Oundle, cuida de eliminar a barreira entre a vida da escola e a vida civil.

A Alemanha, com Kerchensteir à frente, transforma sua escola de *Buchschule* (escola do livro, livrêsca) em *Arbeitschule* (escola do trabalho).

William James, com o seu pragmatismo, a ação como base do conhecimento, inicia o movimento de reforma nos Estados Unidos. Aqui é interessante observar que linhas abaixo vem o seguinte: "Claparède afirma com toda sua

grande autoridade: foi da Europa que nos veio, com James, a psicologia funcional".

O A. devia dizer em que obra de Claparède vem êsse disparate de transplantar James para a Europa; mesmo cometido o êrro por Claparède (e é de duvidar-se), não podia o A. perfilhá-lo, quando seis linhas acima o dá como precursor das novas idéias pedagógicas nos Estados Unidos.

Dewey lança uma nova filosofia da educação. Doutrina e prática, evidenciando a exequibilidade de suas idéias e o maior rendimento dos métodos que prescreve e adota.

Na Europa, Montessori cria uma escola vitalizada, tendo a liberdade como princípio e o desenvolvimento biológico, em sentido amplo, como fim. A liberdade foi, aliás, sacrificada na prática, dado que o ensino se fazia por meio de material analítico e formal".

Decroly, como Montessori, estuda e educa anormais.

Formula o princípio de globalização. Demonstra o sincretismo da percepção infantil. Copia a vida, elaborando programas com base nas necessidades fundamentais da existência. Aproveita o instinto de luta e supremacia, através dos jogos. Põe em jôgo os sentidos, põe-n'os ao serviço dos interesses infantis. E com sua larga visão, não se aferra ao seu método como sendo a última palavra da técnica pedagógica, e sim um método de transição, susceptível de reformas e até de substituição.

Um dos melhores capítulos do livro, assizado, lacônico, claro, é o respeitante à educação do pensamento lógico, constante aspiração da educação intelectual. As disciplinas não têm um valor em si; todo o seu mérito está em contribuir para educar o pensamento lógico. Para o A., as que mais contribuem para isto são as ciências físico-naturais. Elas permitem observação e experimentação sôbre que se podem basear leis. Disciplinam o espírito: fazem observar o ato isolado, compará-lo, identificá-lo com outros, formular hipóteses, verificar, concluir.

Ocorre-nos que Afrânio Peixoto, em "*Infancia e Juventude*". n. 7, pag. 423. adota igual ponto de vista, chegando

mesmo a taxar de rebarbativo o movimento moderno em prol das humanidades clássicas, que êle julga substituíveis, com vantagens de toda sorte, pelo estudo das ciências naturais, da sociologia, da economia política, da hygiene, da pedagogia, da história, da filosofia.

Como quer que seja, o pensamento lógico (ou reflexivo) deve ser cultivado na escola, porquanto êle só se exercita em face da situação nova, que se não resolve pelos processos habituais, requerendo uma nova fórmula, obrigando a considerar os dados da situação para encontrar a solução.

Conquanto não possa realizar bem, por si só, o pensamento reflexivo, mercê de sua escassa experiência, a criança reflete.

O A. é ainda partidário da lei biogenética fundamental: "o espírito infantil recapitula, sumariando, as diferentes etapas dessa evolução" (sociológica). Ora, não ha tal. Pode haver aproximações, pontos de contacto, sem, todavia, dar-se uma simples repetição abreviada. Isso seria a negação do progresso biológico, e, por conseguinte, a negação da evidência.

Daí passa-se à parte metodológica. Não se trata — nem o comportam o volume e o caráter do livro — de minuciosos preceitos segundo os quais, passo a passo, se desdobra o ensino de cada disciplina. E' apenas uma orientação geral, dentro de alguns princípios cardiais.

Volta o A., de começo, às ciências naturais. Verbera o ensino memorista, a mania da sistematização prematura, ministrada já feita aos alunos, ao envez de levá-los a observar, comparar, identificar e diferenciar, levando o próprio estudante a sintetizar.

Frisa a importância incomum dos meios de expressão, principalmente a atividade manual, no aprendizado. Binet a proclamou eloquentemente em cinco palavras: "*nous pensons avec nos muscles*"! Por isto, na escola de amanhã, a classe será "o atelier, a oficina, cheia de instrumentos de trabalho" (116-117). Não se pretende laboratórios, museus,

onde tudo esteja pronto. A isso são preferíveis os aparelhos imperfeitos construídos pelos próprios alunos.

No domínio da história também determinou a nova orientação pedagógica uma mudança notável: cultura do pensamento, não enriquecimento da memória.

Conhecer a história é compreender a vida social, presente ou passada. A sede de domínio é a mola da história, seja domínio da natureza, seja domínio do homem. As migrações, a transumância, a fome, as guerras, a habitação, são fatos históricos ao mesmo tempo que geográficos e sociológicos. Esses fatos são palpantes de interesse humano. E em vez de falar ao interesse da criança, damos-lhe uma sucessão de fatos seriados no tempo, forçamo-la a deduzir relações causais, tentamos obter que ela se represente instituições chocantes com as do seu meio, quando é certo que ela até os 10 anos vive da e para a sua própria experiência, fechada no seu egocentrismo (Piaget), e até os 12 anos não faz idéia nítida das divisões do tempo, baralhando unidades cronológicas" (Moine, pags. 125-127).

Sem explicar porque, o A. não quis estender sua crítica e sua orientação às demais matérias do currículo. Ficou nas ciências naturais e na história, e ao virar da página está o leitor aprendendo o que seja fadiga e quais os processos de medi-la. Aliás, a matéria está aí tão bem tratada quanto possível em livro que só versa sobre generalidades.

Tratando de anormais, começa o A. por dar o conceito de normalidade. Num grupo qualquer submetido a exame, nota-se uma tendência à repetição de um determinado resultado. Essa repetição se dá, maioria de vezes, ficando em minoria os números discrepantes superiores e inferiores. A média (o número obtido mais vezes, no exame) corresponde à normalidade. "Médio e normal são palavras sinônimas", diz o A. (147). Contesta, por isto, que haja dificuldade em definir a normalidade, como supôs Lourenço Filho, "uma vez que esse conceito de normalidade tem, com o método estatístico, toda a precisão científica" (146). Estuda o que são eranças anormais, quais podem ser as anormalidades, como se

educam os anormais, recenseamento dos mesmos no Uruguái, na Bélgica, em Paris, na Alemanha, na Inglaterra, em Roma Comenta a importância da atenção sensorial — se assim se pode exprimir — na educação dos anormais e conclue pela conveniência de isolar os super-normais em classes especiais, a exemplo dos Estados Unidos e da Alemanha, por não ser justo fazê-los esperar os retardatários.

Destina-se a parte final do livro a uma resenha do movimento dos testes, seguida de uma exploração sobre o método estatístico aplicado à pedagogia experimental. Conseguiu aí o A. notável clareza, explicando o que é média aritmética, discrepância, valor mediano, média ponderada, modo, variação média, erro provável, etc.

Na exemplificação, houve um cochilo do A. . . . ou do revisor. Assim é que, mostrando a variação média da série de valores (b): 1,1, 2,2 10,10, 10,10, 12 (12) pag. 172, cujas discrepâncias, relativamente a 6,4, média aritmética, são: 5,4 — 5,4 — 4,4 — 4,4 — 3,6 — 3,6 — 3,6 — 3,6 — 5,6 —, alinha êle as seguintes discrepâncias: 5,4 — 5,4 — 2,4 — 2,4 — 3,6 — 3,6 — 3,6 — 3,6 — 5,6 —, dando a menos uma diferença de 4 no total das discrepâncias, com repercussão na variação média, que é de 4,4, e não de 3,9, como está registrado (pag. 173).

O que é de lamentar é que tal livro não tivesse sido revisto com o cuidado que merecia. Quem disserta sobre assunto científico precisa de servir-se de linguagem simples, correta, afim de evitar induzir em erro o consultante ou deixar-lhe idéias obscuras. A revisão não permitiu ao A. revelar uniformemente esta virtude. Baralhou a pontuação, eliminou crases com fartura, transportando-as para letras em que elas não cabiam; deixou faltar letras em muitas palavras, pô-las demais em outras tantas. Algumas dessas falhas repercutiram desastrosamente no sentido das orações.

Pode o leitor verificar que não exageramos, lendo com atenção as pags. 19, 20, 21, 22, 26, 30, 31, 33, 35, 43, 48, 60, 70, 74, 75, 78, 92, 94, 97, 98, 99, 105, 108, 113, 128, 130 (bis), 131,

133, 138, 141, 146, 161, 173, fóra o que nos escapou, dada a natural fadiga da atenção.

Na pag. 162 há uma palavra mal empregada: *valorosa*, por valiosa. Parecem-se; são parentes; mas diversificam-se notavelmente quanto ao sentido . . .

Mau grado êsses defeitos, contra os quais devem os professores prevenir o espirito dos alunos, para que se não descoroçhem nem ponham em dúvida a competência do A., que o revisor tanto comprometeu, pode a Pedagogia do sr. Djacir Menezes ser posta em mãos das professoras e das professorandas, às quais prestará bons serviços, porque tem o singular merecimento de ser rigorosamente científica, ao mesmo tempo que é exemplarmente simples, breve, vasada em estilo vivo e fluente.

Sanados os defeitos apontados, e acrescida a obra de alguns capítulos injustificavelmente olvidados, pode a *Pedagogia* vir a ser dos melhores livros nacionais sobre a matéria.

“A CRISE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO” — *Sud Menucci* — Livraria Editora “Odeon” — São Paulo.

É ainda a 1.^a edição que nos envia a Editora Odeon. Edição de 1930. Entre esta e a 2.^a, que a Editora Piratininha lançou em 1934, verificou-se, por parte da Academia Brasileira de Letras, a concessão do 1.^o prêmio da série “Francisco Alves” a esta obra, que realmente o merecia.

O sr. Sud Menucci é um homem de talento. Assenhoreou-se de uma bela cultura. O destino fê-lo amearhar complexas experiências em questões de ensino, através de uma longa carreira, sempre ascendente, no magistério paulista.

Nada lhe faltava, pois, para estudar a crise brasileira de educação com clarividência, e para prescrever-lhe remédios, com segurança. Faz derivar a crise educacional da crise social e econômica: a escola não corresponde às necessidades da nação. A civilização brasileira tem de ser agrícola,

pelo menos no seu primeiro estádio. Não é, porém; tendo sido a agricultura mister de escravos, foi tida como incompatível com a dignidade de homens livres; a abolição arrancou o escravo da gleba, sem lhe dar substituto. O branco não queria fazer trabalho de escravos, e essa atitude avançou pelo tempo. Simples preconceito, sim, mas que só a obra educativa, insistente e duradoura, poderia erradicar.

Para os proprietários de terras, pois, só havia um recurso: fugir para a cidade, abandonar os campos inúteis. A administração pública percebeu o perigo do abandono das lavouras, e recorreu ao imigrante, o qual não resolveu integralmente o problema. Ocupando o lugar vago com a descreção do negro liberto, deixou-o a êste sem emprêgo, e a muitos dos que viviam do seu trabalho. Uns e outros correram para a cidade, para o emprêgo público, para as colocações incertas e transitórias. Foi o início do desequilíbrio econômico nacional, mais tarde agravado pela crise universal.

Desatentos à crise local, os nossos dirigentes, ao verificá-la, deram-se pressa em filiá-la à crise geral, graças “àquele velho e traiçoeiro processo dialético da analogia” (40). “A crise não era universal porque sómente abrangia os países que mais rápida e valentemente se haviam industrializado na América e na Europa” (41).

Esses países cuidaram encontrar na escola ativa, “admirável de concepção, magnífica de bom senso, genial mesmo”, o remédio para a resolução de “um gravíssimo impasse econômico” (79). Mas essa invenção magnífica não vingou fora do “habitat” em que viu a luz, segundo pensa Sud Menucci, ou então em ambiências congêneres. O desejo, o propósito, a tentativa de sua transplantação para o Brasil, obedece, diz êle, à “mania da cópia”, ao “desconhecimento das nossas necessidades e singularidades” (79).

Ora, eis aí o com que não estamos de acôrdo. A escola ativa não deve ser confundida com um programa de ensino.

Ela é, precipuamente, uma nova atitude da organização educativa em face do educando. Estudá-lo, nas suas possi-

bilidades, necessidades, peculiaridades temperamentais ou ambientes, e organizar os currículos e os processos de ensino de modo a que eles permitam o máximo desenvolvimento e a maior adaptação social do educando, eis, consoante pensamos, o que caracteriza a escola ativa. Ductil, plástica, mime-tista, por força dos próprios princípios psicológicos em que alicerça a didática, ela será escola de pescadores nas praias, de agricultores no campo, de industriais na cidade, de garimpeiros nas terras auríferas ou diamantíferas, e assim por diante.

A crítica severa do insigne A. procede enquanto diz respeito aos programas adotados entre nós logo que aqui se espalharam as idéias escola-novistas. Realmente, houve aí erros e exagêros, em os quais nós, como tantos outros, tivemos, com excelentes intenções, o nosso quinhão de culpa.

Mas os nossos erros não devem recair sobre o remédio adotado. A escola ativa continua sendo, e sê-lo-á sempre, não temos dúvidas, o definitivo sistema educacional.

Vamos aproveitar um simile do A.: "O problema educativo é como o da visão. Todos sabemos que os defeituosos da vista... precisam de óculos e lentes. O vidro corrige o defeito, normaliza as acomodações do cristalino e ajusta assim a visada, fazendo as imagens se refletirem na retina no ponto conveniente. A lente é, portanto, o supremo bem.

Estabelece, contudo, uma condição fundamental de êxito: para que dê resultado, é mister seja adequada. Nenhum médico iria aplicar a um míope as lentes de um homem de vista cansada. E, para um astigmático, são inúteis os óculos que servem ao presbíta.

Ora, a educação é como as lentes: corrige os defeitos de vista, desde que sejam as indicadas para cada caso. Mal adaptadas, não só não servem, mas desservem, porque complicam e impossibilitam o exercício do órgão" (89).

A nosso ver, a escola ativa não é a lente dos óculos, e sim a armação. E esta, com pequenas alterações, serve para qualquer rosto. Os programas, obedecendo a imposições lo-

cais, é que serão as lentes. Mas quaisquer que sejam êles, podem perfeitamente ajustar-se às diretrizes sociológicas da escola ativa, e utilizar-se dos seus processos de aprendizagem. Nada impede, portanto, que criemos a escola ativa brasileira, que será, afinal de contas, a mesma "escola brasileira", que o A. indica como única apta a solucionar o problema nacional, e que "pela sua maneira especial de atuar sobre a mentalidade do educando, faça dele um nativo típico, capaz de ser reconhecido, pelo modo de agir, pelo modo de pensar, pelo modo particular de sentir, como membro de um determinado povo num momento histórico determinado" (96).

Essa escola, com que sonha o A., é ruralista.

Espírito positivo, habituado a surpreender nos quadros estatísticos as várias etapas dos fenômenos sociais, êle cuida de planejar a escola para a maioria dos brasileiros, maioria que vive no campo, e que nele deve ficar.

O grande mal pelo qual êle, como tantos outros, responsabiliza a escola, é a sua notável contribuição para a emigração do camponês para a cidade.

Ela não aceita o meio; não o auxíliu; não o estíma; não o melhora: despreza-o, aborrece-o, odeia-o, humilha-o, põe-no, sempre que possível, em triste posição relativamente à cidade onde há arranha-céus, jardins, asfaltos, teatros, rádio, cinema, confôrto, numa palavra.

Ela aponta, pois, a cidade, como a Meca dos que desejam *viver*. Na roça não se vive: vegeta-se, animaliza-se. O homem só tem aquilo que também dá aos animais: alimento e abrigo. E assim ela vai seduzindo os roceirinhos, intoxicando-os de aspirações citadinas, incompatibilizando-os com a roça, e lançando-os, por fim, em pós da miragem urbanista.

Bem sabe o A. — e o regista — que não é só a escola a agenciar novos moradores para a cidade. A propriedade rural está, no país, em mãos de poucos. Insenso à lavoura por um residuo de psicologia coletiva, de vez que lhe parece estar apenas substituindo o negro, e, pois, fazer papel de es-

cravo, o camponês almeja libertar-se. O meio não lhe oferece oportunidades. A cidade, sim, tem-nas de sobra.

O recurso é ir-lhe em busca.

A pequena propriedade extingiria esse fator da desertção rural. Não estaria, porém, extinto todo o mal. O A. não se esquece de ponderar que essa corrida habitual para a cidade, não é propriamente um abandono intencional do campo, por desamor, por ogeriza. E' principalmente "a busca do conforto", o desejo de prosperar e crescer, de educar os filhos, de gozar de bens que na cidade estão ao alcance de todos, e de que o campo não dispõe (117).

Duas medidas são, portanto, necessárias: 1.ª) a instituição da pequena propriedade, vinculando o possuidor a coisa possuída; 2.ª) uma escola que preze a vida rural, que dela compartilhe, que cuide de melhorá-la, que vá, aos poucos, dotando-a dos benefícios que a ciência tem trazido à existência humana. Esta escola requer mestres especialmente preparados para ela, nas escolas normais rurais, que receberiam candidatos rigorosamente selecionados, prepará-los-iam com programas em que se estudaria minuciosamente a vida do campo, com seus inúmeros problemas (da habitação, da higiene, da puericultura, da técnica agrária, etc., etc.), e, sobretudo, inculcar-lhes-iam no espírito um inesgotável desejo de servir. Há ainda mais: quer o A. que se melhore as condições de habitabilidade da roça: mandem-se-lhe o rádio, a luz e força elétricas, o telefone, ligando-a, destarte, à civilização; facilitem-se-lhe meios de obter instalações hidráulicas.

O professor, ou melhor, o casal de professores, estaria à frente de todas essas iniciativas. Não é possível, entretanto, esquecer que os mestres são homens, e, como tais, não viverão de ideal e... brisa.

Seu esforço, dedicação e sobretudo a abdicação que fariam de todos os prazeres urbanos para se instalarem no campo, requerem recompensa. Neste particular, o Brasil tem feito, como diz o A., em epígrafe (164) a negação de uma lei de economia", a da oferta e da procura. Os professores, em

regra só vão para o campo se a isso obrigados. Todos querem vir para a cidade, mesmo ganhando menos. Assim, "pagamos menor ordenado aos funcionários que temos maior dificuldade em obter", sob a alegação de que a vida na cidade é mais cara. Nota-se, porém, que não faltam funcionários para a Capital. Devia-se compreender que "a perda voluntária do conforto, para ir realizar uma obra de elevação cultural, merece maiores recompensas" (165). Não se trata, porém, de aplicar às cegas o princípio decorrente desse ponto de vista, e mandar para o campo, com altos ordenados, todos quantos, longe de fiscalização, quizessem obter o máximo rendimento com o mínimo esforço, ou os que, necessitados de equilíbrio orçamentário ou reorganização financeira, se propuzessem a exilar-se na campanha, furtando-se aos gastos normais da cidade e onerar o roceiro, ou ainda os que, desejando amealhar dinheiro, vissem nisso o "negócio" conveniente. O ordenado maior destina-se a um trabalho maior, quantitativa e qualitativamente, do que o da cidade. E a não ser raros indivíduos dotados de predicados especiais, advindos da vocação, da experiência ou da boa vontade, só deveriam ir para o campo professores suficientemente preparados nas normais rurais, onde teriam entrado após rigorosas investigações.

Mas, quem prepararia esses mestres? E' o de que se cuida nas pags. 167-8: professores comuns para as matérias comuns, desde que simpáticos à orientação da escola; um médico para a cadeira de higiene, um agrônomo para a de agricultura. Não gente de gabinete ou de vistosas repartições ou de luxuosas instalações. Mas gente simples, habituada ao trato do caipira, compreendendo-o e estimando-o.

Aí está, por alto, o que se encontra no livro, a que o A. juntou, depois de premiada a obra pela Academia de Letras, um substancial apêndice sobre "O Ensino Particular e o Nacionalismo".

Não há negar que o ilustre professor paulista fez um estudo notável acerca do problema escolar brasileiro. Escreveu um livro vibrante, metódico, claro, erudito, cujo conheci-

mento completo e profundo é preciso a todo professor e a todo estadista brasileiro.

Hoje muitas das idéias que s. s. lançou estão consubstanciadas em obra, objetivadas em pedra e cal, nos edifícios já construídos para instalação de normais rurais e gravadas na consciência do país, que se esforça por realizá-las, seguindo o exemplo do A., que legislou sobre o assunto quando ocupou, dando-lhe grande lustre, a Diretoria do Ensino de São Paulo.

ALHA DO TESOURO — *Robert Louis Stevenson* — Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre — Tradução de Pepita de Leão — Ilustrações de João Fahion

A Livraria do Globo vem se destacando dentre as editoras nacionais pelo seu empenho em vulgarizar entre nós as obras primas da ciência e da literatura nacional e estrangeira.

Ultimamente, grande tem sido o seu empenho em fornecer livros reactivos à infância e à adolescência de nossas escolas, sendo inumeros os romances de aventuras que já espalhou.

Vem-nos agora às mãos "A ilha do tesouro", que é dos mais empolgantes nesse gênero. Relata a expedição empreendida a uma remota e quasi desconhecida ilha, onde o pirata Flint escondêra seu imenso tesouro, e cujo roteiro fôra subtraído pelo joven Jim Hawkins da mala de um hóspede da estalagem "Almirante "Benbow", de que sua mãe era proprietária. O estranho hóspede fôra um dos companheiros de Flint, e como antigos camaradas o descobrissem ali, assaltaram, certa noite, a estalagem. Jim mal tivera tempo de carregar o essencial, levando também o roteiro da ilha. Acorreu a policia, que auxiliou a fuga do rapazinho e de sua mãe, conduzindo-os à cidade, onde o Dr. Livesey, médico amigo da familia, resolve, com rico fidalgo, empreender uma expedição à ilha do tesouro. Compram um hiate e contratam a tripulação.

John Siber é o cozinheiro; tem uma perna de pau, e um papagaio ao ombro. Ia sem novidades a viagem, quando certa noite, Jim ouve planos terríveis de Silver e dos demais marujos, todos piratas sanguinolentos, antigos companheiros e rivais de Flint, que sabiamente vinham de conseguir atingir a ilha esperavam encontrar o famoso Tesouro que tanto sangue já custára. Jim previne seus amigos e prepara-se a luta, que começa no hiate para terminar na ilha. Morre gente de parte a parte.

Os piratas são quem perde a partida. Salva-se apenas Silver, o terrível Silver, alma danada capaz de todos os crimes. O encontro do tesouro fôra devido a Ben Gum, antigo pirata que ali fôra procura-lo. Não dando com o local exato, foi abandonado pelos companheiros, e, providencialmente, vinha agora servir de guia aos novos expedicionários.

Pois bem: Silver não lhe perdoou o auxilio prestado a seus rivais, e certo dia, apanhando-o de geito, já a bordo, durante a viagem de regresso, assassinou-o com violenta pancada no crânio, e fugiu.

Os aventureiros chegam afinal à Inglaterra, trazendo a respeitabilissima soma de 700.000 libras, em quanto importava o tesouro de Flint.

Já havíamos lido a narrativa na versão espanhola, bem feita e bem apresentada.

K

A Livraria do Globo não quis lançar obra tão afamada, e de si tão valiosa, sem bem fazê-la traduzir por pessoa idonea e sem dar-lhe vestimenta condigna. Assim, incumbiu de sua tradução a escritora Pepita de Leão, que se desincumbiu a contento, conservando a vivacidade, a movimentação dos fatos, através de linguagem apurada; e esmerou-se na parte material, dando um livro de grande formato, cartonado com ilustrções abundantes, a começar das faces internas da capa, estendendo-se profusamente por entre o texto para culminar em oito excelentes tricromias.

O aparecimento d'este livro é um fato alviziareiro, Urge comemora-lo, pondo-o em mãos dos adolescentes e pré-adolescentes, de quem será o encanto. E não se arreem de

conhece-lo mesmo os *adolescentes* de quarenta anos. Há livros que servem para todos os gostos. Esse é um deles.

Recomendando-lo especialmente à leitura dos quartanistas mais idosos — 11 — 13 anos — aos alunos de cursos de adaptação e admissão e a primeiranistas de ginásios, certo de que será devidamente apreciado, pelo conjunto de qualidades que enfeixa, justificando e confirmando os propósitos da sua editora, expressos na afetuosa e expressiva dedicatória com que o ofertou à nossa juventude.

ENGLISH — 1ST. HALF

Dr. Iemar's Language Series

Livraria Editora Odeon — S. Paulo

Encontra-se neste libretto de 54 páginas a 1.ª parte da série de linguagem inglesa do Dr. Iemar. Consta ela de apenas 16 lições, iniciadas todas por observações gramaticais de grande simplicidade e clareza. A seguir vem o trecho, em inglês, para leitura, ditado e tradução. Segue-se-lhe outro para versão.

As lições são bem graduadas, as palavras novas sofrem o número conveniente de repetições, e os fatos gramaticais, a que dizem respeito as observações, ocorrem com a frequência necessária à sua fixação na memória.

Nas últimas páginas encontra-se um vocabulário contendo todos os termos usados nos exercícios. Parece-nos, porém, que o A. não foi feliz neste particular. Acreditamos que a lista de palavras, com os respectivos significados, deve preceder o trecho no qual são empregadas.

Assim, quando o estudante passa à leitura do mesmo, já pôde ir interpretando o que lê. Fazê-lo lêr para, depois, ir procurar no fim do livro o significado de vários termos, se nos afigura processo anti-pedagógico, bastante para eclipsar as demais vantagens da obrinha, a que a Editora Odeon deu feição prática, publicando-a em tipo de caderno.

POPULAR CONVERSATION FOR DAILY USE

Livraria ODEON, editora — S. Paulo

Num livrinho de pequeno formato, agradável aspecto e fácil manuseio, a Livraria Odeon oferece aos que desejam penetrar a intimidade do idioma inglês, através da linguagem douurna, com a qual se torna possível o comércio social, uma série de 50 diálogos, várias cartas, taboas de números ordinais e cardinais, etc.

Versando os temas banais, porém obrigatórios, da vida diária, o libretto possibilita ao iniciante dos estudos do inglês prático manter as palestras necessárias ao desenvolvimento de negócios comuns e mesmo os diálogos amigáveis de que são assunto (em toda parte, felizmente) o tempo, as diversões, a moda, a saúde, e outros.

Como, entretanto, conversando, deve o estudante aprender outras expressões não contidas no livro, já traz êle algumas páginas em branco destinadas a notas complementares.

E' um pequeno livro indubitavelmente útil a quem deseja aprender a falar o inglês, sendo apenas de reparar que não traga a pronúncia figurada. Se o leitor tentar lêr inglês com pronúncia brasileira, de pouco lhe valerá, para dialogar, o conhecimento de todo o léxico t de toda a sintese inglesa. Será êle valioso para os que já têm conhecimento dos rudimentos da fonética inglesa. Os jejunos poderão dêle aproveitar-se, por sua vez, sanando-lhe a falha com o auxílio de um Valdez ou de outro dicionário prosódico.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Em matéria de ensino, S. Paulo não quer deixar de ser um alto padrão. Trabalha, realiza, investiga, conclue. E sem egoísmo. Colhe o fruto e espalha a mancheias, através do mais perfeito e regular serviço de publicidade pedagógica que já se organizou no país.

O acima dito ocorre em face do n. 2 da publicação cujo título epígrafa esta nota, número êsse relativo ao mês de setembro de 1936, e que ora temos em mãos.

Em suas 244 páginas se contém variados e excelentes trabalhos de educadores de Piratininga, a começar por uma conferência do prof. Fernando de Azevedo, diretor do Instituto, abalizado pedagogo e festejado escritor. Segue-se-lhe um magistral artigo da prof.^a Noemi da Silveira Rudolfer, catedrático de Psicologia Educacional, que, batendo-se pela adoção do método ativo no ensino superior apresenta planos, relaciona resultados, e, através dessa pesquisa realizada com segurança e critério, mostra como é possível dar oportunidade de ação e investigação aos estudantes, treinando-os ainda na prática da democracia.

O prof. Milton da Silva Rodrigues apresenta uma "Fôrma de cálculos para o ajustamento de parábolas a séries de observações".

Em desenvolvido trabalho, estuda a sociologia francesa contemporânea o prof. Paulo Arbonse Brastide, um dos membros da missão cultural estrangeira junto ao Instituto de Educação.

A seção bibliográfica traz a chancela do ilustre sr. Fernando de Azevedo, mestre dos mais preclaros de nossa geração.

Uma seção de variado e valioso noticiário completa esses arquivos, que, paradoxalmente, em vez de amortilhar o seu conteúdo, terão e estão tendo a missão de dar nova vida aos importantes trabalhos do Instituto de Educação de São Paulo, divulgando-os como orientação e exemplo às instituições congêneres dos demais Estados do Brasil.

ANUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE S. PAULO
1935-1936.

O sr. prof. A. de Almeida Junior, diretor do ensino em S. Paulo, apresenta ao Secretário da Educação de seu Estado um circunstaciado relatório das atividades do de-

partamento confiado à sua conspícua direção. Tal relatório constitui o ANUÁRIO, em o qual se encontram focalizadas, analisadas, resolvidas ou em estudos para solução breve, todas as questões respeitantes à escola paulista.

O ANUÁRIO, com as suas 575 páginas, dentro das quais os assuntos são encarados face a face, da periferia ao centro, sem ambages, sem temor da verdade, mesmo em desfavor de S. Paulo, dá uma idéia nítida da seriedade com que a administração bandeirante encara o problema, não como assunto de longas e retumbantes tiradas oratórias, mas como objeto de estudo, e motivo de trabalho.

A matéria está distribuída em cinco partes, reservada a primeira à Administração Geral do Ensino, a segunda à Administração do Ensino Primário, a terceira à Educação pré-primária, a quarta à Educação Primária, à quinta aos Grupos Escolares, a sexta à Escola Rural, a sétima ao Ensino Municipal, a oitava ao Ensino Particular, a nona ao Ensino Secundário e Normal.

Merecem destaque certos alvites e soluções propostos pelo ilustre diretor do Ensino, a bem do serviço. Com rara argúcia penetrou êle a situação dos delegados do ensino e outros funcionários de inspeção, cuja causa muitas vezes advoga, reconhecendo, como universalmente se reconhece, serem êles indispensáveis ao aparelhamento escolar. Precisam de ser recrutados com o máximo cuidado. Raros funcionários precisarão de predicados em grau elevado tanto quanto dêles precisam tais funcionários. Porém, uma vez escolhidos, é mister dar-lhes autoridade e responsabilidade, remunerá-los condignamente, compensar-lhes o desassossego a instabilidade, o desconforto por meio de contínua assistência moral. E' assim que o prof. Almeida Júnior enxerga a situação.

A atividade de sua Diretoria abrangeu os problemas da literatura didática, das bibliotecas, do cinema educativo, do canto orfeônico, da assistência ao escolares, das caixas escolares. Traçou programas para o curso primário. Verificou a necessidade de ser êsse aumentado para 5 anos, neces-

sidade que não ha só em S. Paulo, mas tambem alhures. Ventilou a questão das educadoras sanitárias, e pôs em função 34 delas, com apreciaveis resultados.

A escola rural mereceu também vastas cogitações do operoso administrador. Ele é dos que pugnam por uma escola rural que seja rural de *espírito* e não de nome só. Mas vê que o fato não comporta soluções apressadas, e que primeiro se há de estudar como deve ser essa escola, concretizá-la, e só difundi-la quando ela esteja realmente em condições de realisar o seu objetivo. Dissimular escolas rurais defeituosas, exóticas no seu meio, hostis a ele e por ele hostilizadas, é agravar a situação. E' fazer o mal direto, por ação, em vez de o fazer indireto, por omissão.

Outros muitos aspetos da escola paulista, que seria impossível enumerar aqui, sofrem a paciente e conscienciosa analyse do A., que a muitas situações applicou remédio, cujos resultados consigna.

O ANUA'RIO deve ser lido com interesse por professores e administradores escolares em geral. Nele se compendiam pontos de vista assaz judiciosos e experiências suficientemente autorizadas para guiar quantos se vêm a braços com os intrincados problemas da escola.

ENCICLOPE'DIA PEDAGO'GICA PROGREDIOR —

Editora: Livraria Escolar Progredior — Rua de Passos Manuel, 162 — Porto — Portugal.

Tendo à frente o professor Adolfo Lima, inclito pedagogo justamente apreciado entre nós, a Euciclopédia Pedagógica Progredior, que vem de ter publicados os fasciculos 1.º e 2.º, destina-se sem dúvida a êxito completo já em Portugal, já no Brasil.

Justificando o seu título, a vultosa obra pretende enfeixar illustrações, informações, noticias, biografias, e, em resumo, tudo quanto diga respeito, de perto ou de longe, a questões teóricas ou a atividades pedagógicas.

Esse plano largo encontra, nos dois fascículos que temos em mão, um feliz começo de realização, o que, aliás, não é de estranhar de vez que o corpo de colaboradores da ENCICLOPE'DIA se compõe de egregio grupo de cientistas portugueses, muitos dos quais são figuras proeminentes do magistério lusitano, como o diretor da publicação e mais João de Barros, Fidelino de Figueiredo, Vitor M. Fontes e outros.

Também figura entre os redatores o nosso eminente Afrânio Peixoto, que, entretanto, podia bem estar acompanhado de outros muitos mestres que hoje versam com métria, no país, as ciências da educação.

A ENCICLOPE'DIA começa bem. Artigos extensos, claros, abrangentes, illustrações a faltar, texto correto, impressão boa.

Fazemos votos para que se mantenha no mesmo nivel daqui até o fim, para gáudio dos seus leitores, que certamente serão inúmeros no Brasil, onde há ainda grande falta de livros assim fundamentais, onde se obtenha, de momento, uma informação necessária e principalmente uma indicação de fontes onde se possa faltar a curiosidade dos estudiosos.

INTELIGENCIA

Está circulando o n. 27, relativo a êste mês, do mensário cujo nome epigrafa esta nota.

Orgão "*sui generis*", espécie de revista das revistas, INTELIGENCIA, mercê de um cuidadoso trabalho de seleção feito sobre as publicações dos mais diversos pontos do globo, enfeixa em suas páginas o noticiário mais interessante, a apreciação dos fatos mais palpitantes da atualidade política universal, os dados relativos ás mais modernas concepções e descobertas científicas, as mais finas e espirituosas "charges".

Nesse número vêm artigos sobre a situação política da Europa e do Oriente, sobre o dominio militar em Cuba e vários artigos científicos sobre a seda artificial, as ondas curtas, o etér cósmico, a micro-cinematografia, os átomos, e ainda outros sobre arte, fóra o noticiário ligeiro.

INTELIGÊNCIA é revista para todos, e mais uma contribuição paulista para as letras periódicas do paiz.

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA AOS MUNICIPIOS

Afim de dar cumprimento a dispositivo legal, a Secretaria do Interior acaba de pôr em circulação um mensário de orientação das municipalidades, que tange aos serviços que lhes incumbem.

Além de várias notas de interesse para o governo das comunas mineiras, traz a novel revista colaboração de autorizados juristas, como Mario Casasanta, Eduardo de Menezes, J. A. de Toledo; uma entrevista do Secretário do Interior, Dr. José Maria de Alkmim, sobre a nova lei de organização municipal, trechos da mensagem do Governador do Estado pertinentes á vida dos municípios, escolhido noticiário sobre as realizações das administrações locais, uma seção consultiva, e, por fim, na parte destinada aos documentos oficiais, o texto integral da lei n. 183, de organização municipal.

De feição agradável e boa impressão, a REVISTA DO DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA AOS MUNICIPIOS será de grande utilidade a prefeitos, edis, advogados, e a quantos, cidadãos ativos e participantes da vida política, se interessem pelas questões alusivas á gestão dos negócios públicos nas unidades administrativas do Estado.

ABEL FAGUNDES

Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs diretores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginasios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

Os retardados

Albert Edward WIGGAM

(Autor de "The Marks of an Educated Man", "The Fruit of the Family Tree", etc.).

(Tradução de IELVA VIEITAS).



Certo dia, um tímido menino de 11 anos entrou no consultório da dra. Grace Fernald, psicologista em Los Angeles, e entregou-lhe uma nota de uma das escolas públicas da cidade, pedindo-lhe um certificado oficial de que o menino tinha um cérebro fraco e que deveria ser enviado para uma escola de anormais. Dra. Fernald examinou o menino, que não podia ler uma única palavra, mas em testes, em que não figurava a leitura, êle se saía tão bem quanto as outras crianças. Em vista disto, ela escreveu "normal" em seu cartão e fê-lo voltar á escola.

Dentro de uma hora, porém, o menino reapareceu com o mesmo cartão, no qual vinha êsse pequeno comentário: "Si julgais que êste menino não é um anormal, experimentai ensinar-lhe qualquer coisa".

Como dra. Fernald aceitou êste desafio — e como, graças a uma extraordinária descoberta, ela finalmente ensinou êsse "anormal" a ler e reconduziu-o á escola — é o que prof. Lewis M. Terman, chefe do Departamento de Psicologia na Universidade de Stanford, chama "a mais dramática coisa que se passa na educação hoje em dia em todo o mundo".

Mais de dois terços das crianças nas escolas falham antes de atingirem á sua última classe. A terça parte ou mesmo a metade dêsses fracassos são devidos somente a que es-

mo a metade desses fracassos são devidos somente a que essas crianças não conseguem aprender a ler. Não há, porém, nada errado em seus olhos ou em seus cérebros. Somente 2 de cada 7 rapazes ou moças vão até o fim do curso começado. Muitos desses fracassos são devidos à mesma causa — esses estudantes só conseguem ler com grande dificuldade. Psicologistas competentes calcularam que entre os 10 a 15 milhões de adultos normais, inteligentes, nos Estados Unidos, muitos não conseguem ler absolutamente e outros não podem ler, ou leem muito devagar e sem compreender. Por esta razão, somente, esses adultos fracassam em todo lugar em que há necessidade de leitura.

Essa vasta e contínua tragédia humana pode e deve ser evitada.

TODOS PODEM APRENDER A LER FACILMENTE E BEM. Podemos dezer agora isso com confiança, devido à descoberta feita no Departamento de Psicologia da Universidade de Califórnia, Los Angeles, pelo dr. Fernald e sua assistente, sra. Helena Bass Keller.

Como tantas outras descobertas, em ciência, essa veio, aparentemente, por acidente. "Por três longos meses experimentamos por todos os métodos conhecidos, ensinar qualquer coisa àquele menino", contou-me dr. Fernald, porém, não conseguíamos nem que aprendesse a reconhecer seu próprio nome. Ele não podia ler os cartazes ou os letreiros dos bondes. A única maneira pela qual ele conseguia chegar à Universidade era pelas côres dos carros. Experimentamos cartões brilhantes — cada cartão mostrava uma única palavra em grandes letras: misturávamos os cartões e mostrávamos o mesmo novamente. Mas não adiantava: quantas vezes eu mostrava a palavra ao menino e ele não conseguia reconhecê-la mesmo tendo visto pouco antes.

"Um dia mostrei-lhe um cartão com a palavra TERRA". Imediatamente ele disse: "Isto é TERRA". Pensei que fosse um acaso e novamente mostrei-lhe o cartão, e, pela segunda vez, com grande admiração da minha parte, o menino

repetiu: "Isto é TERRA". Perguntei-lhe como sabia, e ele respondeu-me: Eu não sei; somente sei que é TERRA".

Perguntei à minha assistente que havíamos feito com aquela palavra que ainda não tivéssemos feito com outras antes. Ela respondeu-me: "Não sei; apenas acontece que quando, hontem, a sra. já estava ficando desesperada, escreveu a palavra no quadro e pegando na sua mão, fez com que ele traçasse a palavra com os dedos".

Lembrei-me do método de Montessori, de traçar letras, o ual, eu julgo, prejudicada a criança a aprender as palavras. Então levei o menino para o quadro e novamente fi-lo traçar algumas palavras inteiras — CASA, MENINO, e outras. E descobri que todas as palavras que ele traçara como um todo inteiro, ele conseguia reconhecer depois.

"Entusiasmadas pela descoberta, começamos a trabalhar firmemente construindo seu vocabulário, e no fim de 5 meses convidamos seus próprios professores a vir ouvir o "débil mental".

A princípio eles recusaram acreditar que ele estivesse lendo. Deram-lhe então livros de anatomia, fisiologia, história, arqueologia. Ele leu as difíceis palavras técnicas de uma maneira que maravilhou a todos os presentes. E depois desta famosa partida, ele voltou para a mesma escola, onde havia sido um fracasso, e fez oito classes nos cinco anos seguintes.

Foi um fato de marcar época, não só em educação, mas na vida de milhões de crianças que seguem pela vida na prisão da ignorância, e muitos em atuais prisões porque sua mentalidade estreita fê-los resvalar para o crime. Os que não conseguem ler absolutamente, não são numerosos em nenhuma escola; porém, os que leem pessimamente, por todos os cálculos, formam uma quarta parte entre todos os alunos.

Essas crianças, infelizmente, são consideradas defeituosas. Porém, em vez disso, elas apenas têm seu modo de aprender diferente dos outros — tecnicamente "kinesthetic". Em vez de aprender pelos olhos e ouvidos, elas aprendem pelos seus músculos e nervos. Elas aprendem fazendo e sen-

tindo, com todos os seus sentidos. E assim êles aprendem melhor. Gravam mais o que vêem; uma palavra, silabada, será sempre corretamente lida. Ensinada a aritmética por êste método, êles parecem sentir o caminho para a solução de um problema como se estivessem agarrando com seus músculos, e, essas crianças veem a ficar mais hábeis em números do que em geral as outras.

Desde que dra. Fernald e Mrs. Keller fizeram essa descoberta, muitos casos dêsses *kinesthetic* crianças foram enviados para elas não sómente de Los Angeles, das escolas, mas de todo o mundo. (Por acaso elas viram que todos êses que *absolutamente não leem* são meninos, porém há também entre as meninas muitas que *quasi nada* conseguem ler. E por uma razão desconhecida a maioria deles é de crianças canhotas.

Todos êses incapazes de ler ou que mal conseguiam fazê-lo já antes haviam sido ridicularizados e repreendidos até que ficavam muito envergonhados de experimentar novamente. Mas dra. Fernald fez com que todos êses viessem a ler. Um homem, de 38 anos, que nunca tinha sido capaz de ler mais que algumas palavras, ficou tão excitado e lia com tanta constância que a dra. Fernald teve que parar de ensinar-lhe durante algum tempo, receiando que êle tivesse algum abalo nervoso.

Uma das curas da dra. Fernald foi Willie J., que havia estado na escola de delinquentes como "incorrigível". Em 5 anos de escola ela não havia aprendido absolutamente nada. Ela podia reconhecer seu próprio nome sómente quando êste era escrito *W m* e assim mesmo só pela linha traçada sobre o *m*. Dra. Fernald indicou a um outro menino da escola pública, como ensinar a Willie pelo método de traçar a palavra. Êle o fez tão bem, que Willie cursou 3 classes em 3 meses. Foi mandada para sua cidade natal e veio a ser um dos melhores alunos da escola, em vez de seguir numa carreira de vadiagem e provavelmente de crime.

Eu posso melhor relatar o método da dra. Fernald falando-vos sobre um rapaz que acompanhei seguindo o curso.

Um menino de 17 anos, chamado Donald. Êle tinha tido tutores particulares e havia estado em escolas durante 11 anos, mas *nada* havia aprendido. Não podia empregar-se porque não conseguia ler faturas, preços ou etiquetas.

Antes de tudo, dra. Fernald fez-lhe responder a um teste de inteligência, que mostrou ser sua mentalidade acima da normal. Depois disse-lhe: "Nós temos um modo de ensinar-lhe a ler e aprender tão bem como qualquer pessoa". NINGUEM FALHA. Em que está você mais interessado?" Donald imediatamente respondeu: "Serviço secreto". Dra. Fernald escreveu as palavras SERVIÇO SECRETO em letras de 8 cms. de altura. Donald traçou-as com seus dedos talvez 50 vezes e foi encorajado a pensar a palavra e dizê-la, acompanhando os dedos — sílaba por sílaba — repetindo a palavra inteira no fim.

Finalmente, Donald estava pronto para experimentar escrever as palavras, e o papel modelo foi retirado. A princípio êle escreveu "Sro. Serto". Dra. Fernald exclamou: — "Ótimo!". Então deu-lhe o modelo novamente. Êle traçou-o inúmeras vezes. Em 3 horas, mais ou menos, Donald escreveu *perfeitamente bem* a frase: "Eu estou interessado em Serviço secreto" — mais do que êle tinha sido capaz de fazer em 11 anos anteriores.

Logo que foi capaz de escrever essa frase, as palavras foram escritas em letras de fôrma. O estudante precisa ver as palavras em letras de imprensa. Daí Donald continuou a traçar novas palavras. Êsse período de traçar demora sómente 2 ou 3 semanas com algumas crianças; outras estendem-no a 2 meses ou mais.

Gradualmente Donald desenvolveu habilidade bastante para aprender novas palavras diretamente de cópias impressas. Então êle aprendeu a ver as palavras sem escrevê-las primeiro, e começou a ler diretamente dos livros. Depois alcançou o final. Tinha inteira confiança em si e queria ler toda e qualquer coisa que via. Desde essa época o desenvolvimento mental do estudante está em suas próprias mãos, ou melhor, em sua mentalidade emancipada.

Dra. Fernald insiste em três importantes precauções para aqueles que queserem usar seu método. A criança precisa ser afastada de sua escola, pois que tendo falhado tantas vezes diante de mestres e colegas, terá medo de novamente tentar qualquer coisa diante deles. Antes de vir a ler correntemente não deverá nunca ser forçada a ler para qualquer outra pessoa. Acima de tudo *toda criança que começar, precisa ser levada até o fim, quer dizer, ATE' QUE PEQUE UM LIVRO E LEIA POR SI.*

"Nunca se pode saber quando êsse dia há de chegar", diz dra. Fernald, quasi sempre é inesperadamente. E por isso é sempre um mistério; parece, tanto para nós como para as crianças, um perfeito milagre. Freqüentemente temos formado o vocabulário da criança, palavra por palavra, durante semanas mêses e, de repente, um dia, sem esperar, ela começa a ler alto as maiores e mais difíceis palavras como uma aluna adiantada. Quasi sempre a criança grita, radiante: "Estou lendo sózinha!"

Algumas crianças alcançaram êste ponto em 5 ou 6 mêses e outras levam 10 ou 12. Mas quando uma criança atinge a êste ponto ela nunca terá uma dúvida novamente para aprender qualquer coisa que queira durante toda sua vida.

ALBERT EDWARD WIGGAM

Toda correspondência para esta publicação deve ter este endereço: "Revista do Ensino".

— Secretaria da Educação.

O desenho infantil e sua evolução

Antonio de Padua DUTRA

O desenho — arte da representação gráfica, não se limita, exclusivamente, em representar coisas possíveis de observação da natureza, como também (frizando-se aqui a sua maior importância) as formas criadas pela imaginação do homem.

O seu aparecimento se perde nos períodos embrionários da civilização, sendo muito mais remoto que as escritas mais antigas, que dele se utilizaram, como claramente nos mostram os hieroglifos e outras maneiras de expressão gráfica da palavra.

Como tudo, não deixa de ser lendário o seu aparecimento. O amor dá ao fato beleza e suavidade, colorido e encantamento, como a todas essas histórias, que nos veem do passado. A cena passa-se na Sicíonia, cidade grêga, quando, depois do sol posto, o seu casario adormece tranquilamente. A filha de Dibutades, na sombra daquela noite, se despede do guerreiro, namorado seu, que partirá dentro em pouco, para longes terras. A moça vê, então, que a luz da lâmpada, que iluminava a sala, projetava na parede a sombra do bem amado. Tomando de um carvão, contornou com cuidado aquela sombra. E o traço apareceu, dessa maneira, delineando um perfil, que ali ficaria à espera da volta do seu dono. Acabava de nascer, naquelas linhas marcadoras de uma forma — o desenho; e a Grécia chamou para si tal criação, que se concretizava nessa lenda.

—o::o—

Entretanto, os homens pré-históricos enfeitavam seus instrumentos e davam a êstes formas bem elegantes, chegan-

do mesmo a desenhar e a colorir seus utensílios! No fim do período paleolítico, datando mais ou menos entre 15.000 a 20.000 anos antes da nossa era, já podemos encontrar vestígios de arte decorativa, bem acentuados. Serviram-lhes de motivo para seus adornos, os animais, como a rena, as cabras monteses e os rinocerantes, por viverem afeitos à caça. A pedra prestou-se para que se fizesse o primeiro desenho desse período representando animais em movimento.

Ao contrário de muitas afirmações, possuíram eles a decoração fitomorfa. Empregavam plantas inteiras, inclusive a própria raiz, para fomar seus arranjos decorativos, que não chegaram a constituir tipos ornamentais de destaque, pela desorganização com que eram dispostos.

Dêse período são conhecidos, também, utensílios com decoração geométrica, empregando-se a linha em diversas maneiras, o losango, o círculo, as espirais simples e duplas. Faltava, entretanto, a parte pessoal, nessas ornamentações assimétricas e desharmoniosas. O estilo, enfim.

Este primitivismo artístico nada produziu para a posteridade. Brotou e morreu, repentinamente. A luta pela vida fez desaparecer nos homens a capacidade de criação. Faziam os utensílios que lhes eram estritamente necessários, e da maneira mais simples possível.

No oitavo ou sétimo milênio A. C., na época neolítica — o período mais moderno da idade da pedra, observa-se novamente o despertar da Arte. Daí por diante ela se estende e cresce. Procura-se a infinita beleza das formas. Começam a nascer os estilos.

Surge o Egito. Resplandece a Grécia de Péricles com o talento de Fídias. Sua luz faz com que Roma acorde mais tarde para a arte e se imortalize, com Miguel Angelo, pintor, escultor e arquiteto, que encontrou, no desenho, o talisman, para a grandiosidade de suas realizações.

—: :o—

Feita, assim, uma esplanada muito geral sobre a origem do desenho, e o seu desenvolvimento, passemos, agora,

à parte que mais interessa ao professorado. Ao desenho dentro da vida escolar, cujo ensino oficializado data, mais ou menos, de meio século.

Considerado sempre debaixo de um ponto de vista artístico, representava ele simples adorno nas escolas primárias. Fazer um desenho era o mesmo que cantar uma canção ou dizer uma poesia! Só recitava e cantava, quem para isso tivesse jeito.

João Alves Komensky — o famoso pedagogo eslavo do século XVII, vulgarmente conhecido pelo seu nome latinizado de Comenius, — foi quem primeiro percebeu a vantagem do desenho na escola e o reclamou, para fazer parte dos cursos escolares. Sua idéia foi sendo posta em prática, depois, por alguns educadores, que começaram a ensinar aos seus alunos “elementos de desenho e pintura”!

Mais tarde, Pestalozzi, pelos fins do século XVIII, coloca o desenho como disciplina obrigatória nos cursos escolares, sob a sua direção, escrevendo algumas obras pedagógicas, metodizando um pouco o seu ensino. Os elementos do desenho, para ele, deveriam ser ensinados antes da leitura e da escrita.

Aceitou e incrementou as idéias pestalozzianas o professor alemão José Ramsauer, que publicou em 1821 uma obra sobre desenho. Seu método nesse tratado consistia na cópia de pranchas, ou de desenhos, que ele próprio executava no quadro negro ou cartolina. Era o método da cópia, que, até bem pouco, vimos nas escolas complementares de antes de 1911.

Schmid combateu vigorosamente o processo e o método empregados, baseando-se na observação direta dos modelos. Estes deveriam ser apresentados às crianças, em si, e não as cópias desinteressantes. Começou a publicar, em 1828, o seu ótimo “Curso de desenho”, concluído em 1833.

Nasceu, pela divergência dos pontos de vista de Ramsauer e Schmid, uma forte polémica entre os apologistas, deste ou daquele método, que deu resultados pedagógicos magníficos.

Frederico Otto, reitor do colégio de Muehlhauser, na Alemanha, após ter estudado minuciosamente as duas tendências, pôr um ponto à questão, combinando, com clarividência, os dois processos em um só — eclético. Este era uma simples espécie de método sintético, onde se começava pelos elementos geométricos fundamentais, indo-se às formas mais complicadas, apresentando-se o objeto e a sua representação gráfica correspondente, aos alunos, para o trabalho da cópia. A lição terminava com um desenho de memória, daquilo que havia sido observado e desenhado.

Esta processuação, que já é dos meados do século anterior ao nosso (em se tratando de um curso de desenho), não deixa de ser recomendável, com exceção da apresentação da cópia do modelo, no quadro.

E' muito comum esse modo de ensinar e vem, como já vimos, de longo tempo. Abramos um parêntesis neste ponto e vamos ao que nos interessa mais de perto.

—o::o—

Será dessa forma que deveremos ensinar as crianças a desenhar? E' de vantagem o ensino do desenho, encarado sob o ponto de vista técnico, nos cursos primários? Deve ser fornecido um programa de ensino, único, para o desenho, medindo as questões pelo tempo, como vemos em nossas escolas de primeiro grau?

Antes de mais nada, é preciso que se diga: — o desenho nos cursos infantis deve constituir um grande meio para o ensino e não uma finalidade. O erro está em ser considerado uma disciplina, em si, quando, em verdade, é a age, desde a mais tenra idade, como um meio de expressão que as crianças possuem e que precisa ser compreendido pelo mestre, pondo de lado as questões que se refiram, propriamente, ao traçado. O desejo delas é a representação de uma idéia qualquer, e, nunca, a feita de um desenho bem acabado, visando o agrado e a compreensão do mestre. Este deverá descer até a criança para compreendê-la naquela linguagem

viva, e não querer obrigá-la a chegar até êle, a integrar-se no seu modo de pensar, de adulto.

Não é da forma atrás descrita e será desvantajoso ou contraproducente, tentar-se o ensino do desenho, como aula separada, nos primeiros anos do curso primário.

As razões destas conclusões baseiam-se em questões de ordem psicológica, de fácil entendimento, expostas com muita clareza por Gaston Luquet, no seu livro "Le dessin enfantin". Aí, o ilustrado educador francês nos mostra a marcha do desenho na primeira idade, e o seu trabalho não se reduz, apenas, à exposição doutrinária. E' cheio de observações e de gráficos, feitos pelas próprias crianças, em suas diferentes idades; sendo que uma delas, filha do autor, ficou debaixo de suas observações durante alguns anos (a partir dos tres e meio), para que pudesse notar o desenvolvimento de sua capacidade gráfica.

O desenho, acompanhado desde a sua idade mais tenra, até chegar-se ao adulto, passa, gradativamente, por quatro fases ou idades: 1.ª — do desenho involuntário, constituindo o realismo fortuito; 2.ª — do realismo voluntário; 3.ª — do realismo intelectual; e 4.ª — do realismo visual.

Realismo fortuito

Esta é a fase da criança mais nova. Necessário é que se observe que toda a criança, ao pegar um lápis, um giz, ou um instrumento qualquer de ponta, procura logo realizar movimento, riscando desordenadamente. Esses rabiscos não têm nenhuma representação, e, se se traçasse um paralelo com a linguagem falada, seria como se a criança estivesse produzindo sons desarticulados. Há um momento onde surge uma articulação. Daí em diante, as outras vão aparecendo, constituindo a sua linguagem. O mesmo succede ao desenho. Dos riscos traçados a êsmo, sem a intenção de representar gráficamente alguma coisa, um dia, por casualidade, surge uma parecência qualquer com um objeto que já viu, ou por ter ela visto uma outra criança conseguir tal intento. Dêsse momento em diante, o realismo involuntário passa a

ser substituído pelo voluntário, pois nela aparece a intenção da representação, característica do desenho.

Partindo desse ponto, que pode ser notado, fazendo-se com cuidado a observação de uma criança, as fases que se seguem, não têm um limite perfeito, demorando-se mais nesta ou naquela, e podendo, mesmo, estacionar numa, antes que chegue à última delas. É a fase que abrange a totalidade dos meninos das escolas primárias. Digo totalidade, porque às vezes surgem casos, por assim dizer, de precocidade.

O *realismo voluntário* caracteriza-se pela falta do poder de sintetizar, muito próprio das crianças. Estas gostam, ao desenhar uma casa, de colocar tudo que ela tem lá dentro, para fora: — mesa, cadeiras, pessoas, relógio. Um armário fechado ou uma caixa qualquer terão a mesma interpretação. Nesta fase observam, ou melhor, olham os conjuntos, formados por partes mal representadas, gráficamente, e, tudo que foi visto, será desenhado, se bem que, para elas, os traços não representam desenho e sim, uma coisa qualquer.

O apogêo do desenho infantil está no *realismo intelectual*. Muitos casos existem, de adultos, que não passaram desta terceira fase ou a ela voltam, pela lei das regressões, podendo-se dizer mesmo que o futurismo seja um caso típico desse realismo.

Aquí, principia a se manifestar a capacidade de análise na criança, que começa a ver e a sistematizar os conjuntos, entrando em seus desenhos, mais a inteligência criadora, do que a observação. Consciente e voluntariamente, ela coloca nas coisas que representa, não sómente aquilo que pode ser visto, mas tudo que nelas existe e que já foi objeto de sua atenção. Os perfis com dois olhos; casas com o telhado visto por cima; carroças com quatro rodas do mesmo lado; tudo nos mostra que ela pensa e resolve os seus gráficos, deliberadamente, dando a êles sua interpretação, toda especial.

O realismo intelectual aparece, também, por se tornar necessário à compreensão exata de uma coisa qualquer, em trabalhos de adultos, independentes de serem interpretados. As cadernetas de identidade não apresentam dois retratos: —

um de frente e outro de perfil? Que são as plantas que os arquitetos fazem, e os desenhos de máquinas a serem construídas, não a manifestação desse realismo? Aquí, vemos as partes separadas. No desenho infantil elas são sobrepostas, não concebendo a criança a posição dos planos.

A passagem para a última fase — a fase do *realismo visual*, — é a que representa maior vantagem para o ensino de desenho, propriamente dito, implicando ao professor conhecimentos dessa disciplina. Ela é mais comum, entre 10 e 11 anos, e não admite sino o que é visto num só golpe de vista. Começa a se desenvolver a observação no aluno, e este nota que as suas manifestações gráficas não correspondem perfeitamente àquilo que pretendem representar. Não se vê a parte superior do armário, nem da mesa, nem o que está em cima desta ou dentro daquele. O vaso e a moringa não apresentam duas curvaturas, inteiras, — uma na boca e outra na base! Qual a razão disso tudo?

Devem entrar aquí as noções elementares de perspectiva, que são poucas e de fácil compreensão. O aluno já não está agindo livremente, dando expansão às suas idéias, nos desenhos que realiza. Estes, agora, estão sujeitos à observação. Querem copiar aquilo que vêem e as formas não lhe são criadas por sua inteligência interpretativa e, sim, obrigadas pelo modelo que está à frente, para ser comparado e medido minuciosamente, pelos olhos. Surge neste ponto o desenho, que irá constituir uma disciplina à parte, com uma finalidade que é o próprio desenho, que não representa a manifestação espontânea e voluntária da idéia infantil. A criança, voluntariamente, se submete a representar aquilo que está presente aos seus olhos. É a cópia do natural, que deve ser ministrada pelo mestre, com os rudimentos indispensáveis de perspectiva.

“Sem contestar, entretanto, que o realismo visual seja preferido pelo adulto, — diz Luquet, — parece-nos que o realismo intelectual convém mais à criança. Um dos papéis universalmente citados, e com justo título, para o ensino do desenho, é o desenvolvimento do senso da observação. É

certo que, em se fazendo a criança desenhar, a sua atenção é voltada para os motivos, que se não fazem interessar por si mesmos; nós acrescentaremos que em um ponto de vista mais geral, não sómente gráfico, mas psíquico, forçando-a a um trabalho pessoal, levando-a a criar modelos internos, a conservá-los e a modificá-los, à medida que evolue sua concepção do desenho. Mas, se se considerar o desenho como um elemento das "lições de coisas", o realismo intelectual é infinitamente melhor adaptado a esse papel, que o realismo visual, pois que êle consiste, precisamente, em figurar no desenho todos os elementos do objeto reproduzido, cada um com sua forma exemplar e, assim, a criança efetua de qualquer maneira, espontaneamente, a dissecação desse objeto.

Não há, pois, nenhum inconveniente em deixar a criança desenhar tudo que bem lhe parece, de realismo intelectual, tanto quanto mais, como nós acabamos de ver, até que lhe chegue a hora de preferir o realismo visual. Nenhuma prescrição exterior imposta, admitindo-se mesmo que a sua mentalidade do momento não a impeça de compreender, não poderia ter por ela a mesma eficiência, que uma obrigação que ela espontaneamente se propoz a fazer, reconhecendo-lhe as vantagens".

Como todas as atividades infantis, a atividade gráfica está condicionada pelo meio onde vivem as crianças. Variará, portanto, de acôrdo com a localização das regiões escolares. Os motivos de seus desenhos serão variadíssimos, para as diversas zonas, e nunca deverão ser impostos, como a traz ficou entendido, e, sim, propostos.

Daquí, se deduz, claramente, que andamos errados em matéria de pedagogia, bastando para isso ler o programa de desenho que vem sendo fornecido pela Diretoria do Ensino, programa afrancezado, copiado em suas idéias e nos motivos que propõe, do "Manuel de Dessin", de Gaston Quenioux, e, graduado desde o 1.º ano primário, sendo o desenho tomado como um fim, dentro do quadro das matérias, e não como um meio — a sua verdadeira finalidade, sem ter em conta a desenvolvimento mental do educando.

A criança poderá desenhar em todas as lições que para isso se prestem, servindo-se da linguagem gráfica e não do desenho, propriamente. Muitos exercícios existem — jogos educativos, que podem ser dados às crianças, como passatempo, antes que atinjam a idade da observação, servindo êses exercícios, que são variadíssimos e atraentes, para as ir familiarizando com as linhas, planos, disposições harmoniosas, arranjando-lhes e polindo-lhes, aos poucos, o espírito, para o belo e para a estética. Na "Metodologia del dibujo", de Medina Bravo, inspetor do ensino primário em Madrid, e no "O desenho a serviço da educação", de Mme. Artus-Perrelet, inumeráveis são os exercícios de tal sorte, sendo aquele muitíssimo interessante e de grande valor para o ensino primário, com quasi duas centenas de jogos, tendentes ao desenvolvimento gráfico infantil.

Medina Bravo divide o desenho em dois grupos característicos: 1.º — o SUBJETIVO, que implica criação, dependente esta, naturalmente, do grau de adiantamento mental de cada um; 2.º — o OBJETIVO, que é o de reprodução, variando com a finalidade a que se destina o desenho executado. Assim, si se faz uma cópia do natural, nela entrará a interpretação de cada um, pela variação de sensibilidade de quem executa o gráfico. E' o objetivo interpretativo, que toma feição artística mais caracterizada. Si o desenho fôr de plantas ou de máquinas, a visão será outra, independente do sentimento interpretativo, baseado em planos, escalas, secções: — será o objetivo matemático. Representa os objetos, mas de baixo duma visão utilitária, preestabelecida.

O desenho subjetivo pode ser espontâneo ou decorativo. Neste, tratamos das concepções tendentes aos arranjos das formas ornamentais, e naquele — a expansão das idéias, pois a intenção de desenhar um objeto ou uma cena, nada mais é do que o prolongamento da manifestação de sua representação mental.

Estes últimos são os casos que se enquadram dentro das três primeiras fases do desenho infantil, que constituem o maior período, onde êle não deve aparecer técnicamente.

A divisão do desenho por Medina Bravo é feita de um modo geral e não especificada, o que seria mesmo impossível. Tanto a criança como o adulto podem (deixando-se de lado o objetivo matemático) realizar as três espécies restantes, que terão um cunho especial, de acordo com as diferenças de suas idades mentais.

O autor, como já ficou dito, apresenta inumeráveis jogos educativos, para a preparação e para o ensino do desenho, especificando cada um, de per si, e explicando a maneira de sua aplicação. Sendo um livro novo, sobre um assunto de tão grande e urgente necessidade, falho por completo, pelo pouco que se tem sobre ele observado e escrito, creio, prestará serviços inestimáveis ao aprendizado.

Excluída a parte onde o desenho da criança se caracteriza pela falta absoluta do senso de observar, e que deve pertencer mais à alçada do professor, este deverá iniciar o ensino da parte propriamente técnica do desenho.

Começando-se pela cópia do natural, intimamente ligada aos conhecimentos teóricos elementares de perspectiva, passaremos às formas naturais da flora e da fauna.

A cópia do natural visa exclusivamente uma parte educativa, referente aos sentidos. Consegue-se, por meio dela, formar no espírito do aluno o hábito de observar, fazendo com que ele aprenda a enxergar as formas. Que estas não passem pelos seus olhos, sem serem compreendidas, limitando-se estas ao simples trabalho de ver, unicamente. Juntamente com o desenvolvimento da vista, vai-se conseguindo aos poucos educar os sentidos muscular e motor. As linhas tortas e fortemente riscadas, chegando mesmo a atravessar o papel, irão aos poucos melhorando em qualidade de risco, aproximando-se da forma do modelo apresentado. E' a mão, que se vai educando, e seus movimentos, agora mais bem coordenados, correspondem ao desenvolvimento do olho, que observa.

Si o professor não indicar constatemente, mostrando no modelo e às vezes no quadro negro, a posição, tamanho das partes desse modelo, suas variações perspectivas, graus de sombra e de luz, por ele recebidos, obrigando o aluno a

pôr em jôgo sua observação, a cópia do natural de nada valerá. O realismo intelectual predominará na fase do realismo visual; pois, comumente se vê um aprendiz colocando enfeites, dando formas e mudando a posição das partes do objeto, justamente por não ter aplicado a sua atenção sobre o modelo. E' um ponto em que o desenho surge e desaparece, pelo mau ensino.

Feita uma série de modelos, dessa forma, isto é, apresentando-se um objeto para a observação geral da classe, passa-se à cópia do natural, de folhas, flores, frutos, raízes, aves e insetos. O aluno poderá escolher o que quiser, para o seu desenho, e trazer para a escola. Com isto, visamos a educação do gosto, e preparação de material, para aplicação posterior em trabalhos manuais, depois de constituídas as ornamentações.

E' preciso frizar-se mais uma vez, que essas ornamentações deverão ser diferentes, de acordo com a flora e a fauna de cada região, devendo constituir a base dos trabalhos manuais.

Estes, até hoje, têm sido impatrioticamente tratados, e, pedagogicamente, mal compreendidos. Falta-lhes pedagogia, porque com os panos e com os riscos que os alunos compram para bordar ou serrar, e enfeitar as exposições anuais, morrem-lhes a capacidade de criação e de iniciativa, produzindo apenas um trabalho mecânico, enquanto sua atividade mental permanece em repouso.

E' impatriótico o processo, porque, com a flora e com a fauna que possuímos, os motivos ornamentais devem surgir em abundância e com facilidade, bastando um pouco de trabalho do professor. Deve ser abolida essa importação inconstitutiva, de riscos estrangeiros, e fora da forma de compreensão infantil. As exposições serão para os alunos, para os professores, com material todo nosso, e, não para a admiração dos leigos em matéria educativa.

—o::o—

O desenho pedagógico, denominação acertada do professor João de Tolêdo, constituirá um meio de expressão, que

o mestre terá no giz, para explicar no quadro negro, de maneira atraente, sem se cansar, e principalmente sem cansar as crianças, com longas e ineficientes preleções.

Creio que não é preciso que se diga que a intenção das escolas normais de hoje, relativamente ao desenho, não é a formação de especialistas nessa disciplina, o que constituiria absurdo. Entretanto, todos poderão adquirir conhecimentos gerais sobre questões de perspectiva — base desse desenho, sobre ornamentação e cores, e, enfim, sobre o modo pelo qual podemos sistematizar as formas, facilitando o desenho em quadro negro, servindo de veículo para o ensino de todas as disciplinas.

As pranchas que geralmente enchem as escolas, um desenho que o professor faça em casa ou mande fazer por outro, terão do educando o mesmo grau de interesse, de um gráfico que vai, aos poucos, sendo executado diante da classe ?

Nas lições de anatomia e fisiologia, de botânica, de ciências físicas e naturais, de aritmética, de geografia e história, de linguagem — em que entre um assunto qualquer, para ser contado ou descrito, não valerá muito mais um desenho mal feito e entendido pelas crianças, do que uma prancha complicada e otimamente desenhada e colorida ? Nesta não se encontrará o desenrolar de uma cena qualquer, em suas fases características; nem a maneira pela qual são constituídos os aparelhos digestivo, respiratório, visual, auditivo e circulatório; nem as fases de uma experiência de física ou química, ainda mesmo que se faça a experiência; nem o percurso dos fatos históricos, e, muito menos, a constituição das partes de um vegetal ou de um inseto qualquer, devido aqui, na maioria, aos seus tamanhos reduzidos.

As pranchas e os quadros preparados apresentam o conjunto, que sempre é desinteressante, por ser complicado. Forme-se este conjunto, já conhecido, aos poucos, durante a explicação, diante da classe, que parece querer adivinhar o que vai sair do giz do professor. Quando o todo estiver for-

mado, as idéias dos alunos serão precisas, quanto ao desenvolvimento lógico das partes.

Essa é a finalidade do desenho. Coloquemo-lo, pois, não como arte, e sim como linguagem, dentro do lugar que a ele pertence na escola primária. Depende apenas de um pouco de boa vontade, para que a rotina, fruto da má orientação e do comodismo, se desmorone.

ANTONIO DE PADUA DUTRA

Sociedade Pestalozzi

Consultorio Medico-Pedagogico

*Para crianças retardadas, nervosas,
com perturbações da linguagem,
surdas-mudas, com defeitos de ca-
racter, anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 às 11 horas

Rua Ouro Preto, 629

Bello Horizonte

Gratuito para crianças pobres

Preceitos de Higiene

- a) Conserve sua boca fechada; respire pelo nariz.
b) Na medida do possível, afaste-se das pessoas que estão resfriadas.
c) Repouse suficientemente e durma pelo menos oito horas cada noite.
d) Mantenha-se limpo lave as mãos sempre que fôr preciso e tome um banho por dia.
e) Conserve sua casa bem arejada dia e noite, principalmente nos dormitórios.
f) Faça exercício suficiente, mas sem fatigar-se. A marcha ao ar livre é uma boa forma de exercício; caminhe ligeiro, cabeça erecta, oscilando levemente os braços, e respirando pelo nariz.
g) Siga uma dieta conveniente, incluindo leite, vegetais, frutas, saladas.
h) Evite os remédios de anúncios e as panacéias. Sentindo-se doente, recolha-se ao leito e chame o seu médico. um papel, evitando assim a possibilidade de aspirar pelo nariz e pela boca micróbios deixados por um convalescente de gripe ou mesmo por um tuberculoso.
i) Sempre que falar ao telefone, proteja o fone com nariz e pela boca micróbios deixados por um convalescente de gripe ou mesmo por um tuberculoso.
j) Os apertos de mão devem ser abolidos. Há formas de saudação mais práticas e de acordo com a vida moderna, e embora possa ser considerada falta de galanteria, não beije a mão das senhoras, e lembre-se de que em certas ocasiões é um crime beijar uma criança.

N. da R. De várias maneiras podem ser aproveitados esses preceitos: a) transcrevendo-os e pregando-os, em um cartaz, pelos corredores e salas de aula; b) utilizando-os como

ponto de partida em aulas de higiene, linguagem, noções de cousas, ciências; c) fazendo-os copiar nos cadernos e decorar pelos membros dos clubes de higiene ou do Pelotão de Saúde; d) instituindo Semanas de Higiene (aliás prescritas pelos nossos Programas), cujo objetivo será a fixação de hábitos consentaneos com estes preceitos. O mestre inteligente descobrirá ainda outros meios de se servir deste decálogo.

TABELLA DE ANNUNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 pagina	100\$000
» » »	1/2 »	60\$000
» » »	1/4 »	35\$000
» » (lado interno),	1 »	80\$000
» » »	1/2 »	50\$000
» » »	1/4 »	30\$000
Em paginas-supplemento,	1 »	60\$000
» » »	1/2 »	40\$000
» » »	1/4 »	25\$000

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os annuncios no corpo da Revista, em forma de artigos, e os annuncios a côres pagarão preços especiaes previamente combinados.

Todo pagamento será feito adiantadamente

Sociedade Brasileira de Educação Rural

Com o fim de propugnar pela instituição do ensino rural no país, o sr. Raul de Paula acaba de fundar no Rio a associação cujo nome epigrafa esta, e que, instalada provisoriamente à Av. Almirante Barroso, n. 1, sala 3, 2.º andar, formulou e realizará para o que fazemos calorosos votos, o seguinte amplo e patriótico

Programa de trabalho:

A Sociedade Brasileira de Educação Rural funda-se com os seguintes objetivos:

1. Criar em nosso país uma política de educação rural de que carecem as populações do campo.
2. Estudar os problemas de educação rural em seus vários aspetos: primário, normal, profissional e superior, e de acôrdo com as diversas regiões do país.
3. Examinar os problemas da vida do homem rural e sugerir aos poderes públicos medidas para sua melhoria.
4. Estudar os problemas da educação rural referentes aos imigrantes e sua integração no organismo nacional.
5. Elaborar ante-projetos de educação rural para o país, os estados e os municípios.
6. Planjar: escolas primárias rurais, escolas rurais modelos, escolas normais rurais, escolas normais rurais para as regiões de imigração, patronatos agrícolas, escolas rurais para menores abandonados, institutos de educação rural.
7. Realizar Congressos de Educação Rural.
8. Fundar Clubes Agrícolas Escolares e federa-los nos Estados sob o contrôle da Sociedade.

9. Promover semanas ruralistas educativas e exposições pedagógicas.
10. Manter uma revista de estudos dos problemas de educação rural.
11. Criar e dirigir escolas primárias rurais, patronatos e cooperativas de educação rural.
12. Realizar cursos agro-pedagógicos, conferências, palestras e missões educativas.
13. Fazer pesquisas de psicologia aplicada à vida rural.
14. Estudar e divulgar nosso "folk-lore" e nossas artes rurais.
15. Criar museus regionais.
16. Criar secções da Sociedade em todos os Estados, e centros em todos os municípios do Brasil para realização nacional deste programa.

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direção.

Congresso Internacional de Ensino Primário e de Educação Popular

Ao ensejo da Exposição Internacional, a efetuar-se em Paris durante o mês de julho de 1937, o Sindicato dos Professores, com a colaboração das várias associações pedagógicas francesas, realizará, de 23 a 31 do mesmo mês, um Congresso Internacional de Ensino Primário e de Educação Popular. Serão objeto de debate os seguintes temas:

- I — Filosofia geral da educação popular.
- II — Psicologia e sociologia aplicadas à educação popular.
- III — Os métodos de ensino.
- IV — Educação nacional e cooperação internacional.
- V — Preparação, formação e cultura do pessoal docente
- VI — Instalação material da escola.
- VII — As técnicas novas: telegrafia sem fio, cinema, telefone.
- VIII — A educação popular.

Da comissão diretora do Congresso fazem parte o presidente do Conselho de Ministros, os ministros da Educação Nacional, Saúde Pública e Estrangeiros, além dos mais conspícuos elementos do magistério gaulês.

A participação nos trabalhos do Congresso é facultativa a qualquer educador, bastando, para isto, inscrever-se junto ao Comité d'Organization du Congrès, 29, Rue d'Ulm, Paris (5.º), enviando também a M. Bourgade, no mesmo endereço, por cheque bancário ou ordem de pagamento, a importância de 50 frs., de uma só vez, ou em duas prestações:

a 1.ª, desde já, de 10 francos; a 2.ª, até 10 de julho próximo, de 40 frcs. A inscrição dá direito ao congressista de receber as publicações atinentes ao Congresso, proporciona abatimento de até 50 % sobre os preços de passagens em estradas de ferro do país de origem do congressista e de 40 % nas estradas de ferro francesas, e ainda outorga ingressos gratuitos

Estas e outras maiores vantagens se concedem ainda no recinto da Exposição. aos que por 20 francos, requererem ao Comité a carta de legitimação, que, além de servir oficialmente como carteira de identidade, faculta abatimentos em linhas francesas marítimas e aéreas.

O Comité se incumbê de providenciar alojamento para os grupos de congressistas, e a estes, como aos participantes individuais, prestará assistência durante o Congresso, conduzindo-os em visita aos monumentos, aos museus, às escolas de Paris, bem como às zonas antigas da grande metrópole. Do programa do Congresso constam também excursões a Versailles, Saint-Germain, Fontainebleau, Rouen, Chantilly, Lion, Reims, Verdun, Arras e os campos de batalha.

Após o Congresso podem os congressistas realizar seis viagens diferentes aos pontos mais típicos e pitorescos da França, sendo acompanhados por colegas franceses, e gosando dos abatimentos já referidos.

E' como se vê, excepcional oportunidade para conhecer a França, para travar conhecimento com os mais insignes representantes da cultura pedagógica dos vários países e para participar dos debates que se ferirão em torno dos principais temas que solicitam a atenção de governos e de professores.

Comunicados do Serviço de Estatística da Secretaria da Educação

Os Clubes Agrícolas Escolares em Minas Gerais

A campanha de ruralização empreendida pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres obteve a mais animadora repercussão em Minas Gerais. Os dados estatísticos sobre as atividades dos Clubes Agrícolas Escolares, fundados sob os auspícios do governo estadual e orientados por aquela Sociedade, revelam as atividades ruralistas que tão auspiciosamente se vêm desenvolvendo nas escolas primárias.

Em 1935 funcionaram 69 Clubes Agrícolas, com cerca de 7.000 escolares associados, ou sejam, precisamente, 6.953. Segundo a época da fundação 41 contavam menos de 1 ano, 25 mais de 1 e menos de 2 anos, 1 mais de 2 e menos de 3 anos, 2 com mais de 3 anos.

Nos 69 Clubes funcionaram 5 cooperativas para venda de produtos, 66 hortas, 28 pomares, 5 pequenas indústrias, 9 criações de aves, 3 criações de abelhas e 4 criações de bicho da seda. Fo-

ram plantadas 5.401 árvores. Ainda funcionaram 19 jornais e 44 bibliotecas privadas para difusão de conhecimentos especializados, não só entre os associados como entre os Clubes que mantinham intercâmbio.

A receita elevou-se a 5:813\$500 e a despesa a 5:307\$000, o que equivale a uma receita média de 84\$000 para cada Clube. Si levarmos em conta as dificuldades com que lutam os Clubes, o pequeno rendimento unitário avulta sobremaneira. Basta atentar que 3 Clubes não puderam instalar a horta, principal finalidade da instituição, por falta de terreno adequado. A aquisição do terreno é um dos maiores entraves ao desenvolvimento dos Clubes Agrícolas. Funcionaram em terreno próprio 39 Clubes, em terreno cedido gratuitamente 24 e em terreno alugado 6.

Os 69 Clubes que funcionaram em 1935 estavam localizados em 47 municípios, sendo 10 na Capital.

AS BIBLIOTECAS ESCOLARES EM MINAS GERAIS

Entre as instituições auxiliares da escola que mais avultam pelo papel predominante que desempenham como difusoras de cultura, figuram as bibliotecas escolares.

Tendo em vista mostrar o grau de desenvolvimento a que atingiram as bibliotecas escolares, o Serviço de Estatística Educacional levou a efeito um inquérito especial, abrangendo apenas as bibliotecas instaladas nos estabelecimentos de ensino primário.

Em 1935 funcionaram 592 bibliotecas escolares, sendo 540 nas escolas estaduais (91 %), 47 nas particulares (8 %) e 5 nas municipais (1 %). Segundo a época da fundação 351 contavam mais de 3 anos, ou sejam 59 %; 132 contavam menos de 3 e mais de 2 anos, ou 22 %; 86 com menos de 2 e mais de 1 ano (15 %) e 23 fundadas naquele ano (4 %).

Segundo o sistema de catalogação, 411 eram catalogadas em livros, ou sejam 64 %; 94 em fichas (16 %); 72 em fichas e li-

vros ao mesmo tempo (12 %); e 15 sem catalogação (3 %).

Segundo o sistema de classificação dos livros, foram apurados os seguintes resultados: apenas por autores 95; apenas por assunto 85; apenas por títulos de obras 278; por autores e assuntos 22; por autores e títulos 72; por assuntos e títulos 9; pelos três sistemas em conjunto 11; e sem classificação 20. Apenas 62 bibliotecas, ou sejam 10 % adotaram o sistema de numeração decimal.

Segundo os recursos de manutenção, 177 foram mantidas pelas caixas escolares; 80 por contribuição dos professores; 92 por contribuição dos alunos; 39 pelas caixas escolares e pelos professores; 11 pelas caixas escolares e pelos alunos; 56 pelas caixas, pelos professores e pelos alunos; 137 exclusivamente pelos auxílios estranhos.

O número de obras elevou-se a 68.820 em 79.054 volumes, assim discriminados: 24 % de assuntos pedagógicos, com 16.283 obras em 18.578 volumes; 14 % de assuntos científicos, com 9.830 obras em 12.488 volumes; 62 % de assuntos vários, com 42.707 obras em 47.988 volumes.

Pedimos permuta a todas as publicações congeneres dos Estados e do estrangeiro

Comunicados da A. B. E.

A. A. B. E. E A EXPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO E ESTATÍSTICA

A Associação Brasileira de Educação preocupa-se, no conjunto de suas finalidades, com a solução de dois problemas distintos. Promove e estimula, de um lado, as atividades escolares, participando, em muitos casos, diretamente, dessas atividades. Por outro lado, procura agir sobre a opinião pública, no sentido de desenvolver uma mentalidade favorável ao desenvolvimento racional da escola brasileira, predispondo a ambiência nacional ao pleno reconhecimento dos direitos dos educandos, prevenindo a indiferença pelo maior dos nossos problemas e interessando nele todas as sãs energias da coletividade.

Para realizar esse magno propósito, terá que educar a opinião. Terá de despertar a curiosidade para inúmeros aspectos da vida nacional a que muitas vezes se alheiam os nossos patricios, furtando-se a um conhecimento da realidade que, si fosse suficientemente divulgado, exerceria uma influência utilíssima nas atitudes do grande público em face das questões internas de relevância máxima. Terá ainda de suscitar entre os brasileiros o desejo de

colaborar com as elites que procuram resolver aquelas questões, fazendo participar a nação do sistema de forças que, apesar de todos os entraves, vai impelindo o Brasil para a frente.

Nos debates de sucessivos congressos culturais mantém a A. B. E. em foco o problema da educação. Mas este dificilmente poderá ser compreendido, dêse que não seja proposto em função de inúmeros outros que carecem de ser ventilados, na expressão concreta das realizações que a propaganda verbal e escrita e a controvérsia entre especialistas não bastam para elucidar.

Qual o meio de familiarizar os nossos patricios com essas realidades e de lhes fixar, na inteligência e no coração, o quadro empolgante e fiel? Evidentemente pelo método ativo que abre, pelo centro de interesse, pela emoção e pelos sentidos as portas do raciocínio. Esse método será o mesmo que cobre de quadros murais, mapas e telas sugestivas as paredes dos educandários e lhes consagra, nas salas mais amplas, um recinto para os laboratórios e para os museus.

A Exposição Nacional de Educação e Estatística, que sob mol-

dês mais amplos que os adotados para certames semelhantes levados a efeito em épocas anteriores, veremos aberta ao público em dezembro próximo, será um grande mostruário que, quasi pela simples visão sugerirá aos visitantes uma idéia expressiva do que é o Brasil, retratado na eloquência singela dos números, dos gráficos que os fazem falar, das cartas que definem os variados âmbitos em que se processa o surto do progresso coletivo, dos esquemas que fixam como que a anatomia dêsse vasto e complexo organismo que é a administração nacional, na multiplicidade dos seus aparelhos conjugados para servir, cada qual na órbita diferenciada de suas atribuições, aos destinos de uma grande pátria.

Os mapas geográficos, os cartogramas, os diagramas simples ou figurados, os esquemas, os repatórios completos de informações numéricas, vindos, por mar e por terra, — e alguns até pelo ar, — dos quatro cantos da Federação, representando o concurso de inúmeros serviços que se disseminam, do lito-

ral ao sertão, através do território, dirão mais que os compêndios e os volumosos tratados, da realidade brasileira, sem lhes encobrir as falhas e sem exagerar as belezas da civilização que o povo brasileiro construiu e não deixará de aprimorar, si souber compreendê-la e identificá-la com as suas possibilidades, corrigindo-lhe os aspectos escuros à força de energia e de fé.

Encarada por este prisma, as Exposições Nacionais de Educação e Estatística constituirão acontecimentos de alcance único, apesar do binário expresso na sua designação oficial. Trata-se evidentemente de um grandioso empreendimento educativo e é a certeza de que lhe sobra esse caráter, a razão de ser da expectativa confiante em que se encontra o sodalício organizador do certame, quanto ao apóio do público à sua iniciativa e quanto aos resultados úteis que compensarão os sacrifícios e penosos esforços que realizações dessa ordem sempre representam para as instituições que as promovem.

A EDUCAÇÃO E A CULTURA NA ATUAL CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DA BAIÁ.

A Carta Política da Baía, promulgada em 20 de agosto de 1935, estabelece, entre outros, os princípios gerais em que se definem os deveres do Estado, e dos Municípios, relativamente à instrução e à educação.

Em harmonia com as condições do meio baiano, os preceitos constitucionais fornecem, em suma, as bases fundamentais em que se deverão firmar as leis ordinárias que instituirão o padrão de disciplina e de trabalho para melhor desenvolvimento da obra educativa e conseqüente solução do problema máximo da administra-

ções públicas estadual e municipal.

A Constituição criou o Conselho Técnico de Educação e Cultura, como órgão autônomo junto aos Poderes Públicos, com atribuições de a lei fixa, sendo os trabalhos dos seus membros considerados como serviços relevantes ao Estado.

No Capítulo sobre a organização municipal (arts. 58 n. IV e 66 n. I e §§ 2.º, 3.º e 4.º) ficou estabelecido que o Estado assegurará a autonomia dos municípios em tudo que respeite a seu peculiar interesse e, especialmente, quanto à faculdade de legislar e prover acerca de prédios e bibliotecas escolares. Os municípios contribuirão obrigatoriamente com a quota de vinte por cento sobre a renda bruta de impostos para auxiliar o desenvolvimento do sistema educativo, organizado e mantido pelo Estado. As obras das dotações orçamentárias acrescidas das doações, taxas especiais e outros recursos serão aplicadas exclusivamente em obras educativas de assistência a alunos pobres e doentes. O número proveniente das quotas e dotações, será recolhido ao Tesouro do Estado ou diretamente à instituição que superintenda os serviços, pela forma determinada em lei. Os municípios, na sede, pelo menos, instalarão bibliotecas públicas, organizando-as com publicações educacionais, profissionais e científicas, criando outros, quanto possível, bibliotecas circulantes.

A seguir transcrevemos, na íntegra, o Título IV que trata exclusivamente "Da Educação e Cultura":

"Art. 95. Cumpre ao Estado promover o desenvolvimento das ciências, letras e artes, zelar seu patrimônio natural, histórico e cultural e orientar a educação, que deverá ser totalitária, atendendo aos problemas morais, culturais, econômicos e desportivos, em vista da formação e aperfeiçoamento do indivíduo.

§ 1.º Deve o Estado:

I — aplicar, no mínimo, em cada município, para fins de educação, a quota respectiva que do mesmo receber, acrescida de cinquenta por cento;

II — fundar internatos rurais nas zonas de fraca densidade demográfica;

III — instituir a assistência médico-dentária escolar;

IV — proibir o exercício do magistério em qualquer grau ou modalidade, oficial ou particular, sem diploma ou certificado idôneo;

V — assegurar aos professores contratados para os estabelecimentos oficiais, preferência para a renovação dos contratos, enquanto bem servirem;

VI — incentivar o intercâmbio universitário, dentro do país, e instituir viagens-prêmios aos principais centros de cultura nacionais e estrangeiros, nos limites da lei;

VII — criar e manter escolas primárias nos sindicatos reconhecidos, quando tenham mais de

cem sócios, e ofereçam sede para este fim.

§ 2.º Ao Conselho de Educação e Cultura incumbe:

I — traçar o sistema de educação para ser adotado no Estado, em harmonia com o plano nacional;

II — receber e administrar os fundos de educação declarados em lei;

III — propôr sugestões em matéria de orçamento relativas ao problema da educação;

IV — articular-se com os Con-

selhos e Departamentos Técnicos para o desenvolvimento de educação;

V — fiscalizar os institutos particulares de educação, as propostas de inscrição dos mesmos e os relatórios dos seus fiscais;

VI — propôr a remoção de professores primários, assegurando-lhes, entretanto, permanência nas escolas e localidades, salvo casos de remoção a pedido, por acesso, ou em consequência de pena imposta depois de inquérito disciplinar".

O ENSINO NO ESTADO DO AMAZONAS EM 1934

A perfeita adaptação e execução, no Estado do Amazonas, do plano do Convênio Estatístico de dezembro de 1931, não se tem feito facilmente. Pelo contrário, vem exigindo do governo dessa unidade federativa — cujo empenho em satisfazer cabalmente os compromissos assumidos naquela Convenção é o mais digno e louvável — a assinatura de atos sucessivos, graças aos quais, pouco a pouco, mais se aperfeiçoam e aproximam da realidade os resultados obtidos com os levantamentos estatísticos realizados de 1932 a 1935.

A seção inicialmente criada para tal fim, anexa à Biblioteca e Arquivo Público, deixou de produzir, integralmente, os resultados desejados e a necessidade se fez sentir da designação de um funcionário que, junto à Direto-

ria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação, se especializasse no assunto e se incumbisse, posteriormente, da chefia da Seção de Estatística Educacional expressamente criada por lei n. 51, de 21 de dezembro de 1935, e regulamentada por decreto n. 98, de 12 de março do corrente ano, para dar cumprimento ao Convênio. Sob a chefia esclarecida do Professor Júlio Benevides Uchôa a referida Seção, posto careça ainda de aperfeiçoamentos, já estabeleceu as bases que deverão assegurar a completa regularização da estatística escolar do Estado. Como consequência, entretanto, daquela fase inicial de adaptação e interpretação ainda imperfeita do plano do Convênio algumas deduções menos exatas poderiam ser tiradas do exame comparativo e retrospectivo dos resultados fornecidos para o ensino primário no triênio 1932 a 1934, prin-

principalmente quanto ao cômputo das unidades escolares e do corpo docente. A esse último ano, pois, conforme esclarece a Diretoria competente do Ministério da Educação, como marco inicial da estatística amazônica do ensino primário após a organização da sua Secção de Estatística Educacional se deverá recorrer para conhecimento mais seguro da realidade. Somados os dados que oferece aos da estatística do ensino não primário, apresentados, igualmente, ao nosso exame pela aludida Diretoria, obtivemos a seguinte interessante série:

As unidades escolares, num total de 642, dispondo de um corpo docente de 1.023 unidades (ambos os sexos), abrigaram, sob inscrição geral, 38.150 discentes, não ultrapassando, entretanto, a matrícula efetiva a 34.894 e atingindo a frequência a 29.427. Desses alunos, lograram aprovações em geral, 30.725, e apenas concluíram cursos, 3.360.

Analisando sob diferentes aspectos aquele grupo de unidades escolares, vemos que, ao ensino comum se destinavam 601, e ao supletivo 41. Eram especialmente de ensino geral 600; de ensino semi-especializado 15 e de ensino especializado 27. Sua discriminação segundo o grau de ensino acusa: de ensino elementar, 616; de ensino secundário ou médio 20 e de ensino superior 6. Funcionaram sob administração federal 1; estadual 566 e particular 75.

Seguindo a divisão fundamen-

tal adotada pelo Ministério da Educação na classificação do ensino, apreciamos o seguinte desenvolvimento:

Ensino comum — Unidades escolares, 601o corpo docente, 975; matrícula geral 35.832; matrícula efetiva, 33.000; frequência, . . . 27.821; aprovações em geral, . . . 29.835 (26.785 promoções e . . . 3.050 conclusões de curso).

Ensino supletivo — Unidades escolares, 41; corpo docente, 48; matrícula geral 2.318; matrícula efetiva, 1.894; frequência, . . . 1.606; aprovações em geral, . . . 890 (580 promoções e 310 conclusões).

Desdobrando ainda, segundo o grau, os mesmos dados referidos para ensino comum, obtemos:

Ensino superior — Unidades escolares, 6; corpo docente, 64; matrícula geral, 200; matrícula efetiva, 199; frequência, 187; aprovações em geral, 175 (promoções 124, conclusões de curso 51).

Ensino secundário fundamental — Unidades escolares, 20; corpo docente, 175; matrícula geral, 1.629; matrícula efetiva, 1.589; frequência, 1.380; aprovações em geral, 1.045 (promoções 845, conclusões de curso 200).

Ensino elementar — Unidades escolares, 575; corpo docente, . . . 738; matrícula geral, 34.003; matrícula efetiva, 31.212; frequência, 26.254; aprovações em geral, 28.615 (promoções . . . 25.816 e conclusões de curso, . . . 2.799).

Pondo em relevo, no ensino elementar, os resultados referentes apenas ao ensino *primário geral* que compreende o do ensino infantil, comum e complementar, encontramos: unidades escolares 562; corpo docente, 687; matrícula geral, 33.136; matrícula efetiva, 30.477; frequência, 25.624; aprovações em geral, 28.318 (promoções 25.556 e conclusões de curso, 2.762).

O CONSELHO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Destinado a incorporar-se ao Instituto Nacional de Estatística, está em vias de organizar-se, sob os auspícios do Itamarati, o Conselho Brasileiro de Geografia, vindo preencher lacuna ainda sensível na estrutura daquele grande organismo nacional e dar ao Brasil, simultaneamente, a participação, que já tardava, nas atividades científicas da União Geográfica Internacional.

O Instituto já possuía, é verdadeira, o órgão geográfico sem o qual ficaria sem base toda a sua obra. A secção de Estatística Territorial, que funciona no Ministério da Agricultura, como parte integrante e fundamental da Diretoria de Estatística da Produção, já lhe assegurava, como centro coletor e sistematizador de todos os levantamentos geográficos realizados no país, a base cartográfica indispensável ao levantamento, à crítica, à apresentação e à análise dos dados estatísticos. Mas

E destacamos ainda sob a mesma rubrica de ensino primário geral, os seguintes dados que o completam, não mais, entretanto, sob a designação de ensino comum, mas supletivo: unidades escolares, 35; corpo docente, 38; matrícula geral, 1.730; matrícula efetiva, 1.378; frequência, 1.239; aprovações em geral, 741 (promoções 580 e conclusões de curso, 161).

era pouco. Já no seio da Convenção Nacional de Estatística uma voz autorizada — a do engenheiro Firmo Dutra, representante do Estado de Mato Grosso, levantou-se para fazer sentir que o Instituto não atingiria plenamente a sua natural destinação científica e política, enquanto não engrenasse na sua estrutura todas as instituições públicas e particulares de finalidade estritamente geográfica, formando com elas um sistema semelhante ao que já constituíam os serviços de estatística, para estabelecer, afinal, pela adequada e íntima cooperação entre a geografia e a estatística, a unidade última, realmente fundamental para o progresso do país, do conhecimento das suas condições de constituição e de vida.

Essas idéias foram recebidas com simpatia. E o Secretário Geral do Instituto, aludindo ao precedente da Espanha, com o seu admirável "Instituto Geográfico, Cadastral e de Estatística", lembrou que esse pensamento havia inspirado o primitivo delineamen-

to do grande organismo federativo que hoje tem sede no Palácio do Catete, para o qual fora primitivamente sugerida a designação do Instituto Nacional de Cartografia e Estatística, e em cujo seio se deveriam contar dois subsistemas relativamente autônomos mas intimamente cooperantes.

Assim, a idéia que se vai agora — e ainda bem — concretizando, encontra-se, em verdade, na sua terceira etapa, e tudo indica que será esta a derradeira, de definitiva realização prática e de fecundos resultados.

O Conselho de Geografia preside a um verdadeiro sistema, de extensão análoga ao dos serviços de estatística, formando juntas, essas duas organizações, no mesmo pé de autonomia e eficiência, o Instituto Nacional de Estatística, que já agora melhormente se denominaria "de Geografia e Estatística", desde que fossem dados ligeiros retoques à estrutura e às condições do funcionamento dos seus órgãos colegiais de direção, mas mantida a presidência una, penhor do seu prestígio e da estreita cooperação e unidade de ação entre os dois setores que o compõem.

Concluindo esse esforço de desenvolvimento e adaptação às suas altas finalidades, não é difícil imaginar o que será o novel Instituto para a administração, a ciência e a cultura nacional, já não falando no seu poder de solidarizarização de todos os elementos sociais, técnicos e governativos que sob sua inspiração vão

cooperar, o que lhe dá, evidentemente, marcada significação política, no mais alto sentido da expressão.

Nem lhe ficará entre os menores títulos de benemerência a atuação que lhe vai dever o país no terreno da educação. Porque, afeioando, articulando e disciplinando os inúmeros elementos colaboradores da sua obra, lhes dará um mais pronunciado e mais largo sentido de serviço público, e orientação científica mais rigorosa, desenvolvendo por esse modo útil esforço educativo. Porque, ainda, realizará especificamente trabalho de educação com os cursos de extensão e de especialização que estão previstos em seus estatutos. Porque, enfim, da sua atuação resultará o conhecimento perfeito das condições existenciais do país, ou seja a base em que hão de repousar, a um só tempo, os esforços do Governo para melhorar a vida nacional, e sobretudo sua organização educativa, tanto quanto a própria atividade dos educadores, a bem dizer em todos os ramos e graus do ensino.

Está o Brasil, portanto, diante de uma realização deveras auspiciosa. E a Associação Brasileira de Educação tem motivos de sobra para se congratular, como o faz aqui calorosamente, com os Governos e instituições que estão constituindo este magnífico edifício, o Instituto de Geografia e Estatística, — assim o prognosticamos — o maravilhoso observatório social brasileiro.

RESULTADOS GERAIS DO CONVENIO DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS DE 1931

Realizado a 20 de dezembro de 1931, por iniciativa desta Associação, o Convênio Inter-administrativo pelo qual se fixaram os padrões e as normas de ação conjunta — da União e das suas Unidades Políticas — para que se uniformizassem as estatísticas do ensino em que eram igualmente interessadas as duas ordens administrativas — a geral e a regional, — os primeiros resultados desse acôrdo foram os referentes a 1932.

Esses resultados e os dos anos subsequentes têm sido divulgados em folhetos, sendo também frequentemente citados nos trabalhos de publicidade do Ministério da Educação e neste serviço de comunicados de imprensa.

Uma aproximação entre eles, de feição retrospectiva, será, entretanto, interessante, afim de dar uma idéia do desenvolvimento que vão apresentando os fatos educacionais entre nós, considerado o país no seu conjunto.

Voltando ao assunto, a intervalos, iremos fazendo, em sucessivos comunicados, essa exposição retrospectiva. E como objeto da presente nota, vamos recapitular, por alto, os dados do triênio . . . 1932-1934, relativamente ao ensino primário, comum e supletivo. Devido, porém, à demora com que algumas administrações estaduais estão efetuando as revisões que o Ministério da Educação lhes soli-

citou, tendo em vista corrigir defeitos das respectivas contribuições, divulga-se esta resenha com a ressalva de ainda ficarem sujeitos a pequenas retificações os resultados de 1934;

Unidades escolares:

1932	27.662
1933	29.553
1934	30.733

Professorado:

1932	56.320
1933	57.645
1934	60.191

Matrícula geral:

1932	2.071.437
1933	2.221.904
1934	2.408.446

Matrícula efetiva:

1932	1.787.080
1933	1.884.501
1934	2.032.432

Frequência média:

1932	1.422.631
1933	1.411.595
1934	1.602.899

Aprovações em geral:

1932	676.658
1933	904.171
1934	980.177

Conclusões de curso:

1932	121.379
1933	139.596
1934	151.655

Comparem-se esses algarismos entre si e com os da população,

que se obterão conclusões de extraordinária eloquência. Não nos dirão elas, infelizmente, cousas sempre agradáveis. Mas indicaram sem subterfúgios a obra in-

NORMAS PARA A CORRESPONDÊNCIA ESCOLAR NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

São conhecidos os esforços do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual no sentido de animar e prestigiar as organizações que se destinam a promover e facilitar a correspondência internacional entre os escolares. A comunicação epistolar entre crianças separadas por distâncias e vivendo em meios os mais diferenciados, tanto sob o ponto de vista físico como em relação às condições econômicas e sociais, pelo interesse que desperta "a magia da longinquidade" na imaginação ardente dos jovens, constitui um poderoso fator instrutivo e, ao mesmo tempo, um estímulo para a aproximação espiritual entre as juventudes, aproximação que, si tivesse sido em tempo cultivada, teria talvez impedido as prevenções e os desentendimentos que separam as gerações dirigentes do mundo oficial nesta hora aflitiva de apreensões e de febre armamentista em que se debate a humanidade contemporânea.

No Brasil, as edificantes virtudes da correspondência escolar foram sempre teoricamente reconhecidas nos regulamentos da

gente que nos cumpre realizar, si quisermos ter uma educação primária nacional, que o seja de fato no seu conteúdo e na sua extensão.

instrução pública, mas não parece que os dispositivos a tal respeito incluídos nos estatutos tenham sido cumpridos com o entusiasmo e o rigor que requeria a sua aplicação para que pudesse ela produzir um efeito sensível.

Os programas de ensino para os grupos escolares, escolas rurais e escolas isoladas do Estado do Espírito Santo, aprovados pela Resolução n. 892, de 22 de agosto deste ano, incluem na parte relativa ao 3.º ano, interessantes instruções que revelam, felizmente, uma compreensão dos benefícios e virtualidades da correspondência escolar.

Sob o título "Correio e Intercâmbio Interestadual e Internacional Escolar" lê-se no folheto que divulgou os aludidos programas:

"Como meio de fornecer o ensino da correspondência, desenvolver o sentimento da solidariedade nacional, estreitar os laços de amizade fraternal e avivar o espírito de simpatia humana, que sejam mantidos e desenvolvidos nas classes o correio e o intercâmbio interestadual escolar pela correspondência infantil, pela troca de trabalhos escolares, de vistas fotográficas, de recortes de figuras de jornais e revistas, de recortes literários e geográficos e de

coleções de produtos naturais entre os alunos das Escolas do Estado, entre os destas e os alunos das escolas dos Estados da União e dos países estrangeiros, principalmente americanos.

Em cada sala de aula deverá ser colocada uma caixa postal para receber a correspondência que será distribuída à classe pelo professor, as vezes estabelecidas.

As cartas que devem tratar de assuntos vários, serão todas lidas e comentadas em aulas especiais e bem assim discutidas as suas respostas. Os trabalhos escolares, as vistas, os recortes e as coleções de produtos deverão ser expostos em mostruários.

Para que o correio escolar produza o desejado efeito, o professor deve deixar aos alunos toda a iniciativa e limitar-se a intervir apenas na indicação dos as-

suntos, quando as cartas forem para fóra do estabelecimento, e na correção da linguagem.

E' necessário que o professor faça sentir aos seus discípulos a necessidade da aproximação crescente dos povos americanos, principalmente daqueles cuja semelhança de línguas e identidade de ideais e de destino já é uma garantia bastante para uma política de entendimento, de trabalho, de economia, de proveito, de prestígio e de paz.

Não só as cartas recebidas, como as minutas das que a escola expedir, devem ser convenientemente arquivadas, constituindo assim uma coleção interessante para as gerações sucessivas que passarem pela escola. Toda a correspondência a ser remetida para fóra deve ser assim lida, anotada e corrigida pelo professor".

OS CLUBES ESCOLARES NAS ESCOLAS PRIMARIAS

A expansão das instituições intrascolares, destinadas a habilitar os educandos à prática da democracia e da vida social pelo *self-government*, ainda deixa a desejar, no Brasil, a julgar pelos resultados da estatística referente ao movimento educacional em 1932.

A impressão que sugerem os números é a de que a realidade dos fatos não corresponde ao espiri-

to da legislação que, principalmente nas maiores unidades da federação, é pródiga em dispositivos tendentes a assegurar a expansão das organizações estudantinas. Assim é que a estatística de 1932 registra apenas em todo o Brasil 279 escolas primárias onde existiam clubes de leitura, das quais, 66 eram estaduais, 122 municipais e 91 particulares, avaliando no contingente total a contribuição do Distrito Federal, representado pela cifra de 148 educandários, públicos ou particula-

res, onde se registrava o funcionamento de instituições dessa natureza.

Em referência aos clubes desportivos, a mesma pobreza se verifica. Só em 108 educandários foram assinaladas instituições dessa espécie, sendo que, daqueles, 24 eram estaduais, 20 municipais e 64 mantidos pela iniciativa privada.

As organizações de escotismo, não obstante as suas evidentes virtualidades na formação do caráter, no desenvolvimento dos sentimentos de sociabilidade e de civismo e na própria preservação da saúde, são também em número relativamente escasso.

Não excede de 130 o número de estabelecimentos escolares de ensino primário cujo discipulado se associa para servir ao ideal com que acenou o espírito prático de Bauden Powel à alma generosa das crianças.

Além das organizações citadas registra a estatística de 1932, a par de 39 do tipo "auditorium" e de 77 Ligas de Bondade, 171 Pelotões de Saúde e 182 outras instituições de diversas espécies.

Na Capital da República existiam no referido ano 148 estabelecimentos escolares de ensino primário geral em que funcionavam clubes de leitura, 34 em que havia clubes desportivos, 124 onde havia pelotões de saúde, 20 onde se praticava o escotismo escolar, notando-se, porém, que a esses algarismos só concorriam as escolas oficiais: da municipalidade com 122 clubes de leitura, 20

clubes desportivos, 118 pelotões de saúde e 2 organizações esportivas.

Os números acima tornam-se mais expressivos si os cotejarmos com o montante total de estabelecimentos de ensino primário geral, compreendidos na estatística de 1932, ou sejam, para toda a República, 26.945 e, para o Distrito Federal, 839 estabelecimentos. De 1932 para diante, incrementou-se, em todo o Brasil, o movimento em favor da criação de clubes agrícolas escolares, graças à propaganda patriótica da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres; no Distrito Federal progrediram os clubes panamericanos destinados a cultivar o afeto internacional entre as juventudes do Continente e em São Paulo, ultimamente, o Governo propicia a criação dos clubes de trabalho cuja significação, como elemento de socialização da escola, seria excusado encarecer.

Por auspiciosas que se afigurem as tendências ultimamente reveladas relativamente à animação ao espírito associativo dos escolares brasileiros, como meio de facilitar a verdadeira prática, pelo *self government*, da escola ativa, vê-se, pelos algarismos citados, o quanto estamos longe de atingir uma situação satisfatória em referência a essas atividades no que respeita às escolas primárias.

É sob a impressão penosa despertada pela eloquência dos números que nos ocorre citar o comentário formulado por Bess

Goodykoontz, Comissário interino da Educação dos Estados Unidos, a propósito dos clubes escolares das Escolas Secundárias Americanas, no prefácio da monografia de Maris M. Proffitt, relativa àquele genero de instituições.

"O rápido desenvolvimento dos

clubes, as relevantes funções a que êles se consagram, e a estreita correlação existente entre o papel que exercem e a obra escolar, asseguram-lhes um lugar de importância primacial entre as organizações consagradas às atividades extra curriculares".

EDUCAÇÃO SECUNDARIA PARA TODOS

Não se pôde negar a receptividade do meio brasileiro aos ideais que presidem, nas mais adeantadas democracias, ao conceito da educação como possibilidade oferecida, sem discriminação, a todos os cidadãos, qualquer que seja a classe em que se integrem e qualquer que seja a atividade profissional que desajem abraçar.

Essa ampla acessibilidade da escola às gerações que se preparam para construir a grandeza nacional em todos os ramos do trabalho esclarecido, constitui uma aspiração contra a qual não prevalecem objeções. E entre as evidentes vantagens com que acena à sociedade avultam à que decorre da descoberta e cultura das verdadeiras vocações e a que se traduz na formação de elites sociais que representem, de fato, o escol das capacidades, ao invés de se constituírem de minorias aristocráticas com superioridade apenas financeira, em relação às grandes massas sob as quais, nas posições de comando, exercerão uma influência injustificável, tan-

to pelas suas origens certas, como pelos seus resultados discutíveis.

Na fase contemporânea da política educacional, todas as vistas voltam para o esplêndido horizonte que a verdadeira concepção da finalidade do ensino secundário entreabriu à escola democrática.

Dessa concepção, que elevou a uma situação de primazia a importância do ensino desse grau, como centro de triagem para o encaminhamento das vocações a todas as carreiras dignificadas pelas transformações sociais da civilização industrial em que vivemos, resultou o enriquecimento dos cursos, tanto em número como em conteúdo e, conseqüentemente, a necessidade da maior complexidade e flexibilidade nos respectivos programas.

A preocupação da justiça social, traduzida no empenho em multiplicar as oportunidades educativas de uma população que se quer recrutada em todas as classes sociais, determina forçosamente o encarecimento do custo do ensino, tanto em pessoal como em material, destacando-se, em relação a esta última fonte de

gastos, as dispendiosas instalações que exige a escola moderna.

As conseqüências dêsse encarecimento recaem sobre a população escolar, traduzindo-se no aumento das taxas e das mensalidades que dificultam o acesso aos educandários de ensino médio e vão afinal refletir-se definitivamente no colapso da matrícula.

O elevado custo da instrução secundária no Brasil é um fato notório, para o que concorre, certamente, o custo da inspeção nos estabelecimentos oficialmente reconhecidos.

Parece assim evidente a necessidade de não se perder de vista, no estudo das reformas da educação secundária, o objetivo principal que será, sinão o ensino gratuito, pelo menos o ensino a pre-

DOIS LIVROS RECENTES

O interesse do público pelo problema da educação nacional reflete-se no aumento auspicioso da bibliografia recente em que autores justamente conceituados focalizam, sob diferentes aspectos, a realidade, as perspectivas e os precedentes da escola brasileira, apontando-lhe os rumos reputados mais aconselháveis para que ela realize plenamente a sua gloriosa finalidade.

Diversos editores e educadores promovem a publicação de "bibliotecas" em que só se cogita de assuntos educativos, ou correlatos, e, avulsamente, surgem livros magníficos cuja oportunidade e

ços que não impliquem na instrução da escola democrática aos desfavorecidos da fortuna...

Ou o Governo encara de frente esse problema conciliando a sua ação progressista com os interesses da população, ou os seus esforços para seguir o exemplo das grandes democracias, no sentido de instituir a escola secundária para todos, redundarão em torna-la inacessível mesmo às classes médias, que até agora lhe tem enviado os maiores contingentes de alunos.

Cumpre considerar simultaneamente os dois fermos do problema para que não decorra de uma boa intenção, a agraviação do mal que ella pretende justamente evitar.

valor é fácil aquilatar pela importância da materia que versam e pelas credenciais representadas pelos nomes aureolados de seus ilustres autores.

Nada menos de dois interessantes volumes estão a exigir agora um especial registro. Um dêles é o 1.º tomo do grande repositório de documentação histórica de Primitivo Moacir, intitulado "A Instrução e o Império". O outro é a obra "Tendências e Diretrizes da Escola Secundária", (Aspectos de Sociologia Educacional) do Professor Carneiro Leão.

Dos dois trabalhos citados, o primeiro consta de subsídios para a história da educação no Brasil de 1823 a 1853 e constitue o

início de uma série que se continuará em três outros tomos: — o 2.º volume, abrangendo reformas gerais que se iniciaram com a do Ministro Couto Ferraz em 1854 e os atos e fatos notáveis que assignalaram o movimento educacional até 1887; — o 3.º volume, destinado ao registro dos textos e ocorrências que fixaram, segundo os vários ramos didáticos, a evolução do ensino na segunda metade do século passado, até a proclamação da República; — o 4.º volume, finalmente, consagrado ao desenvolvimento da instrução nas antigas Províncias, a partir de 1839.

O 1.º volume, que acaba de sair do prelo, dá idéia do que serão os demais. Compreende mais de 600 páginas de transcrições, que trazem aos estudiosos, diretamente, as fontes de informação, evitando-lhes as buscas penosas, e aquelas peregrinações pelos arquivos que desanimam os consultantes e levaram os dirigentes do movimento intelectual contemporâneo a sentir a falta de centros nacionais de documentação e a propôr a criação dêsses institutos, cuja relevância, já proclamada pela Liga das Nações, através do órgão do Instituto Internacional de Co-operação Intelectual, será definitivamente consagrada num congresso universal a realizar-se em Paris, em agosto, do ano próximo.

O mérito da obra do sr. Primitivo Moacir está na finalidade utilíssima de que se reveste como contribuição à cultura educacional e, mais ainda, no que ela im-

plica de paciência e de esforços, que, assegurando ao autor as satisfações íntimas do colecionador de alfarrábios, facilitam aos leitores as glórias que a exploração dêsses tesouros acumulados oferecem e em cuja distribuição, o pesquisador modesto e infatigável entre como *minima pars*.....

O livro do sr. Carneiro Leão é também um trabalho informativo, como se vê da série de capítulos em que se estuda a organização do ensino em vários países, destacando, nos quadros gerais da organização escolar, o papel do ensino secundário. Não se trata, todavia, de uma obra destinada a apresentar objetivamente os fatos na sua seqüência cronológica, para fins exclusivos de documentação. O texto e as tabelas que o ilustre professor apresenta visam mais o presente e o futuro que o pretérito; realizam no espaço, ultrapassando a órbita nacional, os confrontos de que não podia cogitar o historiador, preocupado apenas em oferecer os elementos para o estudo do aspecto interno da evolução do ensino no Brasil, fixando as diferentes etapas de um progresso que, embora não se tenha traduzido em realizações de sensível valor pragmático, não poderá ser contestado nos índices de uma mentalidade que durante longos anos do império jamais se mostrou refratária às influências renovadoras no plano educacional e que, na fase final da monarquia, teve a sua máxima expressão nos memoráveis projetos de Rui Barbosa.

Educacionista, figura de relevo no magistério ativo, diretor que foi do ensino em duas unidades da federação, o professor Carneiro Leão não restringe a sua tarefa ao garimpo de preciosas informações sobre a educação secundária, mas apresenta-as buriladas, imprimindo-lhes a plenitude do valor, graças à contribuição pessoal nas luzes de sua experiência de especialista e de erudito, nas críticas, nos comentários e nas sugestões que lhe inspira a visão panorâmica e o conhecimento detalhado do assunto investigado.

A RESURREIÇÃO DE MACAUBAS

O nome de Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, deve ser objeto de um culto perene nas nossas escolas. O ato da Municipalidade provendo, há alguns anos, a que em todos os nossos educandários figurasse um retrato do insigne mestre, visou perpetuar no coração da juventude a imagem do humanizador do ensino, do instituidor daquela "Escola da Lei Nova" a que as gerações de discentes dos primeiros anos da República rendiam justiça, celebrando-lhe, no início do dia letivo, a benemerência e os encantos.

Foi, na verdade, o antigo diretor do Ginásio Baiano o grande abolicionista que, pela propaganda e pelo exemplo de suas atitudes em face dos escolares do seu tempo, preparou-lhes a emancipa-

Partidário convito da acessibilidade do ensino secundário a todas as classes da população, e da diferenciação dos cursos, de modo a que apresentem a necessária flexibilidade, servindo a todas as vocações e deixando de ser uma simples etapa para certas escolas superiores preferidas pelas *élites* abastadas, o autor defende com vigor a tese que considera ter aquele ensino em si mesmo o seu fim, na escola que educa para a vida prática e habilita o aluno a decidir, em face das solicitações desta, as atitudes e critérios preferíveis.

ção definitiva pela proscrição da fúrela e de outras punições aviltantes, assumindo, como benfeitor de milhares de crianças, uma missão semelhante à dos escritores e tribunos que abriram caminho à lei áurea.

Abílio César Borges não foi, porém, apenas um propagandista. A sua ação no cenário da educação nacional sobreviveu ao grande reformador na obra gloriosa dos discípulos. Os institutos que dirigiu e cujo renome encheu uma era, foram seminários de vultos que brilharam singularmente na ciência, nas artes, na literatura, na política, em todos os setores da vida social em que as inteligências bem cultivadas encontram ambiência para a sua plena floração. E, no próprio magistério, entre tantos discípulos notáveis, deixou Macaúbas, o melhor continuador no herdeiro do seu no-

me Joaquim Abílio Borges, fundador do Colégio Abílio do Rio de Janeiro.

Ao que foi aquele instituinto original recordam-se saudosos quantos o cursaram e não esquecem o contraste que representavam, na henermérita casa de ensino, as instalações dispendiosas e completas, a serviço de um professorado de escol, e a constituição das turmas de discentes onde predominava a massa dos gratuitos que recebiam de graça, em livros e instrução, o pão do espírito, e, de graça, também, o pão para o corpo, na merenda farta dos recreios...

Evocando a auréola da glória com que brilha nos fastos da história educacional brasileira o nome dos Abílios, visa o presente comunicado acentuar o serviço que o professor Isaías Alves acaba de prestar ao nosso professorado com a publicação de seu livro "Vida e obra do Barão de Macaúbas".

Trata-se de um estudo documentado e minucioso sobre a personalidade, o caráter, as idéias e as realizações do lutador que, no dizer de seu ilustre panegirista, foi o "homem síntese de gerações, homem força da natureza" a representar "uma energia que se perdeu pela metade, agindo isolado, numa sociedade que lhe não compreendeu as intenções, porque não estava preparada para realizar os seus ideais alevantados".

A autoridade que sobra ao biografado para analisar e comentar, com conhecimento de causa, a vi-

da do biografado, imprime um particular interesse ao livro do professor Isaías Alves, atendendo à raridade ou a difícil acessibilidade, na nossa literatura pedagógica, de ensaios completos, provenientes de autores idôneos, sobre as figuras marcantes da história educacional do Brasil.

No ano que se diz consagrado à educação nacional, quando se cogita de fixar, no plano de educação, as linhas mestras da política a seguir na preparação das gerações novas, a evocação do gênio de Macaúbas na apreciação comentada de seus esforços em prol da nossa juventude, da renovação e do engrandecimento da Escola Brasileira, afigura-se-nos de uma oportunidade flagrante.

Nenhum momento mais propício se oferece à recordação de uma vida tão edificante do que este em que um desejo ardente de progresso faz entrever nos horizontes da educação brasileira, as perspectivas de novas conquististas que, para serem sólidas e duradouras, deverão refletir a continuidade da obra para que concorrerem os nossos antepassados, trazendo-lhe os subsídios da intuição genial, traduzidos em votos e advertências, muitos dos quais se concretizaram na prática das mais significativas e bem sucedidas experiências.

A Sociedade das Nações tem as suas vistas voltadas para o problema da desocupação dos intelectuais, cujo principal aspecto se revela na falta de colocação para uma parte considerável dos profi-

cionais que deixam anualmente os bancos universitários e se vêm portadores de um título científico de pouca serventia, pela sua desvalorização no mercado do trabalho.

Occorre, entretanto, que o fenômeno social resultante do excesso da oferta sobre a procura, na concorrência entre os trabalhadores egressos das universidades, não se faz sentir igualmente em todos os ramos das profissões liberais. Ao passo que, em alguns setores de atividade há deficiência de diplomados, sobram estes em outras, o que torna aconselhável orientar os escolares, desde o começo do curso superior, mas principalmente nas ultimas etapas, quanto às perspectivas reais que lhes abrirá a posse do diploma pleiteado.

Há dois meios de combater a desocupação dos universitários, qualificada com razão pelo Sr. Henri Bonnet, Diretor do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, como um verdadeiro flagelo. O primeiro consiste na ampliação das perspectivas de trabalho intelectual, o que implica em elevar a oferta de ensinos de colocação ao nível do número de candidatos, solução artificial e que dificilmente poderá assumir caráter permanente; o segundo traduz-se na diminuição racional dos pretendentes à colocação em quadros superlotados das atividades intelectuais, mediante melhor aproveitamento das vocações e a segura orientação dos educandos sobre os horizontes que se des-

cortinam para uma carreira imediata e compensadora.

A política de Roosevelt, nos Estados Unidos, constitui um exemplo de feliz aplicação do método que citamos em primeiro lugar. O segundo concretizar-se-á na multiplicação das agências de informação, que já começam a surgir em várias universidades, e na coordenação dos respectivos esforços, através de um centro comum, capaz de fazer reverter em benefício de todos o trabalho particular que cada uma realizar na órbita de suas possibilidades.

O problema da desocupação dos intelectuais do Brasil é um fato palpitante, revelando-se na desproporção notória entre o número dos diplomados que seguem a carreira para que se prepararam e o dos que deixam anualmente as bancas acadêmicas para abraçar profissões alheias ao título conquistado à custa de sacrifícios penosíssimos e pesados encargos financeiros.

Verifica-se, por outro lado, que as aspirações da mocidade não se ajustam aos imperativos do meio nacional, considerado este nas virtualidades oferecidas às gerações de novos diplomados. Ao passo que se observa a pleiade destes nas Capitais, nota-se nas zonas excêntricas a sua falta quasi absoluta. Por outro lado constata-se uma extraordinária desproporção entre o número, avultado e excessivo, de aspirantes a certas carreiras, como, por exemplo, à jurídica, e o de pretendentes à laurea acadêmica em outras que, sendo mais futuras, permane-

cem desprezadas, como a dos técnicos em agronomia e nas demais indústrias de que depende fundamentalmente o surto econômico da nação.

Depara-se ainda um outro fenômeno não menos digno de registro. Profissionais estrangeiros de atividades que não nos interessam forcejam por emigrar para o Brasil, na ignorância da situação do nosso mercado de trabalho intelectual, enquanto para maior dificuldade obtemos para esferas de serviço onde há *deficit* de bons dirigentes, os elementos de que carecemos para preencher os claros das nossas organizações especializadas em prejuízo das quais se faz sentir a falta de elementos nacionais.

Resulta dessas considerações a necessidade de se criar no Brasil uma agência de informações e de orientação vocacional para os universitários, ideia que, aliás, já foi,

há tempo, aventada pelo Professor Kaseff, Assistente Técnico da Universidade do Rio de Janeiro.

Qualquer iniciativa no sentido de aparelhar a nossa organização cultural com uma agência dessa natureza viria ao encontro de uma justa aspiração dos universitários brasileiros e de todos os discentes que frequentam as nossas escolas superiores.

Teria, além, disso, evidente alcance internacional que se poderia aquilatar considerando o voto emitido em uma de suas reuniões do ano passado pela Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, a qual declarou ser necessário que "o maior número possível de países constituam as suas agências de informações e que o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual estabeleça entre essas agências a colaboração regular e uma conveniente coordenação".

AS ATIVIDADES DO CONSELHO NACIONAL DE ESTATISTICA

É do domínio público a instalação, em 1936, do Instituto Nacional de Estatística, uma das principais realizações do atual Governo da República.

A Convenção Nacional firmada em 11 de agosto de 1936 para, nos termos do decreto n. 24.609, de 6 de julho de 1934, aprovar as bases da constituição e regulamentação do Conselho Nacional de Estatística e assentar as medidas necessárias e integração do

quadro federativo do Instituto, marcou o início da coordenação, em bases racionais e edicientes, dos serviços estatísticos brasileiros.

O decreto n. 1.200, de 17 de novembro de 1936, regulou a constituição e o funcionamento do Conselho Nacional de Estatística, discriminando os cargos e direção superior das atividades do Instituto, e fixando as bases de sua atuação por intermédio de suas ordens de entidades fundamentais: organizações ideais e organizações regionais.

Tendo assegurada a mais ampla autonomia de ação técnica e administrativa relativamente aos objetivos convencionados, o Conselho reuniu-se pela primeira vez em 1.º de dezembro de 1936, dando seguimento aos trabalhos de sua Assembléa Geral.

Nas reuniões subsequentes foram apresentados, discutidos e votados em plenário, numerosos projetos de resoluções, estruturando serviços, constituindo comissões técnicas e estabelecendo normas gerais para a colaboração dos sistemas estatísticos regionais com o federal; distribuindo-se o campo de pesquisas em geral que possam interessar o governo da União, em tantos grandes setores quantas às "repartições centrais" da organização federal do Instituto, e assentando-se outras medidas relevantes para a estruturação definitiva da Estatística Nacional.

Foram objeto de deliberação da Assembléa Geral, entre outros, projetos determinando as providências que serão solicitadas dos Poderes Públicos em 1937 para o aperfeiçoamento da estatística brasileira e preparação do recenseamento de 1940; estabelecendo normas para assegurar a unidade das estimativas demográficas brasileiras; estabelecendo um plano de cooperação para o aperfeiçoamento da estatística postal-telegráfica e telefônica; fixando diretrizes e iniciativa do Instituto para o fim de desenvolver e

dar integral aproveitamento à estatística ferro-viária; regulando a atuação do Instituto no sentido de obter a publicação regular, pelos Estados e Território do Acre, do Anuário de Legislação e Administração Municipal; fixando as condições de filiação ao Instituto, das Instituições e serviços geográficos e dos serviços estatísticos de instituições privadas; determinando providências no sentido de harmonizar as estatísticas de produção do Departamento Nacional do Café e institutos congêneres, com os levantamentos idênticos divulgados pelo Ministério da Agricultura e repartições ou instituições estaduais; prescrevendo aos órgãos do Instituto esforços de propaganda em prol da criação, em cada município, da biblioteca, museu e arquivo municipal; e assentando planos e normas ou determinando providências de ordem administrativa e técnica.

A Assembléa Geral do Conselho, votando ao todo 29 projetos de resolução, na sua sessão de 1936, teve sempre em mente a expressão científica da estatística em um terreno imenso de aplicações, considerando os progressos já alcançados, os novos problemas surgidos com a evolução do país e a necessidade de organização sistemática de pesquisas para garantia da obra a que se propoz o Instituto Nacional de Estatística.

vida pela A. B. E., destacou-se, entre tantas outras demonstrações do progresso de S. Paulo, a re-

EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA

Na recente Exposição Nacional de Educação e Estatística promo-

presentação do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, constante de interessantes cartazes de propaganda, quadros de formatura de turmas especializadas no estudo de cooperativismo, estatísticas e gráficos, além de coleções de boletins publicados pelo aludido Departamento, desde o n. 1 (Abril de 1936) ao n. 37, correspondente ao mês de Dezembro.

A ação educativa do Departamento exerce-se por diversas maneiras, mas tem no serviço de publicidade o seu principal instrumento. Qualquer leitor que acompanhar assiduamente a leitura dos boletins, adquire uma noção precisa do que é o cooperativismo e da melhor maneira de praticá-lo. E aprende, sem precisar dispendir um grande esforço intelectual, assimilando facilmente os ensinamentos divulgados em linguagem clara, em argumentos de apreensão imediata, pela maneira simples com que são expostos com citações e exemplos que dispensam arrazoados lógicos, visto que se amparam em experiências consagradas pelo êxito.

Mas não só isso. O boletim estatutos e instruções e apresenta modelos concretos de escrituração para as cooperativas, assignalando em sábios comentários a razão de ser dos sistemas seguidos. Habilita assim o leitor a conhecer a lei e a verificar o que deve fazer quando a tiver de cumprir, zelando pelos próprios interesses na organização cooperativista em que tiver de ingressar ou que venha a fundar, si dispuser, para tanto, dos predicados necessários, a começar pela prudência, sagacidade e espírito de iniciativa.

A obra de educação para o cooperativismo, realizada em S. Paulo, é assás conhecida. Um mapa exibido na Exposição de Educação e Estatística apresentava-nos a superfície do território paulista coberta de cooperativas escolares, mencionando um total de

22.204 associados e de 25.024 quotas subscritas. Outro gráfico evidenciava a diferença do preço do material de ensino, obtido diretamente no mercado e por intermédio das cooperativas, fazendo ressaltar a extraordinária economia realizada pelos discentes, onde existem aquelas organizações.

As cooperativas escolares in-fundem assim, pela força dos benefícios práticos que oferecem aos seus membros, a noção concreta e sentida do que vale a realização do princípio — um por todos, todos por um — base do cooperativismo.

E' no meio dessas instituições que se está formando a geração que levará ao apogeu o regime cooperativista em todos os setores da economia estadual, quando os que frequentam as escolas de hoje se integrarem amanhã na agricultura, no comércio e na indústria.

A êsse resultado futuro, há a acrescentar os que desde já decorrem da influência dos jovens escolares no seio da família.

Êsse propósito julgamos interessante reproduzir, encerrando este comunicado, o seguinte trecho de um artigo publicado no boletim n. 37, do benemérito Departamento confiado à clarividente direção de Luiz Amaral:

"Servindo-se de material escolar para atas de administração e comércio, os meninos aprendem a resolver seus problemas sem complicar os problemas dos outros. Desde a infância, enfrentam os consuetudinários problemas da vida, para aprender a resolvê-los dentro do espírito cooperativo. Então, o cooperativismo escolar é utilizado como formador da mentalidade; para brunnir a próxima geração daquele espírito que tanto falta à atual — o espírito de cooperação.

Mas tem também outro alcance, de natureza material: barateia

imensamente os artigos necessários à educação. Deduz as vantagens disso quem sabe que, no Brasil, governar é educar. Além do mais, o cooperativismo escolar imprime nas crianças noção de responsabilidade, espírito de liderança. Menino de 12 anos eleito presidente, ou secretário, ou, tesoureiro de sua cooperativa escolar, adquire um penacho que procurará conservar pela vida toda.

A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO MODERNA

A geografia como base do conhecimento humano tem evoluído consideravelmente e crescido de importância graças a estudos oportunos e documentados e a publicações que vem enriquecendo a biblioteca mundial.

Da antiguidade à idade média, a curiosidade por essa ciência expandia-se com as guerras, as invasões e as conquistas. A época dos grandes descobrimentos durante as longas viagens do século XVI, ampliaram os conhecimentos que existiam chegando-se mais tarde à execução das famosas cartas geográficas militares.

Saiu-se da geografia regional para a geral. Alexandre Humboldt e Carlos Ritter indicaram os novos rumos a seguir, estudos da vida na superfície do globo terrestre e os frutos de seus ensinamentos lograram criar a geografia moderna, para cujo desenvolvimento muito têm contribuído as sociedades e institutos de geografia espalhados por todo o orbe, bem como a sua inclusão nos diversos cursos, em contacto íntimo com as demaisiências que lhe são afins.

Inglêses, noruegueses e alemães se dedicaram, desde o campo do

Calcula-se, também, o valor do cooperativismo escolar como meio de propaganda: crianças que voltam à casa comentando a eleição havida na sua cooperativa; gabaudo de sua vitória eleitoral; apresentando ao pai ou ao irmão mais velho certos problemas que lhe incumbem resolver na sua gestão de diretor. E' como forçar o pai e o irmão a tomar conhecimento de um assunto a que antes se mantiveram sempre alheios;"

presente século, às explorações nos mares antárticos e recentemente começou-se a empregar a aviação neste e noutros gêneros de investigações geográficas. Já se cogitando de utilizar também com esse fim a navegação submarina.

Assim, as noções e os conceitos pedagógicos das eras passadas não mais indicam soluções capazes de orientar a humanidade ante as realizações e os fatos da vida prática contemporânea. Os planos de estudo vão sendo remodelados e, à medida que se distanciam dos velhos processos de educação e se aproximam das novas situações, visam também esclarecer mesmo os mais completos aspectos do universo.

Seguindo o desdobramento dinâmico das atividades humanas, a pedagogia condiciona-se em atitudes mais propícias à formação de um sistema de valores úteis em todos o sectores da civilização moderna e a geográfica, ligada como está a numerosos acontecimentos políticos, econômicos e sociais, é um ramo de instrução em constante desenvolvimento, acompanhando a evolução e as transformações que se operam na estrutura do mundo.

Das meras descrições geográficas e enumerações fastidiosas a que se limitava, o ensino da ma-

teria passou a constituir um instrumento de investigações profundas de peculiar interesse pátrio e grande significação internacional.

A "Revista de Educacion", órgão do Ministerio de Educacion pública do Peru, publica em seu número de Junho de 1936, um estudo valioso, ilustrado com gravuras, gráficos e mapas, "fruto da capacidade e especiais condições docentes de uma distinta professora do Instituto Pedagógico Nacional de Mulheres". A Diretoria de Estudos e Exames, que edita a citada revista, considera esse trabalho uma importante contribuição para o estudo da geografia e respeita a exemplar modestia de sua autora, não revelando o seu nome.

A matéria do estudo em apreço acha-se distribuída nos seguintes capítulos: "Evolução dos métodos" — "O interesse pedagógico" — "Métodos ativos" — "Métodos de projetos" — "Método de Problemas" — "Oservações" — "Geográfica representativa e simbólica"

A EDUCAÇÃO E A CULTURA NA ATUAL CONSTITUÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS

"O Estado de Goiaz, organizado como parte integrante da República dos Estados Unidos do Brasil, exerce, em seu território, todo o poder que não tiverem sido, expressa ou implicitamente, reservados à União pela Constituição Federal" (Art. 1.º da Constituição do Estado de Goiaz, promulgada em 4 de agosto de 1935).

E a Assembléa Constituinte, votando esse Diploma Político, fixou a organização e as atribuições dos Poderes Públicos, os direitos individuais e outras disposições gerais, estatuidando ainda as normas fundamentais em que se de-

— Mapas e Gráficos" — Algumas sugestões" "Estudo da localidade" — "Relação com a História".

A robustecer-se progressivamente, vemos aí que a geografia vai adquirindo formas que a distingue sobremaneira entre as disciplinas dos programas educativos. Os problemas geográficos não são pesquisados apenas pelo lado físico, mas pelo das suas múltiplas correlações nos domínios da história, das ciências naturais e outras que descrevem a terra, o carater, os recursos e as necessidades dos povos, objetivando, em suma, o conhecimento completo do meio ambiente de que dependem as sociedades.

A geografia na educação moderna tem na estatística o seu mais forte elemento de êxito e tudo tão expressivo e atraente nessas duas matérias, que, sob sua influência, a curiosidade científica do aluno se desperta ansiosa pela melhor compreensão dos fenômenos terrestres e condições de vida em todas as latitudes e climas.

vem refazer, organizar e ampliar os serviços da educação e da cultura no Estado.

Os novos rumos impostos às atividades educativas visaram, igualmente, adaptar o sistema escolar estadual às necessidades reais, integrando-o, quanto possível, um espírito contemporâneo.

Dispositivos esparsos estabeleceram que os deputados, sem perda do mandato, poderão desempenhar comissão de natureza técnica ou cultura, mediante licença prévia da Assembléa, exercer o magistério superior ou secundário. A Assembléa Legislativa decretará lei subsidiárias para a completa execução da Constituição e, entre outra matéria de sua competência, legislará, em caráter complementar e supletivo, no li-

mite das atribuições conferidas pela Constituição Federal, sobre educação e cultura. Aos membros do Ministério Público é facultado o magistério. O Governador e os prefeitos não poderão nomear, para cargos públicos, no Estado ou nos municípios, parentes seus, consanguíneos ou afins, até o terceiro grau civil inclusivo, salvo para o magistério e um para cargo de confiança.

No Capítulo II — “Da ordem economica social” (Art. 96), ficou taxativamente disposto cumprir ao Estado favorecer e animar o ensino, a educação, as ciências em geral, as artes; proteger e salvaguardar as belezas naturais e o patrimônio artístico e histórico, podendo impedir a evasão de obras de arte, prestar assistência ao trabalhador intelectual.

Adiante, no mesmo Capítulo, figuram finalmente as normas estatuidas expressamente sobre o plano de organização educacional, na seguinte forma:

“Art. 109 — O Estado, observado o art. 151 da Constituição Federal, organizará, em lei ordinária, o seu plano educacional, adotando ainda as seguintes normas:

1. criar e subvencionar as escolas rurais idôneas, e adequadas ao meio;

2. criar escolas ambulantes, com sede transitória e curso letivo de quatro meses, para ensino da primeira leitura e das quatro operações fundamentais, com frequência obrigatória para os adultos analfabetos, nas regiões rurais em que não possa haver escolas fixas;

3. facultará o ensino religioso, nos termos do art. 153 da Constituição da Republica;

4. criará fundos especiais destinados:

a) à dadia de material escolar aos alunos pobres;

b) à assistência médico-dentária;

c) ao fornecimento de ferramenta agrícola às escolas rurais; d) a favorecer aos alunos pobres o acesso às escolas superiores, desde que hajam feito, com distinção, os cursos primário e secundário.

§ 1.º — Aos professores públicos serão dadas garantias de estabilidade e acesso.

§ 2.º — Os professores diplomados por escolas oficiais, ou a estas equiparadas, terão preferência no provimento do magistério primário, sempre que o requirem.

§ 3.º — Para a execução deste plano, destinário o Estado e os Municípios, no mínimo, vinte e dez por cento de suas rendas de impostos, respectivamente.

Art. 110. — O preenchimento dos cargos do magistério oficial poderá ser feito, mediante concursos, provas de título e de habilitação, na forma que a lei estabelecer.

Parágrafo único. — Os professores, nomeados em virtude de concursos, gozarão das garantias outorgadas pelo § 2.º do art. 158 da Constituição Federal, sem prejuízo do disposto no título VII da mesma Constituição.

Art. 111. — Os estabelecimentos particulares de educação primaria, profissional e superior, considerados idôneos, ficarão isentos de qualquer tributo.

Art. 112. — O Estado pode contratar, sem dependência do concurso, professores, nacionais ou estrangeiros, de notória competência.

Art. 113. — É terminantemente proibida a entrada, ou permanência, de indivíduos portadores de moléstias infecto-contagiosas, nas repartições públicas, estaduais e municipais, e nos estabelecimentos de ensino, públicos e particulares.

Parágrafo único. — A lei regulará a execução deste artigo.”

OS MAPAS MUNICIPAIS NO ENSINO PRIMA'RIO

Na recente Exposição de Educação e Estatística diversos Estados apresentaram cuidadosos mapas da divisão municipal, destacando-se o do Piauí, que exhibiu um artístico album onde figurava, em cada página, uma carta comunal, com a indicação de aspectos locais interessantes, produções, etc. O Estado do Ceará concorreu também com uma bela coletânea de mapas municipais e no mostruário do Paraná destacavam-se esplendidas cartas em ampla escala que, como a do Município de União da Vitória, sugeriam uma magnífica impressão dos progressos e das possibilidades de circunscrição administrativa a que se referiam.

Pode-se, pois, dizer que se generaliza em quasi todas as unidades da Federação a preocupação de fixar em termos mais ou menos minuciosos a estrutura íntima de sua organização administrativa, visto como os mapas municipais contém, por sua vez, a indicação das linhas que confinam os distritos, tanto administrativos como judiciários.

A tendência que assinalamos é das mais auspiciosas, porquanto revela a preocupação de se assegurarem aos nossos administradores o conhecimento tão exato, quanto possível, do meio onde deverão exercer a gestão dos negócios públicos, determinando-lhe os principais aspectos geográficos e traçando o quadro que deverão enriquecer, em futuras sessões, os resultados do progresso traduzido em melhoramentos, tais os que advem da maior condensação demografica, da abertura de novas vias de comunicação, interna e para os municípios vizinhos, de agências portais e telegraficas, escolas, etc.

Por outro lado, não se pôde negar o valor educativo das cartas municipais para a iniciação do estudo da geografia nas escolas do interior.

Na intelligência infantil as noções que mais facilmente se adquirem são as que estão ao alcance direto dos sentidos e constituem centros imediatos de intelligência.

O ambiente em que se processa a vida do escolar e cujos detalhes a criança conhece *de visu* é o que lhe oferecerá, depois, pela indução, o meio de compreender o que está fóra do sistema sensorial e só pôde calcular o que seja, ouvindo a palavra do mestre pela intelligência e pela imaginação.

As excursões escolares que o método ativo recomenda farão com que os alunos das classes sertejeas aprendam a interpretar a carta de sua comuna e a situação desta entre as comunas vizinhas, em extensão, população e recursos de toda especie.

O mapa municipal, enriquecido com vistas das belezas naturais — que existem em todos os rincões do país, é como que o retrato fiel da gleba natal. O seu estudo apresenta as mais úteis virtuaes: evita falsas noções e desperta o amor pela circunscrição, que representa para cada um de seus jovens habitantes um cenário sempre risonho de alegrias, esperanças e gratas evocações. Para considerar o resto do mundo, o Estado, a Pátria e o Universo, o pequeno sertejeiro terá sempre que basear o seu julgamento no que viu em miniatura, ou em esboço no microcosmo onde se processa a sua existência obscura e otimista, de ser que no se queixa, conformado com o destino, por não conhecer ainda a ambição e a revolta contra as injustiças sociais que o parasitismo dos grandes centros populosos denuncia e exa-

gera, sem nada fazer, para lhes diminuir a iniquidade.

A vinculação do sertanejo à terra do seu berço, desde que consiga a escola transformá-lo em cidadão útil à coletividade e a si próprio, pela consciência dos seus direitos e deveres e do seu papel, como força moral e fator econômico no progresso da comunidade, resultará em diminuir os males do urbanismo, elevando a população dos campos ao nível a que deve aspirar pelo seu número e pela sua expressão econômica na formação da riqueza nacional e na orientação dos dirigentes.

Para isso cumpre criar a consciência ruralista que não existe entre nós, interiorizando, por assim dizer, a civilização, mediante processos educativos que desenvolvam o sentimento cívico, tendo como ponto de partida o apego à gleba natal, fundado no co-

GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Já disse alguém que a geografia é a estatística em repouso e a estatística é a geografia em movimento. E um jornalista amigo de comparações glosou esse pensamento, afirmando que, em última análise, a geografia estuda o homem e a terra "fotograficamente", isto é, em esquemas, ao passo que a estatística, do mesmo objeto se ocupa "cinematograficamente", ou seja, representando tendências, rumos e curvas de evoluções.

Como quer que seja, o certo é que a geografia e a estatística estão íntima e inseparavelmente relacionadas. Sob o ponto de vista objetivo como sistema de investigações e de conhecimentos positivos sobre o meio telúrico e os agrupamentos humanos, apreciados estes e aquele nos seus variados aspectos e nas suas interdependências, — si a geografia observa,

nhecimento não só do que ela vale, mas ainda do que poderá valer si não a votarem ao abandono os filhos mais capazes.

A tendência que se manifesta entre as municipalidades no sentido de se documentarem sobre os fatos de sua vida íntima, interessando desde a escola, os jovens municípios nas realidades e possibilidades do meio local tem no desenvolvimento da cartografia municipal um indicio auspicioso.

Pressagiam os nossos prefeitos nesse movimento e iniciem outros que o devem completar, para que não continue a ser o Brasil o colosso que muitos conhecem em seus característicos gerais e todos ignoram nas maravilhas da estrutura íntima e nas reservas ainda intactas de um milhar e meio de comunas mais ou menos progressistas.

esquematiza, quantifica e representa em forma gráfica, para extrair predominantemente conceitos sintéticos, em relação ao espaço, sobre a pluralidade dos aspectos visionados, a estatística também investiga, mensura, agrupa e grafia, mas visando, de preferência, a síntese no tempo, ou seja a verificação da ordem evolutiva dos valores representativos de cada classe dos fenômenos estudados. Si mede aquela e coloca seus elementos em ordem de "coexistência", a segunda dispõe os valores em ordem de "sucessão". E somente pela superposição e acomodação das duas imagens assim obtidas: a espacial e a temporal — é que se integrará a percepção das condições de existência e co-existência, de variação e de co-variação, dos fatos relativos ao estudo do homem em função do ambiente físico, e d'este contingendo por aquele.

Si passarmos à considerar a geografia e a estatística como objetivo da atividade governamental, já é fácil de ver que não pôde o Estado — ou pelo menos, não deve — fazer separadamente a sua geografia" e a sua "estatística". Porque a geografia, para integrar-se com os valores socio-gráficos e políticos, precisa dos resultados que só a estatística social lhe pôde oferecer. E porque também a estatística, para ter satisfatória interpretação, há de preliminarmente subordinar-se ao condicionamento territorial dos fatos, o qual sómente a geografia física lhe fará conhecer.

Á está a razão de lento desenvolvimento que vieram tendo entre nós, até agora, os serviços administrativos de geografia e estatística. Não recebiam uns dos outros nem a ajuda mútua que se meliam tão pouco às solicitações e estímulos que reciprocamente se oferecem. E era essa uma autarquia mutiladora de virtualidades esplendidas e inibidora das largas iniciativas que os trabalhos estatístico-geográficos sugerem e reclamam. Juntando-se a essa não convergência de esforços entre os dois setores, a dispersão ainda mais grave dos recursos de ação dedicados a cada um deles, e não só entre as tres esferas governamentais, mas até mesmo na economia de cada uma delas, ter-se-á então a explicação completa d'esse permanente estado de inibição, de paralisia, de impotência em que se vinham debatendo no Brasil as atividades destinadas à função fundamental de esclarecer a coletividade sobre suas próprias condições de vida.

Eis também porque háo de ser considerados dos mais auspiciosos os fatos que estão indicando haver o Brasil adotado, afinal,

uma radical mudança de rumos neste particular. Primeiro, foi a convergência de esforços no setor de estatística, instituída com rara felicidade pelo Presidente Getúlio Vargas, ainda ao tempo do Govern. Provisório, com a criação do Instituto Nacional de Estatística, e confirmada há pouco pela Convenção Inter-administrativa de 11 de Agosto. Depois, foram as providências para a coordenação paralela dos serviços geográficos sob a direção superior de um órgão colegial eficiente, o Conselho Brasileiro de Geografia. Finalmente, foi o encaminhamento da incorporação d'esse novo sistema ao primeiro, no mesmo nível de autonomia e prestígio, mas num regimen de íntima cooperação no seio de grande organismo já fundado e em promissora atividade, o qual, sinão no nome ainda, será de fato, brevemente, o "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística".

Pelo, que sem dúvida alguma tais iniciativas representam como inovação corajosa e rica de possibilidades no caso especial do Brasil, como vinculação poderosa no terreno político-social, como valiosa conquista cultural, como virtualidades inéditas no campo da ciência e da educação — este sodalício, que se fundou para trabalhar pela cultura e pela educação brasileira, vê-se movido a manifestar os seus melhores aplausos às acertadas diretrizes que estão norteando, sob as mãos seguras do Senhor Maceio Soares, a articulação geral, ora em processo, dos serviços nacionais de geografia e estatística. E faz votos para que o movimento ora iniciado não cesse, antes se enriqueça de recursos e se desdobre em realizações fecundas, atingindo integralmente seus admiráveis objetivos, e sugerindo, afinal, iniciativa idêntica no que se refere a

educação, conforme já foi em boa hora lembrado pelo Prof. Lourenço Filho no seio desta sociedade e para o que bastaria fosse

executado o disposto no decreto n. 24.787, de 14 de Julho de 1934, que mandou convocar a Convenção Nacional de Educação.

RETROSPECTO DA ESTATÍSTICA GERAL DO ENSINO SEGUINDO O CONVENIO DE 1931

Em comunicado anterior desta Associação, foram divulgados, nas poucas especificações possíveis, em compreensivo retrospecto, os resultados gerais já conseguidos pela estatística educacional brasileira.

Abrange essa série dois períodos frisonantemente distintos: o que antecedeu a assinatura do Convênio Estatístico de Dezembro de 1931 e que propriamente se encerrou em 1930, acusando a matrícula geral de 2.284.883 docentes; e o de cooperação inter-administrativa brilhantemente estabelecido por efeito daquela Convenção — mas exatamente iniciado em 1932, si considerarmos como de transição o ano de 1931 — o que já agora para 1935 registra, segundo os últimos dados provisórios, 2.862.666 inscrições ou sejam 577.783 matriculados que em 1930, compreendendo, pois, um acréscimo de 25,2%.

Aproximando na presente nota apenas os resultados obtidos a partir do início do segundo período, resultados esses que se somaram em todas as unidades da Federação com critério uniforme, observemos sob uma nova face — a do tipo do ensino — o desenvolvimento que se vai operando, lentamente embora, no movimento escolar, quer o de cultura geral, quer o de cultura semi-especializada ou especializada; ressalvada, entretanto, quanto aos dados de 1934 e 1935, a possibilidade de algumas retificações em consequência ao exame a que estão sendo submetidas as contribuições estaduais.

Si concluirmos, ao cotejar esses dados, que se mantêm ainda distantes do índice desejado as taxas de aproveitamento, constatemos, contudo, e auspiciosamente, que o crescimento nas porcentagens da frequência sobre a matrícula geral se verifica constante, após declínio em 1933, fixando-se no ano de 1935 em 7% aproximadamente.

Eis os algarismos referentes às unidades escolares:

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1932.....	29.948	28.152	700	1.086
1933.....	32.430	30.105	819	1.506
1934.....	33.952	31.381	896	1.675
1935.....	36.661	33.937	910	1.814

Quanto ao corpo docente, a estatística apresenta os seguintes resultados:

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1932.....	76.025	61.907	7.401	6.717
1933.....	79.745	63.954	8.206	7.585
1934.....	84.734	67.600	8.902	8.232
1935.....	91.551	73.763	8.995	8.833

Os dados da matrícula geral são os seguintes:

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1932.....	2.274.213	2.136.61	76.201	64.351
1933.....	2.466.092	2.296.778	86.622	82.692
1934.....	2.676.798	2.498.036	93.061	85.699
1935.....	2.862.666	2.677.963	94.284	90.419

A matrícula efetiva só com a ser apurada de modo sistemático a partir de 1933, os resultados disponíveis são:

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1933.....	2.109.481	—	—	—
1934.....	2.280.740	2.117.225	87.300	76.215
1935.....	2.442.057	2.272.139	88.625	81.323

A frequência computou-se pelos números que se seguem :

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1932.....	1.605.879	1.479.201	69.269	57.409
1933.....	1.628.655	1.479.595	77.762	71.299
1934.....	1.829.086	1.681.838	80.472	66.976
1935.....	1.955.282	1.834.971	81.356	68.905

De significação global, só existem algarismos sobre aprovações em geral, a partir de 1934. El-os :

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1934.....	1.156.166	1.044.838	68.027	43.301
1935.....	1.196.397	1.079.390	69.500	47.517

E as conclusões de curso, finalmente, apresentaram os totais que se seguem :

Anos	Total	Ensino geral	Ensino semi-especializado	Ensino especializado
1932.....	148.445	127.391	10.002	11.052
1933.....	197.625	147.751	10.982	21.192
1934.....	194.288	158.027	12.957	23.674
1935.....	203.810	164.862	14.514	24.434

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE TÉCNICA EM PARIS

Realizar-se-á em Paris, em 1937, uma Exposição Internacional de Arte e Técnica, cujo período de duração será de Maio a Novembro.

Todos os esforços da indústria moderna, bem como todas as aplicações da ciência, estão sendo mobilizados para o maior esplendor desse grande certamen que objetiva o melhoramento espiritual e material da humanidade pela expansão mais perfeita e mais difundida dos conhecimentos e das atividades que impelem o mundo na sua trajetória de civilização.

Ajustando-se às normas ditadas para as realizações de tal vulto, a Exposição revelará as consideráveis aquisições do espírito inventivo da geração atual, constituindo uma pública manifestação dos progressos alcançados em todos os domínios do pensamento e da ciência contemporânea, da indústria e do comércio, das artes e das técnicas modernas. Fará prevalecer sobretudo a noção da qualidade, só sendo admitida matéria de inspiração nova e originalidade real.

Nesse conjunto de arte e técnica de toda a natureza, mas de importância e autenticidade reconhecidas, será possível comparar de perto o avanço das forças ativas de cada país, estabelecendo-se como que o "balanço da civilização universal".

E' enorme a repercussão que está obtendo a importante inicia-

tiva, na qual, segundo a publicidade do Comissariado Geral da Exposição, com sede no Grand Palais des Champs-Élysées, se deverão passar em as revistas, com elevado sentido de solidariedade internacional, e numa demonstração viva ao serviço de progresso e da paz, os seguintes assuntos, distribuídos em 14 grupos e 75 classes:

"Expressão do pensamento" (manifestações literárias, bibliotecas, museus, exposições) — "Descobertas científicas nas suas aplicações técnicas" — "Questões sociais" — "Formação artística e técnica" — "Difusão artística e técnica" — "Urbanismo e arquitetura" — "Artes gráficas e plásticas" — "Construção civil" — "Decoração interior e mobiliário" — "Ofícios de arte" — "Edições: livros e revistas" — "Adornos" — "Transportes e turismo" — "Festas, atrações, cortejos e desportos" — "Publicidade".

A área da exposição cobrirá uma superfície de 66 hectares. Estender-se-á sobre as duas margens do Sena, da Praça da Concordia à Ponte de Grenelle em um percurso de 3 quilômetros e meio e o rio constituirá o seu grande eixo. Serão construídos palácios e monumentos e as tranformações urbanas do local, como praças, jardins, passeios, etc., reunirão múltiplos atrativos e o público terá ao seu dispor os meios mais originais e modernos de transporte, ao lado de todo o conforto compatível com a grandiosidade do certamen. Os estrangeiros po-

derão visitar Paris e circular em toda a França com uma redução de 50%* nas despesas de estradas de ferro.

O regulamento de participação para os expositores estipula, quais os produtos atribuídos a cada classe e o grupo em que deverão figurar, devendo ser tomadas as medidas necessárias para proteger as invenções susceptíveis de registro, em conformidade com a Convenção de Paris de 1884.

Cada país participante formará uma secção distinta, administrada por um Comissário Geral designado pelo Governo respectivo, e terá à sua disposição gratuitamente uma superfície proporcional à importância da sua representação e contendo no máximo

ALGUMAS REALIZAÇÕES DO ENSINO

A 1.ª Exposição Nacional de Educação e Estatística atingiu cabalmente os seus objetivos e constituiria um acontecimento digno de encerrar o "Ano da Educação", si este houvesse correspondido na verdade, a designação que lhe pretenderam dar os que tiveram a intenção, não realizada, por motivos que não cabe aqui examinar, de o consagrar eficazmente aos interesses da juventude.

O esplendor certame a que os nossos Estados prestaram um concurso brilhante teve o mérito de revelar que existe fóra do centro político da federação uma consciência esclarecida do maior dos nossos problemas e que com o

1.000 metros quadrados. O arranjo interior desses locais ficará a cargo dos países interessados, que poderão decorar a fachada à sua custa de maneira a pôr em evidência a sua arquitetura própria. Nos limites dos espaços disponíveis poderão também ser edificados pavilhões.

E' de esperar que o Brasil se faça representar condignamente nessa magestosa mostra de arte e técnica, que deverá constituir, sem dúvida, uma verdadeira lição sobre o que se produz e se pratica no mundo moderno em todos os ramos de atividades compreendidas no programa idealizado com o propósito de servir a humanidade pelo melhor conhecimento mutuo entre os povos.

apóio ou à revelia dos governos, a educação progride, sinão em extensão, ao menos nos métodos com que procura alcançar os seus fins, num grande esforço de racionalização. Quem percorreu as salas de São Paulo, Minas e Espírito Santo, sentiu, através de magníficos mostruários, a influência de técnicos na elevação dos conceitos atribuídos às responsabilidades de quem educa.

Ao mesmo tempo que se observou um cuidado especial, verificou em toda as administrações regionais, pelo registro sistemático dos índices que relacionam os recursos escolares com as necessidades da população em idade de aprender, notou-se, da parte de algumas entre as quais as dos Es-

tales que nominalmente citamos, um clarividente esforço para entender a obra da escola à determinação precisa dos característicos específicos da criação brasileira, perquirindo-lhe intimamente as condições físicas e psicológicas, sem as quais os processos de transformação que a pedagogia tem em vista aplicar seriam empíricos, ou representariam adaptações temerárias, e como tais, nem sempre isentas de perigos.

E' sem dúvida admirável que só nos anos recentes se hajam intensificado no Brasil as atividades pertinentes a assegurar aos educadores o conhecimento profundo do escolar brasileiro, não só para a fixação dos caracteres que lhe definem, pela sua frequência, o tipo dominante, como para a identificação dos que se afastam da média e carecem de métodos especiais que corrijam as deficiências dos retardados ou aproveitem os predcados dos super-dotados em classes especiais.

A obra dos laboratórios psicotécnicos, a associação do pedagogo e do médico na orientação dos métodos educativos a aplicar aos discentes, intervêm como fator essencial ao êxito de ação transformadora da escola. Todavia, sunderam-se no Brasil, inúmeras reformas do ensino, sem que se cogitasse de assegurar o concurso desses elementos no traçado das normas destinadas a reger a educação de uma população escolar praticamente desconhecida

sob o ponto de vista de sua capacidade biológica e intelectual.

A 1.ª Exposição de Educação e Estatística demonstrou na abundante documentação exibida pelos grandes Estados e pelo pequeno, mas adiantado Estado do Espírito Santo que, os sistemas escolares brasileiros enveredam pelo verdadeiro rumo.

A educação física neste último Estado oferece uma organização modelar. Mediante metuculosos exames preparam as autoridades do ensino as fichas individuais dos educandos, diante das quais se orientarão os mentores atentos. E a consideração dada a essas fichas é uma realidade provada pela documentação oferecida aos visitantes da Exposição no abundante mostruário organizado pelo governo espiritosantense. Na terra capichaba funciona, aliás, uma escola de educação física para formação de dirigentes e monitores, que documentam ao terminar o curso, em teses magistrais sobre temas especializados, o seu aproveitamento.

Há, além disso, no Estado, um curso para educadores sanitários e a prática do escotismo é assegurada, nos melhores termos, por minuciosos textos estatutários.

Em Minas são conhecidos trabalhos dos serviços de Assistência Técnica e da Escola de Aperfeiçoamento. As medidas objetivas da inteligência dos educandos constituem no Estado montanhês uma atividade generalizada o que muito se aperfeiçoou, graças aos

esforços esclarecidos da Professora Helena Antipoff.

O mesmo sucede em Pernambuco, e também em São Paulo, onde, desde a administração Lourenço Filho, o emprego dos testes vem produzindo os melhores resultados.

Entre as demonstrações do progresso educativo exibidas pela Exposição de 1936, devemos salientar o desenvolvimento crescen-

O NOVO DIRETOR DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No seu programa de divulgar os acontecimentos a realizações que interessam a vida educacional, não pôde deixar a Associação Brasileira de Educação de assinalar, com um registro auspicioso, a investidura do Professor Manoel Bergstrom Lourenço Filho no cargo de Diretor do Departamento Nacional de Educação.

Desde que foi creada, em 1925, aguarda aquela repartição o momento asado para cumprir a missão que fôra predestinada desde sua fundação. As reformas que soffreu não lhe ofeceram essa oportunidade por motivos diversos entre os quais os defeitos de organização e a deficiência de recursos para exercer, como órgão regulador e estimulador do ensino no Brasil, o papel que lhe cabia, tanto no terreno da técnica como na esfera administrativa, tanto como inspirador de uma política

te dêsse serviços técnicos que completam, levando o método estatístico ao contról das condições pessoais dos educandos, o aperfeiçoamento dos demais registros numericos de interesse para a vida educacional considerada objetivamente. E' que sem os serviços psicotécnicos nunca seria possível uma administração escolar avisada e capaz de realizar, a salvo da rotina, os seus alevantados fins.

educacional condizente com as aspirações nacionais, quanto como executor das medidas de fiscalização das atividades escolares em face da lei e da moralidade e regularidade das instituições didáticas.

Merece os mais irrestritos aplausos o ato do Governô confiando os destinos do Departamento, novamente estruturado e fortemente prestigiado, a um dos mais infantigáveis paladinos da educação nacional, a cuja causa vem prestando o concurso de um conjunto de virtudes excepcionais raramente encontradas numa unica individualidade.

E' o que o novo titular do Departamento não tem apenas por predicados os que bastam ao administrador comum para dirigir, sem desacertos, uma repartição responsável por atribuições restritas e sem maior projecção nos destinos da nacionalidade. Além de pesquisador atento, familiar de pesquisador atento, familia-

rizado, em longas experiências, com o problema da educapão no Brasil, Lourenço Filho é o propagandista incansável das iniciativas progressistas em prol do surto educacional de nossa patria; é o escritor cujas obras especializadas e instrutivas são lidas com integral interesse por professores e estudantes; é o divulgador da pedagogia estrangeira em magnificas traduções de sua própria lavra; é o editor de uma biblioteca pedagógica selecionada; e o reformador feliz dos sistemas e institutos educacionais que devem à sua ação esclarecida a renovação dos métodos de trabalho; é o animador, emfim, de todos os projetos e empreendimentos que tendem a elevar no país, a obra educativa ao nivel condizente com as aspirações do nosso povo. Mas não se restringem a esses os requisitos que indicam o novo Diretor do Departamento de Educação como o melhor depositário da confiança pública para o

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS E A CARTOGRAFIA MUNICIPAL

Desde que se tornou em auspiciosa realidade a feliz iniciativa do Governô Provisório consubstanciada na criação do Instituto Nacional de Estatística, por mais de uma vez o Presidente Getulio Vargas, em palavras de larga repercussão, apóiu a novel instituição em seus elevados propositos, que tão de perto afetam a orga-

exercício da difficil investidura a que foi convocado. O espirito de tolerância, a prudência nas resoluções, a firmeza nas decisões, a larga visão dos problemas, a fidelidade ao ideal constituem outras tantas virtudes que fazem prognosticar um brilhante êxito para a ardua tarefa que aceitou, e que levará a bom termo, prestando, se lhe forem para tanto facultados os recursos imprescindiveis, mais um serviço à causa pública e quiçá o maior de quantos já lhe deve a educação nacional.

Membro militante e dos mais operosos da A. B. E., representará, nas altas esferas do Governô, o pensamento que inspira a ação evangelizadora dêsse sodalicio, naquele aspecto em que não há divergências entre os obreiros que, com opiniões embora diversas, se congregam em torno do seu lábaro: um imenso e perseverante anhelô de bem servir ao Brasil.

nização nacional, e principalmente no que diz respeito ao levantamento dos mapas municipais, como trabalho devêras fundamental não só para a estatística mas para toda a obra de governô.

Há poucos dias ainda teve a nação conhecimento de mais um procedimento, nesse mesmo sentido, do seu Primeiro Magistrado, S. Excia., em memorável mensagem telegrafica aos chefes dos Governôs Regionais, manifestava sua satisfação pelos admiráveis

resultados já obtidos pelo Instituto Nacional de Estatística na aplicação do fecundo princípio da cooperação inter-administrativa, e dirigia-lhes encarecido apelo para que não faltassem nem falhassem algumas medidas da alçada dos mesmos governos e que são ainda necessárias à integração e à normal atividade dos sistemas estatísticos estaduais. E nesse documento o Presidente feria de modo particular aquela tela: a incentivação dos esforços em prol da rápida organização do Atlas Estatístico Corográfico Municipal do Brasil.

Tal carinho do supremo magistrado da Nação pelo êxito de uma instituição, que é um dos mais viáveis espírito nacionalista harmoniosos instrumentos daquele sazador das autonomias, tanto regionais como locais, que o nosso sistema político põe em presença do Poder Federal, assume uma significação que ultrapassa os limites da rotina administrativa. Porque nos revela que o Brasil está adotando recursos próprios, condizentes com a índole do seu regime político, para superar as dificuldades de coordenação e unidade que a obra governamental requer, sem prejudicar o largo potencial de liberdade que se encontra em sua forma de Governo.

Quando países liberais, como os Estados Unidos, enveredam por um direcionismo absorvente, em forma às vezes rigidamente centralizada, suprimindo ou restringindo por leis federativas autonomias legítimas, é grato ver o

Governo Brasileiro — e o indicio a que estamos aludindo não é o único — procurando obter resultados análogos, senão melhores, por meio da fórmula convencional, isto é, com o recurso ao livre consentimento resultante de aspirações comuns em face de objetivos nitidamente definidos e de diretrizes de trabalho solidário traçadas em termos de angariar persuasivamente a unânime adesão das vontades em causa.

Mas, de modo particular ainda tem a Associação Brasileira de Educação motivos de regosijos nessa atitude do Presidente Getúlio Vargas. Primeiro porque S. Excia. reconheceu em solene documento público a eficiência prática do princípio da cooperação inter-administrativa experimentada naqueles precisos termos em que esta Associação, pela voz de vários dos seus membros, a tem lembrado repetidamente para completar a articulação da obra educacional que o Plano de Educação vai iniciar. E segundo porque a serena e conciliatória palavra do Chefe do Governo reconhece também a indispensabilidade dos mapas municipais, cuja elaboração temo preconizado repetidamente, não já apenas como objetivo geral da administração, mas como necessidade prática, a muitos aspectos, do próprio trabalho educativo na sua forma mais popular — o ensino primário.

Concretizando, pois esse legítimo regosijo, a Associação Brasileira de Educação deseja enriquecer a sua coleção de "comunica-

ções", deixando aqui registrado extualmente o expressivo documento cujo valor histórico só o tempo fixará em sua exalta grandeza, e pelo qual mais uma vez foi pedida a solidariedade dos Governos Regionais aos esforços com que o Governo Federal está procurando tornar cada vez mais fecunda a missão em boa hora atribuída ao Instituto Nacional de Estatística.

Eis o texto da mensagem em apreço, neste momento já em mãos dos Chefes de Governo de todas as Unidades Políticas da Federação Brasileira:

"Acabo de ouvir detalhado relatório sobre as auspiciosas atividades do Instituto Nacional de Estatística, cujas realizações já são efetivamente notáveis graças ao decisivo apoio que lhe tem prestado todos os governos regionais. A criação dos órgãos estatísticos estaduais que nos faltavam, a instituição das agências municipais de estatística em cerca de um terço das comunas brasileiras, a publicação do segundo número do Anuário Estatístico do Brasil e de suas separatas regionais, a aprovação das 27 importantes resoluções do Conselho Nacional de Estatística e, finalmente, a organização das Juntas Executivas Regionais e início da campanha estatística de 1937 pelas atividades conjugadas da União, das suas Unidades Políticas e dos Municípios, constituem, fóra de toda dúvida, fatos marcantes em nossa história administrativa e que confirmam minhas palavras quando, ratificando a Convenção Nacional

de Estatística, assinalai sua destacada significação entre os acontecimentos políticos do ano passado. Convencido disto, quero mais uma vez formular um apelo aos Governos Regionais para que mantenham sua vigilância voltada para a integração e o desenvolvimento dos respectivos sistemas estatísticos em boa hora solidarizados no seio do Instituto, procurando assegurar-lhes a devida eficiência. Na verdade, é indispensável que os esforços comuns da administração federal e da regional objetivem agora em particular quatro pontos vitais para as atividades do Instituto, a saber, n.º ordem administrativa, o regular funcionamento das Juntas Executivas e a elevação das repartições regionais de estatística ao grau de autonomia e aparelhamento previsto na Convenção de 21 de Agosto, e na ordem técnica, não só a rápida elaboração dos mapas corográficos municipais, mas também, e sobretudo, o levantamento regular, quaisquer que sejam suas dificuldades, da exportação total, por destino, de cada Unidade Política, a partir de 1.º de Janeiro do corrente ano, conforme o disposto na cláusula vigésima primeira da Convenção. A capital importância desses pontos é patente e, pois, impõe-se por si mesma. Quanto ao último, porém, cumpre lembrar especialmente que do fiel cumprimento, por todas as Unidades Políticas, dos compromissos assumidos em matéria de estatística da exportação, dependerá o levantamento, sem novos onus, da importação de

cada uma delas, o que visa dar ao país, pelo meio mais prático, mais rápido e menos dispendioso, a sua balança comercial com os desdobramentos regionais, elemento esse de que tanto carece nossa política econômica e financeira. Formulando essas considerações, ficá-me a certeza de que todos os objetivos confiados ao Instituto de Estatística terão o melhor

apêlo do seu Governo, e em particular no que se referirem ao levantamento do comércio interestadual, o que espero de V. Excia., mado pela resposta de V. Excia., que assim abrirá ao aparelho estatístico dessa Unidade da Federação, em benefício também da estatística federal, novas e promissoras perspectivas. Cordiais saudações. *Getúlio Vargas*".

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO ENSINO SUPERIOR

Na estatística detalhada do en-

sino referente ao ano de 1932 deparam-se os seguintes dados sobre a educação comum superior:

Especificação	Unidades escolares	Matrícula geral	Conclusões de cursos
Ensino geral.....	5	92	8
Ensino semi-especializado.....	86	18.218	2.069
Ensino especializado.....	191	8.267	2.102
Total.....	282	26.577	4.199

Segundo a classificação oficial o ensino geral compreende cursos sem nenhuma finalidade profissional imediata, de ciências, letras, filosofia e teologia.

O ensino semi-especializado comporta as seguintes subdivisões:

Especificação	Unidades escolares	Matrícula geral	Conclusões de cursos
Ensino civil, { Politécnico.....	9	1.711	182
{ Médico.....	11	7.138	765
{ Jurídico.....	26	6.418	746
{ Eclesiástico.....	32	790	48
Ensino Militar.....	8	2.131	343
Total.....	86	18.218	2.069

Considerando agora o ensino superior completamente especializado teremos:

Especificação	Unidades escolares	Matrícula geral	Conclusões de cursos
Agrimensura.....	2	23	
Agronomia.....	16	683	120
Medicina veterinária.....	9	452	59
Formação de Engenheiros	Topógrafos.....	3	23
	Geógrafos.....	4	115
	Eletricistas.....	7	292
	Industriais.....	2	12
Arquitetos.....	2	27	13
Ensino civil, { Formação de químicos ou engenheiros químicos.....	7	194	19
Farmacla.....	29	1.499	354
Odontologia.....	24	1.068	606
Alta especialização médica.....	2	59	40
Administração e Finanças.....	12	222	14
Artes plásticas.....	7	394	98
Artes musicais.....	37	1.449	335
Artes dramáticas.....	2	66	2
Formação de professores.....	4	183	123
Ensino Militar.....	22	906	251
Total.....	191	8.267	2.102

O movimento do ensino que apresenta especialização parcial ou integral, pode ser assim resumido quanto às unidades escolares, à matrícula geral e às conclusões de curso:

Ensino superior especializado	Unidades escolares	Matrícula geral	Conclusões de cursos
Civil.....	247	23.748	3.592
Militar.....	30	2.737	599
Total.....	277	26.485	4.191

No total de 23.748 alunos matriculados em cursos civis considerados superiores, nada menos de 18.764 inscrevem-se nos cursos gerais de medicina, farmácia e odontologia, direito e de engenheiros civis, o que representa uma percentagem de 79%* do dispendido total das escolas civis daquele egrau. Enquanto isso, não chega a atingir a 3%* do referido total a população das escolas agrônomicas no país, cuja economia se funda precipuamente nos produtos da terra.

Os cursos para a preparação superior do professorado não cedem a 4 no ensino comum e registram apenas uma matrícula de 183 alunos!

O fato é de estarrecer e explica, no Brasil, a gravidade que assume o problema da pletoira de diplomados em certa profissões liberais, gravidade que si não se manifesta como uma calamidade social, é, talvez, em consequência da elasticidade dos quadros do funcionalismo que impede a deso-

FEDERAÇÃO MUNDIAL DAS ASSOCIAÇÕES DE EDUCAÇÃO

Desde a sua fundação, em São Francisco, California, Estados Unidos da América do Norte, em 1923, vem a "World Federation of Education Associations" desenvolvendo um excelente programa de educação e cultura, promovendo o intercambio amistoso entre as organizações de educadores e

cupação, tornando a burocracia o refugio dos diplomados sem trabalho.

E' por essa razão que insistimos em chamar a atenção dos dirigentes do país para o movimento que se processa na Sociedade das Nações, tendo em vista resolver o problema da superlotação de certas escolas de ensino superior, mediante a criação de agências de orientação vocacional e de informações sobre o mercado do trabalho intelectual. Semelhantes agências estão destinadas a servir de farol aos estudantes que, desde os bancos da escola secundária, abraçam como ideal uma carreira onde lhe espera o insucesso, por serem justamente as mais procuradas numa concorrência onde só os verdadeiros valores poderão vencer e os inadaptáveis sossobrairão, quando poderiam escolher uma profissão mais conforme às suas possibilidades e à capacidade do mercado do trabalho, com maior vantagem para eles próprios e prejuizo para a coletividade...

realizando sobretudo os progressos alcançados no ensino em todos os países.

São objetivos explicitos dessa Federação, que se tornou conhecida pelas iniciais W. F. E. A., conseguir através da educação e pelo melhor conhecimento dos povos, a compreensão internacional, a justiça, a boa vontade, e a cordialidade, procurando elevar a situação dos professores e melho-

rar a qualidade do ensino em todo o mundo. Nesse proposito, projeta iniciativas e realizações úteis aos profissinais do ensino de todas as terras, facilitando ainda a colaboração das diversas organizações de educação nos movimentos educativos de caráter universal.

A Federação Mundial das Associações de Educação, tendo em mira esses objetivos, estabelece o contrato pessoal e estimula as relações por correspondência com e entre os seus associados, remetendo ainda comunicados e boletins a todas as instituições, aos editores de publicações educativas e à imprensa diária afim de poder disseminar importantes informações sobre o ensino e sobre as principais questões culturais.

A revista quinzenal "World Education", por exemplo, contém variada matéria de caráter universal que poderá ser transcrita e divulgada em publicações técnicas sobre a educação e a cultura de qualquer país.

Despertam sempre grande interesse as suas conferências internacionais a que comparecem milhares de educadores de todo o mundo, já tendo sido esses certamente levados a efeito em: Edimburgo, Escossia, 1925; Toronto, Canadá, 1927; Genebra, Suíça, 1929; Denver, Colorado, E. E. U. , 1931; Dublin, Irlanda, 1933; Oxford, Inglaterra, 1935; além de uma Conferência regional do Pacifico, em Hawaii, em 1932. Para 1937 está anunciada a Setima Conferência Mundial,

que se deverá realizar em Toquio, Japão, de 2 a 7 de Agosto.

A Federação acha-se agora grandemente empenhada em uma campanha de boa vontade, com a qual tenta afastar quaisquer tendências que possam provocar desentendimentos e aversões prejudiciais à paz entre os povos.

A educação é considerada a sua melhor arma para essa campanha, sobretudo agora em que o momento é decisivo para o futuro da sociedade humana. Os *leaders* da juventude de hoje devem dar-se mãos em uma ação concentrada no sentido de ensinar às gerações vindouras a viverem unidas no caminho da verdade, e ai cabe sem dúvida um papel preponderante ao professor, individualmente, e à escola, esta organizada sob o espírito de amizade e de justiça internacional.

As organizações de educação e as instituições pedagógicas de qualquer país poderão corresponder-se com a Federação sobre assuntos do ensino mundial, permitindo publicações e transmitindo-lhe quaisquer comunicações que possam servir às suas atividades e, portanto, à nobre causa em que militam os educadores sinceros.

Por solicitação da "World Federation of Education Associations", a Associação Brasileira de Educação felicitará as relações daquela instituição com outras associações ou institutos de educadores, prestando, em sua sede, os esclarecimentos relativos à inscrição das organizações interessadas na ação da W. F. E. A.

A EDUCAÇÃO E A CULTURA NA ATUAL CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, promulgada em 29 de Junho de 1935, consagra exclusivamente aos problemas da educação e da cultura os arts. 104 a 112, além de várias disposições constantes de outros artigos, parágrafos e incisos em diferentes secções da nova carta política, nas quais também se estabelece a competência do Estado, do Poder Legislativo, das atribuições do Governador e do Poder Judiciário na matéria em apreço.

Cabe ao Estado, porém não privativamente, proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico, podendo impedir a evasão de obras de arte, difundir a instrução pública em todos os seus graus, organizar e manter sistemas educativos, competindo-lhe ainda, supletiva e complementarmente, legislar sobre a educação. O exercício do magistério não é incompatível com as funções de deputado. É atribuição privativa do governador providenciar sobre o ensino público. Os juizes, ainda que em disponibilidade, não podem exercer qualquer outra função pública, salvo o magistério e os casos previstos na Constituição, sob pena de perda do cargo judiciário e de todas as vantagens correspondentes. Os cargos do magistério e técnico-científicos poderão ser exercidos cumulativamente, ainda que por funcionário administrativo, desde

que haja compatibilidade dos horários de serviço. Nenhum imposto gravará diretamente a profissão de escritor, jornalista ou professor.

O Estado promoverá a formação da consciência sanitária individual nas primeiras idades, através do ensino primário elementar, e tornará obrigatória a inspecção médica nos estabelecimentos escolares.

São os seguintes os novos artigos do Capítulo XV — "Da Educação e da cultura".

"Art. 104. — O Estado estimulará o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral; protegerá, dentro do seu território, os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país e prestará assistência ao trabalho intelectual.

Art. 105. — O Estado criará um Conselho de Educação, cujas atribuições serão definidas em Código especial, que estabelecerá normas referentes aos problemas educacionais.

Art. 106. — O ensino religioso de frequência facultativa será ministrado sem onus para o Estado, de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos seus representantes legítimos e constituirá matéria de horário nas escolas públicas primárias, secundárias e normais.

Parágrafo único. — O ensino religioso e o de educação moral e cívica serão ministrados em preleções semanais de duração igual à das demais disciplinas.

Art. 107. — Os estabelecimentos particulares, de educação primária ou profissional, oficialmente considerados idoneos, serão isentos de qualquer tributo.

Parágrafo único. — Nos estabelecimentos particulares o ensino será ministrado em idioma pátrio, salvo o de linguas estrangeiras.

Art. 108. — Na manutenção e desenvolvimento do ensino aplicará o Estado 20% e os Municípios, 16%, no mínimo, da renda proveniente dos impostos.

Art. 109. — É vedada a dispensa de concurso de títulos e provas no provimento dos cargos do magistério oficial, bem como em qualquer curso, o de provas escolares de habilitação, determinadas em lei ou regulamento.

§ 1.º — Podem, no entanto, ser contratados, por dois anos no máximo, professores de nomeada, nacionais ou estrangeiros, quando não houver candidato ao concurso ou, quando realizado este, nenhum candidato for aprovado.

§ 2.º — O professor nomeado mediante concurso para instituto oficial tem a garantia da vitaliciedade e não pôde ser removido para estabelecimento de categoria inferior, sem prejuizo do disposto no Título VI. Em caso de extinção da cadeira, será o professor

aproveitado na regência de outra, em que se mostre habilitado.

Art. 110. — Toda empresa, industrial ou agrícola, fóra dos centros escolares e onde trabalhem mais de 50 pessoas, perfazendo estas e seus filhos dez analfabetos pelo menos, será obrigada a proporcionar-lhes ensino primário gratuito, cabendo ao Estado indicar o professor e fornecer o material escolar.

Art. 11. — O Estado reservará parte do seu patrimônio territorial para a formação de seus fundos de educação.

§ 1.º — As sobras das dotações orçamentárias, acrescidas de doações, porcentagens sobre o produto de vendas de terras públicas e outros recursos financeiros, constituirão, no Estado e nos Municípios, esses fundos especiais, que serão aplicados exclusivamente em obras educativas determinadas em lei.

§ 2.º — Parte dos mesmos deverá ser aplicada em auxílio a alunos necessitados, mediante fornecimento gratuito de material escolar, bolsas de estudo, assistência alimentar, dentária e médica para vilegiatários.

Art. 112. — O Estado concederá reciprocidade no reconhecimento de diplomas obtidos nas escolas oficiais ou equiparadas das outras unidades da Federação".

O ENSINO NO ESTADO DO MARIANHÃO EM 1934

As estatísticas educacionais, que se elaboram nos Estados da

Federação, em virtude do Convênio firmado em 1931, particularmente úteis na apreciação das condições do aparelhamento es-

colar, na avaliação dos trabalhos realizados e das iniciativas ligadas ao desenvolvimento do ensino no Brasil, continuarão a ser examinadas na série de comunicados que iniciamos há tempos. Dedicamos o de hoje à terra maranhense.

O Estado do Maranhão vem melhorando gradativamente o seu sistema educativo e, depois das primeiras apurações estatísticas, o confronto dos resultados obtidos já nos revela não só algumas conquistas no campo da instrução, sinão também certas realizações que concorrem para a melhor formação cultural da sociedade.

Embora se verificassem ainda em 1934 lacunas que os recursos financeiros, por escassos, não permitiram sanar de pronto, o Maranhão prosseguiu na difusão das suas escolas e no estudo dos problemas que se relacionam com a educação, visando uma organização mais eficiente.

As cifras que nos revelou o inquérito estatístico relativo a 1934 exprimem claramente a situação do ensino naquele Estado no referido ano, destacando-se os aspectos que resumimos a seguir.

No total de 443 unidades escolares, dispondo de um corpo docente de 1.056 profissionais do ensino (ambos os sexos), abrigaram-se, sob inscrição geral, . . . 32.584 discentes, não ultrapassando, entretanto, a matrícula efetiva a 29.256, e atingindo a frequência a 17.696. Desses alunos lograram aprovações em geral, . . .

10.576, e apenas concluíram cursos, 1.244.

Desse grupo de unidades escolares, vemos que, ao ensino comum, se destinavam 436, e ao supletivo, 7. Eram especialmente do ensino geral 415; de ensino semi-especializado 13 e de ensino especializado 15. Sua discriminação segundo o grau de ensino acusa: de ensino elementar, 422; de ensino secundário ou médio, 15, e de ensino superior, 6. Funcionaram: sob administração federal 1; estadual 315; municipal 10; e particular 117.

Seguindo a divisão fundamental adotada pelo Ministério da Educação na classificação do ensino, apreciamos os seguintes resultados:

Ensino comum — Unidades escolares, 436; corpo docente, . . . 1.047; matrícula geral, 32.482; matrícula efetiva, 29.154; frequência, 17.608; aprovações em geral, 10.500 (9.285 promoções e 1.275 conclusões de curso).

Desdobrando ainda, segundo o grau, os mesmos dados referidos para o ensino comum, obtemos:

Ensino superior — Unidades escolares, 6, corpo docente, 69; matrícula geral 112; matrícula efetiva, 112; frequência, 98; aprovações em geral, 97, (promoções 87, conclusões de curso 10).

Ensino secundário fundamental — Unidades escolares, 4; corpo docente, 65; matrícula geral, . . . 846; matrícula efetiva, 841; frequência, 679; aprovações em geral, 702 (promoções 632, conclusões de curso 70).

Ensino elementar — Unidades escolares, 415; corpo docente, . . . 802; matrícula geral, 30.890; matrícula efetiva, 27.206; frequência, 16.281; aprovações em geral, 9.153 (promoções 8.170 e conclusões de curso, 983).

No ensino elementar, entre os resultados referentes apenas ao ensino *primário geral*, comum, que compreende os do ensino infantil, fundamental e complementar, destacam-se: unidades escolares 404; corpo docente, . . .

767; matrícula geral 30.509; matrícula efetiva, 27.224; frequência, 15.954; aprovações em geral, 9.007 (promoções, 8.057 e conclusões de curso 950).

Ainda sob a mesma rubrica de ensino primário geral, vêm-se os seguintes dados do ensino supletivo: unidades escolares, 7; corpo docente, 9; matrícula geral, 102; matrícula efetiva, 102; frequência, 88; aprovações em geral, 76 (promoções 47 e conclusões de curso 29).

A EDUCAÇÃO FISICA NO ESPIRITO SANTO

O Estado do Espírito Santo destaca-se entre as demais unidades da federação pelas realizações que vem conseguindo no setor em que se manifestam as atividades educacionais, cujo progresso não é ali uma ficção regulamentar, mas se traduz em fatos concretos.

Em muitos dos nossos Estados as realidades apreciáveis estão sempre aquém do que seria de esperar si a legislação refletisse as possibilidades executivas do governo.

Os estatutos promulgados e nominalmente em vigor não geram iniciativas na altura do que prescrevem, ou porque consagram a excelência de medidas que exigem recursos acima da capacidade financeira das administrações que se devem executar, ou por falta de correspondência entre as mentalidades de quem inspira as

reformas educacionais e de quem teria de levá-las a efeito integralmente e só as aproveita em termos, restritos, com prejuízo lamentável para os objetivos de conjunto.

No Estado do Espírito Santo observa-se o perfeito paralelismo entre o progresso da legislação educacional e o surto da organização e do funcionamento das instituições escolares.

Exemplo dessa coerência apreciável entre o que a lei exige e o que se pratica no terreno da preparação da juventude, é a educação física, realizada sistematicamente e em obediência aos mais modernos princípios que regem a matéria.

Os visitantes que percorreram os mostruários da 1.ª Exposição Nacional de Educação e Estatística tiveram nitidamente essa impressão observando o *stand* organizado pela representação espírito-santense. Os técnicos destacados naquela dependência do certa-

me, solícitos em atender ao público, explicavam a significação do material exibido, pelo qual se via o cuidado dispensado à educação física da juventude capichaba e traduzido na existência de uma Diretoria especial preposta a velar por esse aspecto do aperfeiçoamento da raça, no funcionamento de cursos especiais para a formação de monitores e professores e na organização modular desses cursos, obdientes, na seleção e na distribuição das disciplinas ministradas, aos melhores padrões em vigor.

Vimos na Exposição promovida pela A. B. E. em Dezembro do ano passado a cuidadosa atenção dispensada nas escolas do Estado ao estudo das condições somáticas dos educandos pelo fichamento metódico de cada um, tendo em mira a ulterior orientação dos mestres. E vimos também como o precioso material assim reunido poderá ser inteligentemente aproveitado, não só para benefício individual dos estudantes mas ainda para a documentação necessárias às investigações desti-

nadas à determinação dos caracteres biotológicos dominantes na nossa população escolar.

Ocorrem-nos estas considerações em face da publicação "Ligeira Notícia sobre a Educação Física no Estado do Espírito Santo", recentemente distribuída pelo Departamento regional de Educação.

Chamamos para esse trabalho, fruto da 1.ª Exposição Nacional de Educação e Estatística, a atenção das pessoas interessadas no desenvolvimento da educação física no Brasil. As realizações relatadas nesse expressivo memorial revelam como um Estado pequeno, mas cioso do seu progresso, pôde atingir um alto nível de organização e orientação educativas, cuidando com eficiência igual, tanto da formação espiritual como do desenvolvimento físico de sua população escolar, promulgando com esse fim leis acertadas e, o que é ainda mais importante, executando fielmente o que se encontra na letra desses bem inspirados estatutos.

ções que se verificam com esse objetivo em diversos centros da Europa e da América e relatam as atividades das comissões técnicas empenhadas a fundo em promover o maior rendimento dos serviços de educação extra-escolar pela racionalização dos métodos de trabalho segundo padrões cada vez mais aperfeiçoados e pela colaboração que enri-

quece os meios de beneficiar o público, ampliando sem maiores onus o raio de ação útil de tais instituições.

O trabalho internacional a que nos reportamos subentende, para que possa ser coroado de êxito, a coordenação nacional, principalmente nos Estados federativos, e, dentro dos limites nacionais, a coordenação regional daqueles órgãos de aperfeiçoamento cultural.

O Governo Provisório tomou, no Brasil, esse problema em consideração, mediante um apelo do Ministério da Educação e Saúde Pública aos Interventores para que usassem de sua autoridade e prestígio tendo em vista conseguir que todos os municípios organizassem os seus serviços de bibliotecas, arquivo e museu, associando-os sempre que possível e adaptando-os de finalidade análoga, dispersos no território, a um esforço convergente para a elevação do nível mental da parte das populações desejosas de incrementar, pelo auto-didatismo, a preparação intelectual recebida nas escolas.

Em Minas Gerais foi criada em 1932 pelo decreto n. 10.359, de 28 de Maio, uma Comissão Bibliotecária do Estado, constituída de 5 membros e tendo por missão promover a fundação de bibliotecas populares e estimular e orientar a organização de bibliotecas escolares. Entre as atribuições desse órgão, mencionadas especificadamente no artigo 6.º, do decreto citado, figuravam as de

organizar a propaganda bibliotecária por todos os meios possíveis de instituir um fundo financeiro destinado a auxiliar a aquisição de obras e revistas para bibliotecas populares em formação e de fiscalizar a atividade dos estabelecimentos bibliotecários do Estado e dos Municípios, de modo a evitar negligência e falta de método na sua direção.

No Estado de São Paulo foi promulgado recentemente o decreto n. 2.839 (5 de Janeiro de 1937), que criou o Conselho Bibliotecário também constituído de 5 membros e cujo quadro de atribuições abrange a de coordenar os trabalhos entre as bibliotecas estaduais e municipais, a de tomar e fazer executar medidas necessárias à cooperação entre as bibliotecas, a de assegurar entre esses estabelecimentos o melhor aproveitamento das coleções bibliográficas, promovendo uma conveniente redistribuição dos acervos respectivos, a de superintender os serviços de catálogo geral das bibliotecas paulistas, provendo a que sejam os mesmos executados nas condições devidas, a de estabelecer as bases para a unificação e pradronização dos trabalhos técnicos nas bibliotecas do Estado, a de solicitar das autoridades competentes as medidas necessárias, em qualquer das bibliotecas, para regularizar a sua vida interna ou trabalhos técnicos, quando em desacôrdo com o plano geral estabelecido, as de prestar auxílio técnico, centralizar as estatísticas,

promover o intercâmbio com as bibliotecas nacionais e estrangeiras, etc., etc.

Nada mais é preciso acrescentar para sugerir uma idéia dos acertados propositos em que se inspira o decreto n. 2.839, o qual, desde que seja executado a rigor, constituirá um magnífico exemplo para a racionalização dos

O RADIO E A EDUCAÇÃO MUSICAL

"Estou pleiteando a persistência no esforço para se fazer do que há de melhor e de mais belo na música classica uma recreação real e necessária na vida quotidiana de todas as classes populares. Com tal attitude apresento apenas o problema da conveniência de se despertar em nosso povo um senso de seleção e apreciação do trabalho humano, que leve a exigir os ouvintes, qualquer que seja a música irradiada — classica, semi-classica ou puramente popular — a mais cuidadosa preparação e impecável execução — como título para ser ouvida ou louvada. No dia em que esta aspiração se realizar registraremos seguramente um aumento no interesse nacional pelos mais altos e nobres tesouros da cultura musical".

É esse o sentido das palavras proferidas pelo Sr. Julius B. Seebah diretor de programas do "Mutual Broadcasting System",

nosso serviços bibliotecários e não deixará de repercutir com honra para o nosso país, na Sociedade das Nações e no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, onde o esforçado delegado do Brasil, Comte. Elyseu Montarroyos, tanto se vem empenhando para documentar com fatos e realizações expressivas o nosso progresso cultural.

por ocasião da "National Broadcasting Conference" reunida em Dezembro do ano passado em Washington.

Os conceitos do especialista citado, reproduzidos na folha Education by Radio", tem inteira aplicação no Brasil, onde, a pretexto de nacionalismo, muitas estações radiodifusoras cultivam a deseducação, servindo ao público horribéis produções musicais que não se recomendam pela execução e nem pela harmonia, e consagram muitas vezes, quando são acompanhadas de letra, os atentados mais grosseiros à pureza da lingua vernácula.

Os aficionados do radio têm a lucrar com a difusão da arte grosseira, servida *in-natura*, sem nenhum trabalho de expurgo dos solecismos e erros de prosodia, que revelam, como um pecado original, incultura dos autores.

A tendência que se verifica entre nós justifica uma suposição deprimente sobre o valor da música popular brasileira e concorre, talvez, se é pouco o que possui-

mos de bom nesse setor da produção artistica, para agravar essa situação lamentável, incentivando

a plethora de produções mediocres e contraproducentes sob o ponto de vista cultural.

NOVOS RUMOS DA INSTRUCÃO

A sorte das novas gerações depende evidentemente dos rumos que os reformadores políticos sociais traçarem à educação da criança.

Sabe-se que nenhum preparo, indispensável ao triunfo na vida, pôde alheiar-se das atividades escolares. Na educação atual, desde a influência do meio familiar à influência da adaptação social, que começa na escola primária, os esforços convergem sempre para uma obra comum: a de forjar um futuro melhor para o individuo e a patria.

A personalidade da criança vem sendo assim objeto de estudo e iniciativas que visam obter um equilibrio de valores capazes de unir a familia, a escola e a sociedade numa ação reciproca de desvelos e realizações tendentes a satisfazer as aspirações máximas de harmonia, progresso, civilização e cultura.

O Estado, usando dos poderes que lhe outorga a Constituição, intervem na educação da criança, impondo-lhe normas e diretrizes que deverão fazer dela um bom cidadão, moldando-lhe a mente e provendo ao seu desenvolvimento intelectual de maneira que, qualquer que seja a condição social, a origem ou a fortuna

dos pais, os beneficios da instrução se tornem accessíveis à capacidade assimiladora e à vocação do estudante.

Na pobreza do ensino de antanho, no banco à sombra de arvoretos ou em compartimentos exiguos sem ar nem luz suficientes, como julgáramos nós a escola no ponto de vista de instituição social? Em muitos casos, essas improvisões primitivas deviam antes ser anatemizadas com epitetos que as refletissem como lugares de suplicio da infância.

A escola, portanto, tinha que evoluir, como de fato evoluiu seguindo um ritmo e a marcha da humanidade. E hoje é um organismo completo, possui meios econômicos, edificios e instalações amplas, pessoal competente, programas e métodos adequados. A medida que si obtém maior consciência de sua função social, de sua influencia no meio, e do valor da obra realizada pelos agentes e instrumentos de trabalho, mais se distancia do que foi no passado. A escola tornou-se um centro ativo de preparação e estudo para maior eficiencia e proveito na vida contemporânea.

E, agora que se cogita do estudo dos grandes problemas do ensino e se promove a elaboração de um plano nacional de educação, é oportuno pôr na maior evidência a necessidade de instituir,

antes de mais, formulas capazes de garantir à criança a formação adequada de sua personalidade, bem como o preparo que lhe assegure no futuro o exercício da cidadania em condições úteis à sociedade e ao país.

Não deverão, por conseguinte, faltar no plano que vigorar definitivamente, esses elementos de que carecem os nossos educadores para o bom desempenho de sua nobre e patriótica missão à altura da grandeza do Brasil.

OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO ESTADO. (GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS REUNIDAS, ESCOLAS NORMAES E GINASIOS OFICIAIS) QUE NÃO ESTIVEREM RECEBENDO A "REVISTA DO ENSINO" COM REGULARIDADE DEVEM DIRIGIR SUAS RECLAMAÇÕES A ESTA REDAÇÃO, NA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

Aspectos mexicanos

A CASA DO POVO

(Comunicado da Sociedade Brasileira de Educação Rural)

No Curso de Educação Rural que a Sociedade Brasileira de Educação Rural está realizando para as professoras das ilhas do Governador e Paquetá, a Sra. Odete Prado Ribeiro, da Escola Anita Garibaldi, leu o seguinte trabalho sobre a CASA DO POVO no Mexico, resumindo um relatório apresentado ao Governo dos Estados Unidos sobre o mesmo assunto, pela Sr. Katharine M. Cook, do Departamento de Educação daquele país.

Depois de inspecionar as escolas do Alaska, Katharine M. Cook foi estudar o sistema educacional do México, realizado graças aos esforços do Dr. Saenz.

Sendo a população desse país, na quasi totalidade, composta de indígenas e mestiços, falando cerca de 50 dialetos, diferenciando-se nos traços, tradições e costumes, a instrução aí se processa de modo inteiramente diverso do que se verifica em outros logares. Há um programa que a Secretaria da Educação conseguiu organizar, por intermédio das novas escolas de ação. É esse programa que Katherine Cook publicou em boletim intitulado "A CASA DO POVO", nome das próprias escolas rurais. Em quasi toda vila do México, encontra-se como sendo o lugar mais atrativo, "A Casa do Povo", construída com recursos da comunidade, pois, o governo federal não pôde auxiliar a construção que é simples e em geral dirigida pelo próprio mestre. Quando uma comunidade deseja ter uma escola, os habitantes fazem um requerimento ao governo federal, pedindo licença e comprometendo-se,

desde logo, a compartilhar do trabalho e despesas que vierem, visto ser fator essencial do programa o princípio de auxílio mútuo, para que todos aprendam a viver em cooperação. O governo federal instala a escola e fornece só o professor. Este é escolhido de modo interessante: geralmente da própria comunidade, se aí existe um considerado capaz ou mesmo da região, porém nunca da cidade, pois não se adaptaria nunca ao trabalho rural, não teria entusiasmo para executar. Não se exige grande cultura; para ser professor, basta saber ler e escrever; coragem, força de vontade, caráter firme boa saúde, iniciativa, amor ao trabalho, contada de melhorar a situação do local, são as condições exigidas ao professor da escola rural do México.

Diz o Dr. Seanz: — "Nenhum material foi enviado; nem professores da cidade. Assim a nova escola começa a viver, uma escola sem pedagogia, uma escola com um grande senso social, em instrução moral, sem uma tradição".

O professor é tudo numa comunidade, em redor dele todos se movimentam.

Na escola aprende-se o lado prático da vida, ao mesmo tempo que a língua hespanhola e as artes. O professor melhora as condições sociais e económicas, não deixando, no entanto, de ensinar o drama e a música de que são verdadeiramente apaixonados. Os mexicanos possuem incontestável temperamento artístico, revelado em pinturas, desenhos, cânticos regionais, etc. Esse dom natural herdado dos antepassados e que se achava ao abandono, é hoje encorajado e aproveitado pelo professor. O desejo das escolas em reviver a cultura indígena é um dos objetivos do programa nacional que deseja construir uma cultura tradicional indígena, com o fim de preservar o respeito por si próprio e uso de seus talentos hereditários.

A Casa do Povo não é sómente frequentada pela criança; homens, mulheres correm, à noite, a procura dêsse lugar onde vão adquirir conhecimentos uteis à vida. As habitações já se acham bem melhoradas, pois, na própria escola aprende-

de-se a construir uma casa e, em muitas até, existe construída no pato, a casa modelo.

Eram quatro milhões de indígenas, seis de mestiços, ao todo dez milhões de seres humanos, segundo o professor Saens, que se achavam abandonados pelas autoridades e que hoje vivem felizes, trabalhando juntos e cooperando para o engrandecimento da pátria.

Não se ouve falar muito do combate ao analfabetismo, problema tão importante em outros países. A necessidade de ler e escrever ainda não é considerada urgente, os fiscais de ensino têm esperanças que isso virá naturalmente, sem grande esforço.

As missões culturais surgiram da necessidade de dar instruções aos professores que não têm preparo acadêmico, nem cultura profissional. Apareceram com o sistema de educação rural, ao passo que a escola normal rural surgiu mais tarde. As missões culturais percorrem todo país para instruir o professor, construindo o meio de dar capacidade para que o novo programa seja realizado. "Nem a Universidade Nacional, nem escolas normais produzem professores idéias com o conhecimento de línguas nativas". A Missão Cultural é constituída de um grupo de especialistas que viajam pelas diferentes regiões, havendo em cada uma um centro de reunião, a que comparecem professores das zonas próximas, trazendo equipamento para permanência de um mês em geral. São membros da missão: um especialista em agricultura, um em indústrias, um em artes populares, em educação física, um trabalhador social e uma ou mais enfermeiras.

O trabalhador social ensina economia doméstica, cuidados na alimentação da criança, maneira de dirigir uma casa, etc. E' considerado figura de grande valor. Os especialistas têm instrução superior à dos professores, mas não necessitam de cursos especiais em colégios, muitas vezes são viajantes com grandes experiências e habilidades. As qualidades pessoais são considerados fatores importantes para a escolha.

A responsabilidade da organização das missões cabe aos superintendentes que está ao por dos trabalhos das missões nos insitutos. Os institutos devem ter capacidade para receber os professores das zonas próximas e ter uma escola para fins demonstrativos.

Uma bibliotéca circulante é posta à disposição dos professores, carpintarias, etc. são instaladas. Em vez dos professores virem às missões, são elas que vão aos professores para que os problemas locais sejam solucionados. O encerramento dos trabalhos das Missões é festejado: há jogos, dansas, música, exposição, etc. Afesta comparecem pessoas de destaque: Governador do Estado, senador federal pelo estado, secretario da educação, etc. Além das missões que viajam há as permanentes, trabalhando com os professores, com a população, projetando atividades para melhorar as condições sociais, economicas da comunidade. Delas dependem o sucesso ou o fracasso do sistema escolar rural.

A escola normal rural é a mais nova instituição educacional do professor Saenz. Tem por fim preparar por meio de cursos regulares o professor para as pequenas comunidades. Os membros da escola normal rural são selecionados, dentre os fiscais de ensino. A escola normal rural tem como objetivo dar à escola uma vida semelhante a do lar — atmosfera de carinho e um ambiente de real vida domestica”.

Rígidos e formais regulamentos são evitados e “os alunos tomarão parte ativa ao trabalho doméstico, para que possam ficar convencidos de que a feição e auxílio mútuo do instituto são iguais aos da familia.

Os estudantes que no fim de dois meses não apresentem progresso são eliminados. Os candidatos devem ter curso primário, boa saúde, grande vocação para o ensino, bom caráter, etc. O curso regular é feito em dois anos. Há cursos de especialização. A escola normal fiscaliza as escolas rurais da região. As casas de fazenda abandonadas, os conventos arruinados e até as igrejas são aproveitados para a instalação de escolas normais rurais, pois, o Governô federal não pôde depender muito. Ficam sempre próximas a centros de gran-

de importância e dispõem de terreno para culturas, criações, etc. Tudo que é produzido pela escola é gasto nela.

Os alunos saem preparados para a missão que os espera.

Todas as atividades educacionais estão concentradas na Secretaria da Educação cujo Secretário é designado pelo presidente da República. Até 1921 a educação era mantida pelos estados. Hoje é federal. Há escolas secundárias e superiores que seguem a mesma orientação.

Não está aí um exemplo para o Brasil?

AVISO AOS SRS. ASSINANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da “Revista do Ensino”, devem os srs. assinantes reformar a tempo as suas assinaturas.

148

Monografia de uma classe escolar de Belo Horizonte

(BOLETIM N. 9)

PREFACIO

Ao instar do ano precedente, em que as alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento iniciaram, nos seus trabalhos de Psicologia educacional, o estudo das classes escolares tais como elas se apresentam nos Grupos de Belo Horizonte, (*) também este ano se proseguiu num estudo semelhante. O número das 32 monografias de classe cresceu-se das 16 novas, fornecendo assim ao Laboratório de Psicologia documentos escologicos sobre 48 classes com um total de cerca de 1.500 crianças.

Nossa colmeia aumenta; o último mel depositado parece ser de qualidade superior ao do ano passado, porque as operárias que nela trabalharam se aproveitaram da experiência das de 1930.

Como as primeiras, elas tiraram desse trabalho arduo um conhecimento minucioso acerca de tudo o que constitue atualmente este organismo social chamado a escola pública, aqui em Minas, em Belo Horizonte. Elas a perscrutaram em todos os sentidos, estudaram-na sob seus diversos aspectos, e cada uma com métodos apropriados.

Um semestre inteiro desse trabalho lhes permitiu ver o que é a escola real e como a gente se avém para estudá-la.

(*) Escologia. "Revista do Ensino" -930. Ns. 50—52.

Que esse estudo lhes servirá na carreira pedagógica, não temos dúvida alguma. Esperamos também que os ensinamentos ali hauridos por elas contribuirão para o aperfeiçoamento do seu próprio trabalho.

Creemos também que semelhantes monografias das classes periodicamente publicadas todos os anos, em excertos como o fizemos o ano passado, ou na integra, como contamos fazer atualmente, poderão servir de ilustração concreta a respeito do ensino público em Minas. Sem nada ocultar, mostrar desde o mínimo detalhe até as linhas pedagogicas mais gerais, e fazer isso com o maior espirito de imparcialidade e com uma atitude de pesquisadores, ávidos, antes de tudo, de saber, — é ter acerca da escola atual uma imagem suficientemente fiel e objetiva para que ela nos permita deduzir dela ensinamentos úteis aos que desejassem uma imagem suficiente.

A Monografia que hoje publicamos reflete, o que se poderia dizer, uma classe escolar média entre as 16 estudadas em 1931. Esta classe não é nem a mais interessante, quanto ás crianças que a compõem, nem a mais perfeita como há muitas outras atualmente nos grupos escolares de Belo Horizonte. Foi, em parte, por isso, que a escolhemos.

Os autores desta monografia, cujos nomes permanecerão desconhecidos, afim de se guardar a respeito do Grupo, do professor, das crianças o mais rigoroso anonimato, esforçaram-se, na média dos seus conhecimentos e das suas aptidões, por apresentá-la tal qual ela funcionou no período de Março a Agosto de 1931.

Si esta Monografia e o resultado dos estudos não foram diretamente apresentados ao diretor do Grupo e ao professor desta classe, é porque o nosso estudo não confirmava absolutamente um papel imediatamente normativo para a referida classe. Nossa intenção é, antes de tudo, vêr os fatos, analisá-los, deduzir deles ensinamentos para nós mesmos. O lado pessoal não entra em nossos designios.

Si a professora de que se trata nesta Manografia reconhece o seu retrato, não nos queira mal por o havermos di-

vulgado. Ele é tão simpático, seu caráter tão doce, e tão maternal a sua atitude em face das crianças, que nos faz prever que nenhum processo e nenhum desgosto para ela e para nós vão originar-se disto. Dirigimos-lhes aqui o nosso mais profundo agradecimento pela gentileza com que ela acolhia sempre as nossas alunas e a boa vontade que pôs em lhes fornecer toda sorte de informações.

E a vós, ambas autoras desta Monografia, o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento dirige também seus agradecimentos mais sinceros pela soma de trabalho que vossas forças juvenis e vossa dedicação puzeram ao serviço da escola e da criança.

INTRODUÇÃO

Os estudos da psico-pedagogia experimental são — já está isto bem provado — altamente capazes de melhorar a escola, por isso que dão ao professor grandes possibilidades de melhorar a sua didática, conhecendo os meios mais eficazes para atingir os altos fins da educação.

O professor poderá colher frutos ótimos do seu trabalho educativo, desde que consiga adaptar-se e adaptar os seus métodos à criança, conhecendo-a, por meio da consideração dos fatores, de qualquer natureza, que sobre ela influem, desde que consiga trabalhar dentro das normas traçadas pelo estado de seus alunos — seja físico, seja mental, emocional ou social.

Tendo em vista todos êsses fins da psico-pedagogia experimental, treinando para o que devemos fazer daqui a pouco, empreendemos um estudo escológico em torno de uma classe de um grupo escolar desta Capital, durante um semestre do ano de 1931.

A classe foi semanalmente visitada por nós, às quartas feiras. Durante um certo tempo, “colhendo fatos para ter idéias”, assistindo discretamente ao trabalho escolar, anotávamos todas as reações das crianças em resposta aos excitantes quer partidos da professora, quer partidos dos próprios

companheiros ou de qualquer fato estranho à marcha normal do dia letivo.

Por meio de testes, por meio de experiências, procuramos conhecer das crianças: o nível da inteligência; a memória, com as suas diferentes capacidades; o valor do testemunho; a capacidade de observação e a de atenção; a habilidade manual e a coordenação viso-motora; o mecanismo sensorial; a compleição física, a força, a resistência, a capacidade vital; o grau de cultura escolar... e, até mesmo, os interesses e os ideais.

Sempre que nos foi possível, palestrámos amistosamente com os alunos, conseguindo saber, indiretamente, com todo o jeito, muita coisa em torno dos seus gostos, das suas preferências, do seu trabalho e das suas diversões, do seu meio familiar físico, moral e social. Estudamos ainda a personalidade e a ação pedagógica da professora.

Aqui está o nosso trabalho, apenas um modestíssimo ensaio.

I PARTE

O aluno

CAPITULO I

Número de crianças. Distribuição por sexo, idade.

Composição da classe

Escolaridade dos alunos, repetentes, causa de repetição.

Em países cultores da nova educação, a prática sancionou, de há muito, que o nivelamento mental das classes escolares tem uma importância pedagógica muito e muito acentuada, por isso que ele evita que se reprimam disposições de superioridades naturais em certas crianças e que se exijam demasiados esforços por parte de outras, já de si incapazes.

Esse nivelamento, ajudado pelas promoções individuais em qualquer época letiva — já o provou bastante a psico-técnica — é passo largo no caminho do progresso pedagógico.

A diretora do nosso grupo escolar, quando, ao início do ano letivo de 1931, organizou a classe, não teve em vista esse tão vantajoso critério de nivelamento. — Daqui e dali, tomou nomes de crianças. Ordenou-os numa lista. Formou assim a classe, bastante heterogênea na sua composição, entregando-a à professora X.

Ao início do ano letivo, a classe estava formada por 41 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Em março, o número de alumnos continuou a ser o mesmo, tendo havido saída de uma criança e entrada de outra. Em abril, com a chegada de mais 2 meninos, a classe passou a ter 43 alunos. Em maio, perdendo três crianças e adquirindo duas, voltou novamente a ser constituída de 41 crianças. Em julho, ausentaram-se 7 meninos e matricularam-se 6, ficando a classe composta de 40 alunos ao todo, sendo 17 meninos e 23 meninas.

Das 40 crianças da classe apenas duas, a de n. 3 e a de n. 33, já pertenceram à classe regida pela sua atual professora. São esses alunos os que melhor ela aparenta conhecer. A nosso vêr, são também eles os que melhor à professora — parecem estar adaptados. Uma pergunta: Não seria entre professora e criança é assim muito mais viável.

Muito vantajoso que as classe tivessem uma mesma professora, do 1.º ano ao 4.º? Pelo que pensamos e pelo que temos visto em nossos grupos escolares, a tão necessária adaptação.

7 crianças freqüentaram os jardins de infância onde se cultivam os meninos de um modo particularmente feliz e eficaz.

As de ns. 1, 2 e 3 freqüentaram o jardim durante 3 anos consecutivos; a de n. 17 freqüentou-o por 2 anos seguidos; e as ns. 6, 8 e 35 foram alunas do jardim por um ano sómente.

Segundo observações nossas, em as crianças 1, 2 e 3, é notável a passagem pelo jardim de infância. Nota-se-lhes uma certa espontaneidade, uma natural viveza: são curiosas, gostam de perguntar de falar e de fazer.

4 crianças freqüentaram, antes deste grupo escolar, outros grupos escolares locais; o aluno n. 37 pertenceu, até junho, ao grupo de outra cidade de Minas. As crianças 4 e 18 freqüentaram escolas públicas de outro Estado.

Na classe ha 2 crianças (52,5% que ainda não repetiram anos. Da quasi outra metade, 5 alunos repetem o 3.º ano; 10 já repetiram o 2.º; 8 repetiram o 1.º (Nota — A menina n. 27 repetiu o 1.º, o 2.º e está repetindo o 3.º, os alunos

ns. 14 e 26 repetiram o 1.º e 2.º; o de n. 10 repetiu o 1.º e está cursando novamente o 3.º; e o de n. 34 repetiu o 2.º e está também repetindo o 3.º).

Segundo informações por nós colhidas, entre professores e mesmo entre as próprias crianças, 8 alunos têm por causa de repetição de ano o não alcance ao programa de aritmética; 2 insuficiência de idade cronologica; 3, uma enfermidade, causadora de infreqüência; 1, "falta de atenção". De 5 outros, os motivos são por nós ignorados.

Como se está vendo, quasi 50 %, dos repetentes têm por causa de repetência a não possibilidade de completo alcance ao programa de aritmética.

Atribuímos esse fracasso por parte dessas crianças, excluindo aquelas a quem a inteligência não favorece suficientemente, na aritmética — aos métodos poucos racionais que existiam e continuam a existir, para o ensino dessa matéria. A aritmética foi e, infelizmente, ainda é ensinada de maneira árida, pouco ou mesmo nada vital, fatigante para a inteligência infantil, com falta quasi absoluta de atenção às diferentes tendências espirituais dos alunos (H. Poincaré, no seu livro "Science et méthode", trata muito bem o problema dos "refratrios à luz da aritmética, dizendo das diferentes atitudes para com a aritmética, entre os "espíritos de tendências lógicas" e os de "tendências intuitivos").

Logo que os métodos de ensinar a aritmética às crianças mudam de rumo, logo que elles passem a ser mais reais, mais vivos, mais atinentes à inteligência infantil, mais con-

sideradores das diferenças espirituais, está estirpada, a nosso ver, uma das mais fortes causas de repetição do curso primário.

Interessante — A aluna 16, segundo informe por nós recebido de uma professora, repetiu o 2.º ano “por falta de atenção.” No entanto, as nossas observações não acusam, nessa criança, incapacidade de atenção às aulas. No ano perdido, qual teria sido a causa de tão grande “falta de atenção” às aulas, por parte da aluna 16? — Disso não mais informou a dita professora. Mas perguntamos aqui: Naquele ano, as aulas teriam correspondido aos interesses daquela criança? Teriam sido acórdos com o seu estado de desenvolvimento mental? Muto bom seria si disso conseguíssemos ter alguma notícia.

25 crianças (62,5 %) têm mais de 10 anos, ultrapassando assim a idade regulamentar para o 3.º ano (9 a 10 anos); causa de ultrapasse à idade regulamentar o fato “repetição de tão dentro da idade exigida para um terceiranista primário.

Das 25 que constam mais 10 anos, 10 crianças, têm por causa de ultrapasse à idade regulamentar o fato “repetição de ano”, ajudado, em alguns casos, pela matrícula no grupo com idade além de 7 — 8 anos. A aluna 27, que recusou o 1.º ano e o 2.º está recursando o 3.º, por exemplo, tem a idade cronológica de 15 anos e meses.

No tocante à frequência — obtiveram-na legalmente, durante o 1.º semestre, todos os alunos que pertencem à classe desde os primeiros tempos do ano letivo, sendo de notar-se a assiduidade dos alunos 1, 2, 20, 28, 6, 5, 17 e 16.

Na classe, as crianças estão dispostas, duas a duas, em 3 filas de carteiras — A fila da esquerda (estando-se de frente para as crianças) é constituída de meninas; a da direita, de meninos; na fila do meio, as duas primeiras carteiras são ocupadas por meninos, e as restantes, por meninas.

Quanto às relações das crianças entre si — há, entre as meninas, grande laços de camaradagem. Entre os meninos, também os há — e bem fortes. Segundo observações nossas, porém, as meninas nunca se dirigem aos meninos e nem éstes áquelas. A que se deverá essa falta de camaradagem entre os representantes dos dois sexos, na classe? Seja qual fôr a causa, nós a lastimamos, pois grandemente recomendável é a colaboração entre os escolares dos dois sexos, colaboração essa capaz de permitir a cada um dêles exercer sôbre o outro uma benéfica influência.

Muito nos impressionou, na classe, o fato de nela existir um tão grande número de crianças que não estão fazendo regularmente o seu curso, por causa das repetições. — Repetindo anos, a criança acarreta para si um possível atraso no caminho da vida, acarretando, ao mesmo tempo, — e é isso muito claro — um pouco de prejuizo para as finanças do seu Estado.

O que vimos nessa classe — também já vimos em outras classes, em outros grupos escolares.

E' preciso que nós, as professoras, procuremos pôr còbro às repetições de ano. — A homogenização das classes — pensamo-lo — é passo bem largo para isso, pois ela é capaz de proporcionar às crianças, levando em consideração as suas forças, as suas capacidades, o modo mais eficaz de trabalhar — que é o de “dar valor ao trabalho”. Si o trabalho estiver além das forças da criança, ela há de odiá-lo, caindo no sentimento de inferioridade, de que tão acertadamente nos disse Claparède, em conferência realizada no Teatro Municipal de Belo Horizonte, a 23-9-930; de outro lado, si o trabalho não tiver importância para as suas forças, a criança há de olhar para êle com desdém, com ares de superioridade, não lhe dando valor.

Depois da homogenização das classes, venha a possibilidade de promoções individuais em qualquer época relativa e venha a melhoria da escola, pela melhoria de todos os métodos de ensino.

Quadro de escolaridade da classe

Nome	Idade	1931	1930	1929	1928	1927	1926	1925
1	11,8	III	II	II	I	Jardim	Jardim	Jardim
2	11,8	III	II	II	I	Jardim	Jardim	Jardim
3	9	III	II	I	Jardim	Jardim	Jardim	—
4	11,7	III	II	I	S. Paulo	—	—	—
5	10,4	III	II	I	—	—	—	—
6	11,10	III	II	II	I	Jardim	—	—
7	12,8	III	II	II	I	—	—	—
8	10,11	III	II	I	Jardim	—	—	—
9	12,3	III	II	I	I	—	—	—
10	11,2	III	III	II	I	I	—	—
11	9,6	III	II	I	—	—	—	—
12	9,8	III	II	I	—	—	—	—
13	8,10	III	II	I	—	—	—	—
14	11,7	III	II	II	I	I	—	—
15	10,2	III	II	I	Colégio	—	—	—
16	10,6	III	II	I	—	—	—	—
17	12,5	III	II	I	I	Jardim	Jardim	—
18	12,2	II	II	I	S. Paulo	—	—	—
19	11,4	III	II	II	I	—	—	—
20	12,2	III	II	I	—	—	—	—
21	12,6	III	II	II	I	—	—	—
22	10,9	III	II	I	—	—	—	—
23	13,2	III	II	I	I	—	—	—
24	11,11	III	II	I	I	—	—	—
25	12,2	III	II	II	I	—	—	—
26	12,2	III	II	II	I	I	—	—
27	15,5	III	III	II	II	I	—	—
28	13	III	II	II	I	—	—	—
29	15	III	III	II	I	—	—	—
30	11,3	III	II	I	—	—	—	—
31	13,9	III	II	I	I	—	—	—
32	13	III	II	I	I	—	—	—
33	10,3	III	II	I	—	—	—	—
34	14,11	III	III	II	II	I	—	—
35	10,5	III	II	I	Jardim	—	—	—
36	10,6	III	III	II	I	—	—	—
37	10,5	III	II	I	—	—	—	—
38	9,5	III	II	I	—	—	—	—
39	11	III	II	I	—	—	—	—
40	19,7	III	II	I	—	—	—	—

N.B. Os algarismos romanos representam os anos escolares.

CAPITULO II

A FAMÍLIA E O MEIO SOCIAL DAS CRIANÇAS

O homem é aquilo que o meio quer que ele seja. "Dize-me a que meus pertences, e dir-te-ei quem és".

Os fatores mesológicos, que atuam sobre o ser humano desde o seu período de vida embrionária, desde o seu nascimento até ao fim de sua vida — redobram de poder influenciador na época da infância e da adolescência, na época em que se acentuam as manifestações físicas, fisiológicas e mentais de crescimento; na época em que o indivíduo — como prova um psicólogo — acha maior satisfação em assimilar-se aos costumes da família, aos costumes da sociedade; na época em que ele é mais facilmente sugestionável, mais dado a imitar, mais fraco no arrastado da simpatia.

E' preciso que o educador conheça os seus alunos. E como poderá ele melhor conhecê-los, sinão conhecendo-lhes o meio? — O educador deve procurar conhecer os fatores que atuam sobre as suas crianças, para melhor poder conhecê-lhes a personalidade. Conhecendo a personalidade dos meninos, melhor poderá ele agir — em demanda das finalidades físicas, intelectuais, morais e sociais da educação.

Aquí estão, em grandes traços, as principais informações sobre a família e o meio social dos alunos da nossa classe.

— Exceção feita do aluno n. 12, que é de nacionalidade italiana, são todas brasileiras as 40 crianças pertencentes à classe. Delas, 34 (85 %) são filhas de casais brasileiros. Das restantes, uma tem mais italiano; outro tem pais portugueses; outra tem pai italiano e mãe brasileira; outra é filha de brasileiro com italiana; outra tem pai português e mãe brasileira; e finalmente, uma é filha de brasileiro com espanhola.

Dos pais, 12 (30 %) são operários. Entre os outros, vêem-se 4 empregados públicos (10 %), 4 industriais . . . (10 %), 3 costureiras (7,5 %), 3 empregados no comércio (7,5%), 2 "chauffeurs" (5%), 2 barbeiros, (5%-, 2 militares

da Fôrça Pública, sendo 1 soldado e 1 primeiro tenente; 2 domésticas, 1 alfaiate (2,5%), 1 advogado e 1 agricultor.

14 crianças (35 %) residem num bairro bem modesto, muito industrial e comercial, em ruas não muito afastadas do grupo, que é situado em um dos pontos centrais da cidade; 16 (40 %) si distribuem por 3 outros bairros, também modestos, pouco afastados da séde escolar; 5 (12,5 %) moram em bairros bastante afastados do centro urbano; e 5 têm residência em ruas centrais da cidade.

Dois pais, 25 (62,5%) - sustentam a família à custa de modestos salários ou ordenados. Apenas uma criança, a aluna n. 15, tem pai exercendo profissão liberal. Esta mesma menina e mais uma outra, a de n. 22, têm mães professoras. Estas duas crianças e mais 7 outras (22,5 %) têm em casa auxílio aos seus trabalhos escolares.

39 dos pais (97,5%) sabem ler; das mães, 4,10% não o sabem.

Em todas as casas, lem as fôlhas locais; em 9, são lidas as fôlhas do Rio, sendo a mais lida a "Noite", que parece ser o diário mais popular do Brasil; uma família lê jornais de S. Paulo; uma outra lê jornais portugueses. Uma aluna, a de n. 28, costuma ler a revista "Cine-Arte"; e uma outra tem em casa "O Lar Católico".

Só uma aluna, a de n. 36, nos disse não gostar de cinema; e o aluno n. 6 disse ir diariamente ao cinema (!!). Ao todo, 18 crianças (45%) assistem, de vez em quando, às sessões cinematographicas, sendo que 8 delas vão aos cinemas do centro da cidade e 10 aos cinemas dos seus bairros.

10 crianças têm as suas experiências alargadas, conhecendo mais de uma localidade, sendo que o menino n. 4 conhece o Rio de Janeiro, São Paulo e várias cidades de Minas, do Estado do Rio e do de S. Paulo.

Quanto ao trabalho em casa — 19 (47,5%) cuidam dos serviços domesticos; 5 (12 %) são auxiliares dos pais no trabalho; 2 meninos (5 %) aprendem officio, fóra de casa; 6

meninas (15 %) estão aprendendo a costurar, também fóra de casa. Um menino, o de n. 38, é vendedor de jornais. 7 alunos nada fazem em casa e ficam, durante o tempo que se segue às aulas, bricando ou estudando.

À tarde, depois do jantar, todos descansam, sendo, que em maioria — gostam de brincar de pique e de jogar peteca. Duas meninas e um menino (7,5 %) disseram-nos não gostarem de brincar, sendo que uma das meninas nos disse que não tinha tempo para brincar, além de não gostar de brinquêdos: a de n. 32.

Assim passam o domingo — 13 ajudam o serviço da casa (32,5 %); 8 (20 %) passeiam à tarde; 6 (15 %) vão ao cinema; e 10 (25 %) brincam durante o dia inteiro. A aluna n. 25 costuma ouvir, à tarde, histórias que a avó lhe conta; a n. 16 disse-nos não gostar de brincar nos domingos, "ficando em casa à toa"; a de n. 14, com a família, quasi sempre vai ao parque e passeia de automóvel.

As mães, excetuando-se 2 operárias, 2 domesticas e 2 professoras (15 %), permanecem, em suas casas, diariamente, cuidando dos afazeres domesticos. As duas professoras deixam em casa uma empregada a olhar-lhes os filhos; das domésticas, uma ao ir para o emprego, deixa os seus meninos com uma família amiga.

9 alunos (22,5%) têm uma boa alimentação, da qual fazem parte os ovos e o leite; 11 (27,5%) tem uma alimentação regular, quasi boa; e 6 (22,5 %) se alimentam insufficientemente.

Quanto às horas de sono por noite — 30 (75 %) dormem sufficientemente — de 9 a 10 horas por noite; e 10^o (25 %) têm um número de horas de sono insufficiente para uma criança.

Em resumo — Os alunos da nossa classe, na sua quasi totalidade, são brasileiros, filhos de brasileiros. Há, na classe portanto, um predomínio do temperamento brasileiro.

Salvo poucos exceções, pertencem elles a familias de classe social inferior à média, residindo em bairros mais ou menos modestos. Em número pequeno são os que pertencem à classe média; e em número bastante reduzido os que fazem parte da camada social mais privilegiada.

Em número elevado são os que vivem com dificuldade em casas pequeninas, com 3, 4 pessoas (segundo temos informes) num mesmo quarto, por motivo de insuficiência pecuniária. Em número pequeno são os que vivem confortavelmente, bem instalados, pois só estes têm pais que dispõem de rendimentos capazes de dar-lhes uma boa vida. — Digam o que quizerem, mas o "ter dinheiro" e o "não ter dinheiro" são dois fatores que mais fortemente influem sobre o homem e sobre as sociedades.

Apenas 9 têm uma alimentação que pôde, francamente chama-se *boa* — a influir beneficentemente sobre a natureza do seu organismo. E o organismo é a base biologica do temperamento.

6 têm alimentação insufficiente. E é isso uma pena, pois está provado que "criança mal nutrida será fisicamente e, pois, mentalmente fraca".

75% dormem número suficiente de horas por noite. Mas o que não sabemos é si esse sono aproveita a todos, pois muito pouco são os que passam a noite em quartos confortáveis e dormem sozinhos.

Em casa, quasi todas as meninas são auxiliares das mães, praticando, ao mesmo tempo — como futuras donas de casa. Será, porém, esse trabalho adequado à sua idade, ao seu desenvolvimento?

Dois meninos estão aprendendo officio: um pretende ser alfaiate, o de n. 7; e outro pensa em ser sapateiro.

Interessante! — Esse último menino, o de n. 34, é filho único; o pai tem uma profissão muito diferente da de sapateiro, e a familia parece viver comodamente.

Um menino, n. 38, já não tem pai. A mãe, quando sai para o emprego, deixa-o, e os 3 irmãos, sob a guarda de uma familia amiga. Esse menino — coitadinho! — vende jornais durante o dia inteiro, desde a madrugada; só não está vendendo jornais às horas de aula. E — é de notar-se — apesar do pouquissimo tempo que lhe sobra para pensar em escola, é bom aluno. A mãe pensa agora, segundo estamos informados, em interná-lo no instituto "João Pinheiro".

13 crianças não gozam bem o descanço do domingo, pois até nesse dia cuidam dos serviços de casa. As outras aproveitam bem o seu domingo, apesar de não ser grande o número das que costumam passear.

E' bem verdade que todas elas gostam de arte cinematografica. Mas, felizmente, em numero pequeno são as que vão freqüentemente às casas de cinema. Dizemos *felizmente*, porque ainda não temos aqui exhibição freqüente de fitas boas para crianças; de films educativos. — O aluno n. 3 disse-nos gostar de fitas "de briga"!!

Todos elles têm em casa uma fonte de leitura. Terão os pais o necessário cuidado de lhes mostrar o que devem ler e o que podem ler?

Na sua totalidade, a classe recebe a influencia benéfica da regilião, sendo de 95 % as que abraçam o catolicismo romano.

DESENVOLVIMENTO FISICO E A SAÚDE DAS CRIANÇAS

Depois de um meticoloso exame antropometrico, de muitas observações, de um discreto inquérito, chegámos à conclusão aliás muito satisfatoria, de que muitos alunos têm desenvolvimento corporal eficiente.

Alguns, como os de n. 3, 6, 31 e 34, têm uma nutrição muito boa, ao passo que os outros a têm normal, sufficiente, excepto o aluno de n. 30, sobre o qual repousam nos

sas supeitas, porquanto seu percentil (*) de Pelidisi foi 90 e êle não se alimenta a não ser uma vez ao dia.

Depois de feitas as medidas antropométricas, concluímos que as crianças da classe têm um nível físico acima da média, em comparação às crianças da mesma idade que freqüentam as escolas da Capital. O percentil médio da estatura foi 70, sendo os percentis 70, 80 e 90 os mais freqüentes.

Quanto ao peso, o percentil médio foi igual a 70, sendo os mais freqüentes os percentis de 50, 70 e 90. Tanto no peso como na estatura, os percentis foram de 10 a 100, apesar de ter sido o 10 encontrado somente uma vez em cada resultado, mas não na mesma criança.

Têm-se feito estudos com o fim de estabelecer a relação entre a altura e o peso do indivíduo. Querelet foi o primeiro a empregá-lo no índice de corpulência, que consiste em dividir o peso pelo tamanho (P: T.).

Comparámos os resultados obtidos aos das outras crianças da mesma idade e encontrámos um percentil médio igual a 68,7, o que prova estar a classe composta de crianças de desenvolvimento físico normal, na sua maioria. Os percentis no índice P: T foram de 25 a 100, sendo este último encontrado 5 vezes em as crianças de ns. 3, 13, 23, 26 e 32.

Pirquet, tomando a altura da criança assentada, relacionando-a com seu peso, estabeleceu o índice de nutrição, cuja fórmula

aqui deixamos: $\sqrt[3]{\frac{P \cdot 10}{A \cdot S}}$ ou o Pelidisi.

Encontrámos então o percentil médio do Pelidisi, que é 85,1, igualmente comparado a um grande número de crianças. O percentil 100 foi encontrado 10 vezes sobre 33 crianças.

(*) As medidas foram percentiladas pelos padrões antropométricos para crianças de Belo Horizonte, elaborados em 1930-1931 pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

Tomámos também a formula de Pignet, afim de encontrarmos o índice de robustez. Esse índice tem a fórmula baseada na relação existente entre o peso, a altura e o perímetro toraxico em sua

média: $T - P + \left(\frac{\text{Insp.} + \text{Exp.}}{2} \right)$

O percentil médio foi 74,3, sendo 100 o mais encontrado, repetido 9 vezes. Foi o percentil 10 encontrado uma só vez, em o aluno n. 30, que é um menino de aparência normal, mas anêmico, de voz fraca e que diz tomar uma refeição só por dia, por não ter fome.

Bardet também estabeleceu uma relação entre o peso e a altura do indivíduo; ela consiste no seguinte: um homem deve pesar a fração excedente do metro da altura, subtraída de 10 %. Isto é, quem mede 1,60 deverá pesar 54 kilos.

A altura foi tomada por meio de uma toesa em milímetros; e o peso, tomado pela balança "Sêca".

Por meio de uma trena metálica, pudemos tomar em as crianças o perímetro cefálico. E, depois de percentillarmos os resultados, chegamos a obter o percentil médio da classe, que é de 60,1. Somente encontrámos um aluno com o percentil 0 (aluno n. 30) e encontrámos um outro (o de n. 26) com o percentil 100.

Não encontrámos um só caso de anomalia cefálica.

Usando a mesma trena metálica, foi-nos dado medir o perímetro toraxico, o que fizemos, aplicando a fita sobre o apêndice stervo-ifoido, em linha horizontal, passando pela caixa toraxica, em cima de uma leve peça de roupa. Avaliámos o perímetro toraxico em repouso, em inspiração e em expiração. Encontrámos um percentil médio igual a 74. O percentil menor foi 20, encontrado em o aluno n. 30, assim como o percentil 100 encontrado 3 vezes, em os alunos ns. 6, 26 e 32.

Avaliámos também a capacidade pulmonar de cada criança, o que fizemos usando o Spirometro seco de Barnês. Essa prova foi feita sob as melhores condições possíveis: em

uma sala ampla, clara, ventilada. A criança, depois de fazer três inspirações profundas, enchia os pulmões de ar, expelindo-o imediatamente, por meio de um tubo, dentro do Spirometro. Cinco vezes foi feita a experiência com cada criança; e, terminada esta, verificámos a capacidade vital média e máxima de cada menino. Comparámos os resultados de outras crianças da mesma idade; obtivemos o percentil médio da classe, que é 66,6. O aluno 6 alcançou um resultado acima do percentil 100, e a aluna 28, um percentil abaixo de zero. Os percentis mais freqüentes foram 50 e 80.

Procurámos avaliar também a força muscular de cada criança, pelo diâmetro de Colin. A força muscular média da classe está no percentil 42,8. Com esse resultado obtido, poderá o leitor verificar que as crianças da nossa classe estão com a força muscular um pouco abaixo da média.

Os percentis variam de 0 a 90, estando no 0 o aluno n. 13, e no 90 a aluna n. 32.

Pela experiência da "Estatua", pudemos observar o grau de resistência física de cada criança, a qual não poderá ser comparada, visto não termos um padrão estabelecido. A experiência constou do seguinte: as crianças, de pé, conservaram-se imóveis, de braços estendidos em linha horizontal pelo plano lateral, e assim permaneceram pelo tempo que puderam. Os alunos ns. 25, 21, 3 e 38 foram os primeiros a descer os braços, ficando, respectivamente, 1'46", 1'50", 2'30" e 2'10". Os que permaneceram por maior tempo, atingiram a 10 minutos: foram os alunos de ns. 6, 30, 37, 46, 28 e 4. Este último é um menino doente: sofreu uma paralisia infantil e tem uma das pernas mais curta que a outra, de 4 centímetros. Ao terminarmos a experiência, tomámos a pulsação das crianças que permaneceram naquela posição durante 10 minutos. Dos dois primeiros a pulsação era de 74 e 78; dos outros, a pulsação foi a 122, 108 e 109. E do aluno n. 4, a pulsação continuou normal (82).

A resistência média da classe foi de 5 minutos.

A acuidade visual da classe foi por nós observada. Dentre as 32 crianças examinadas, 29 são emétopes e 3 têm defeitos de visão. Destas, a aluna n. 28 tem o olho direito perfurado por um caco de vidro, tendo isto acontecido quando a vítima contava apenas 1 ano de idade; a de n. 15 tem a vista do olho esquerdo impedida por uma molestia que não nos é conhecida: o olho apresenta-se mais claro que o outro e com a pupila coberta por uma mancha branca. Segundo uma informação que obtivemos, a menina será, ao completar 11 anos, submetida a uma intervenção de cirurgia. A terceira, aluna n. 1, parece-nos ser miope do olho direito.

Quando ao exame especial de audição, não nos foi possível fazê-lo, por não haver no grupo um local bastante silencioso; contudo, as nossas observações nos levaram a concluir que todos os alunos têm uma acuidade auditiva normal, ecéto um, o aluno n. 34, que quasi nada ouve pelo ouvido esquerdo.

Um caso particular e que merece ser mencionado é o do aluno n. 8. Esta criança apresenta um conjunto de sintomas (palidez, desanimo, lentidão, respiração pela boca, resfriados contínuos) que nos fazem supor que ela sofra de vegetações adenoides. Tem a fisionomia adenoidiana. Não pudemos obter a sua ficha sanitária.

Em geral, as crianças têm dentes bons, alguns tratados, outros não. A maioria os têm fortes e em bom estado. Um aluno, o de n. 7, perdeu diversos dos seus bons dentes, por acidente (uma pancada, ocasionada por uma roda de caminhão).

A aluna n. 26 tem, na região temporal esquerda, uma porção regular de cabelos brancos. Ela não nos soube dizer a causa daquela pequena anomalia.

Todas as crianças apresentam sinal de vacina recentemente feita contra a varíola. Algumas sofreram coqueluche, em fevereiro deste ano, mas estas molestias não lhes deixou nenhuma consequência má.

Pelo gráfico n. 1 será fácil apreciar o desenvolvimento físico, a robustez e o grau de nutrição das crianças da classe.

A linha formada por uma seqüência de pequenos círculos, que parte do n. 25 e segue em direção à direita e para

P
—
T

cima, mostra a curva estabelecida pelo índice

Nêste gráfico há uma correlação existente entre os três índices. Por exemplo, a criança 25, cujo número se cha na

P
—
T

linha horizontal, tem um índice — igual ao percentil 80

o índice Pignet, que é índice pelo sinal X, no percentil 75, e o Pelidisi, que está representado pelo sinal P no percentil 100.

Pelo gráfico n. 2, vêem-se as curvas de capacidade vital e força muscular. A criança de n. 13 tem os dois resultados num só ponto de encontro, que é o percentil 80.

Tem a classe um desenvolvimento físico satisfatório. Resta-nos agora saber a correlação entre o físico e o mental nos trará bom resultado.

Pelas observações que fizemos e pelas pesquisas, podemos concluir que, dos índices, o que coincidiu plenamente com o resultado de nosas observações foi o índice Pignet ou índice de robustez. O Pelidisi, às vezes, dá resultados muito aumentados, favorecendo, assim o índice de nutrição das crianças.

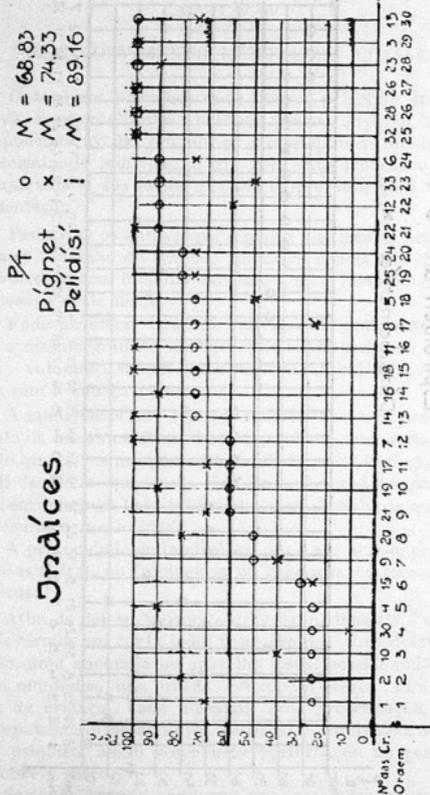


Gráfico n. 1

Espirometria o
Dinamometria x

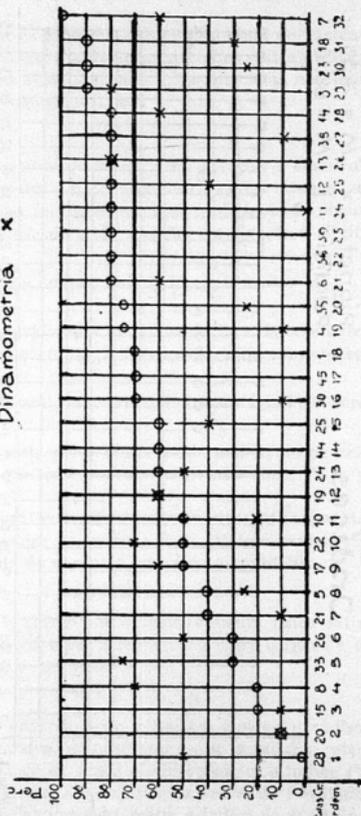


Gráfico n. 2

CAPÍTULO V

DESENVOLVIMENTO MENTAL DA CLASSE

Graças aos trabalhos que, desde o principio dêste seculo, vão sendo realizados por Binet, Simon, Claparèd, Thorndike, podemos avaliar o maior ou menor gráu de intelligência de determinado individuo, e isto, com mais segurança, dada a complexidade dos meios que são empregados para tal experimentação.

Pensaram os antigos que a maior intelligência dependia do maior tamanho do craneo. Julgaram depois que ela dependesse do menor tamanho do craneo, e até mesmo Aristoteles pensava dêste modo.

Póde acontecer que um individuo de craneo pequeno tenha o mesmo grau de intelligência que um outro de craneo muito volumoso, si bem que a maioria dos individuos inteligentes têm a cabeça volumosa.

A intelligência não depende também do maior desenvolvimento da massa cefálica. Esta depende de uma certa constituição que talvez nos possa ser revelada pela histologia, pois que ali dentro se opera uma série de fenômenos complicados que põem em jogo todo inteiro um organismo e de que por fim, resulta a *mentalidade*.

A precocidade de intelligência, ou o seu atraso, prové de causas físicas, ou fisiológicas, ou psiquicas, ou mesmo pedagógicas.

Afim de determinarmos o gráu de intelligência é necessário levarmos em conta todos êsses fatores. Um defeito de audição, uma anomalia no aparelho visual ocasionam, quando não estudados, uma errada concepção acêrca da intelligência da criança. Uma nostalgia, uma preocupação, uma dôr propulsionam desarranjos no físico do individuo, atuando no psiquico, assim como uma perturbação no psiquico atua sôbre o físico.

Seria de grande vantagem que, em todas as escolas, fossem ministradas, além das experiências psicologicas, um

exame médico, afim de melhor serem verificados e analisados os casos de debilidade mental. Só assim seriam evitados os casos de injustiças que, involuntariamente, poderão cometer alguns professores.

Há professores que supõem ter mais inteligência o aluno mais esperto, mais parlador em aula. As vezes, há uma coincidência em ser este o mais inteligente, porém nem sempre isto se dá. E' o que Binet chama — atividade intelectual, muito distinta do nivel intellectual.

Si se introduzisse em todas as escolas a classificação das crianças pelo nivel mental, o ensino seria, não digo outro tanto mais proficuo, porém mais eficiente. Nada é mais desolador do que vê-se uma classe com 40 ou 50 crianças de nivel intellectual heterogêneo.

Uma vez as crianças estudadas, observadas e classificadas, o ensino e a aprendizagem tomarão nova feição. O ensino será, então, adaptado à natureza do desenvolvimento físico e intellectual, adaptação esta que possa assegurar a plena evolução da criança sob todos os pontos de vista: físico, psíquico, moral e social...

Não deve o professor considerar um nivel intellectual pouco desenvolvido em uma criança, somente por notar que a sua mentalidade não lhe permite interpretar ou julgar isso ou aquilo — é a inteligência que ainda não chegou à maturidade.

Vejamos quais são os meios usados na medida da inteligência: em 1908, Binet e Simon publicaram a Escala métrica (para a medida da inteligência). Esta escala mais tarde foi revista por Temman, e consiste numa série de questões que podem ser aplicadas nas crianças, desde o seu 3.º mês até à idade adulta. Estas questões aumentam gradativamente as suas dificuldades, correspondendo, cada aumento, de 2 a 6 meses em idade mental.

A medida da inteligência nada mais é que a comparação da inteligência de um individuo à de grande número de individuos normais, já estudados e com a idade real determinada.

Antigamente eram os testes de inteligência feitos individualmente, passando depois a ser feitos coletivamente, visto ser este um modo mais rapido.

Mede-se a inteligência estabelecendo a relação existente entre a idade cronologica e a idade mental, isto é, a idade que os resultados do teste revelam. Didivindo a idade mental (em meses) pela cronologica (também em meses) obtem-se um quociente, que é denominado — quociente intellectual ou Q. I. Si as idades são iguais, o Q. I. é igual a 1,00. Si por acaso há um atraso ou um adiamento de 1 ano, a inteligência é normal. Quando o Q. I. é representado por uma decimal menor de 0,90, sabe-se que a inteligência é tardia, reclamando uma nova pesquisa para a verdadeira averiguação, porquanto é muito natural não se acreditar cegamente em um cálculo quando o seu resultado não é favorável.

A noção de quociente intellectual foi proposta por Stern, vindo completar assim a medida da inteligência estabelecida por Binet e Simon, por anos de atraso ou de adiamento intellectual.

O NIVEL INTELECTUAL DAS CRIANÇAS DA CLASSE

Ao entrarmos pela primeira na sala passou-nos logo pela mente a grande idéia: a quasi totalidade dessas crianças têm aparência de muito inteligentes; não nos lembramos porém, de que muitas vezes "as aparências enganam..."

Nas duas primeiras semanas notámos que o aluno n. 4, tão elogiado pela professora, era muito inteligente; na terceira semana notámos que os ns. 14 e 17 eram os mais inteligentes da classe. Pensámos, depois, que fosse a aluna n. 18 inteligente, e assim observávamos, comparávamos, julgávamos uns e outros, sem contudo chegarmos a uma solução definitiva, mesmo porque somente as nossas observações, por mais criteriosas, não poderiam levar a um julgamento preciso.

Aplicámos um teste — o de Goodenough. E' este um teste que, para as crianças, não é mais que um "passa-tempo".

E', além de muito facil, rapido e econômico. Consiste em a criança desenhar um homem do modo mais perfeito que ela possa imaginar, isto é, "desenhar o homem mais bonito que ela conheça".

— Qual é a criança que não se sente bem, quando, diante de uma fôlha de papel e de um lapis, é convidada a desenhar uma figura bonita?

Este teste já encerra, além de outras vantagens, esta: ser acessível a toda e qualquer criança. Este teste foi idealizado por Miss Floreence Goodenough, psicologa norte-americana.

O desenho da criança nada mais é que a representação gráfica daquilo que ela tem na imaginação. Ora, si tomarmos o desenho de uma criança de quatro anos, que é que teremos a observar? Nada mais que uma figura contendo uma cabeça, com os respectivos olhos, nariz e boca, dois braços e duas pernas.

— E onde está o tronco?...

— Ora, a criança de quatro anos, em geral, não tem outra concepção de um homem a não ser daquela maneira: um homem representado por uma cabeça, duas pernas e talvez dois braços.

Si tomarmos um desenho de uma criança de 6 ou de 8 anos, encontraremos, então, não digo uma figura perfeita, mas bem definida, com detalhes, com alguma cousa de proporção, de realidade.

Miss Florence Goodenough estabeleceu uma lista com 5 pontos para a apreciação do teste e avaliação da inteligência. Cada um dos 51 pontos equivale a 3 meses em idade mental, e a escala pode apreciar o desenvolvimento mental de 3 até 13 anos.

Há pessoas que julgam ser o teste de Goodenough uma prova sobretudo de aptidão.

A aplicação do teste durou 25 minutos, e êle foi muito bem aceito pelas crianças. Todas se mostraram interessadas em fazer o homem. Uma delas, a de n. 37, fez um homem (camponês) assentado, com um violão ao côlo, e escreveu sub

o desenho: "baile na roça". Essa criança obteve o percentil 100, dada a complexidade do seu desenho.

O percentil (*) médio da classe foi de 63, sendo a variação média igual a 39. Obteve também o percentil 100 o aluno de n. 12. Os percentis variaram entre 10 e 100.

Aplicámos, algum tempo depois, o teste do Dr. Simon, denominado de P. V.

Este teste foi realizado por Simon para preencher as lacunas deixadas por diversos testes de psicologos americanos.

Consta êle de 57 questões que exigem não só compreensão, como também observação, julgamento, raciocínio, perspicacia, rapidez, vocabulário um tanto desenvolvido, etc.

São muito interessantes, e, mais do que isto, importantes todas as suas 57 questões. Há uma das questões, a 10ª, em que as crianças, segundo me parece, duvidaram em responder. Algumas chegaram mesmo a dizer: "De dia a pedra é mais quente, mas de noite ela é mais fria", argumentação feita pelos alunos ns. 7, 3, 34 e 37. Entretanto, opinaram em dizer que a pedra era mais fria que a madeira. Estas quatro crianças demonstraram um fino raciocínio: Teriam elas todas a razão si se tratasse de uma questão de fisica, pois a pedra é melhor condutora de calor que a madeira...

A aplicação deste teste durou 41 minutos, sendo que a aluna de n. 20, que terminou em primeiro lugar, gastou 18 minutos. Creio que algumas crianças julgaram ser de maior vantagem, para o teste, colocar o maior número na última questão, número êsse que indicava os minutos gastos na execução do teste. Pudemos notar essa errada concepção em as crianças de ns. 15 e 20, isso muito depois de já recolhidos os testes.

Não fôra o fator — tempo — o teste teria dado resultados muito melhores, assim como o de Goodenough.

(*) Todos os testes foram avaliados pelos padrões do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

O aluno n. 8 teve, em relação ao número de pontos, uma idade mental de 10 anos e 11 meses, ao passo que, tendo gasto muito tempo, a idade mental em relação ao tempo foi de 7 anos e 10 meses, ficando, desse modo, o seu teste com um resultado um tanto baixo.

O percentil médio da classe foi igual a 32, com uma variação média de 17,9.

O aluno n. 3 foi o que alcançou um percentil mais elevado — 90, e o de n. 13 obteve o 2.º que foi igual ao 8.º. Dez crianças ocuparam a média superior, isto é, acima do percentil 50 ao 75.

Apresentamos aqui também os resultados dos testes de Dearborn e de Ballard:

O teste de Dearborn consta de 17 questões. É um teste a que o autor, psicólogo norte-americano, deu o nome de *jogos e puzzles desenhados*. É um teste coletivo que pôde ser aplicado a crianças iletradas. Ele exige que a criança saiba reconhecer, entre uma série de 12 números, aquele que representa a sua idade; que saiba contar até 13 pauzinhos; faça uma divisão por 2; faça também uma soma de valores de tão que talvez não esteja ao alcance de muitas crianças pequenas perfazendo um total de 900 réis. Há também uma questão: o do reconhecimento das horas. O desenho da mão, posto seja uma questão tomada por muito simples, não oferece facilidade em ser executado por uma criança antes dos seus 10 anos.

Geralmente as crianças fazem a mão de maneira a não ser possível indentificá-la, pois o polegar e o mínimo se apresentam do mesmo tamanho dos outros dedos.

Este teste exige muita atenção, observação, noção de caro e barato, leve e pesado, etc.

O teste de Dearborn foi aplicado em dias do mês de fevereiro, 32 crianças o fizeram. Não foi aplicado por nós, mas por uma recém-diplomada pela Escola de Aperfeiçoamento.

O percentil médio da classe foi de 36, com uma variação média de 23,1. Somente apareceu o percentil 100, uma vez em o aluno de n. 5.

O teste de Ballard, ou teste coletivo das 100 questões, é, além de seguro, muito econômico.

Para a sua execução, nada mais é necessário para a criança do que uma folha de papel pautado e um lapis. Em caso algum será conveniente que esse teste, seja feito de uma só vez. É necessário que seja aplicado de duas vezes: 50 questões de cada vez.

A criança, em executando este teste faz apelo à sua memória visual e auditiva, ao vocabulário, ao raciocínio, análise e síntese, ao cálculo mental, etc.

O fim deste teste não é procurar o tipo de inteligência da criança, mas procurar estabelecer o nível intelectual em geral, isto é, a inteligência global da criança.

Foi este teste igualmente aplicado em dias do mês de fevereiro, pela mesma professora que aplicou o de Dearborn.

O percentil médio da classe foi 33, com a variação média igual a 15.

Foi o 90 o percentil melhor, e alcançado por uma criança, a de n. 40. Os percentis variaram entre 10 e 60.

Procurámos a correlação entre o teste de Dearborn e de Ballard e encontramos a seguinte: 0,68.

A professora nos deu o resultado de suas observações, dizendo que somente há quatro meses assumira a responsabilidade dessa classe. Suas observações versam sobre os seguintes alunos: os de ns. 2, 13, 17, 3, 4, 33 e 1, como os mais inteligentes.

De fato, parte de suas observações coincidem com as nossas e também com os resultados que os testes nos deram.

Pelo gráfico poder-se-á verificar a correlação existente entre os quatro testes. Os alunos de ns. 21, 23, 25 e 26 obtiveram, si bem que os peores lugares dos testes, uma correlação perfeita. Assim também o aluno de n. 3, que no teste de Goodenough e no P. V. obteve o percentil 90, no teste de Dearborn obteve o percentil 70.

Os demais alunos obtiveram lugares esparsos nos quatro testes. Assim, o aluno de n. 37, que no teste de Goode-

nough, obteve o percentil 100, no teste de P. V. ocupou o percentil 70, ficando no percentil 40 nos testes de Dearborn e Ballard. Este aluno talvez não estivesse bem disposto quando fez estes dois últimos testes, porquanto é um menino anêmico, palido e, mais do que isto, é *fumante inveterado*, como tivemos ocasião de, com muita firmeza, saber de sua professora.

O aluno de n. 12 obteve em o teste de Goodenough o percentil 100, alcançando o 75 no de P. V. mas no de Ballard, obteve 25 e 40 no de Dearborn.

Como poderemos justificar esta dispersão de resultados?

Segundo o que ficou dito antes, a professora muito pouca coisa pôde dizer sobre a inteligência da classe. Mesmo a sua opinião, coincidindo um pouco com as nossas observações, deixa de coincidir quanto ao que ela diz sobre a aluna de n. 17. Diz ela que a aluna 17 é a mais inteligente da classe, quando os seus testes de inteligência não o revelaram. Os testes pedagógicos, sim, são os melhores da classe. Esta aluna é estudiosa e esforçada, e não mais inteligente, como disse a professora.

Dos quatro testes de inteligência aplicados à classe, não quero dizer que os de Ballard e de Dearborn não sejam bons testes, porém, creio que — o melhor dos quatro para medir a inteligência global, é o teste idealizado pelo psicólogo Th. Simon, denominado teste P. V.

CAPÍTULO V

PERFIL GERAL DA CLASSE

Para que deve a professora conhecer a sua classe?

Um artista não dá início à sua obra sem primeiramente analisar, estudar, procurar conhecer, sob todos os pontos de vista, o material destinado à execução da referida obra. Sem esta pesquisa, sem este estudo, dos quais depende todo o efeito e produção do trabalho, nada será conseguido.

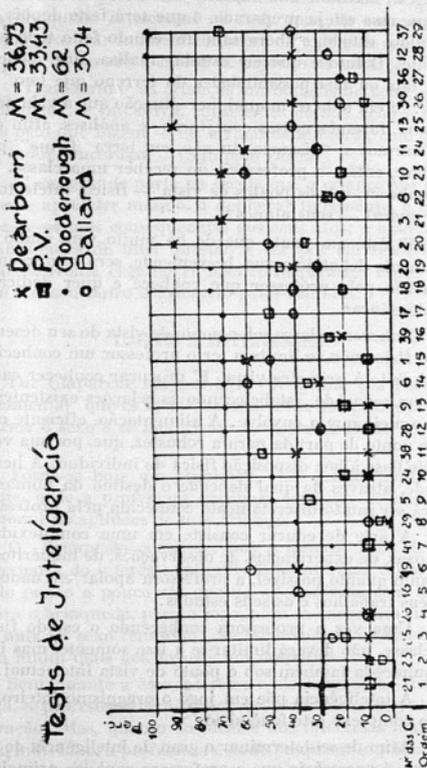


Gráfico n. 3

Um lavrador não deposita no seio da terra a semente, sem que essa esteja preparada, o que será feito depois de um meticoloso estudo, embora seja um estudo feito todo empiricamente. O fato é que ele estuda, analisa, tira conclusões sobre tais ou tais possibilidades do terreno que tem à sua frente. Si em toda e em qualquer situação que a vida nos proporciona, fazemos nossas conjeturas e análises, afim de nos certificarmos si "pisamos, ou não, em terra firme", porque não deve, então, a professora, ao receber uma classe, procurar conhecer, sob os pontos de vista — físico, intelectual, social e moral — seus alunos?

E' este um ponto que de há muito vem sendo inteligentemente debatido e que, brevemente, será compreendido e executado pelo professor que conhece e quer dedicar-se à arte de educar.

Conhecer a classe sob o ponto de vista do seu desenvolvimento físico não se limita a ter o professor um conhecimento global, feito à primeira vista. E' procurar conhecer cada criança em separado, estabelecendo as relações existentes entre ela e o meio que a envolve. A alimentação, eficiente ou não, será o ponto de partida para a robustez, que, por sua vez, servirá de base à boa disposição física do individuo. A hereditariedade, através da qual depende o destino da humanidade, deverá ser muito discretamente conhecida pela professora.

A arte de educar consiste em uma complexidade de pesquisas, de experiências, de observações, de inquéritos, afim de, tanto quanto possível, a professora apoiar em dados seguros seus trabalhos e os seus estudos.

Uma vez a professora conhecendo o estado físico de sua classe, não deverá limitar-se a isso somente, mas ir além — conhecê-la também sob o ponto de vista intelectual.

A inteligência põe em jogo o organismo inteiro, sendo muito complexo este fenômeno.

Afim de se determinar o grau de inteligência de um individuo, é necessário que a professora conheça primeiramente os fatores que influem sobre esse mesmo individuo.

Tendo a professora procurado estabelecer o grau de desenvolvimento intelectual de cada uma de suas crianças, terá que procurar também conhecer o modo pelo qual ela irá agir, afim de incutir a *moral* no espirito da criança.

"Transformar as crianças em homens de bem, quer dizer: homens de iniciativa, conscientes da sua ação e responsáveis pelo que fazem — eis a finalidade moral, com que em regra todos concordam". (Sampaio Doria).

E' em grande parte na escola que a criança vai acostumar-se, e aprender mesmo, a deliberar livremente, a estimar as boas e as más conseqüências dos seus atos; a assumir responsabilidades de uma questão a ser por ela resolvida, a aceitar de frente erguida as más conseqüências e por conseguinte o desencontro ocasionado pelos seu atos.

IDEAIS E INTERESSES

Diz Claparède em seu livro "A Escola e a Psicologia Experimental" que os ideais, os interesses, as aptidões variam conforme o sexo e se modificam conforme a idade do individuo.

Torna-se hoje um problema, aliás difícil, porém interessante, o de a professora procurar conhecer os ideais, os interesses e as aptidões de suas crianças.

O brinquedo constitui, nos primeiros anos de vida, grande parte do interesse infantil. Este interesse vai-se modificando pouco a pouco até que na adolescência esta tendência para o brinquedo, para o jogo, para os exercicios físicos e quasi nula no sexo feminino. Na adolescência os meninos se atiram muito mais aos jogos e aos desportos.

Bem, quanto a esse interesse e ideal ligado ao físico da criança, a professora bem o conhece, através de uma simples observação. Mas, quanto ao ideal e aos interesses mais íntimos do individuo, à professora é dado pesquisar inquirir, afim de, com mais segurança, conhecer seus alunos sob esse ponto de vista.

Saber o que a criança quer ser depois de grande, não basta si por exemplo, a criança responder que deseja ser *advogado*, ou *pintor*, ou *dentista*.

É necessário, pois, que a professora saiba o *porquê* psicológico dessa resposta e os fatores que influem sobre essa criança, e que a levaram a responder assim.

A habilidade da professora a levará procurar conhecer tudo o que mais diretamente afeta a vida da criança. E se assim ela não fizer, não poderá trabalhar afim de canalizar certas tendências e certas aptidões que são inatas em seus alunos, procurar também desviar as que poderão conduzi-los mal para a vida que as espera.

Assim como o menino que, em resposta ao inquérito a que fôra submetido, disse que desejaria, quando grande, ser *chauffeur*, porque *chauffeur* trabalha pouco e quasi não se cansa...

— Que nos revela esta resposta e esta justificação acerca do ideal dessa criança? E qual é o papel da professora nêsc caso?

E, tão difficil quão melindroso, nêsse caso, o papel da professora! Ela não irá dizendo à criança: “você demonstra ser um preguiçoso”!

Não, nada disso! A sua atitude é toda psicológica e não de *mestra antiga*...

Pelo inquérito feito à nossa classe, pudemos avaliar um pouco do ideal e do interesse das crianças por nós estudadas.

Na pergunta “qual é o seu trabalho preferido na escola”, houve 27,5% das crianças que acham que a escrita é o trabalho preferido: 20,6 % opinam para a aritmética.

Quanto ao trabalho preferido em casa, 55,5% das crianças dão preferência aos arranjos da casa e aos trabalhos domésticos, mesmo entre alguns meninos.

Na pergunta “qual é o seu brinquedo preferido”, houve 77,7% de meninos que opinam pelos jogos de bola, e 33,3% das meninas preferem a boneca.

Na pergunta “qual o livro ou história de que você mais gosta”, houve 20 % de crianças que apreciam — *Branca de Neve*.

A pergunta “com quem desejaria parecer”, 60 % das crianças preferem as pessoas da família e 25 % querem parecer consigo mesmas.

Das crianças, 25 % não querem parecer com o Capêta. Essas crianças sofrem a influência da superstição e da crença popular. Crêem e temem a atuação que êste ente sobrenatural póde causar na conduta do individuo.

A pergunta “quando você fôr grande, o que quer ser”, 50 % das meninas querem ser professoras e 27 % querem ser pianistas. Quanto aos meninos, cada um, ou dois, quer ter um futuro diferente — *advogado*, “*chauffeur*”, *padeiro*, *engenheiro*, etc.

A pergunta “no dia do seu aniversário, que presente quer ganhar, 66,6 % dos meninos querem bola, e as meninas preferem peças do vestuário ou objetos de luxo.

Quanto á pergunta “si você tivesse muito dinheiro, o que faria dêle”, 28 % responderam que poriam no Banco. Outros disseram que comprariam casa.

Poder-se-á, por aí, ver que as crianças já vão obtendo alguma noção de economia, pois todos que disseram que depositariam o dinheiro no Banco alegaram que “no Banco rende juros” ou “no Banco evita a gente gastar”.

Foram estas últimas, as justificativas mais lógicas de todo o inquérito; as demais não revelam, em ponto algum, grande poder de análise no espírito das crianças.

LOEAI S E INTERESSES

I QUAL O TRABALHO QUE VOCE PREFERE NA ESCOLA?

Meninos:

Leitura	2
Escrita	4
L. Pátria	2
Estudar	1

Meninas:

Escrita	3
Aritmética	6
Desenho	1
Leitura	8
Canto	1
Costura	1
Trabalhos manuais	1
Têste	1

II E EM CASA?

Meninos:

Ajudar ao pai na farmácia	7
Estudar	7
Ajudar à mãe nos arranjos do lar	1

Meninas:

Serviços domésticos:	
acegar água	1
lavar roupa, casa e pratos	7
olhar criança	2
aguar plantas	1
engomar e bordar	2
costurar	4
arranjar a casa	2

III QUAL O SEU BRINQUEDO PREFERIDO?

Jogar bola	7
Pegador	2

Meninas:

Boneca	4
Costura para boneca	2
Pegador	2

Chicote queimado	1
Brincar de comadre	1
Roda	4
Pular na corda	1
Peteca	1
Gangorra	1
Ginástica	1
Contar histórias	1

IV — QUAL O LIVRO DE HISTÓRIAS OU HISTÓRIA DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

Meninos:

História do Brasil	4
Branca de Neve	2
A Formiga	1
A Velha e o porquinho	1
A História do avô	1

Meninas:

Branca de Neve	4
História do Brasil	1
O sonho da Rainha	1
O isqueiro encantado	1
Livro de histórias	2
Joãozinho e Maria	1
Bela, a verdureira	1
Pinóquio	1
As três irmãs	1
Borboleta amarela	1
Criança, meu amor	1
História do velhinho	1
Sargento verde	1
História da gata branca	1
Maria Borracheira	1
As três cabeças de ouro	1

V — COM QUE PESSÓA QUERERIA PARECER-SE?

Meninos:

Com minha mãe	2
Consigo mesmo	2
Com o papai	5

Meninas:

Minha avó	1
Minha tia	2
Comigo mesmo	5
Minha mãe	2
Com D. Júlia	2
Com a diretora do grupo	1
Com o papai	2
Com uma Rainha	1

VI — PORQUE?

Meninos:

Porque gosto da mamãe	2
Porque gosto do papai	2
Porque assim é que eu sou	2

Meninas:

Porque éla e velha	1
Porque ela é muito simpática	2
Assim que eu queria ser mesmo	2
Porque Deus me pôs assim	3
Eu tenho direito de querer parecer com ela, pois é minha mãe	1
Ela é muito delicada	2
Toda a Rainha é muito bonita	1

Meninos:

VII — COM QUE COUSA NÃO QUERERIA PARECER-SE?

Com a Célia	1
Com homem, porque sou mulher	1
Com os meus inimigos	1
Com galinha	1
Com minha irmã	1
Com pessoas más	2
Com o "Manoel das moças"	1
Com o Jaburú	1
Com ninguém	1
Com a Maria	1
Com a Stael	1
Com o Capêta	1

Meninos:

Com o Jair	1
Com um negro	2
Com o Capêta	3
Com quem eu não conheço	1
Com Maria de Loudes	1

PORQUE?

Meninos:

Porque eu não gosto do Capêta	2
Porque sou branco	2
Porque êle não é bom	1

Meninos:

E' muito feio	1
E' muito máu	1
Êle é Capêta	1
Ela não gosta de mim	1

Porque êle é danado	1
A vóvó é muito velha	1
Jaburú é muito fêio	1

VIII — QUANDO VOCE FOR GRANDE, O QUE QUER SER?

Meninos :

Advogado	1
Estudante	2
Tipógrafo	1
Chauffeur	1
Carpinteiro	1
Engenheiro	1
Padeiro	1

Meninas :

Professora	10
Pianista	5
Costureira	3
Bordadeira	1
Chapeleira	1

PORQUE ?

Meninos :

E' bom serviço	1
Engenheiro ganha muito dinheiro	1
Chauffeur não se cança quasi	1

Meninas :

E' bom ser professora	3
Porque papai quer que eu seja professora	1
Tocar piano é bom	1
E' bonito ser pianista	1
Eu gosto de ser professora	1
Costurar é o melhor trabalho	1

XIX — NO DIA DE SEU ANIVERSARIO, QUE PRESENTE QUER GANHAR ?

Meninos :

Bola	6
Carrinho	1
Terno de casemira	2

Meninas :

Vestido	3
Boneca	3
Qualquer cousa	3
Sombrinha de seda	1
Chapéu	1
Um piano	3
Violino	1
Sapato	3
Um abraço bem apertado	1

XX — SI VOCE TIVESSE MUITO DINHEIRO, O QUE FARIA DELE ?

Meninos :

Daria a metade ao papai	1
Punha no Banco	3
Comprava uma casa	2
Comprava um automovel	1
Dava à mamãe	1
Dava aos pobres	1

Meninas :

Comprava um presente para a mamãe	1
" uma casa	3
" o que desejasse	1
" um vestido	1

"	muitos vestidos	1
"	roupa para meus irmãos	1
Punha no BANCO DO BRASIL		3
"	na CAIXA ECONÔMICA	1
Dava à mamãe		1

Meninas :

Porque é muito dinheiro só para mim	1
Porque não queria gastar	1
Porque não gosto de ficar com muito dinheiro em casa.	1
No banco eu não poderia gastar	1
Porque a mamãe precisa de dinheiro	1

Meninas :

Para eu morar	2
Dava aos pobres, porque eu sou caridosa	2
Comprava vestidos, para eu andar bem arrumadinha.	1
No banco rende juros	1
No banco fica guardado	2
Comprava vestido, porque eu não tenho	1

Pudemos também avaliar o grau de sentimento e de emotividade nas crianças. Não encontramos caso algum de sentimentalismo exagerado e nem de emotividade muito pronunciada. Aliás, nós já havíamos notado que, durante cinco meses de trabalho, não nos fora dado presenciar uma tristeza ou um choro na classe.

Como um dos fins da escola é o de cultivar o coração, é necessário que conheçamos parte dos sentimentos e, por conseguinte, a esfera emocional de nossas crianças.

Fizemos um inquérito, da seguinte maneira: a cada criança foi dada uma folha de papel e, à medida que as perguntas iam sendo feitas, as crianças iam respondendo, numerando cada resposta, número esse que coincidissem com o da pergunta.

As perguntas eram assim:

1.º) — De que você mais gosta ?

A esta pergunta, 94 % das crianças responderam atendendo aos prazeres e gostos do estômago — frutas, doces, azeitonas, etc. 57 % das crianças gostam muito de estudar e, quanto às meninas, além dos gostos acima citados, dão preferências às cousas relativas ao vestuário.

2.º) — Que é que você mais detesta ?

Esta pergunta teve as respostas, no quadro idênticas às da primeira.

3.º) — Que é que você acha mais triste ?

A esta pergunta as crianças revelaram o seguinte: 19 crianças se compadecem e sentem-se tristes pelas cousas que acham ligadas à infelicidade de outrem. Dessas 19 crianças, 73 % são do sexo masculino e 17 crianças se entristecem, sentem-se consternadas pelas cousas que se referem à infelicidade de si mesmas, e, dessas 17 crianças, 88 % são do sexo feminino.

Que é que se conclue disso ?

— Um certo despreendimento e um pouco de abnegação por parte dos meninos e egocentrismo bastante acentuado nas meninas. Por esse pequeno número de crianças, nada se póde concluir.

4.º) — De que é que você tem mais medo ?

Houve 97 % de crianças que têm medo de cousas reais (materiais) que possam ofender ao físico — *animais selvagens, tiro, castigos físicos*, etc. 57 % das crianças temem as cousas sobrenaturais — *assombração, capêta*. Duas meninas temem a cousas que possam ofender a moral. Uma menina tem medo do "*Lampeão*", terror do nordeste do Brasil.

5.º) — Que é que faz você mais rir ?

A esta pergunta, quasi a totalidade respondeu serem o *palhaço* e o *espetáculo de circo* que as fazem rir.

6.º) — Quais são as qualidades mais feias de um indivíduo ?

Ser *viciado* (sem especificar os vícios) foi uma qualidade que 60 % das crianças disseram achar mais feia num

indivíduo, e ser *criminoso* foi a qualidade que 25 % das crianças acham mais feia. Três crianças disseram que é feio ser uma espécie de "Lampeão", e três acharam também ser uma qualidade má e feia, *ser soldado*. Têm estas crianças uma concepção muito errada acerca da vida do soldado. Naturalmente a professora não lhes tem dado boas lições de civismo. Ou, então, vem dos pais essa aversão pela vida do soldado.

7.º — Qual é a qualidade que você acha mais bonita num indivíduo?

A essa pergunta 42 % dizem que a qualidade mais bonita de um indivíduo é *ser educado*, e 31% acham que não *ser viciado* e *ser trabalhador* as qualidades melhores.

Exame psicológico de algumas faculdades

Têste de atenção, propriamente dito, não foi aplicado. Foi aplicado um de *coordenação viso-motora*, que exige atenção — o de *Pointillage*. Consiste êste teste em fazer a criança tomar um papel quadriculado e, com um lapis, fazer pontinhos em todos os pontos de encontro de duas linhas. A criança tem três minutos para a experiência. No fim desta, a professora selecionará, assinalando-os, os pontinhos bem feitos. Estes serão contados e considerados justos ou válidos. Um tracinho e uma boa serão rejeitados.

As crianças da nossa classe fizeram êste teste, afim de que pudessemos avaliar o seu grau de atenção e coordenação viso-motora, pois aquela se acha intimamente ligada a todo o desenvolvimento psíquico e pedagógico da classe.

Mas, não foi satisfatório o resultado. A classe ficou no percentil 44, com uma variação média igual a 26,4. Nêste teste as meninas revelaram mais atenção que os meninos.

Aplicámos também um teste individual para a avaliação do grau de habilidade manual e coordenação viso-motora da classe.

A experiência é feita com os *discos de Walter* e consiste no seguinte: a criança tem à sua frente dois cartões

quadrados com 41 logares, dos quais ela irá retirando os discos e colocando-os nos do cartão seguinte. Fa-lo-á privadamente, com ambas. A experimentadora marcará em se-meiramente com a mão direita, depois com a esquerda e, fingidos o tempo gasto em cada experiência, determinando assim o grau de habilidade viso-motora da criança.

A classe obteve um percentil médio igual a 64, com uma variação média igual a 16,8.

Memória:

Para avaliarmos o grau de aptidão mnemônica da classe, aplicamos os testes: *memorização de poesia*, *memorização de números* e de *palavras*, *memória de idéias*, e também o de *testemunho*.

Êste último não somente nos revelaria a fidelidade — qualidade essencial da memória—como também nos porie em conhecimento com o grau de sugestibilidade das crianças.

Biervliet disse que a memória aumenta com a idade (Cita-o Faria de Vasconcelos). E' claro, pois, que a memória não é mais do que a conservação de uma impressão, e esta não depende somente da qualidade neurológica, mas do número de associações que o indivíduo faz em tórno de uma situação ou de um fato que se lhe apresenta.

O testemunho é um problema de alta importância social, que, depois de Binet, tem dado que estudar a muitos psicólogos como: Stern, Claparède, Varendonck, etc.

Mlle. Bort acha que o testemunho é educavel em todos os seus aspetos, por meio de exercícios.

A sugestibilidade diminue na razão inversa da extensão, e esta cresce com a idade.

A extensão da memória no testemunho deu à classe um percentil médio 31, com uma variação média igual a 18,9. Quanto à sugestibilidade, a classe teve um percentil médio igual a 36.

O teste de *memorização de poesia* consistiu em fazer que as crianças, depois de ouvirem duas vezes a leitura de

oito versos de uma poesia, a memorizassem, tendo elas, para isso, 10 minutos, no máximo.

As crianças aceitaram a experiência com prazer.

Três minutos após a memorização, as crianças escreveram o que lhes havia ficado na memória. Oito dias depois lhes pedimos que escrevessem de novo as duas estrofes, mas sem lêr de novo a poesia.

A poesia é simples e interessante — O avô, de Olavo Bilac.

A classe ficou no percentil 62, com uma variação média igual a 21,6.

Na conservação, ficou a classe no percentil mais baixo.

O teste de *memorização de números* constou do seguinte: lêr, para as crianças ouvirem, fazendo-as escrever, 4 séries de 12 números, sendo que as duas primeiras foram dadas com um pequeno espaço, uma da outra, havendo somente o tempo necessário para a escrita dos números. As duas últimas foram dadas sob as mesmas condições, porém depois de um descanso, havendo, nesse lapso de tempo, uma aula de ginástica e o recreio.

O resultado foi o seguinte: percentil médio da classe — 85, havendo uma variação média igual a 15,6.

O teste de *memorização de palavras* é idêntico ao de *memorização de números*. Ao invés de serem 12 números em 4 séries, havia 2 de 15 palavras em cada série.

As palavras da série são todas da experiência e do vocabulário da criança, não sendo, por isso difícil a memorização, graças à associação de idéias.

O percentil médio da classe foi igual a 70.

Memória de Idéias — A associação de idéias favorece a conservação dos fatos e, por conseguinte, a memorização.

O que vimos com a experiência da *História de um tonel* não foi o grau de memória exclusivamente de cada criança,

mas a capacidade de memória lógica, que está relacionada com a inteligência.

Não deu bons resultados o teste que aplicamos à nossa classe. Talvez, parte do mau resultado foi ocasionada pelo rumor existente nas imediações do grupo, justamente a hora da aplicação do mencionado teste.

Consta este teste da leitura, pela experimentadora, de uma história. As crianças devem ouvi-la e, depois, fazer uma exposição escrita, a qual durará no máximo 10 minutos. Findo este prazo, passarão elas a responder a um questionário composto de 14 questões.

Este teste colocou a classe no percentil médio 22.

Observação.

Sem a observação não podemos colher dados. A observação é uma faculdade inata do indivíduo, mas, com isso, não se quer dizer que a observação não possa ser treinada e desenvolvida.

A idade influe grandemente na observação. A professora pôde treinar e desenvolver suas crianças na observação, fazendo-as vêr as cousas de um modo fiel e interessando-as em descreverem o que observarem.

Pudemos, por meio de um teste, obter o grau de observação das crianças (teste de Ribakoff).

Consistiu o teste em apresentar-lhe um grande cartão com 12 desenhos, por um espaço de 1/2 minuto. No fim deste, foi retirado o cartão e, às crianças já haviam sido entregues folhas de papel com os mesmos desenhos, mas com pequenas modificações em alguns.

As crianças tinham, então, que assinalar e mencionar qual figura estava igual ou diferente e qual era esta diferença em comparação ao que fora visto.

O percentil da classe foi 56, com uma variação média igual a 26,5.

TESTES PEDAGÓGICOS

Ortografia.

As vezes a deficiência na escrita é ocasionada por uma anomalia qualquer no aparelho visual ou auditivo da criança. Neste caso, corrige-se facilmente o defeito, com processos especiais mas, na maioria das vezes, a deficiência vem de um método desfavorável: a criança parte as palavras, faz letras maiúsculas do mesmo tamanho das minúsculas, deixa distâncias desiguais entre as palavras, etc.

O teste de ditado, por nós aplicado, não deu bons resultados. Somente 3 crianças, as de ns. 33, 12 e 13, ocuparam percentis na média superior. O Percentil médio da classe foi 19, com uma variação média igual a 11,4.

Pontuação.

A falta cometida na pontuação de um trecho é, às vezes, causada pela má interpretação. A professora deve treinar seus alunos na interpretação de trechos desde o momento em que eles entram para a escola. No fim do curso primário, por melhor que seja o método empregado pela professora, jamais dará êle tão bons resultados como si êste hábito se formasse desde cedo.

Foi dado à classe um trecho sem um sinal de pontuação, afim de que as crianças o lessem e pontuassem como lhes conviesse. O trecho era de uma história bem ao alcance da compreensão das crianças.

Neste teste o resultado não foi tão baixo quanto o do teste precedente. Onze crianças ocuparam a média superior, ficando as demais no percentil 0 a 45.

O percentil médio da classe foi de 36, com uma variação média igual a 21,4.

Leitura silenciosa.

O teste de leitura silenciosa consta de 25 questões fáceis.

São ordens escritas, que as crianças vão lendo e executando no próprio exemplar. E' baseado, como todo o exercício de leitura, na compreensão do trecho lido.

O teste aplicado deu um resultado muito bom, que colocou a classe no percentil 73.

Geografia e História

Até agora tem sido feito, entre nós, por memorização de fatos e de dados, o ensino da *Geografia* e da *História*. Os testes de *Geografia* e *História* baseavam-se nos pontos que o programa do ensino primário requer.

Não havia mais que umas 30 perguntas em cada teste, e as crianças deveriam responder, ou por simples palavras ou sublinhando um vocábulo, ou enumerando um pequeno fato.

Para a eficiência no resultado do teste a criança faria apêlo à memória, quasi exclusivamente; deveria conhecer bem a cidade de Belo Horizonte e seus arredores, suas ruas, linhas de bondes, edificios principais, etc.; deveria conhecer geograficamente o Estado de Minas e alguma cousa dos outros Estados; conhecer bem a história da localidade e a história da terra de Minas, nos tempos coloniais e no regimen republicano.

A classe obteve um percentil médio, para a *Geografia*, igual a 67 e, para a *História do Brasil*, o percentil igual a 54.

Aritmética

Ninguém desconhece o alto valor educativo da Aritmética na vida do indivíduo. Ela contribue grandemente para ser satisfeito o grande objetivo da educação. Ela concorre para o desenvolvimento do raciocínio, enriquece as experiências, oferece oportunidades para a criança resolver com prudência as situações imprevisitas que lhe podem aparecer. O ensino da Aritmética vem sendo feito de maneira muito abstrata e desinteressante, não favorecendo, por isso, a satisfação do seu grande e principal objectivo no campo da educação.

exercício difícil às crianças que não tenham um certo treino. O resultado deste teste foi regular, ficando a classe no percento médio 49, com uma variação média de 25,7.

II PARTE

ESCOLA E PROFESSOR

CAPITULO I

Parte física da sala

Conhecendo já as crianças, vejamos agora as condições materiais e espirituais que lhes fornece a Escola.

A sala que se destina à nossa classe tem as seguintes dimensões: comprimento — 8 metros; largura 6 metros; altura — 4 metros. Tem, pois, um volume de 193 m³, correspondendo, a cada uma de 40 crianças, o coeficiente de 4,8 m³.

Tem 3 janelas voltadas para o norte, pertencente à fachada dianteira, e 5 que se rasgam para o nascente e pertencem à fachada lateral direita do prédio, que, aliás, é limitada por ruas muito movimentadas e barulhentas, por causa de grande número de fábricas, oficinas etc. e do trânsito constante de veículos.

As janelas, rasgadas até ao alto, têm 2,5 metros de altura sobre a largura de 1 metro, excetuando-se a do meio, em a fachada de frente, que mede 2,70 ms. de altura sobre 1,30 de largura. Entre elas, ha um intervalo de 0,40. São de tipo ótimo, pois, quando fechadas, permitem a necessária ventilação da sala, porque têm, ao alto, bandeiras mevedidas, de manejo rápido, fácil e comodo.

A porta de entrada, que fica em frente à última das cinco janelas laterais e dá para o corredor, tem 2,30 ms. de altura e 0,70 de largura.

As janelas voltadas para o norte estão quasi sempre fechadas e as voltadas para o levante garantem à sala boas condições de insolamento e ventilação.

O material de pavimentação é de madeira, aplicada em tábuas estreitas, encaixadas umas nas outras e enceradas.

O tecto, de cantos arredondados e feito em cimento armado, é de cor fruido clara e apresenta uma superfície bastante lisa.

As paredes apresentam um revestimento em verde muito claro, assás favoravel à iluminação natural. Ao alto e no limite da barra, que é também em verde claro, vê-se um motivo simples, gracioso, em verde-fôlha.

Por ser a iluminação lateral-esquerda a melhor para as salas de aula, evitadora que é da sombra da mão sobre o papel ou sobre o objecto em que se trabalha, os alunos estão colocados na sala de modo a terem as costas voltadas para o norte.

A sala tem ao todo vinte carteiras — dispostas em três filas. São carteiras duplas, de pés de ferro, bancos, encostos e mesas de madeira.

A' frente das carteiras vê-se um quadro negro, que é uma tela americana pregada à parede e guarnecida de madeira. A' direita do quadro negro, em direcção à porta de entrada, está a mesa da professora, em boas proporções. Quasi de frente para a classe, em posição mais ou menos eszantilhada, está um armário, de portas envidraçadas na sua metade e forradas de chitão ramado, padrão singelo e bem alegre. Sobre o armário, parte do material didático, composto de um globo terrestre e de um heliometro.

A' direita das crianças, no chão, ainda uma pequena estante com livros (livros, aliás, na sua quasi totalidade, alheios aos interesses infantis). E' servida por uma cortina-zinha de tobralco. Sobre ela, uma jarra bem pequenina, sustentando três ou quatro pequeninas flores artificiais.

Ao lado da estante, está um porta-mapas, onde se vêem alguns quadros da história brasileira.

A's paredes — Acima do quadro negro, um grande mapa do Brasil; à direita do quadro Negro, um quadrinho (uma paisagem escura, melancólica); sob este, um formulário ortográfico, pregado em cartolina. A' esquerda do qua-

dro negro, uma folhinha — representando uma menina; e um horário semanal da classe, também pregado em cartolina.

A Secretaria fornece giz para os trabalhos no quadro negro. O grupo, pela Caixa Escolar, fornece aos alunos necessitados: 15 livros de leitura (série Erasmo Braga), papel almasso, blocos de papel para exercícios escritos, lapis, penas, canetas, tinta, papel manilha e mais papel para desenho.

A classe tomou, por um semestre, por intermédio do Club de Leitura, uma assinatura da revista infantil "O Tico-Tico".

A sala de aula, considerando-lhe a posição pela colocação dos meninos, é limitada: à frente, por uma outra sala de aula; à retaguarda e à esquerda, por ruas barulhentas, fortemente movimentadas por veículos, à direita, por um corredor que conduz aos alpendres do prédio.

O meio físico das salas de aula, como todos nós o sabemos, influe poderosamente sobre os alunos. E é de toda a conveniência procurar fazer que ele exerça beneficentemente, tanto quanto possível, o seu poder influenciador. — Sobre a sala de aula da nossa classe ha, infelizmente, alguns fatores que não influem, a nosso ver, de maneira benéfica sobre as crianças. Limitam-na, como o dissemos, à retaguarda e à esquerda, ruas cheias de barulho, onde ao rumor de inúmeras fábricas e oficinas se vem juntar quasi constantemente o som das buzinas de automoveis e caminhões. Tão grande barulho na vizinhança perturba às vezes a boa marcha dos trabalhos escolares.

O quadro negro começa a ficar cinzento. Em alguns pontos, não é bem saliente o favoravel e recomendavel contraste entre o preto e as letras brancas do giz.

As carteiras não se adaptam, de modo algum, ao corpo das crianças que as ocupam, não preenchendo, portanto, a mais importante das condições que a carteira deve preencher, como o movel mais merecedor de atenção na escola, como um movel para o qual se voltam hoje todas as vistas da higiene escolar. Têm, quasi todas, dimensões iguais,

salvo ligeiras diferenças, tanto relativamente às mesas como relativamente a bancos e encostos, quando a classe tem alunos de estaturas muitissimo diferentes. Ha alguns em que se nota verdadeiro esforço para se *adaptarem às carteiras*, ariscando-se a sofrerem as más conseqüências das posições viciosas, impossibilitados, que são, de terem, quando sentados à carteira, a boa posição que os versados em higiene escolar recomendam. Os alunos ns. 31, 27, 32, 84, 29 e 28 — por exemplo — são obrigados a manter as pernas encolhidas ou a espichá-las para o lado, no espaço entre as filas.

A colocação das carteiras também não é boa, pois estão enfileiradas uma atrás das outras, de modo diferente do que aconselham os que se batem pela escola socializada.

A ornamentação da sala não é, de todo, satisfatória, constante que é de uma paisagem escura, muito favoravel à tristeza, e de uma pequena jarra contendo 3 ou 4 florinhas artificiais.

— Seria desejavel que o material *carteiras*, da sala, fosse bastante modificado, para bem ajustar-se ao corpo das crianças, — que têm sensíveis variações de estatura, diversidade de crescimento entre as diferentes segmentações do corpo e as naturais desproporções anatómicas entre os dois sexos.

O ideal seria, também para as nossas escolas, a existência de cadeiras distintas das carteiras e adaptáveis a cada caso particular do desenvolvimento infantil, o que se está já verificando em as boas escolas dos países vanguardistas da educação.

A professora agiria muito bem si procurasse dar às *carteiras* da sua sala uma disposição mais social — a em semi-círculos, por exemplo.

Bem outro seria talvez o aspecto da sala, si a paisagem sombria fosse trocada por uma outra mais luminosa, mais alegre; e si as tristes flores artificiais tivessem sempre, em seu logar, as flores naturais — mais vistosas, bem mais alegres, muito mais bonitas.

CAPÍTULO VIII

PERFIL DA PROFESSORA

Estudando as crianças sob os pontos de vista físico, intelectual, moral, social, emocional e pedagógico, foi-nos forçoso estudar-lhes a professora, por isso que existem, naturalmente, fortes aços de relação entre mestre e aluno.

Através do contato que com ela mantivemos, durante o tempo em que lhes estudámos a classe, conseguimos chegar a conhecer algo em torno da sua personalidade. ponder à pergunta — “Quem é a professora X?”

Num perfil ligeiro, a traços largos, vamos aqui res-
Estatura baixa. Compleição forte. Clara. Tez muito fina e sempre rosada.

Cabelo pretos. Bem pretos, abundantes e anclados.

Olhos castanhos, grandes, vivos. Olhos alegres.

Traços bem regulares. Bons dentes.

Não faz uso dos artificios do “maquillage”. Penteia-se com singeleza.

Nunca a vimos com uma joia, nem verdadeira, nem artificial. Apenas usa a sua aliança de casada.

E' uma figura simpática, mesmo atraente. A boa compleição física, a saúde, o ar de simplicidade — dão-lhe ótimo aspecto

Simples, discretamente elegante no trajar, usa, de preferência, os vestidos brancos ou de côres claras.

Usa sapatos pretos, sempre de salto quasi baixo.

Sua caneta-tinteiro, a capa dos seus livros, objetos seus que se conservam sempre em cima da mesa, têm um ar simples de distinção.

Visitámo-la uma vez. No arranjo do seu lar, há elegância sóbria, comodidade, gôsto e alegria.

Pelo seu modo de trajar-se, pelos objetos que lhe pertencem, pelo arranjo de sua casa, vê-se bem que ela é modesta, discreta e distinta.

Tem boa inteligência e suficiente cultura geral, o que chegámos a concluir, através de conversas com ela, através das suas aulas.

E' normalista, tendo feito otimamente o seu curso. Disso nos informou uma das suas ex-colegas de turma.

Tacto, tem-no bastante. — Muito gentil, muito amavel, procura não desgostar a ninguem. E' de admirar-se a atitude em que se mantém, entre as idéias novas de uma professora e a “escola antiga” de uma outra.

A isso, muitos poderiam chamar “indiferença, falta de sinceridade”. Nós, porém, que a conhecemos, o atribuímos à pouco comum fineza de trato de que é muito bem dotada.

Sua voz é macia, agradável. Uma verdadeira voz de professora.

Si um menino está “vadiando”, ela procura sempre bons modos de levá-lo a estudar. — “F., você ontem se esqueceu da nossa lição de leitura. Quando chegar à casa, tire um pedacinho de tempo para ela, sim?”

Não lhe falta capacidade de trabalho. Apesar de ter um ar a seu cargo, desincumbem-se dos trabalhos escolares, a tempo e a hora, com ordem e exatidão. Isso nos foi possível, por várias vezes, constatar, vendo grande número de trabalhos seus: cadernos, listas de informações, correção de exercícios... levados a efeito, com relativa perfeição, de um dia letivo para outro.

O filhinho, aleita-o mesmo no grupo, à hora do recreio.

Muito controlada, não demonstra, nunca, estar irritada.

Por várias vezes, quando, ao barulho das ruas que limitam o grupo, se vinha juntar a tagarelice de alguns meninos vimo-la tomar calmamente o rumo da mesa e fazer soar com suavidade o tímpano.

Extremamente sociavel, visita seus alunos, sempre que pôde fazê-lo. Pais e alumnos, pelo que ela mesma nos disse, costumam ir visitá-la. E' isso muito bom.

Interessa-se pelos seus alunos, principalmente no tocante à saúde. Assim é que, segundo estamos informados,

por mais de uma vez, foi a casa de alunos dar conhecimento aos pais de alterações encontradas no estado de saúde de seus filhos pelo exame médico escolar.

Entusiasta e otimista, faz esforços por melhorar a sua classe. E espera sempre que esta melhore. Foi o que concluímos, através de conversas com ela, através das boas palavras que dirige aos seus alunos, através das suas aulas.

Relativamente ao seu preparo pedagógico, são boas as suas aulas. As lições, apesar de prepará-las a seu modo, prepara-as sempre. Muito bem organizado é o seu "caderno de lições". Mesmo sem olhar o caderno, vê-se bem que as aulas são preparadas.

Conhece bem o programa. Mas, infelizmente, segue-o à risca, talvez por não saber ser êle flexível.

Não tem suficiente conhecimento acerca das novas idéias da educação.

O pouco que parece saber sobre escola nova procura aplicá-lo. Assim é que, de certo modo, faz por não manter os alunos sob a atmosfera de autoridade, sendo a disciplina da sua classe um tanto semelhante à disciplina liberal.

Apesar de pouco entender de psico-pedagogia, está, sempre procurando conhecer particularmente os seus alunos. Não obstante a classe, na quasi totalidade, nunca ter sido sua, já conhece muitas particularidades de muitas das suas crianças. — Isso, talvez não lhe adiante muito, pelo fato de os seus conhecimentos não lhe permitirem dirigila nos casos particulares.

De acôrdo com as suas normas, procura levar para frente os seus alunos, apesar de não ter grande capacidade para estimular-lhes o pensamento, apesar de não saber dar-lhes bons hábitos de trabalho.

Fala com correção e simplicidade, quer se dirija aos alunos, quer se dirija a outras pessoas.

Os temas de estudo, ela os escolhe seguindo apenas os tópicos do programa, não sabendo, como já o dissemos, lançar problemas.

Leva em grande conta os erros cometidos pelos seus alunos, apesar de não seguir um bom método de correção. Corrige todos os erros de linguagem, quer oral quer escrita. Pela sua boa vontade, pelo seu desejo de fazer que os alunos aprendam, não fôsse o método pouco racional que segue, muito bem andariam as suas crianças na lingua pátria.

Bôa vontade, entusiasmo, optimismo, energia física e moral — são cousas que não lhe faltam. Mais não progredem os seus alunos, por não serem "grande cousa", intelectualmente falando; por não ter ela, por falta de conhecimento dos novos métodos, habilidade para bem dirigir o seu material de ensino para os fins que deseja alcançar.

Não usa jogos, talvez por ignorar que os jogos são vestimentas bonitas para as matérias do estudo; ou, talvez, o que é mais provavel, para não desgostar a diretora, que é contrária à "indisciplina".

As suas aulas não são, de todo, destituídas de interesse. As de geografia e história, quasi sempre, conseguem atrair a atenção espontânea das crianças.

Si a professora X tiver ainda oportunidade de estudar a nova metodologia, as novas idéias da educação, preconizadas por Claparède, Dewey, Ferrière, e tantos outros, — aqui o afirmamos — ha-de vir a ser ótima professora. Para isso, não lhe faltam inteligência, cultura, mocidade (ela aparenta ter de 24 a 26 anos), dedicação, entusiasmo, boa vontade, esforço.

Segundo podemos constatar, através de tudo quanto nos revelou a personalidade da professora, é ela dotada de uma bôa formação moral. Tem, portanto, um caráter bem formado, pois "a moral é para a constituição do caráter o que é a higiene para o organismo físico".

Moralmente, é grande a sua influência sobre os alunos.

Todos êles lhe querem muito, tendo mesmo, para com ela, uma relativa intimidade. Chama-na pelo diminutivo do seu nome e não hesitam em acercar-se da sua mesa. Muito se tem a esperar, pois, do caráter das crianças da classe,

quanto à parte adquirida ("o caráter tem uma parte inata e outra adquirida", distinção estabelecida pela observação científica) através da influência estabelecida pela observação que é um ótimo modelo, sobretudo para as meninas.

CAPÍTULO IX

CARACTERÍSTICO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Bom é o professor que aparelha seu método de modo a não permitir que os alunos tenham da vida uma concepção errada.

Porque não deve o professor organizar o seu material afim de se desenvolver ali dentro da escola, na medida de suas forças a pequena sociedade que a escola é — que deverá ser?

Uma organização metódica de todo trabalho, de todo material a ser utilizado na escola, se faz necessária.

Dae aulas a que assistimos, durante o nosso estudo, transcrevemos aqui uma de Aritmética.

A professora, depois de uma ausência de 45 dias, voltou ao exercício. As crianças mostraram-se satisfeitas e a todo o momento dirigiam-se a ela, fazendo-lhe uma pergunta ou participando algo de novo, acontecido durante a sua permanência fóra do grupo.

Ela, andando entre as carteiras, indagou si todas as crianças tinham papel e lapis, convidando-as a fazerem uma recordação.

A êsse convite todas as crianças responderam a um só tempo: — Queremos, sim senhora.

Depois de verem lapis e cadernos, puseram-se a esfregar as mãos e, com muita atenção, esperavam a professora, que não tardou a começar a aula, dizendo: — "Bom, escrevam agora: 4.307, 224.378 289".

Deus uns 2 minutos e dirigiu-se à carteira do aluno 11 e tomou o seu caderno.

As crianças olharam-na interessadas.

Perguntou depois ao aluno 12 si queria ir ao quadro. O menino 12, depois de fazer com os indicadores, como que um ruflar de tambor pela carteira, levantou-se e foi ao quadro, fazendo uma soma, cujas parcelas foram ditas pelos alunos, 10, 11 e 30, e a verificação foi feita pela aluna 2.

A professora convidou depois o aluno 13 a ir ao quadro. O aluno 8 ditou 9.000.783. O aluno 13 escreveu, lendo desembaraçadamente. O aluno 5 foi ao quadro, a aluna 26 ditou 42.250.015, a aluna 1 ditou 6.000.006, o que 5 escreveu e leu corretamente. O aluno 30 ditou mais o seguinte número: 131.502.500 e do mesmo modo 5 escreveu corretamente, fazendo a soma cuja verificação foi feita pelo aluno 35. Esta aula durou 20 minutos.

Aula de Língua Pátria

A professora chamou a aluna 24 ao quadro e pediu que escrevesse a palavra — cachorro. A menina escreveu — *cachorro*. A menina 29 corrigiu. Os alunos 22, 18 e 33 também foram ao quadro e escreveram algumas frases as quais os alunos 12, 11 e 2 corrigiram. Esta aula constou do seguinte: as crianças haviam feito série de sentenças e, os erros foram corrigidos em aula pelas próprias crianças. 20 minutos durou a aula.

Aula de Escrita

A professora pediu que as crianças vissem os cadernos e ditou algumas palavras como: cavalo, cavaleiro, sertão, sertanêjo, aparece, aparecimento, sono, sonolência, etc. Esta aula durou 13 minutos e foi interrompida três vezes pela entrada de diretora na sala.

Aula de Geografia

As crianças foram chamadas uma a uma, afim de mostrar os limites do Brasil num mapa que a professora havia colocado no suporte com auxílio da aluna 27.

As crianças ouviram e olharam atentamente, respondendo das perguntas da professora mesmo antes do menino argüido responder. Depois a professora expôs o ponto "Principais portos do Brasil", sendo a todo o momento interrompida pelas perguntas das crianças, que na sua quasi totalidade, mostravam vivo interesse: Porque Minas não tem porto de mar? (n. 4). As cousas de Minas vão pelo porto do Rio de Janeiro? (n. 7). S. Paulo é uma cidade central, não é? (n. 4).

Aula de História do Brasil

Esta lição-foi dada à vista de um dos quadros de história pátria. Versou sobre Felipe dos Santos e parte sobre Tiradentes. A modificação havia sido feita na véspera, por uma excursão à praça Rui Barbosa. Tendo eles ocasião de ver o monumento à Terra Mineira, observaram em uma das faces do pedestal um trabalho em alto relêvo, ilustrando o martírio de Felipe dos Santos. A aula constou de exposição, arguição, comentário, e terminou pelo resumo da história de Tiradentes, que o aluno 35, muito naturalmente, manifestou desejo de expor, servindo-se de um vocabulário muito simples, utilizando-se de comparações e explicações interessantes, dizendo que o "maseate dos tempos antigos é a mesma cousa que o chinês de hoje (comércio ambulante)".

As crianças, não só durante a aula, mas principalmente no fim, estavam interessantíssimas: algumas se punhau de pé, com os cotovelos sobre a mesa e o queixo entre as mãos, outras debruçavam sobre a mesa e metian a cabeça entre os braços; havia ainda quem estivesse fóra de seu lugar, formando grupo de três em cada banco, afim de ficar mais perto da professora e do aluno 35.

CARACTERISTICO DOS METODOS EMPREGADOS NO ENSINO PELA PROFESSORA

A professora da classe procura tornar o ensino o mais intuitivo possível. Não deixa inteiramente de lado os métodos mais modernos da pedagogia, embora não se empregue com firmeza e confiança.

Para o ensino intuitivo, a professora lança mão de quadros, mapas, gravuras, globo, héliometro, balança: etc. fim, de um bom material, que o grupo deixa à disposição das professoras.

A professora ainda não quis experimentar o método-problema e nem o método-projeto. Talvez não acredite nos seus êxitos e tema algum fracasso. Notamos que ela dá alguma liberdade aos seus alunos. Não há na classe a formal disciplina, que geralmente é conservada em diversos grupos da Capital. Esse formalismo está em declínio neste grupo e principalmente na nossa classe.

Ensino de Aritmética não é proficuo — muito árido, muito abstrato. Não é baseado sobre fatos reais. As vezes a professora estende pelo quadro enormes contas de multiplicar e dividir. Não desprezou o método arcaico de dar regras para que as crianças as decorem. O seu método não conduziu as crianças ao raciocínio. Seria de grande vantagem si a professora abolisse aquelas extensas séries de números com 9 e 10 algarismos e desse uma nova forma as suas aulas de Aritmética. O numero 131402500, que tivemos ocasião de vê-la aplicar a uma soma e a uma multiplicação, dá uma idéia de que as crianças estão fazendo o recenseamento de um país. O campo de arithética é vastissimo quantas e quantas oportunidades têm aparecido na vida dessas crianças, ou no próprio ambiente da escola? No entanto, têm sido desprezadas. Os jogos, tão aconselhados por Rousseau, Claparède, Decroli, Montessori e outros não são applicados a esta classe. Receia a professora o fracasso e a "indisciplina", visto a expansividade de seus alunos.

Quanto a problemas, não deve a professora apresentar

problemas às crianças, recorrendo a compêndios de Aritmética, problemas que constituem verdadeiros quebra-cabeças, que só servirão de castigo ou então de ginástica mental. Mesmo esta ginástica mental não pôde ser aplicada a não ser em situação toda especial.

O raciocínio é susceptível de educação. É indispensável que formulemos situações, que imaginemos oportunidades para formação de hábitos de raciocínio.

Ganhando a criança o hábito de raciocinar, é necessário que ela adquira o maior número de habilidades, habilidades estas que a levarão a resolver quaisquer questões. Não é necessário que a professora se preocupe porque sua classe não saiba ainda isso ou aquilo que o programa exige. — Se ela estiver trabalhando dentro das forças de seus alunos, estará executando fielmente o programa.

Nos primeiros dias de aula, poderá dar problemas reais às crianças. Ninguém desconhece o valor e a influência que a matemática exerce sobre a nossa vida. É ela quem oferece o seu grande prestígio afim de ser satisfeito o objetivo da educação — pelo desenvolvimento do raciocínio, pelo engrandecimento das experiências que conduzem a criança à resolução lógica inteligente, dos problemas da vida. A Aritmética, tal como está sendo ensinada pela professora da classe, não oferece oportunidade para as crianças serem desenvolvidas no poder da análise e no raciocínio.

Afim de avaliarmos melhor o grau do desenvolvimento escolar das crianças, aplicámos 4 testes de Aritmética: a série de problemas de Murgel, a série problemas de Simon, as quatro operações de Claperède e a escrita de números.

O primeiro teste colocou a classe no percentil médio igual a 26 para o número de pontos e 64 para o tempo gasto. O segundo teste proporcionou à classe um lugar melhor — percentil 47 em relação ao número de pontos 44 em relação ao tempo gasto. O terceiro consistiu em as crianças executarem o maior número de cada uma das quatro operações em um minuto. Neste teste ficou a classe no percentil médio 42. O último constou de uma lista de números escritos por extenso, tendo

as crianças de escrever em algarismos. Este teste aumentou as dificuldades, pouco a pouco, pois o primeiro número da série era noventa e três, e o último era um número composto de sete ou oito algarismos, com zeros intercalados. Ficou a classe no percentil médio 49. Em Aritmética ficou a classe colocada no percentil médio 42 (na média inferior).

Por um lado, a heterogeneidade da classe concorreu para que o resultado do teste não fosse satisfatório. Por outro lado, veio contribuir para o mesmo resultado o nível intelectual da classe, pois em grande parte, a aptidão para a Aritmética é um fator da inteligência. Finalmente, para completar o terceiro fator do resultado, vem o método da professora

Quanto às suas aulas de língua pátria, estas não são bem ministradas. Não ha nelas ocasiões oportunas para o desenvolvimento da personalidade do menino. As regras e as definições gramaticais estão em desuso. Já é um passo, para a entrada na escola nova. A composição — organização é de idéias ou sentimentos, não uma atividade usada pela professora, na classe. Na composição oral ou escrita é que sempre se manifesta o nosso sentimento. Todos nós temos sentimento é que não possuem essa tendência que nos impulsiona a descrever — falando ou escrevendo. A linguagem oral ou escrita é o resultado da coordenação das idéias, e sempre que a criança fala é porque tem alguma idéia. E si a criança tem idéia, tem experiência, porque então não aproveitar este cabedal que ela tem, e que não é de outrem, para que ela componha? Si ao invés da professora pedir que as crianças fizessem uma lista de frases, ela motivasse uma composição, a escrita de um bilhete a um aluno que está falhando, a escrita de etiquetas para os espécimens de um museu, a escrita de programas para o auditório, — o seu método ganharia novas possibilidades para a satisfação dos objetos do ensino da língua pátria.

Agora nos chega o momento de falar sobre a aula de escrita: a professora, com um livro na mão, dita uma enfiada série de palavras isoladas. Não houve motivação, não

houve um objetivo delineado, por conseguinte desmoronando toda a doutrina do puro interesse, de há muito e por muitos escrita como garantia e suporte do ensino eficiente. A aula de escrita poderia versar sobre um ditado, porém de um trecho que interesse às crianças. Si bem que o ditado, segundo Simon, não seja de todo uma situação natural, não deve deixar de ser aplicado em as classes primárias, mas seria necessário escolher um trecho muitíssimo interessante, capaz de fazer voltar toda a atenção espontânea e o gosto para trabalho que estivesse sendo executado.

As causas de deficiência na ortografia as vezes veem de uma anomalia nos órgãos da visão e da audição. Às vezes veem também da desatenção da criança. Esta faz supressão de sílabas, letras, ou então aumenta o número de sílabas ou de letras na palavra. A interpretação falha, a falta de conhecimento de certos vocábulos, também conduzem a freqüentes erros na escrita.

A interpretação é fator importante na pontuação. A professora deverá treinar seus alunos na interpretação de trechos, o mais possível. Si a interpretação é um dos principais fatores da eficiência do ensino da ortografia, como a professora poderá obter bons resultados, si dêr as crianças para escrever palavras soltas, em torno das quais não podem elas fazer associação alguma, dado o seu pouco desenvolvimento intelectual. Que poderá pensar a criança em torno da palavra — exemplar ou da palavra sonolência?

Aplicámos dois testes de ortografia: um ditado e um trecho, sem um sinal de pontuação, afim de que as crianças o pontuassem à vontade e como lhes conviesse. No primeiro, a classe ficou no percentil 19, com uma variação média igual a 11,4. Sómente os alunos de n.º 12, 13 e 33 ocuparam a média superior. No segundo teste, que não foi mais que um simples e interessante exercício, o resultado colocou a classe no percentil médio igual a 36. Onze crianças ocuparam a média superior.

O teste de leitura silenciosa que aplicámos às crianças constou de 25 questões fáceis. Eram ordens escritas, que as

crianças iam lendo e executando no próprio exemplar. Era como todo exercício de leitura, baseado na compreensão do trecho. Em seu caderno de preparos de lições não está registrado um só exercício de leitura silenciosa e, no entanto, o resultado foi bom. A classe ocupou o percentil 73, isto é na média já superior.

O ensino de Geografia e da História é feito de modo intuitivo, à vista de mapas, globo, quadros, etc. O método empregado é o de perguntas e respostas, e também o método da exposição do ponto. Ha muitos comentários, durante as aulas em torno do assunto.

Notámos que as meninas se interessam muito mais pela Geografia, ao passo que os meninos interessam pela História.

A professora sabe utilizar-se do material destinado ao ensino intuitivo. Ela faz excursões, e, segundo um relatório feito pelas crianças sabemos que uma excursão foi feita com o seguinte objetivo. estudo dos acidentes geográficos. A outra foi feita à Praça Rui Barbosa, afim de visitarem o Monumento à Terra Mineira, servindo de motivação ao estudo da Conjuração Mineira.

O ensino da Geografia e da História é feito também por memorização de fatos e de dados.

Os testes aplicados baseavam-se nos pontos que o programa do ensino primário requer. Para que a aplicação do teste fosse eficiente, bastaria que as crianças conhecessem, de Geografia, a cidade de Belo Horizonte e seus arredores, linhas de bonde, principais edifícios, repartições públicas, etc. E de História, conhecessem algo sobre a mudança da Capital, histórico da localidade, a história da terra mineira no período colonial e no regimen republicano.

A classe ficou, para Geografia, no percentil 67 e, para a História, no percentil 54 — resultados bons.

A Geografia deverá ser ensinada de modo a fazer a criança compreender como o homem vive em tal ou tal re-

gião da terra, e o mais importante é o *porque desta questão*. O ensino da geografia deverá dar oportunidade à criança de conhecer e familiarizar-se com os elementos geográficos em casos concretos, ampliar o conhecimento de outro povo, estabelecer relações com outras localidades, com outras regiões, mas relações que possam ser usadas na vida real.

“Qualquer método é bom no ensino da História”, desde que seja mantido o interesse. O contar como viveram os grandes homens — dando as razões de causas e efeitos — é um método. A dissertação socializada é um bom método, pois traz à classe a alegria, a atividade o interesse. As perguntas e respostas formam também um método muito usado. Não tem a professora um método “standardizado”, pois todos estes métodos são usados por ela com alguma eficiência, mas poderá creio, melhorar muito e muito — dando os fatos históricos relacionados com os fatos correntes; dando atitudes de confiança para com a humanidade. Disso resulta a formação de bons hábitos, atitudes e habilidades em suas crianças.

Contudo, tivemos prazer de ver, por ocasião da última visita que fizemos à sua classe, a História do Brasil muito de perto ligada à Geografia, à Língua pátria e mais ainda à Aritmética. E' um projeto do método-projeto.

Em resumo, o método da professora consiste mais em *instruir* do que em *educar*, e penso que ela o faz por não conhecer ainda bem o fim da escola nova.

A disciplina é regular e é conseguida, em parte, por imposição e, em parte, é desejada pelos alunos. Ela não inflige à sua classe castigos físicos e nem repreensões severas. A's vezes, bate no tímpano e diz: — Vou tomar o nome dos prosas no quadro negro. — Mas, conseguida a disciplina, continua a aula, e não passa a promessa de uma simples repreensão. Nunca a vimos reter à classe, durante o recreio ou após as aulas, um só de seus alunos.

Os trabalhos em classe são feitos com prazer pelas crianças, e mesmo ela procura satisfazer as diferenças individuais. Alguns trabalhos são feitos fóra da escola, trabalhos que as crianças fazem com bastante satisfação, dada a maneira pela qual elas o apresentam no outro dia à professora. Ela procura conhecer a vida de cada criança na escola e fóra dela, o que nos leva a crer que toma a sua classe como uma unidade, composta de tantas partes quantas são as suas crianças.

A sua atitude é imparcial, não tendo predileção nem pelos meninos e nem pelas meninas. E tem atitude imparcial perante todas as materias, que são dadas, mais ou menos de conformidade com o horário estabelecido. Mas este horário não é seguido à *risca*, ela o tornou flexível, afim de favorecer ao nosso estudo e aos nossos trabalhos em sua classe. Ela prepara bem as suas aulas

Procura interpretar bem o programa; se o não faz, é por não ter um conhecimento suficiente acerca da educação funcional.

As aulas de canto, religião, ginástica, trabalhos, desenho e modelagem estão a cargo de professoras especiais.

Para encerrar as observações que fizemos em torno do método usado pela professora, deixaremos aqui mais a lista dos exercícios escolares e a sua frequência durante o trimestre, tirados do caderno de preparo de “lições” que nos amavelmente forneceu a professora.

NÚMERO DE AULAS DADAS EM UM TRIMESTRE DE 1931

	V	VI	VII	Total	
Leitura	21	5	17	43	15,0% sobre 280
Língua Pátria	16	5	19	40	14,29% " " "
Aritmética	18	5	17	40	14,29% " " "
Geografia	13	3	16	32	11,42% " " "
História do Brasil	6	3	7	16	5,71% " " "
Ciências Naturais	6	0	2	8	2,86% " " "
Higiene	6	1	6	13	4,64% " " "
Religião	6	2	7	15	5,36% " " "
Trabalhos manuais	3	2	4	9	3,21% " " "
Canto	12	4	13	29	10,36% " " "
Ginástica	12	5	18	35	12,5% " " "
SOMA.....				280	aulas

Nesta classe por ocasião dos meses de março, abril, maio e julho, entraram 11 crianças e saíram 11. E' talvez este nomadismo um dos *peores fatores* que atuam sôbre a marcha regular dos trabalhos numa classe.

O meio familiar e as condições econômicas *não favorecem* o desenvolvimento da classe. Quasi todas as crianças são filhas de operários e habitam os bairros mais modestos da cidade. Sômente 3 crianças são filhas de industriais; 2, filhas de farmaceuticos, e uma, filha de advogado, e destas 6 crianças, 2 são filhas de professoras.

O método usado pela professora não favorece ao desenvolvimento integral dos alunos, constituindo, por isso, um *fator negativo* que, ligado aos outros, fórma uma corrente contra o funcionamento normal da classe.

O edificio escolar e a sala concorrem, em parte, para o bem estar dos alunos.

A higiene escolar não deixa de ser um grande *fator positivo* da marcha normal dos trabalhos, o que concorre grandemente para o bem estar da classe.

O grupo é dotado de assistência médica, a qual tem a seu lado um competente clínico, e uma boa enfermeira.

Num quadro abaixo resumimos os fatores analisados:

Fatores negativos:

- a) Alunos:
- 1) Meio social e condições econômicas inferiores.
 - 2) Nivel intelectual abaixo da média, heterogeneidade.
 - 3) Transferências muito freqüentes (nomadismo).
- b) Escola e Ensino:
- 1) Grande e constante rumor das casas industriais ao redor do Grupo.
 - 2) Falta de vida no arranjo da sala de aula.
 - 3) Mudança da professora.
 - 4) Métodos de ensino não favorecendo bastante desenvolvimento integral dos alunos.

Fatores positivos:

- a) Alunos:
- 1) Desenvolvimento físico e saúde.
 - 2) Boa freqüência.
- b) Escola:
- 1) Boas condições higiênicas da sala de aula (superfície, arejamento e iluminação).
 - 2) Assistência médica escolar.
- c) Professora:
- 1) Trabalho consciencioso (cumpridora dos deveres).
 - 2) Ótima atitude com os alunos, simpatia e mútua confiança.

Fazendo um apanhado geral em torno dos fatores principais que têm poder influenciador bom ou máu sôbre a classe do grupo escolar, aqui damos por terminado o nosso pequeno estudo escolológico.

Escola de Aperfeiçoamento, Belo Horizonte, agosto de 1931.

SUPLEMENTO

Ficha Pedológica do aluno n. 3

Data do nascimento — VIII|1922 *Idade* — 9 anos.

Nacionalidade do pai — italiana.

" *da mãe* — brasileira.

" *do aluno* — brasileira; cor — branca.

Profissão do pai — Industrial.

Escolaridade: de 1926 a 1928 freqüentou o Jardim de Infância. Em 1929 matriculou-se no grupo Escolar X, no 1.º ano. Em 1930 fez o 2.º ano; neste ano de 1931 está cursando o 3.º ano.

Notas escolares do 1.º semestre:

Procedimento, 5; aproveitamento — 8.

Observações da professora: Uma boa compreensão, sensível, de bom coração, apesar de genioso.

Condições de vida em casa: O aluno N. 3 é filho primogenito de um casal sadio, de ótima compleição física. Tem apenas uma irmãzinha.

A família reside em casa própria, casa aliás muito boa, bonita e confortável. São ótimas as suas condições econômicas.

Sua residência, apesar de ser dotada de tudo quanto exige o conforto moderno, está situada num bairro bem modesto.

Em casa pôde ele plenamente expandir a sua atividade de natural. Segundo nos informou, chegando a casa, depois das aulas, tem horas para brincar e para estudar também. Brinca depois do almoço; descansa e estuda um pouco. Depois do jantar, a mesma cousa: brinca, descansa e estuda.

Tem alimentação ótima, substanciosa e bem regrada, a horas certas. De manhã, antes de vir para a escola faz, um pequeno "lunch"; às 11 horas e meia — almoço; às duas, merenda; junta às 5 horas e toma, de novo, à noite, uma ligeira refeição.

Em média, dorme 8 horas: deita-se às 20 e levanta às 6 da manhã. Dorme em quarto exclusivamente seu, com a janela semi-aberta.

Aos domingos, levanta-se cedo e vai à missa, em companhia dos pais. Brinca e estuda um pouco durante o dia. À noite vai ao cinema "si os pais o deixam ir".

A todas as tardes, tem licença para jogar futebol, esporte a que ele se dá de bom gosto. Disse-nos pertencer a um clube infantil: o "S. P. F. E.". Costuma ir à escola calçando botinas-chuteiras.

Está sempre ganhando brinquedo. Tem atualmente "uma bola grande, um velocípede, um canhão e um aeroplano". De todos esses, o "mais bonito" e "o mais querido" é a "bola grande".

Aspecto geral, desenvolvimento físico, intelectual e social.

Fisicamente, o aluno N. 3 pôde ser chamado, usando a expressão vulgar, "um rapagão". Tem 9 anos, mas aparenta ter 11. Bem desenvolvido, compleição robusta, atitude correta. — Um menino bonito: claro, moderadamente rosado; cabelos alourados, que ele traz em o mais gracioso desalinho; olhos grandes, azuis, de um azul muito forte; e um olhar inteligente; traços regulares; dentes claros, perfeitos, muito bem implantados.

Os altos percentis em que se acham colocados os seus índices de desenvolvimento corporal, robustez e nutrição, com muito acerto estão falando, atestando-lhe a admirável constituição física. Parece vender saúde, da qual é ele uma perfeita concretização.

Na escola, prefere as aulas de leitura; gosta de ler. E, relativamente, sabe ler. No teste de leitura silenciosa, em que se visa a interpretação, ele ocupa, por merecimento, o percentil 100. No teste P. V., onde muito vale também a interpretação está ele colocado no perc. 90.

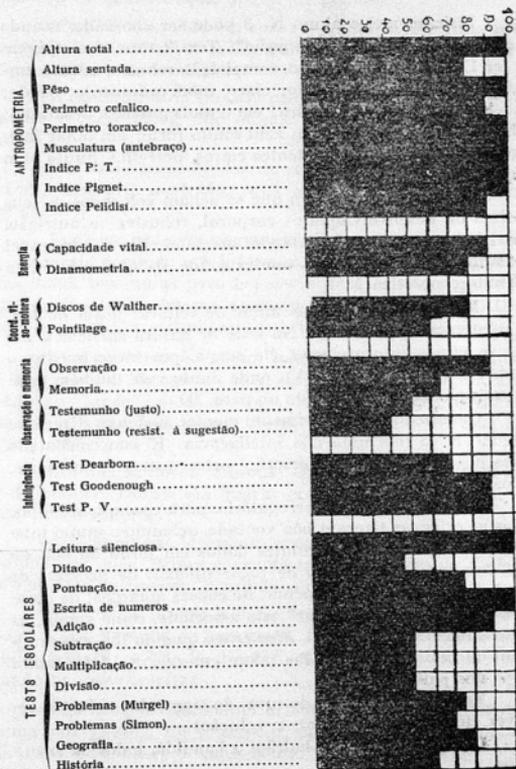
Quanto ao desenvolvimento mental, podemos dizer que o aluno N. 3 tem uma boa inteligência. E' isto constatado pelas observações da professora, pelas nossas e, em parte, pelos testes.

Por meio de um interrogatório, para com o qual, aliás, todas as crianças tiveram boa vontade, achando-o muito interessante, obtivemos os seguintes dados em torno da sua esfera emotiva: — Ele *gosta* de jogar futebol; de brincar; de estudar. *Não gosta*: de pimenta; de cousas amargas; de quibô (a expressão "não gostar" está associada, como vemos, às representações gustativas). *Fica triste* quando lhe morre alguém da família; quando lhe falam em guerra. *Acha muita graça* nos palhaços.

Tem medo do leão, do urso, do tigre; das balas de revolver (impressão da recente revolução).

Considera máus: o ladrão, o bandido, todos os criminosos.

Perfil pedológico do aluno n. 3



Resultados dos tests antropométricos, psicológicos e escolares

ANTROPOMETRIA	Pontos	Percentil
Altura total	132,5 cm	100
Altura sentada	65 "	80
Peso	31,5 kg.	100
Perímetro torácico	68,5 cm	100
Perímetro cefálico	53 "	90
Musculatura (antebraço)	6 "	100
Índice P: T.	23,8	100
Índice Pignet	31,8	100
Índice Pelidisi	105	90
ENERGIA E FORÇA MUSCULAR		
Dinamometria (Soma das duas mãos)	25 kh	80
Capacidade vital	1.560 cm ³	90
COORDENAÇÃO VISO - MOTORA		
Pottilage	193 pontos	50
Discos de Walther	183 sec.	80
OBSERVAÇÃO E MEMÓRIA		
Observação	5 elem.	80
Memória: idéias	10 "	65
Testemunho (justo)	11 "	50
Testemunho (resistência à sugestão)	5 "	40
INTELIGÊNCIA		
Test de Dearborn	48 pontos	70
Test de Goodenough	27	90
Test de P. V.	38	80

TESTES ESCOLARES	Pontos	Percentil
Leitura silenciosa	25	100
Ditado	25	45
Pontuação	12	75
Escrita de números	16	100
Soma	6	93
Subtração	5	59
Multiplicação	3	50
Divisão	2	59
Problemas (Margel)	9	75
Problemas (Simon)	8	79
Geografia	31	83
História	11	63

Considera homem de *bóas qualidades*: aquêle que é bom para os pais, para a mulher e para os filhos.

Pelo que se nota, pesquisando-lhe a estera emocional, o aluno N 3 é um menino dotado de mui bons sentimentos. A professora nota-lhe também muita sensibilidade, um bom coração. Acha-o, porém um tanto genioso. Mas isso, nunca o notámos através das nossas observações.

Socialmente falando, o aluno N. 3 é muito desenvolvido. — Faz parte de um clube, do que muito se orgulha; a todos trata com delicadeza; fala com desembaraço, responde com segurança.

Pelo que pudemos constatar é bastante estimado pelos companheiros, entre os quais parece gozar de um certo acatamento, de um certo prestígio.

Não conversa, não trata, porém, com as meninas, cousa aliás que se nota entre todos os seus colegas; os meninos e as meninas não se relacionam, não trocam idéias.

Quanto à parte escolar, pôde dizer-se que o menino N. 3 é um bom aluno.

Ainda aqui, falam acertadamente os resultados dos seus testes escolares (ver o perfil), sempre bons. Ao que nos parece devia ter mais de 8, no tocante à nota de aproveitamento.

Presta relativa atenção às aulas; e faz todos os exercícios que a professora apresenta. — Interessante: Uma vez (foi esta uma das poucas) notámo-lo, desatento ao que a professora dizia. Chegámo-nos a êle. E vimos-lo, com grande paciência, com muita habilidade, todo concentrado, “dar os últimos retoques” a um “pince-nez” de arame.

Pelo que se vê, o aluno N. 3 é extraordinariamente bem dotado e favorecido. Em tudo e por tudo. Dêle, muito se pôde e se deve esperar.

Ficha Pedológica da aluna n. 24

Data do nascimento: IX 1919. *Idade*: 11 anos e 10 mcses.

Nacionalidade dos pais: brasileira.

Côr: branca.

Profissão do pai: empregado no comércio.

” *da mãe*: trabalha em casa.

Escolaridade: Em 1929 frequentou o I ano; em 1930 o II e 1931 o III.

Freqüência no I semestre 1931 — 80 aulas — 96 %.

Notas escolares: 10 em procedimento e 8 em aproveitamento.

Observação da professora da classe: Falha sempre (?) às aulas por doença está sempre com dôr de cabeça. É tritonha. Tem os movimentos normais, assim como a habilidade manual. Não tem defeitos de pronúncia. Sua visão e audição são normais. Possui algum poder de atenção, de memória e de compreensão. Faz com facilidade a soma, a subtração e a multiplicação, sentindo dificuldades na divisão. Não é boa aluna em Língua Pátria.

É normal a sua sociabilidade, assim como o são também o seu caráter moral e a disciplina em classe.

Condições da vida em casa. Seu pai trabalha numa agência de automóveis, tomando conta de uma bomba de gasolina e ganha 120\$ mensais. Um de seus irmãos trabalha com o pai, sob as mesmas condições. Tem três irmãs moças que trabalham fora de casa, como auxiliares de costureiras. É a sétima filha de pais vivos, que têm 12 filhos.

Mora num bairro pobre. Dorme com sua irmã, em uma cama, e com mais duas moças no mesmo quarto. A janela do seu quarto permanece fechada durante a noite. As horas de sono são oito, em média: das 21 às 5 horas da manhã.

Trabalha sempre nos arranjos da casa. Aos domingos vai cedo à missa. Nunca foi ao cinema, não porque deixe de apreciá-lo, mas porque suas condições econômicas não o permitem.

Segundo o que ela disse, pela manhã e às duas horas só toma café simples; almoça e janta cousas variadas. Não toma leite, mas aprecia-o. À noite não come cousa alguma.

Conhece além de Belo Horizonte outras cidades de Minas, entre essas — Itabira, onde nasceu.
Aparência geral, desenvolvimento físico, intelectual e social

É alta, morena pálida. Os cabelos são muitos lisos, finos, castanho escuro. O seu todo denota pouca saúde. Parece anêmica. Tem 28 dentes claros, bem implantados; olhos grandes, castanhos, e cílios longos.

Seu rosto, de traços muito delicados, lhe dá, além de simpatia, alguma cousa mais, o que a faz bonita.

Traja-se com excessiva modéstia, porém não deixa nunca de usar sandálias, mas sem meias.

É calma e tristonha: quasi não se manifesta em aula.

Sente tristeza si alguém lhe "levanta falso" ou a ficar longe dos pais, ou adoecer, morrer, sofrer um desastre. Tem muito medo de assombração, de bebedo, de doido, de ladrão e também de morrer.

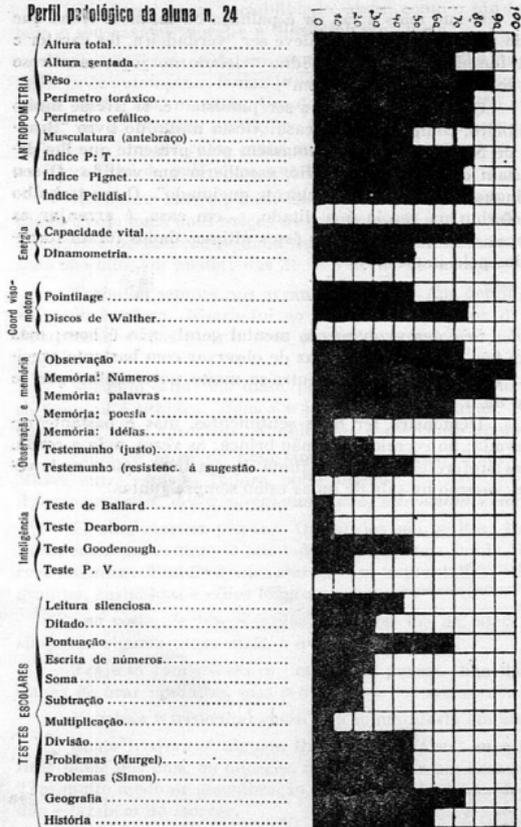
O que mais a faz rir é palhaço ou macaco. Acha que toda pessoa para ser boa, deve ser "verdadeira, ter caráter e ser humilde; todo o indivíduo "viciado no jogo, mentiroso ou ladrão não póde ser bom".

Quando crescer quer ser pianista e, si tivesse muito dinheiro, compraria uma casa. Gosta muito do livro "Branca de Neve". Si lhe perguntassem pelo presente que lhe deveriam dar pelo aniversário, escolheria um vestido. O seu brinquedo preferido é o "chicote queimado". O seu trabalho preferido na escola é o ditado, e, em casa, é arranjar as camas e os quartos (todos esses últimos dados foram fornecidos pelo inquérito).

Seu desenvolvimento mental geral não é bom; mas tem boa memória e é capaz de observar com bastante precisão (ver o perfil). Concentra-se muito no trabalho que se lhe dá a fazer.

Demonstra ter bons sentimentos, mas é bastante reservada; no recreio quasi não brinca; às vezes, pula a corda, mas prefere estar sempre junta de sua irmã, que é mais velha; mesmo na sala de aulas estão sempre juntas.

Perfil psicológico da aluna n. 24



Resultados dos Testes

ANTROPOMETRIA	Pontos	Percentil
Altura total.....	147 cm	90
Altura sentada.....	70 "	70
Peso.....	37, seg.	90
Perímetro torácico.....	68 "	80
Perímetro cefálico.....	53	80
Musculatura (antebraço).....	55 mm.	50
Índice P: T.....	25,5	80
Índice Pignet.....	38,8	75
Índice Pellidisi.....	103	80
ENERGIA		
Capacidade vital.....	1.700 cm ³	80
Dinamometria (2 mãos).....	25	50
COORDENAÇÃO VISO-MOTORA		
Pointilagem.....	180	50
Discos de Walther.....	151	75
OBSERVAÇÃO E MEMÓRIA		
Observação.....	5	75
Memória de números.....	19	100
Memória de palavras.....	21	90
Memória de Poesia.....	7	70
Memória de idéias.....	5	10
Testemunho - (Justo).....	12	30
Testemunho Resistência à sugestão.....	4	50
INTELIGÊNCIA		
Testes Balard.....	41	10
Testes Dearborn.....	46,5	10
Testes Goodenough.....	27	50
Testes P. V.....	37	20

TESTS ESCOLARES	PONTOS	PERCENTIL
Leitura silenciosa.....	22	45
Ditado.....	9	30
Pontuação.....	19	70
Escrita de números.....	9	30
Soma.....	4	25
Subtração.....	4	25
Multiplicação.....	3	10
Divisão.....	2	50
Problemas (Murgel).....	12	50
Problemas (Simon).....	11	50
Geografia.....	5	75
História.....	11	60

Aos nossos colaboradores

Solicitamos o cuidado de indicarem o estabelecimento a que se referem as fotografias que nos remetem. Bem a contra-gosto deixamos, muitas vezes, de estampar interessantes aspectos de nossa vida escolar por deficiência de informações nos originais fotográficos. Assim é que temos aqui três retratos de um grupo, dois referentes a limpeza e afogamento de casulos e um mostrando alunos preparando terreno para o plantio de hortaliças. Outro grupo nos manda quatro fotografias pequenas que mostram os escolares envergando uniforme novo, e uma grande, focalizando alunas do 4.º ano em exercícios ginásticos! De onde são?

Índice geral

(3.º TRIMESTRE — 1937)

	PAGINAS
O PREMIO MAIOR — (Redação)	3
MOTIVAÇÃO — Zafra B. G. Barreiros	6
COMO DIRIGIR AS AULAS DE LEITURA ORAL E SILENCIOSA — Leonilda S. Montandon	9
A HISTÓRIA E SEUS FINS NA ESCOLA PRIMÁRIA — Valdemar Tavares Pais	13
A MEU AMIGO PRINCIPIANTE — H. Soutier	19
QUE DA A SEU FILHO PARA LER? — C. S. de Pontel	23
ACERCA DE LIVROS — Abel Fagundes	67
OS RETARDADOS — Albert Edward Wiggam	73
O DESENHO INFANTIL E SUA EVOLUÇÃO — Antônio de Pádua Dutra	86
PRECEITOS DE HIGIENE	88
SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO RURAL	90
CONGRESSO I. DE ENSINO PRIMÁRIO	92
COMUNICADOS DO SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	92
OS CLUBES AGRÍCOLAS ESCOLARES EM MINAS GERAIS	93
AS BIBLIOTECAS ESCOLARES EM MINAS GERAIS	94
COMUNICADOS DA A. B. E.	94
A A. B. E. E A EXPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO E ESTATÍSTICA	95
EDUCAÇÃO E CULTURA NA CONSTITUIÇÃO DA BAIÁ	97
O ENSINO NO ESTADO DO AMAZONAS EM 1934	99
O CONSELHO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA	101
CONVENIO DE ESTATÍSTICA DE 1931	102
CORRESPONDÊNCIA ESCOLAR NO ESPÍRITO SANTO	103
CLUBES ESCOLARES	105
EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA PARA TODOS	106
DOIS LIVROS RECENTES	108
A RESSURREIÇÃO DE MACAÚBAS	

PAGINAS

AS ATIVIDADES DO CONSELHO NACIONAL DE ESTATIS- TICA	111
EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA	112
A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO MODERNA	114
EDUCAÇÃO E CULTURA NA CONSTITUIÇÃO DE GOIAS	115
OS MAPAS MUNICIPAIS NO ENSINO PRIMARIO	117
GEOGRAFIA E ESTATISTICA	118
RETROSPECTO DA ESTATISTICA	120
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE TÉCNICA EM PARIS	123
ALGUMAS REALIZAÇÕES DO ENSINO	124
O NOVO DIRETOR DO D. N. DE EDUCAÇÃO	126
O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS E A CARTOGRAFIA MU- NICIPAL	127
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO ENSINO SUPERIOR	130
FEDERAÇÃO MUNDIAL DAS ASSOCIAÇÕES DE EDUCAÇÃO	132
EDUCAÇÃO E CULTURA NA CONSTITUIÇÃO DO R. G. DO SUL	134
O ENSINO NO ESTADO DO MARANHÃO EM 1934	135
A EDUCAÇÃO FISICA NO ESPIRITO SANTO	137
A COORDENAÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS	138
O RADIO E A EDUCAÇÃO MUSICAL	140
NOVOS RUMOS DE INSTRUÇÃO	141
ASPECTOS MEXICANOS	143
MONOGRAFIA DE UMA CLASSE ESCOLAR EM BELO HORI- ZONTE — (Boletim n. 9)	148
AOS NOSSOS COLABORADORES	231
INDICE GERAL	232

ESCRITORIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS

Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições publicas estaduais, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remettem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

PEÇAM PROSPECTOS

Rua Santa Catharina, 478 — Bello Horizonte

Origem: Doação

Preço:

Relação dos livros didáticos adotados oficialmente nos estabelecimentos de ensino do Estado de Minas durante o ano letivo de 1937

1.º ano	{	Cartilha Analítica de Arnaldo Barreto....	2\$000
		Livro de Zézé, de João Lucio.....	2\$000
		Lições de Leitura, Anna Cintra.....	1\$500
		Reis Campos—Leituras escolares, preliminar	2\$500
2.º	{	João Kopke—1.º Livro (História de criança e de animais.....)	2\$500
		2.º Livro, de Thomaz Galhardo.....	1\$500
		1.º Livro de Francisco Viana.....	2\$200
		Livro de Violeta, de João Lucio.....	4\$000
		As minhas Férias, de João Lucio.....	3\$000
		Leitura Preparatória, de Francisco Viana..	2\$500
3.º	{	Reis Campos—Leituras escolares, 1.º livro..	2\$500
		João Kopke, 2.º Livro, (Histórias de Meninos na rua e na Escola).....	3\$000
		História da Terra Mineira de Carlos Góes..	3\$500
		Livro de Elza, de João Lucio.....	3\$000
		Leitura Manuscrita, de B. P. R.....	2\$000
		3.º Livro, de Francisco Viana.....	3\$000
4.º	{	O Bom Semeador, de João Lucio.....	3\$000
		J. L. de Almeida—Histórias de nossa terra	3\$500
		João Kopke, 3.º Livro, (Histórias que a mãe contava.....)	3\$000
		Contos Patrios, de Olavo Bilac.....	3\$500
		Livro de Ildeu, de João Lucio.....	4\$000
		Leitura Complementar, de Bilac e Bomfim	5\$000
		Patria Brasileira, de Olavo Bilac.....	3\$500
		Através do Brasil, de Olavo Bilac.....	5\$000

Os livros de João Kopke, 1.º, 2.º e 3.º, foram inteiramente revisados e melhorados, de conformidade com a nova orientação pedagógica do ensino primário no Estado, pela Exma. Sra. D. Lucia Monteiro Casasanta, professora de metodologia na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte.

Editores e únicos depositários no Estado de Minas

Livraria Francisco Alves

de PAULO AZEVEDO & C.

Rua da Baía, 1052 — B. Horizonte

ESTADO DE MINAS